

# O SENHOR DO FALCÃO

ROMANCE



VALERIA MONTALDI

Um romance com Frei Matthew, de *O monge inglês*.



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**Valeria Montaldi**

**O Senhor  
do Falcão**

Tradução: Maria Irene Bigotte de Carvalho

TÍTULO: O Senhor do Falcão  
AUTOR: MONTALDI, Valeria

TÍTULO ORIGINAL: Il signore del falco  
LOCAL DA PUBLICAÇÃO: Lisboa  
EDITORIA: Casa das Letras / Editorial Notícias

Data da publicação: Outubro de 2005 - 1ª. edição

GÊNERO: Romance  
CLASSIFICAÇÃO Itália - Séculos XX e XXI - Ficção  
COLEÇÃO: Prosas de fora  
FORMATAÇÃO/CONVERSÃO EPUB: Reliquia  
TRADUÇÃO: Maria Irene Bigotte de Carvalho  
DIGITALIZAÇÃO: Aventino de Jesus Teixeira Gonçalves  
REVISÃO: Silvina de Sousa  
CAPA: António Belchior

ISBN 972-46-1618-5 (Edição original: ISBN **88-384-8169-5**)

©Valeria Montaldi, 2003 Direitos reservados para Portugal  
CASA DAS LETRAS/EDITORIAL NOTÍCIAS  
Rua Bento de Jesus Caraça, 17 1495-686 Cruz Quebrada  
Tel: 21 005 23 50, Fax: 21 005 23 40  
E-mail: [info@casadasletras.pt](mailto:info@casadasletras.pt)

*Título original: Il Signore del Falco*  
*Edição: 10 05 0050 1.a edição: Outubro de 2005*  
*Depósito legal n.º 233 425/05*  
*Pré-impressão: JCT*  
*Impressão e acabamento: Grafiasa - Indústria Gráfica, SA.*

Milão, 1226: está aberta a caça aos hereges e os inquisidores povoam as ruas da cidade. O cadáver de uma jovem mulher aparece a boiar nas águas do canal do Vettabbia, com o corpo dando sinais de parto recente. Só que da criança nem rasto.

Passados 17 anos, alguém vai interrogar-se sobre o que realmente terá acontecido naquela noite. Arnolfo da Sala, abade do mosteiro de San Simpliciano, atormentado por um sonho recorrente e com suspeitas antigas que só ele conhece, encarrega o frade Matthew de investigar o caso.

Pelas ruas de uma Milão abalada pela perseguição aos hereges e pela luta contra o imperador Frederico II, o frade inicia a sua investigação. Por lugares ainda hoje reconhecíveis, como o Broletto, centro político e comercial da cidade, o bosque de Quadronno ou o Hospital do Brolo, Matthew entrecruza as histórias de Isaac, médico judeu, e da sua bela filha Raquel.

Mas só o encontro com Guglielma, uma vidente e mística malquista aos olhos da igreja milanese, assinalará indelevelmente a consciência do frade, indicando-lhe o caminho a seguir para concretizar a sua missão e resolver o mistério.





Não te *banharás duas vezes na mesma água*  
Heraclito

*Para Giulio*



# SUMÁRIO

[PRÓLOGO](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Glossário](#)

[Agradecimentos](#)

## PRÓLOGO

*Milão, 1226*

A água turva do canal formava remoinhos escuros que, aos poucos, se alargavam em ondas lentas e preguiçosas; entre os seixos da margem, as ervas, miseráveis, absorviam, a custo, as franjas daquela espuma oleosa. As bolas esbranquiçadas brilhavam um instante apenas antes de explodir, depositando-se, em seguida, sobre as últimas babas de água.

Segurando entre os dentes um pauzinho de madeira, um cão de pelo ruivo corria ao longo dos diques, seguido por um miúdo que o chamava aos berros. O animal virava-se de vez em quando, como que para avaliar a distância que o separava do seu pequeno dono, retomando, seguidamente, a corrida. Depois de, cauteloso, ter evitado as rodas de uma carroça carregada de mercadorias, o animal parece ter-se acalmado e, tendo largado o pauzinho, começou a descer, com todo o cuidado, na direção do canal, atento para não escorregar por entre os seixos viscosos. Com a língua de fora, sedento, estava prestes a tocar a água quando, de repente, o pelo se lhe eriçou e a cauda lhe pendeu. Ficara imóvel como uma escultura de pedra, com o focinho esticado; só as narinas vibravam, farejando freneticamente a superfície da corrente. De seguida, porém, um latido fortíssimo fez-se ouvir provindo daquela goela. O miúdo, que já estava quase a apanhá-lo, parou repentinamente, assustado. O animal latiu de novo, mas o som transformou-se desta vez e quase subitamente num ganido doloroso.

- O que se passa, miúdo? O que tem o teu cão?

A voz era de alguém que se aproximara por detrás dele. O miúdo virou-se erguendo os olhos para o homem alto que se lhe dirigira; a boca delicada e os olhos claros sorriam benévolos naquele rosto escurecido pelo sol e as mãos calejadas seguravam um saco vazio, engordurado e roto.

O rapazinho não respondeu, atento, de novo, aos ganidos do cão, que, a passos cautelosos, continuava a descer em direção à água.

- Quietos, *Martino!* Pára! O animal obedeceu, sem, todavia, desistir do seu lamento sonoro. Aterrado com a possibilidade de o cão ser levado pela corrente, o miúdo correu então para o dique, aos tropeções, por entre os seixos.

A um palmo do cão, deu um último salto e segurou-o de repente pelo rabo,

deixando-se depois cair de joelhos sobre os seixos. O homem alto, que o seguira, parou mesmo atrás dele.

- *Martino*, pára, pára já! Pode saber-se o que te deu? Nunca te vi nessa loucura...

As palavras de reprovação do miúdo soavam assustadas: o animal tremia, mantendo, todavia, as patas da frente firmemente plantadas na água. As narinas dilatadas farejavam, convulsas, o pelo mantinha-se totalmente eriçado, escondendo quase completamente a forma das orelhas.

O homem alto aproximou-se: depois de ter pousado uma mão protetora nas costas do miúdo, observou atentamente o canal, percorrendo a superfície com os olhos. A sua já longa familiaridade com aquela enseada do Vettabbia havia-lhe ensinado que a corrente preguiçosa e suja transportava, por vezes, as coisas mais horríveis: o seu trabalho de descarregador de barcos habituara-o a encontrar na margem todo o género de lixo, desde excrementos ali depositados há pouco a carcaças de animais mortos. Era exatamente este último e penoso tipo de lixo que temia, considerando o comportamento do cão ao aproximar-se da água. Mas preparava-se já para levar o miúdo de volta, ajudando-o a arrastar-se atrás do seu teimoso companheiro de brincadeira quando os seus olhos se fixaram num ponto do canal relativamente perto do local onde os barcos atracavam. À superfície, mesmo à tona da água, boiava qualquer coisa estranha: parecia uma massa esbranquiçada, comprida como um grande peixe mas não tão compacta. Aparecia e desaparecia com os lentos movimentos da corrente, arrastando-se atrás de uma espécie de emaranhado de algas escuras. O homem atentou melhor semicerrando os olhos para se proteger do reflexo do Sol: quando a mensagem inequívoca que as pupilas lhe enviaram lhe chegou à mente, um vômito incontido saiu-lhe da garganta. Apoiando as mãos nos joelhos, suspirou profundamente e virou-se: o miúdo fixava-o, estupefacto com a sua súbita palidez.

-Vai-te embora, vai, pequeno, volta para casa... Já! Espavorido mais pela tremura da voz do que pelo tom imperativo do homem, o miúdo afastou-se, agarrando o cão pelo cachaço e virando-se para trás a cada passada. Só quando o viu já em segurança no dique e depois a caminhar pela estrada fora, o homem ousou voltar a olhar para o canal. O cadáver aproximava-se da margem, lentamente.

A forma do corpo ia-se delineando aos poucos: ora aparecia uma perna a flutuar, ora um pé, enquanto o que julgara ser um intrincado de algas se

alargava, acariciado pela corrente, num longo velo de cabelos negros.

- Deus me acuda... Deus me acuda... Virgem Santíssima...

Incapaz de articular outras palavras, a voz rouca esgotou-se-lhe num sussurro. O homem fixou ainda por um tempo o cadáver, sem conseguir, sequer, mover um único músculo. Depois, com um repentino sobressalto, de todos os tendões do seu corpo e como que atacado por um enxame de abelhas, ergueu-se e desatou a correr ao longo da margem, na direção do ancoradouro dos barcos.

- Está um cadáver dentro de água! Corram, corram todos, está um morto na água! A voz regressara e saía-lhe agora com toda a força da garganta.

Por um instante, o ruído quotidiano que acompanhava a vida naquele ancoradouro parou. Muitas cabeças voltaram-se na direção daquele homem que gritava e corria: os carroceiros pararam os cavalos, os serviçais interromperam a conversa, os arrais permaneceram com os fardos das mercadorias no ar.

Já sem ar, o descarregador arrastou-se pela margem, perto dos marcos de atracação que se afundavam maciços na água: enquanto tentava respirar de novo, apoiando-se ao bordo de uma barçaça encalhada, dois arrais aproximaram-se dele pedindo-lhe explicações. Sem responder, o homem limitou-se a apontar a água com o dedo: o corpo estava agora quase junto da margem, grotesco fantoche acinzentado e agora bem visível. O horror estampou-se de forma evidente no rosto dos dois interlocutores: com a boca escancarada, permaneceram imóveis fixando o cadáver que aflorava da água, boiando, à superfície, sustido pela dança macabra da corrente.

-Venham, venham cá, Santo Deus, venham ver!...

As vozes grosseiras dos arrais sobrepunham-se, enquanto os seus braços gesticulavam descompostos: em poucos instantes o dique esvaziou-se e a margem encheu-se de gente, que tremia de sórdida curiosidade. A pouco e pouco, o bruaá excitado foi-se calando até se esgotar completamente num silêncio atónico, quando a última onda, graciosa, depositou sobre a margem o corpo inchado e semi-nu de uma mulher. Agora imóvel, estendido sobre os seixos e ensopado de água suja, só os longos cabelos negros ondeavam, preguiçosos, na ressaca ligeira: uma camisa esfarrapada, da qual apenas restara uma manga inteira, e um par de calças de linho ensopadas de lama eram a única roupa que cobria o cadáver. O homem alto aproximou-se, parando, no entanto, quase de seguida, devido ao repugnante cheiro a morte. No rosto tumefato, os olhos escancarados saltavam das órbitas, da

boca aberta pendia a língua inchada, coberta de limo preto. Os peixes e os caranguejos tinham feito o seu trabalho: as mãos, os pés e os braços estavam, aqui e ali, roídos.

-A polícia, é preciso chamar a polícia, e depois o padre...

A voz do descarregador elevou-se, decidida, acima do murmúrio circunstante das pessoas fascinadas com aquele espetáculo horrendo: um dos arrais, depois de se ter persignado, virou-se e, apressadamente, saiu do dique direito à poterna, onde tinha avistado o corpo da guarda.

\_ - Então, é este o medalhão de que me falou, madre?

O secretário particular do arcebispo rodava entre os dedos um precioso berloque de prata: ao centro do medalhão via-se, finamente esboçado, o recorte de uma pequena torre em cuja base, circundada de uma voluta de folhas, estava gravado um G muito trabalhado, coberto de esmalte azul, delicadamente incrustado.

Os olhos da madre abadessa fixavam os olhos brilhantes do padre; o rosto rugoso assumiu uma expressão *atenta*, com a boca severa apenas entreaberta.

- Se não fosse este o medalhão, não o teria mandado chamar, irmão Algiso - sussurrou a velha freira. - Uma vez que ambos sabemos de que se trata, parece-me desnecessário estar para aqui a falar... Já avisou o arcebispo? O secretário anuiu e, envolvendo cuidadosamente o medalhão num pedacinho de linho, fê-lo desaparecer por debaixo da sotaina.

- O arcebispo já foi informado, madre: quando esta bugiganga estiver nas suas veneráveis mãos, terá o cuidado de a fazer chegar à sua legítima proprietária...

- É um pouco difícil, não acha? - A voz da abadessa tornara-se cortante e deixava escapar uma indignação que só com muito esforço controlava. - Considerando que aquela rapariga já foi sepultada, penso que o brasão da família já não vai ser necessário! O frade empalideceu e, levantando-se rapidamente do banco, abriu a boca para contra-atacar, mas a madre abadessa antecipou-se.

- Basta, irmão Algiso! Não esteja para aí a dizer mentiras em cima de mentiras: já tenho bastantes anos para saber distinguir a verdade das maquinações com as quais se tenta modificá-la, e adaptada às circunstâncias. É verdade, teria sido melhor para todos se a corrente de Vettabbia tivesse arrancado também este medalhão do corpo daquela desgraçada, mas, uma vez que as coisas se passaram assim, era meu dever

participar-lhe... - Dominando a voz irada que baixou de tom, num sussurro, a freira continuou, fixando, decidida, o olhar do frade. - O problema, e o irmão sabe-o muito bem, é que temos quase a certeza de que aquela mulher foi assassinada. Oh, não me interrompa... - acrescentou irritada, travando com um gesto da mão a resposta que estava prestes a sair da boca do seu interlocutor -, deixai-me dizer a verdade! Nada do que vos estou a contar sairá destas paredes, mas, pelo menos aqui, procuremos fazer justiça àquela pobre rapariga, que em vida teve bem pouca... Claro que não ia chamar-se um médico para ver aquele golpe profundo que circundava o pescoço do cadáver: quando foi trazido aqui para o nosso mosteiro, a irmã que limpou e preparou o corpo para a sepultura mandou-me chamar à pressa, no meio de uma grande agitação. O sulco do pescoço era de tal forma profundo que o fio do medalhão se enterrara na carne, o que certamente impedira que o assassino o tivesse arrancado.

Não, irmão Algiso - acrescenta secamente, prevenindo a pergunta que estava a ser preparada -, não, nunca irá saber, nem o senhor nem o arcebispo, o nome da irmã que fez aquela ingrata tarefa. Não tenciono pôr em risco a vida das minhas protegidas, aqui no mosteiro! Oh, claro, se se tivesse tratado de uma mulher do povo, o facto não teria interessado a ninguém! Mas aquela incisão, aquelas iniciais...

Quem não conhece a família Gisalbertini di Calepio? Quem não sabe da sua ligação estreita com a família do sobrinho do arcebispo?

O secretário, submerso por aquela tempestade de palavras, deixara-se cair sobre o banco. Os seus olhos, cada vez mais alarmados, seguiam os gestos das mãos com os quais a abadessa acompanhava o seu discurso.

-Veja, irmão Algiso, o facto de as nossas bocas cantarem as laudes do Senhor não impede os nossos ouvidos de ouvirem o que acontece fora daqui; a cidade precisa de nós para milhares de incumbências e, inevitavelmente, a estas paredes chegam todas as notícias e mexericos ligados à necessidade das gentes, tanto as de baixa como as de alta linhagem. Como podia o irmão pensar que eu ignorava a relação entre Caterina Gisalbertini e o sobrinho do arcebispo, Lanfranco Calgario, se a minha própria família de origem ainda é aparentada com um ramo da sua? Não pode sequer imaginar o horror que senti quando segurei entre as mãos aquele medalhão: por um momento, tudo se apresentou claro aos meus olhos... Passei horas na minha cela a rezar ao Senhor para que me iluminasse sobre o que deveria fazer e provavelmente Ele terá ouvido as

minhas preces, porque decidi que não iria calar-me. Por isto quis que informasse o arcebispo.

Dependerá da sua decisão fazer com que o escândalo expluda ou não. Se vencer o silêncio, então será a sua consciência a carregar com tudo isto, não a minha.

A abadessa calou-se. As mãos juntas sobre o peito tremiam ligeiramente, a pele rosada do rosto testemunhava uma tensão tenazmente controlada: os olhos pungentes, todavia, não largavam nem por um instante, sequer, o rosto do secretário, que, dobrado sobre si mesmo, a ouvia em silêncio. Depois de ter dado um longo suspiro de alívio, a velha freira ergueu-se e dirigiu-se para a porta. O irmão Algiso, incapaz de encontrar as palavras adequadas à resposta, seguiu-a: enquanto fazia menção de se despedir, a freira travou-o interpondo o seu velho corpo ressequido entre ele e a porta.

- Fico a aguardar notícias do arcebispo e com muita urgência.

Para solicitar a sua atenção, refira-lhe também isto. Caterina Gisalbertini tinha no corpo os traços evidentes de um parto ocorrido há poucos dias...

Os olhos do secretário dilataram-se, a sua boca abriu-se à procura do ar que lhe faltara. Com um sorriso tenso, a freira abriu a porta, convidando-o a sair.

-Vá em paz, irmão Algiso, e leve depressa o meu recado...

Depois de o pesado batente se ter fechado nas suas costas, a abadessa deixou-se tombar sobre o banco, abandonando os braços



# Capítulo 1

*Milão, 1243*

A água do fosso refletia o desenho das muralhas, trémulo pelo efeito da corrente. Relativamente perto da ponte que conduzia à cidade através da Porta Comacina, as poderosas rodas de um moinho de cereal afundavam os seus mecanismos num canal defluente: o pórtico da grande construção de dois andares apinhava-se de gente que entrava e saía, carregando grandes e volumosos sacos às costas. Alguns patos corriam, batendo as asas, entre os carros parados ao longo da margem, perturbando a serena espera dos cavalos e das mulas.

Ao mesmo tempo que observava, estupefacto, o verde brilhante da erva, mesmo da que cobria a terra à sombra das muralhas, o irmão Matthew ia caminhando ao longo da ponte. Ao chegar a meio da suave encosta, parou para avaliar a dimensão do fosso. Não teria menos de trinta braços de largura e parecia mais fundo ainda. A corrente vigorosa e límpida transportava, aqui e ali, cardumes que nadavam quase à tona de água.

- Então, irmão, ides mexer-vos daí ou não? Não vedes que o carro não passa se continuardes aí a contar os peixes? Matthew virou-se de repente, mesmo a tempo de evitar o casco escoiceante de um velho cavalo pelado que puxava um pequeno carro carregado de madeira; o homem que o conduzia, de rosto corado, fixava-o, ameaçador. O frade balbuciou umas desculpas e percorreu a pressa os poucos pés que o separavam do largo que se abria em frente da porta. Fechados até meio por grades pesadas e seguras, os arcos da entrada apoiavam-se em duas altas torres de pedra que interrompiam, maciças, a cintura amuralhada. Uma dezena de guardas formava dois grupos de ambos os lados da porta: embora os seus olhos perscrutassem, atentos, a passagem de homens e de mercadorias, os seus rostos pareciam relaxados e as vozes calmas.

Assim que transpôs a entrada, o irmão Matthew virou-se para observar a imensidão de andaimes de madeira que se erguia do lado de dentro das torres, formando caminhos sobrepostos; aqui, prontos a defender a cidade em caso de assalto, mais soldados patrulhavam.

Embora já tivesse atravessado por várias vezes aquela entrada, Matthew não parava de se surpreender com o contínuo vaivém de gente, carros,

cavalos, mulas, envolvidos, todos eles, numa atividade incessante e frenética. A vozearia dos carregadores misturava-se à dos comerciantes assomados às portas das lojas, ao latido dos cães presos, às gargalhadas estridentes dos criados carregados de cestos cheios de comida. De cada vez que entrava na cidade, o frade não parava de pensar quão mais tranquila era a vida em San Simpliciano, o mosteiro onde vivia há já um tempo. O edifício situava-se do lado de fora das muralhas mas relativamente próximo delas e muito perto da Porta Comacina, mas tanto lá como aqui, os dias eram marcados pelo trabalho: os monges e os seus rendeiros ocupavam-se do funcionamento dos moinhos, do tratamento dos animais, da tosquia da lã, das sementeiras e dos enxertos, das pontes que tinham de construir sobre os canais, das estradas que deveriam cobrir com saibro. E, no entanto, apesar do fervor laborioso das pessoas, o ar, os cheiros, os rumores eram os mesmos dos do campo; fora exatamente esta atmosfera de paz e tranquilidade, semelhante, nos ritmos, àquela em que Matthew vivera durante tantos anos, no seu primeiro mosteiro de St. Albans na longínqua Inglaterra, que o haviam convencido a ficar em Milão. Em todos os mosteiros onde se acolhera ao longo da sua viagem, desde o vale Augusta até à planície, a desconfiança face à sua pessoa manifestara-se de uma forma mais ou menos explícita, seguramente facilitada também pelo clima de suspeição que, nesses últimos anos, envolvia qualquer estrangeiro. Muitas haviam sido as batalhas entre o imperador Frederico e os senhores daquelas terras férteis e ricas, para os habitantes e até mesmo os próprios religiosos poderem confiar em qualquer pessoa que falasse um outro idioma: qualquer forasteiro, incluindo um frade, podia ser um espia enviado pelo legado pontifício ou pelo próprio imperador para desvendar planos, tramas e traições.

Matthew, que pensava que o seu já longo tempo de vida lhe permitia desembaraçar-se de estratégias e acontecimentos provocados por outros, ficara estupefacto ao constatar as difíceis condições das gentes que povoavam as terras que fora encontrando pelo caminho. Quão mais limitadas e simples não haviam sido as escaramuças entre os senhores feudais do vale Augusta comparadas com esta infinita e tormentosa guerra de planura que opunha o imperador, a Igreja de Roma e os governos das cidades! Frei Stephen, camerlengo junto do Hospital Scotorum, próximo de Vercelli, onde Matthew estivera durante o Inverno precedente, passara longas horas a explicar-lhe as razões daquele conflito, mas, apesar do seu

esforço, nem tudo se lhe mostrara claro. O que levara o papa a excomungar o imperador, o que levara algumas cidades a apoiá-lo enquanto outras o contestavam, que papel poderia ter a vontade de Deus em todas estas disputas geradoras de carnificinas inúteis? E, no entanto, Federico, pelo que lhe haviam contado, mostrara-se um soberano liberal, amante das letras e das artes e promotor de éditos magnânimos: como era, então, possível que o próprio pontífice estivesse contra ele? O abade de San Simpliciano, Arnolfo da Sala, por conta de quem, neste momento, estava a chegar a esta cidade, tentara explicar-lhe a situação particular de Milão: esta gente, dissera-lhe, sente-se livre e quer viver sem senhores. A Comuna nascera para isto, muitos anos antes, e a partir de então os Milanese não iriam tolerar o jugo de um novo imperador: já lhes bastara a experiência tão penosa da submissão a um outro Federico, que, quase um século antes, tinha arrasado a cidade, impondo o seu poder pela força. A própria Igreja, acrescentara Arnolfo, tivera e continuava a ter a sua quota-parte de responsabilidade nestas disputas: o papa não tinha menos aspirações quanto ao poderio de toda a Itália do que aquelas que o imperador nutria, enquanto a Igreja metropolitana de Milão, pelo seu lado, procurava livrar-se de compromissos, com o objetivo preciso de salvaguardar a sua própria autonomia. Como era óbvio, numa situação de conflito permanente como esta, quem mais sofria sempre eram os mais miseráveis. Frei Matthew tinha visto camponeses privados das suas próprias terras serem enviados para combater contra este ou aquele inimigo, aldeias inteiras incendiadas, mulheres e crianças mortas barbaramente, frades e padres em fuga rumo a outros mosteiros. E logo agora, num momento tão delicado, o abade de San Simpliciano o havia encarregado, a ele, humilde frade inglês, do cumprimento de uma missão tão secreta e complexa: Justificara-se afirmando que, exatamente por ser forasteiro e, portanto, completamente insuspeito de pertencer a esta ou àquela facção, iria poder indagar, mais discretamente do que qualquer outro, sobre o caso que tanto o preocupava. Quanto ao facto de poder ser confundido com um espia, o abade tranquilizara-o: não sendo o facto a investigar um caso político, mas tratando-se essencialmente de um episódio privado, ninguém iria poder suspeitar do que quer que fosse.

Enquanto ia ruminando com amargura quão duro era o voto de obediência e como isso marcara pesadamente os últimos anos da sua vida, Matthew viu-se quase derrubado por um rapazinho que corria como louco na sua direção. Seguiu-o, gritando improperios bem expressivos, uma mulher enfurecida.

-A bolsa do dinheiro, desgraçado... roubou-me a bolsa com o dinheiro! Agarrem-no, por Deus, agarrem esse filho da puta!...

Os gritos da mulher confundiam-se com a algazarra de fundo.

O frade virou-se para ver do rapaz, mas já não o viu, desaparecido, provavelmente por uma das ruelas que atravessam a cidade. Apesar de o seu furto não o justificar, Matthew sorriu para consigo, contente pelo facto de o ladrãozinho não ter sido apanhado. A expressão que vira estampada no rosto da mulher não prometia nada de bom e, no lugar do ladrãozinho, ele próprio teria fugido a sete pés.

Debaixo das arcadas que ladeavam a rua a todo o comprimento adensavam-se as oficinas e as bancas: peras, maçãs, hortaliças, frangos, queijos de vários tamanhos, garrafas de vinho, peças de lã, objetos de barro, facas, sacos de areia, lenha, e tudo aquilo que podia ser útil no dia-a-dia se expunha em bancadas, à atenção dos compradores, que entupiam o caminho. Enquanto a multidão se adensava na direção do Broletto Novo, para onde também se dirigia, observou que o aspecto das pessoas que ia encontrando era diverso: misturados com os populares, os carregadores, os comerciantes e os servos, outras personalidades ricamente vestidas movimentavam-se entre eles. Despreocupados com o pó que os seus fatos apanhariam ao roçar o chão, passeavam em pequenos grupos e falavam ininterruptamente entre si, se bem que a algazarra circundante não permitisse compreender qual era o assunto das conversas. O frade, que, apertado entre a multidão, caminhava ao lado de dois homens, ouviu um pequeno fragmento da sua conversa: pelas palavras que apanhara a custo, pareceu-lhe compreender que se tratava de um nobre e de um eclesiástico. Os seus fatos não eram diferentes: sobre a saia, de tecido fino, a túnica de um pano leve era cingida à cintura com um cinto de couro incrustado com motivos de prata em relevo. Ambos usavam meias com sola e cobriam as costas com um manto de seda.

Só uma pequena cruz de prata suspensa do pescoço e quase invisível entre as inúmeras pregas das vestes identificava um deles como sendo um homem da Igreja. Enquanto o frade se questionava por que razão muitos padres de Milão teriam preferido ao hábito talar as vestes dos laicos, os dois homens encontraram uma senhora que vinha em sentido contrário. Elegantíssima e orgulhosa, vestia um fato comprido de seda bordada, cujas mangas, debruadas a todo o comprimento com uma fila de botõezinhos de prata, eram de tal forma estreitas que não lhe permitiam qualquer movimento dos

braços: um lindíssimo toucado de linho branco envolvia-lhe delicadamente a cabeça, deixando fugir, aqui e ali, maliciosos caracóis louros. Uma criada muito jovem seguia-a de perto, levantando-lhe a cauda do vestido para não arrastar pelo chão. Os dois homens pararam à sua frente e, depois de terem feito uma vénia, começaram a falar de modo cerimonioso. Matthew, curioso, teria parado de bom grado para os ouvir, mas foi empurrado inexoravelmente pela multidão que avançava. Ao ver aquela imensidão de gente que percorria as ruas, qualquer um pensaria que, naquela manhã, todos os Milanese se dirigiam para o centro da cidade.

Evitando por um triz mergulhar no tanque de peixes vivos que um comerciante expusera fora da sua banca, o frade chegou finalmente próximo do Broletto.

- Queres companhia, irmãozinho? Olha que sou boa e para os homens da Igreja faço um preço especial...

Matthew sentiu qualquer coisa que lhe roçava pelas costas ao mesmo tempo que ouviu aquela voz rouca e sensual: virando-se bruscamente, viu-se em frente de um rosto pesadamente pintado, contornado por uma espessa cabeleira avermelhada. A prostituta sorria, girando entre os lábios semiabertos a ponta da língua: os seios, quase completamente descobertos, emergiam, redondos e firmes, do enorme decote do vestido. O frade corou e abanou a cabeça num gesto negativo: a mulher, que não mostrava ter mais de vinte anos, deslizou delicadamente a mão pela sotaina numa evidente carícia lasciva e depois, sempre a sorrir, dirigiu-se a outro possível cliente. Não era a primeira vez que Matthew recebia este tipo de propostas: Milão pululava de prostitutas que exibiam os seus dotes em qualquer esquina.

O abade tinha-lhe contado que o seu número aumentara consideravelmente desde que a guerra com o imperador começara. As mulheres, depois de sofrerem a incursão dos exércitos nos seus campos, tinham vindo para a cidade e engrossado o número de meretrizes que nela residiam; além disso, a imensidão de soldados, que alternavam continuamente fora e dentro de Milão, favorecera o crescimento daquele triste comércio.

Como lhe acontecia após um encontro deste tipo, Matthew experimentava uma profunda ansiedade: o seu pensamento voara até Marthine, que vira pela última vez em Rochester, havia quase dois anos, em condições de miséria semelhantes. Teria fugido, teria conseguido libertar-se daquela vida indigna? Vítima inocente de uma situação absurda, a mulher fora obrigada a deixar a sua aldeia na sequência de uma infame acusação de bruxaria e

refugiara-se numa cidade onde ninguém a conhecia. Aí, não tendo outro meio de sustento, vira-se constrangida a prostituir-se para não morrer de fome. Aquela mesma acusação havia causado a morte de uma outra inocente, Mary, que Matthew, na sua simplicidade, não pudera salvar. Embora tivesse já passado muito tempo, o frade não conseguia libertar-se da sua sensação de culpa, que, longe de enfraquecer, se mostrava cada vez maior e mais dilacerante.

Enquanto ia ruminando estes pensamentos, Matthew transpôs a Porta Cumana, que conduzia ao Broletto Novo: aqui, sobrepondo-se à algazarra da multidão, erguiam-se, fortíssimas, as vozes de dois arautos da comuna que, empoleirados num banquinho montado em frente do palácio, apregoavam, à vez, as habituais interdições que a população deveria respeitar.

- ... e além disto ordena-se que nenhum homem jogue ou empreste dinheiro para jogos de azar, sob pena de ter de pagar sessenta soldos de multa. Também se impõe a proibição de jogar qualquer jogo, mesmo que considerado lícito, de noite, nas estradas, nas tabernas ou em outro qualquer lugar, sendo permitido jogar apenas durante as horas do dia. No que respeita aos delitos, foi estabelecido que, independentemente do sexo a que pertencer, qualquer pessoa maior de doze anos que cometa um furto de um objeto de valor superior a seis denários pagará uma multa de vinte soldos. Alguém que prenda o ladrão e não o entregue ao arcipreste ou ao seu enviado será multado em sessenta soldos...

Aparentemente despreocupada com os entediantes discursos dos arautos, a multidão prosseguia nos seus afazeres: debaixo do enorme pórtico que constituía o rés-do-chão do palácio comunal, mercadores ricamente vestidos faziam contratos entre si, misturados com tabeliões e meirinhos provenientes dos cárceres vizinhos da Malastalla. Ajaezados com as insígnias da *podestà*, seis cavalos esperavam, presos aos pilares de sustentação dos arcos do pórtico, sinal de que, naquele preciso momento, estava a decorrer uma reunião de notáveis na sala superior.

Os olhos de Matthew detiveram-se *no* relevo de pedra que uns vinte anos antes fora colocado na fachada do palácio dedicado ao regedor que dera início à construção do Broletto. O homem era representado a cavalo, numa severa atitude guerreira: a inscrição, em baixo, identificava-o como Oldrado da Tresseno, sublinhando a sua importância como perseguidor de hereges. «Catharos, ut debuit, uxit», citava a epígrafe: apesar da tepidez da jornada

estival, o frade arrepiou-se ao ler aquelas palavras, que, mais uma vez, o faziam recuar no tempo. Até aqui, como, aliás, nas terras de França, no vale Augusta, onde quer que fosse, enfim, se falava de heresias, de homens e mulheres torturados e mortos por se terem afastado da fé de Roma. O abade de San Simpliciano, embora não conhecendo o verdadeiro motivo que levara o frade a Itália desde a longínqua Inglaterra, recomendara-lhe cautela com os contactos pessoais que iria fazer na cidade: nestes tempos, havia-lhe dito, não era preciso muito para se ser acusado de heresia. Até os próprios membros da ordem dos humilhados haviam sofrido a censura por parte do papa, com consequentes imposições de uma nova regra canónica, dado que os seus hábitos de vida comunitária cheiravam a heresia: e, no entanto, acrescentara Arnolfo, tratava-se de confrades digníssimos que se dedicavam às mais duras tarefas agrícolas e à produção de lã, na qual eram mestres. Matthew ficara estupefacto com as palavras piedosas do abade, sabendo bem que, frequentemente, as várias ordens religiosas estavam em desacordo entre si. Arnolfo, como é evidente, apesar das suas importantes ligações com os mais variados membros do poder milanês, era um homem justo, capaz de distinguir a boa da má-fé, atento sobretudo à saúde espiritual das almas que lhe haviam sido confiadas. Nutria uma certa desconfiança relativamente aos frades menores, que, encarregados pelo arcebispo Leone da Perego de perseguir a heresia, procuravam com cruel determinação e denunciavam todo aquele que, em Milão, fosse suspeito de discordar da regra da Igreja de Roma. Com o desenvolvimento deste ingrato trabalho inquisitório colaboravam também os dominicanos: o abade havia recomendado a Matthew que se mantivesse longe dos membros destas duas ordens durante o desenrolar das pesquisas, para evitar o risco de se ver envolvido, contra a sua vontade, em manobras obscuras e perigosas. Ele, por seu lado, deveria, pelo contrário, continuar a manter respeitadas relações de colaboração com os inquisidores, para não incorrer na ira do arcebispo, de cuja benévola protecção até San Simpliciano teria tido necessidade.

Um vento imprevisto, soprando entre as arcadas que conduziam ao Broletto, trouxe ao nariz de Matthew um cheiro intenso: provinha da Porta Oriental, onde estava em plena atividade o mercado do peixe. Sorrindo para consigo com a ideia de que aquele fedor chegava, de vez em quando, até às próprias sagradas naves da vizinha Basílica Maggiore, o frade prosseguiu para a sua meta. Saído do Broletto, encaminhou-se por entre as ruelas que iriam

conduzi-lo ao Mosteiro de Santa Maria al Lentasio.



## Capítulo 2

Bella vestiu-se à pressa. O cheiro adocicado do homem que há pouco estivera com ela na cama ainda impregnava o ar: nem a estreita porta que se abria ao fundo do quarto e que dava para o quintal que ficava nas traseiras conseguia suavizar o calor sufocante daquele primeiro aceno do Verão. Depois de ter ajeitado a cama, a rapariga sentou-se no banco e virou, sobre a mesa, o pequeno porta-moedas.

Limpando a testa suada, contou o dinheiro, atentamente, empilhando as moedas umas sobre as outras; quando se certificou de ter calculado com precisão o que ganhara naquele dia, arrumou as moedas num saquinho de couro, apertando com força os cordões que o fechavam. Depois, lançando um olhar furtivo para a porta, para se assegurar de que ninguém a via, escondeu-o numa fenda da parede, bem tapada pela cabeceira da armação de madeira onde se apoiava o enxergão.

As mãos tremiam-lhe. Depois dos encontros com Lanfranco, e se bem que já tivessem passado quase vinte anos e o seu rosto de rapariguinha assumisse agora as feições da mulher madura, marcada, ainda por cima, pelo sofrimento, o medo de que ele a reconhecesse assaltava-a sempre. Aquela profissão, que exercia por necessidade, havia-lhe transformado a alma, além do corpo. Bella sabia ter-se tornado, mesmo fisicamente, uma outra pessoa: e, *no* entanto, de todas as vezes, os olhos duros daquele homem observavam-na, estudavam-na como que à procura da resposta para uma dúvida que tivesse Podido provocar uma suspeita ou, Santo Deus, uma certeza. Sempre se perguntara por que tortuosa razão do destino Lanfranco a teria eleito, logo a ela, entre tantas prostitutas da cidade, para a habitual suavização dos seus vigorosos apetites que, apesar da sua idade já não muito jovem, ainda nutria. Mesmo que as suas visitas não se sujeitassem a uma cadência fixa, já tinham passado mais de quatro anos desde a primeira vez que, tendo-a encontrado nas proximidades do Broletto à espera de clientes, o homem a abordara. Fixando-a com curiosidade crescente, perguntara-lhe o nome.

- Bella - respondera-lhe. - Bela e mais? - insistira ele num tom inquisitório.

- Bella e basta, senhor - replicara com dureza, enquanto os seus olhos desafiavam os do seu interlocutor.

Ele não lhe perguntara mais nada e acompanhara-a até à sua casinha,

entalada, entre muitas outras, ali mesmo a seguir às muralhas, passada a Porta Romana. De repente, não o reconhecera. Também o seu rosto mostrava as marcas dos anos: as faces estavam mais cheias, o que lhe conferia uma expressão tranquila, desmentida, todavia, pelos frequentes lampejos de crueldade no olhar. Fora exatamente um desses olhares, lançados no ato do pagamento de uma das suas prestações, que lhe fizera finalmente compreender o que lhe recordava aquele homem. E com as lembranças viera também o medo, transformado em terror quando, por ocasião de um dos encontros, acabara por dizer o nome da sua família. Desde então vivera com uma inquietação crescente, com uma angústia constante de que, mais tarde ou mais cedo, também ele se iria lembrar: todavia, não fora possível evitar a companhia, que, pelo contrário, se tinha convertido num opressivo hábito.

Lanfranco Calgario fora o assassino de Caterina, a sua patroa.

Dezassete anos antes, Bella não passava de uma novíssima criada da casa Gisalbertini, em Calepio. Quando, dois anos depois da morte da mãe, Caterina se encantara pelo jovem e interessante sobrinho-neto do arcebispo de Milão, que era frequentador assíduo do palácio da família, ela já servia como sua criada particular. Tinha seguido com apreensão o desenrolar daquela história, temendo possíveis futuras consequências, que, de facto, se tinham verificado. O pai de Caterina, prostrado com o desaparecimento da mulher, adoecera e, ao cabo de seis meses, morrera. A jovem encontrava-se sozinha: o irmão Gerardo partira um ano antes para Lomellina, no séquito de uma expedição contra os habitantes de Pavia e nunca mais voltara.

Caterina, muito nova e inexperiente para arcar sozinha com toda a responsabilidade de uma casa, havia adiado, por muito tempo, as decisões a tomar no que respeitava ao palácio da família e às terras da propriedade. Vencida por tantos lutos, procurara remédio para as suas dores entre os braços ávidos de Lanfranco, que, em poucos meses, lhe fizera um filho. Bella recordava ainda a alegria trepidante *no* rosto da sua patroa quando a informara do seu estado, recomendando-lhe o maior segredo até ao nascimento da criança. Lanfranco, acrescentara, iria desposá-la no ano seguinte, aquando do seu regresso de Génova, onde, juntamente com outros notáveis de Milão, iria deslocar-se, na qualidade de embaixador, para definir os termos da paz entre aquela cidade e Alexandria, em guerra havia já alguns meses.

Até ao seu regresso, Caterina entregara o palácio e a administração das

terras a Montenario Goldanica, o tabelião do seu pai, encarregando-o de estabelecer enfiteuses com a família dos Bernate, primos afastados e seus únicos parentes. Tinha, portanto, despedido todos os criados, à exceção de Bella: com ela se transferira para uma quinta, propriedade da família, relativamente próxima de Lambro.

Aqui, os dois velhos caseiros, que a conheciam desde menina, tinham-na acolhido, compreensivos, e haviam guardado o seu segredo durante toda a gravidez.

- Não posso permitir que se saiba que fiquei grávida antes do casamento! - tinha dito a Bella. - Quando Lanfranco voltar, vamos casar-nos em segredo e ninguém ficará a saber quando nasceu o bebê.

Bella, por seu lado, punha sérias dúvidas quanto ao facto de uma família tão importante como a dos Calgario consentir em silenciar o casamento de um dos seus rebentos mais promissores. Por outro lado, *não* seria certamente da sua conta pôr Caterina de sobreaviso: no fundo, ela não passava de uma criada e o segredo que a sua patroa partilhara com ela, movida pela ansiedade e pelo medo, poderia vir a transformar-se numa furiosa autodefesa. Bella era pouco mais do que uma rapariguinha, mas já percebia claramente que para encher a barriga era preciso trabalhar: se perdesse aquele trabalho por causa de uma palavra qualquer mais imprudente dirigida à sua patroa, ficaria na rua. Por isso calara-se.

Neste momento, enquanto no retângulo de céu que se abria sobre o quintal via as nuvens escuras de um temporal iminente passarem, velozes, dera com ela a pensar naquela terrível noite de tantos anos antes. Também agora a tempestade aproximava-se e o fragor dos trovões sobrepunha-se a qualquer outro rumor. Caterina dormia prostrada pela fadiga do parto recente e pela longa mamada de Dorotea. Pouco antes, a pequenita, deitada no berço pousado sobre a cama da mãe, ensaiara um começo de choro; então, Bella, para não perturbar o sono da patroa, tinha-lhe pegado ao colo e, embalando-a, levava-a para o seu quarto, nas águas-furtadas. Depois de ter retirado a escada de acesso, fechara o alçapão, de modo a que a voz da criança não chegasse aos ouvidos da mãe. Dorotea adormecera praticamente de seguida. O bater violento da chuva que caía em ondas que o vento batia sobre o telhado impedira Bella de advertir o patear dos cascos dos cavalos, mas um estouro violento, demasiado forte para passar despercebido, tinha-a sobressaltado: espavorida, depois de pousar a menina sobre o seu enxergão, viera entreabrir o alçapão. Em baixo, a obscuridade era quebrada pelo

clarão intermitente das lâmpadas que, de vez em quando, iluminavam o vão a partir da porta escancarada.

Já tinha decidido colocar de novo a escada de mão e descer para abrir a porta quando, à luz de um raio mais vivo, entrevira a sombra de um homem seguida de perto pela figura um pouco apagada de um outro.

A surpresa e o medo tinham-na bloqueado. Ficara ali, imóvel, contendo a respiração. Através da frincha do alçapão, vira os dois homens aproximarem-se do fundo da sala, onde, fora do alcance dos seus olhos, se dispunha a cama de Caterina. Depois, exatamente por não ver nada, entrara num crescendo de terror: enquanto os seus olhos observavam inutilmente o escuro, em baixo, os ouvidos começavam a distinguir uns ruídos pavorosos. A voz empastada da sua patroa, acordada bruscamente de um sono pesado, transformara-se num grito agudo, sufocado, logo de seguida, num longo e interminável estertor. No silêncio que se seguira, interrompido apenas por qualquer som que chegava cada vez de mais longe, Bella ouvira as vozes abafadas dos dois homens, reconhecendo, com horror, a voz alterada de Lanfranco, que, arrastando os móveis, procurava Dorotea.

- Onde terão metido a criança, por Deus, onde estará aquela filha da mãe? E a criada, onde estará a criada? Bella, com as mãos e os braços tremendo violentamente, encostara com toda a cautela a tampa do alçapão e havia-se sentado sobre ela sem o menor ruído. O único som que ouvia mais forte do que o da chuva sobre o telhado era o do seu coração, que batia como louco, impedindo-a de respirar. O seu olhar, já habituado à escuridão do sótão, espiava o enxergãozinho onde deitara Dorotea. A criança não acordara. Bella tinha começado a rezar, com a voz da mente, um terço a seguir a outro, invocara a Virgem e todos os santos de que se recordava. E assim continuara por um tempo que lhe parecia imenso, enquanto do andar de baixo ia ouvindo barulhos, batimentos e imprecações, que duraram até à chegada do velho cavalo do caseiro, que, arrastando os socos na lama, puxava o carro dos seus patrões de regresso à quinta depois de um dia inteiro passado no mercado de Milão. Então, e ao mesmo tempo que Dorotea começava a fazer uns tímidos vagidos, ouvira outro grito aterrorizado, seguido do relinchar nervoso dos cavalos, dois dos quais haviam partido quase de seguida a galope. Depois o silêncio, apenas perturbado pelo som lamentoso que saía da garganta da velha pileca do caseiro.

Bella permanecera no sótão até às primeiras luzes da alba, embalando

Dorotea, que agora gritava toda a sua fome: tinha-lhe posto entre os lábios um trapinho embebido na água da bacia, na esperança de que pegasse de novo no sono, mas a pequenina recusara-a, chorando com mais força ainda. Quando os primeiros raios de um sol atrevido começaram a abrir caminho entre as largas frinchas do teto, Bella, procurando dominar o frémido que lhe entorpecia os músculos, abriu cautelosamente o alçapão e olhara para baixo. A sala estava vazia. A cómoda fora remexida, esvaziada do conteúdo, que jazia, todo ele, amassado, formando pequenos montes emaranhados pelo chão. O banco estava de pernas para o ar e, para quem podia ver ali de cima, o enxergão fora arrastado para o meio do quarto. Com todo o cuidado, de ouvido atento a qualquer novo ruído, preparara a escada de mão e, ignorando os gritos de Dorotea, começara a descer.

Caterina desaparecera. Um longo fio húmido e malcheiroso atravessava o pavimento, marcando-o até à porta. O berço do bebé fora arrancado das cordas que o prendiam e jazia no chão atirado de encontro à parede. Arrastando-se ao longo dela, Bella dirigira-se à porta, que ficara escancarada. Ao chegar perto dela, sentiu que os pés haviam pisado qualquer coisa. Aterrada, olhou logo para o chão: debaixo dos seus pés, iluminados pelo sol, viu um dos chinelos cor-de-rosa da sua patroa. Bella apanhara-o e olhara mais além à procura do outro, mas sem o encontrar. Aquilo que os seus olhos viram, embora apenas de fugida, fora uma trouxa de panos escura, que jazia perto do carrinho, quase encostada à parede da casa. Com a respiração entrecortada, antevendo já o que iria encontrar, corra para o exterior.

Estendidos ao lado do cavalo, o caseiro e a mulher cobriam a terra batida com os seus corpos, tão descompostos que mais pareciam uns fantoches: debaixo deles estendia-se uma grande mancha de sangue, mais ampliada ainda por causa da chuva da noite. Quando ali chegara, o cavalo virara a cabeça na sua direção: daquelas ventas húmidas saía um bafo que, no ar frio da manhã, se condensava em breves lufadas de vapor. Apoiando uma das mãos à parede, Bella avançara alguns passos na direção dos dois cadáveres: os seus olhos dilatados fixavam aquelas gargantas golpeadas de ambos os lados. Os ouvidos tinham-se-lhe fechado aos sons do mundo circundante: os gritos cada vez mais agudos de Dorotea chegavam-lhe abafados, como que vindos de um lugar muito distante. A voz, que teria querido explodir do seu corpo num grito de horror, ficara confinada nas profundezas daquela boca, consentindo-lhe apenas um débil gemido lamentoso, semelhante a um

latido.

Pensando em tudo isto, muito tempo depois, não sabia dizer quanto tempo permanecera ali, imóvel, a olhar aqueles dois pobres velhos, mortos como dois cães raivosos. Fora o silêncio da menina, de que se apercebera de repente na sequência do fastidioso chilreio dos pássaros, a despertar a sua consciência. Então correria para casa e, como uma fúria, subira até às águas-furtadas: ali encontrara Dorotea exausta, já sem forças para respirar, toda suja de fezes. Depois de a ter limpo e mudado com mãos trementes, fizera uma trouxa com as suas poucas coisas, embrulhara a pequenina num xaile de lã fina e fora até ao estábulo, que ficava relativamente perto da casa do caseiro.

Aqui mugira uma ovelha, recolhendo o leite dentro de um pequeno odre, e agarrara uma das mulas. Dorotea respirava a custo, mas, aparentemente, dormia. Segurando-a de encontro ao peito, Bella montara na cavalgadura e, esporando-a com os joelhos, lançara-se numa corrida louca através da estrada para Milão.

Parara apenas uma vez, à beira da estrada, à sombra de uma amoreira, para dar o leite à menina. Inicialmente, Dorotea tinha-o rejeitado, mas depois, debilitada pelo longo jejum, chupara avidamente o biquinho da garrafinha: os seus pequeninos lábios, habituados a um bem mais delicado utensílio, tinham espalhado pelo vestido mais leite do que aquele que engolira. No entanto, o cansaço sobrepusera-se à fome e, embora não saciada, a menina voltara a adormecer de seguida.

Neste momento, enquanto inspecionava o galinheiro à procura dos ovos do dia, Bella recordava a cavalgada até à cidade. Na estrada encontrara mercadores e camponeses provindos de Milão, mas, na sua frenética agitação, não falara com nenhum deles, temendo avistar, debaixo de qualquer capa ou de qualquer capuz de peregrino, as feições de Lanfranco. Já prestes a chegar às muralhas, avistara, subitamente, a fachada de uma basílica. E em poucos segundos decidira; tinha envolvido a menina bem aconchegada no xaile e depusera-a no cesto grande que depositara junto à porta lateral do mosteiro, adjacente à igreja. Chorara até esgotar as lágrimas enquanto a abandonava, assim, embora soubesse que entregá-la às monjas era a única forma de salvar Dorotea. Como ela, Bella não tinha mais ninguém no mundo, e, embora já se tivesse afeiçoado àquela pequenita como a uma filha sua, não teria tido como alimentá-la e criá-la. Depois de um último olhar ao pequenino rosto pálido da criança, voltara a montar

apressadamente e fugira como uma ladra na direção da cidade.

Aqui vagueara dias e dias, disputando aos porcos que corriam livremente pelos campos, ruelas e cobertos os restos de comida lançados à rua. Procurara um trabalho que não conseguira encontrar, uma vez que não havia ninguém que pudesse recomendá-la; desgraçadamente vendera a mula, guardando os poucos soldos que lhe haviam possibilitado sobreviver muito a custo durante um mês.

Juntamente com outros pobres, tinha encontrado abrigo numa velha barraca de tábuas desconjuntadas, montada nos terrenos baldios que se seguiam à Poterna do Bottonuto, onde, uma noite, perdera brutalmente a virgindade por obra de um soldado bêbado e malcheiroso de partida para uma das tantas campanhas contra Pavia. Começara assim a sua nova vida: depois da violação, compreendera que, para não morrer de fome, teria de ir engrossar o exército de prostitutas da cidade. A pouco e pouco habituara-se a vender o próprio corpo e no decurso de um ano conseguira juntar os soldos suficientes para poder pagar o aluguer daquela pequena mas decente casinha logo a seguir às muralhas da cidade. Muitas vezes, nos dezassete anos passados, tinha tido a tentação de voltar ao Mosteiro de San Celso, onde deixara Dorotea, para saber notícias da menina, mas sempre contivera aquele impulso, sabendo que teria sido inútil e, seguramente, perigoso.

Mesmo agora, e isso acontecia-lhe cada vez mais frequentemente, o pensamento da pequenina provocava-lhe uma impressão dolorosa. Segurando numa das mãos os únicos dois ovos que encontrara no galinheiro, Bella ergueu os olhos para o céu: grossas gotas de chuva começavam a cair, polindo a mísera erva do quintal. Voltou a entrar em casa e, depois de colocar os ovos sobre a mesa, apoiou a cabeça entre as mãos, premindo-as de encontro às têmporas: sabia que aquela dor de cabeça lhe passaria daí a pouco. Era só esperar.

Com o cair da noite, Remigio estaria de volta e então poderia desabafar as suas preocupações e os seus medos. Ansiando por sentir-se entre os seus braços fortes e amáveis, Bella procurou não pensar em nada.

Na ruela, a água caía com violência, levantando, a cada gota, um novo salpico de lama. Um cão vadio, arfando com a língua pendente, protegeu-se, por instantes, rasando a parede; depois, sacudindo decididamente o pelo enlameado, continuou na direção da cidade.

## Capítulo 3

Duas pombas planaram, juntas, do telhado e vieram aterrar no meio dos canteiros floridos do claustro. Ao mesmo tempo que iam andando em passos miúdos à procura de alimento, as suas cabeças oscilavam, ritmadas, para a frente e para trás. As outras, que já ocupavam o espaço relvado, encararam com indiferença as duas recém-chegadas, continuando a catar-se, a debicar as penas e a cauda ou a raspar o bico com as finas patas cor-de-rosa. Só uma, agachada debaixo de um silvado com a cabeça mergulhada entre as penas do peito, se mantinha absolutamente imóvel, como que morta.

Matthew, de pé ao lado de uma pequena arcada, observava os passarinhos, perdido nos seus pensamentos. Estava à espera de ser recebido pela madre abadessa, mas a demora era já muita: a noviça que o acompanhara pedira-lhe para esperar no jardimzinho do mosteiro.

A virtude da paciência, bem radicada no espírito do frade, não o impedia, todavia, de se aperceber da habitual agitação das vísceras, sinal inequívoco da ansiedade que, em breve, se sobreporia à calma que se havia imposto.

Um frufu nas suas costas fê-lo virar-se. Com um sorriso tímido, a jovem monja fez-lhe sinal para que a seguisse.

-A abadessa vai recebê-lo na sua cela - sussurrou a noviça, em tom de desculpa -, porque fica muito cansada quando anda; a escada que conduz ao parlatório é íngreme e é-lhe já bastante difícil descê-la para assistir às funções...

Matthew anuiu e seguiu a jovem ao longo da galeria, interrompida, aqui e ali, por estreitas janelas em arco que banhavam, com uma luz discreta, o pavimento de pedra. Ao fundo, logo a seguir a uma pesada porta de carvalho com dois batentes, o corredor virava à direita; no ângulo reto formado pelas duas paredes perpendiculares abria-se uma escada estreita de caracol. A noviça meteu por ela, sem hesitações, precedendo o frade por aqueles íngremes degraus a cima.

No andar superior, um outro corredor, gémeo da galeria de baixo, estendia-se na penumbra apenas interrompida por quatro janelinhas quadradas; o lado virado para o claustro era marcado por uma série de portas, uma das quais estava aberta. A jovem monja aproximou-se da porta e, muito delicadamente, bateu com os nós dos dedos, anunciando o visitante.



- O frade, madre...

De dentro, uma voz apagada respondeu.

- Que entre...

Matthew teve dificuldade em ver: a cela era escura. A porta de madeira da janela estava praticamente encostada à parede exterior, deixando apenas uma frincha, pela qual entrava um fio de luz.

O frade hesitou na soleira, incapaz de habituar os olhos a uma tão densa sombra.

- Então, irmão, ides ficar aí eternamente? A voz severa da madre abadessa sacudiu-o e, esforçando-se por discernir formas e objetos, entrou. Estava prestes a ajoelhar-se em frente da figura indistinta sentada ao fundo da cela, quando a velha monja falou de novo.

-Abri a porta, irmão... Esqueço-me, normalmente, de que os meus postulantes, quando vêm pôr-me as suas questões, querem ver-me de frente... Os meus olhos, sabeis, já não são o que eram e a luz tornou-se para mim um verdadeiro tormento...

Matthew abriu o batente e, juntamente com a claridade do dia, entrou também uma lufada de ar fresco, inesperada, naqueles primeiros dias de Verão.

- Sentai-vos, está aí um banquinho perto da porta. Sois, portanto, o monge inglês mandado pelo abade de San Simpliciano... porque viestes até aqui, irmão, o que me quereis? Matthew, surpreendido com tanta franqueza, não sabia por onde começar. Arnolfo tinha-lhe recomendado cautela e agora, distinguindo melhor as feições da madre abadessa, os seus temores haviam aumentado. A senhora era pequena e, se bem que o hábito não lhe delineasse as formas, era evidente que o passar dos anos lhe deixara marcas pesadas: as costas desenhavam uma grande curva, que a impedia de se apoiar completamente no espaldar alto da cadeira; os pés, inchados, transbordavam dos limites dos chinelos escuros, enquanto as mãos, atravessadas por uma rede de veias, se apoiavam, deformadas, nos braços da cadeira. A degradação do corpo contrastava, todavia, com a vivacidade do rosto. Embora sulcado de rugas e murcho como um fruto velho, conservava dois olhos lúcidos e penetrantes, capazes de perturbar qualquer interlocutor.

O frade hesitou. Apesar de Arnolfo lhe ter explicado que se tratava de um acontecimento que ocorrera havia já muitos anos e que, talvez, exatamente por isso, a madre abadessa poderia não se recordar, aquele olhar agudo e

inquisidor, que lhe explorava o rosto à espera da resposta apropriada, embaraçou-o.

- Bom... o abade falou-me de uma vossa consoror morta há já um tempo...

As pupilas de Eufrasia contraíram-se, a boca tornou-se rígida e a expressão endureceu.

-Que consoror? - pergunta num tom cortante. - Por estas mesmas paredes já passaram imensas e muitas delas foram chamadas antes de mim a unir-se ao Altíssimo na Jerusalém Celeste! A pouca coragem que Matthew conseguira juntar antes da conversa esvaíra-se completamente perante aquele tom intimidatório.

-Creio que... o abade disse-me... - balbuciou -, creio que Arnolfo me falou de uma certa irmã Benedicta...

As mãos da madre abadessa agarraram-se aos braços da cadeira ao mesmo tempo que o seu rosto empalidecia. Eufrasia fechou os olhos e, por um longo instante, susteve a respiração. Seguidamente, depois de ter dado um demorado suspiro, escancarou as pálpebras e fixou o frade: o seu olhar tornara-se duro como uma pedra. Quando, por fim, conseguiu abrir a boca, a sua voz assemelhava-se ao som estridente de um cutelo afiado sobre a pedra de amolar.

-Quem sois vós, irmão, para virdes perguntar-me pela irmã Benedicta? E que ideia peregrina a de Arnolfo ao encarregar-vos, a vós, que chegastes à cidade há tão poucos meses, de uma missão tão desagradável? -Mas eu... - Matthew tentou defender-se.

-Calai-vos - replicou, violenta, Eufrasia. -Julgais, por acaso, que eu não peço informações dos meus visitantes antes de os receber? Mesmo velha, sinto sempre uma grande responsabilidade sobre o meu mosteiro: como é evidente, não posso dar audiência a quem quer que a peça sem primeiramente saber quem autorizo a entrar nesta cela! Sei tudo sobre o senhor, irmão Matthew, ou, pelo menos, sei tudo aquilo que de vós se sabe em San Simpliciano... O que não me parece claro, no entanto, é o motivo pelo qual Arnolfo se confiou tão cegamente a vós; além de pertencerem ambos à mesma ordem, o que compartilhais com ele, irmão? O amor pelas letras, com o qual o abade tenta preencher as horas dedicadas à meditação, a obsessão pelo sacramentário iluminado, de que se orgulha tanto, a familiaridade com os políticos desta cidade? Quem é o senhor, irmão, quem vos mandou realmente a Milão? O papa, o imperador ou os seus lambebotas? O ímpeto daquelas palavras pronunciadas sem controlo havia-lhe

transtornado as feições. A palidez do rosto transformara-se numa vermelhidão difusa, os olhos chispavam, uma baba de saliva escorria-lhe de um canto dos lábios.

Matthew sentia-se atordoado. Nunca esperara uma reação tão furiosa, menos ainda de uma monja aparentemente frágil e esgotada pelos anos. Devia tratar-se de um problema grave e não de um simples episódio privado, como Arnolfo lhe dissera; o abade, embora não podendo obviamente revelar-lhe as causas, uma vez que se tratava de um segredo de confissão, apenas lhe fizera referência às angústias da irmã Benedicta, penosas e frequentemente manifestadas. Matthew suspeitava, agora mais do que nunca, que Arnolfo já conhecia os factos que, tantos anos antes, haviam provocado a perturbação da monja e que procuraria agora a confirmação definitiva para as suas suspeitas, que só a abadessa poderia fornecer-lhe. O que até o próprio frade se perguntava era qual o motivo que levara o abade a encarregá-lo, logo a ele, da procura da verdade. Uma raiva surda e inusual começou a invadi-lo: para com Arnolfo, que estava a usá-lo sabe-se lá por que motivos, e para com Eufrasia, que o havia mimoseado gratuitamente com todas aquelas palavras injustas e uma desconfiança totalmente despropositada.

Desencostando-se e olhando a madre abadessa diretamente nos olhos, respondeu-lhe; com um certo esforço conseguiu controlar quase totalmente a tremura da voz.

- Madre Eufrasia, perdoai-me se vos importunei. Não tenciono afligir-vos mais com questões cujas causas não conheço e que, como é evidente, perturbam a vossa tranquilidade. Agradeço-vos por me terdes recebido, mas agora vou-me embora. Direi ao abade Arnolfo que a minha pessoa é absolutamente inadequada para levar a cabo esta missão: espero que um outro frade mais digno, ou, quem sabe, ele próprio, possa, no futuro, encontrar-se convosco e resolver...

A madre abadessa ergueu a mão para pôr fim ao discurso de Matthew: - Basta, irmão. Refreai a vossa ira e tende piedade de uma velha: dissestes uma coisa certa, que deveis ir-vos embora. Deixai-me aqui com os meus pensamentos, as minhas reflexões, as minhas orações. Quando estiver pronta para responder às vossas perguntas, mandar-vos-ei chamar.

Eufrasia fechou os olhos e inclinou a cabeça para a frente, enquanto os braços lhe escorregavam pelo colo. Era uma despedida.

Matthew fixou-a por um instante e levantou-se. Depois de fazer uma

respeitosa vénia, dirigiu-se para a porta da cela e saiu.

Rígido e com as mãos apertadas e os braços caídos, alcançou a escada e desceu. A noviça que o havia acompanhado desaparecera.

No mais completo silêncio, perturbado apenas pelo regular arrulhar dos pombos, o frade dirigiu-se à entrada do mosteiro, onde a monja porteira lhe abriu o portão maciço. Pelo caminho, ergueu os olhos para o céu: nuvens escuras começavam a amontoar-se, vindas de oeste, e o ar tornara-se, agora, mais húmido. Ignorando os espasmos dos músculos, ainda contraídos pela tensão, Matthew encaminhou-se rapidamente para a Via Porticata, de regresso a San Simpliciano.

Eufrasia puxou um pouco mais a vela de sebo para o centro da mesa e, segurando os bordos do pergaminho entre os dedos, releu a carta. Doíam-lhe os joelhos: a função das vésperas daquela tarde cansara-a mais do que de costume, talvez devido às articulações já pouco capazes de lhe garantir a agilidade de movimentos, ou talvez pela agitação que a tomara depois da visita do frade inglês.

Tinha pensado demoradamente, enquanto jantava na companhia das outras freiras no austero silêncio do refeitório: embora a sua mente procurasse contornar o problema, no fundo, teria de aceitar o facto de outra pessoa, além de si própria, ter conhecimento daquele terrível crime ocorrido quase vinte anos antes.

Arnolfo sabia, com toda a certeza, de Caterina. E, muito provavelmente, sabia também que ela dera à luz um filho. O que não podia conhecer era o sexo da criança, porque nem a irmã Benedicta fora posta ao corrente: só ela conseguira descobrir que se tratava de uma menina, mas as suas pesquisas haviam decorrido na maior discrição.

Por que razão só agora, perguntava-se angustiada, nesta altura, depois de tanto tempo, o abade retomava aquela história? E por que razão logo ele? Provavelmente, Benedicta contara-lhe, em confissão, e agora, por qualquer motivo obscuro, o caso voltara à baila. Que maléficas implicações um acontecimento de há tantos anos teria no presente? Eufrasia não encontrava resposta: assim que o frade se despedira, dera consigo, para sua desgraça, a maldizer a pateta daquela freira que não soubera manter o silêncio sobre um acontecimento que, apesar de todo o seu horror, já estava feito e bem feito. Depois, recordando o quanto a irmã sofrera nos anos seguintes arcando com o peso daquele segredo, arrependera-se da sua excessiva dureza.

Benedicta morrera havia quatro anos e a sentença talvez já lhe tivesse sido pronunciada. A madre Eufrosia não esperaria, com certeza, substituir-se ao Único e Verdadeiro Juiz, perante o qual, dentro de pouco tempo, ela própria se apresentaria.

Certificando-se de que a tinta já estava seca, dobrou o pergaminho e colocou-lhe o carimbo de cera, acabado de aquecer à chama da vela. A mensagem para Arnolfo já estava escrita: no dia seguinte iria mandar a irmã Ana entregá-la em San Simpliciano. Levantou-se com dificuldade da cadeira: já não tinha sequer forças para rezar. Em silêncio, pediu perdão a Deus por aquela falta e dirigiu-se para o quarto, onde despiu o hábito. Depois de ter gasto o que restava da vela, enfiou-se debaixo da pesada manta de lã; sentindo um longo arrepio impossível de reprimir, Eufrosia fixou a escuridão de olhos bem abertos e ficou imóvel à espera do sono.

## Capítulo 4

A agulha de bordar enfiava-se rápida e segura sob a superfície do tecido, transportando o fio de seda que, aos poucos, ia formando um precioso desenho com flores, estrelas e folhas.

Raquel colocou o banquinho perto da porta: para serem bordados com precisão, a cheio, os pequeníssimos botões amarelos requeriam o máximo de luz e o resto do compartimento não tinha a suficiente.

-O que estás a fazer, Raquel, que barulho foi este? A voz de Isaac chegou, lamurienta, do exíguo quarto atrás da sala, onde se situavam as camas.

-Estou aqui a trabalhar, pai, não se preocupe, estou aqui...

A jovem suspirou. Dentro de três dias tinha de terminar aquele fato, destinado, como lhe fora dito, a um aristocrata. A veste pertencera, antes, a um dos cônsules de Milão, que, depois de a ter usado durante dois anos, a vendera ao alfaiate da *podestà*, que, por sua vez, voltara a vendê-la a uns colegas de menor categoria, como era hábito fazer-se: estes últimos transformavam os fatos usados num novo modelo, eliminando as imperfeições, substituindo o tecido onde ele já se mostrasse estragado ou acrescentando bordados para cobrir nódoas indeléveis ou rasgões. Este mercado de fatos de segunda mão era florescente há já uns tempos e permitia aos notáveis da cidade andar na moda sem despender somas excessivas. O alfaiate, que apreciava a extraordinária capacidade da jovem bordadora, sugerira-lhe uma ideia do bordado requerido, deixando, no entanto, à sua fantasia e à sua habilidade a escolha dos pontos e dos sombreados.

Raquel tinha uma enorme habilidade para o bordado e a sua mãe, enquanto viva, fora uma ótima costureira. Quando, poucos meses depois da sua morte, ela e o pai vieram para Milão, Raquel começara aquele trabalho como uma ocupação temporária que lhes permitisse sobreviver, na esperança de poder chegar a Montpellier.

Na altura, Isaac pensava ainda poder exercer a sua verdadeira profissão, como tinha feito até então em muitas das cidades por onde passara no caminho entre Salerno e Milão, mas bem cedo se dera conta de que nesta última cidade os médicos judeus não eram bem-vindos.

Fora ameaçado: preveniram-no de que se ousasse tratar qualquer cristão seria chamado a júizo e imediatamente expulso. Tinham-lhe perguntado se

possuía capital suficiente para abrir uma casa de penhores, única atividade legal permitida aos judeus: humilhado, Isaac respondera que em Salerno aprendera a profissão de médico, não as artes da usura. Naquela ocasião, Raquel temera pelas suas vidas: recordava, ainda com medo, a cólera que apercebera no olhar do funcionário de justiça ao ouvir a resposta irritada do seu pai.

Àquele olhar irado não se seguira, todavia, qualquer gesto de vingança: o homem tinha-lhes dito para procurarem um teto fora das muralhas e não permanecerem na cidade para além do pôr do Sol. Se conseguissem encontrar um modo de vida, poderiam permanecer por algum tempo, caso contrário, seria melhor partirem o mais brevemente possível. Tinham então encontrado um pardieiro em ruínas, encostado a muitos outros, nas proximidades do Hospital de San Lázaro, fora da Porta Romana. O locatário, um velho desdentado e com mau aspecto, pedira-lhes pouco pelo aluguer, apesar de saber que eram judeus: o motivo da sua generosidade prendia-se com a penúria crónica de inquilinos para a casa de que era proprietário e que se devia à inquietante vizinhança daquele hospício, única leprosaria da cidade.

Acrescentara, no entanto, que não deveriam manifestar qualquer sinal exterior da sua religião debaixo daquele teto porque não queria arranjar problemas: à mínima desobediência relativamente a este pacto, expulsá-los-ia.

Isaac vira-se na obrigação de aceitar: envolvera a *menorah*, o *tallit* e os *tefillin* num pano de lã pesada, escondendo-os depois na burra juntamente com os seus textos de medicina; a única testemunha da sua fé que não tivera a coragem de eliminar da vista fora a *mezuzah*, que pendurara na ombreira direita da porta de entrada, escondida debaixo de uma providencial saliência da parede. Por fim, dobrara a sua vestimenta de médico: Raquel tinha-o visto chorar enquanto alisava delicadamente com a mão o tecido vermelho-escuro.

Quisera consolar o desespero do pai, mas nem se atrevera, até porque as palavras não seriam de grande utilidade: ela própria sentia-se órfã de tudo aquilo que até então constituía o fundamento da sua vida.

A mãe ficara a alimentar a terra do pequeno cemitério hebraico perto de Siena, os ensinamentos que haviam acompanhado a sua infância e a sua adolescência não podiam voltar a ser postos em prática, o seu pai perdera tudo aquilo a que dedicara toda uma vida. Apesar de Isaac continuar a

repetir-lhe que, ao fim de alguns meses, deixariam aquela situação e partiriam rumo a Montpellier, Raquel compreendera, em breve, que a vida do seu pai terminaria em Milão. Isaac adoecera.

Ele, que era um médico ótimo tanto no diagnóstico como na terapêutica, não tivera força para fazer frente à melancolia. Ela, que desde miúda ouvira falar de humores, de fleuma, de sangue e de urinas e que frequentemente espiara as visitas feitas pelo seu pai aos seus pacientes, rapidamente intuía que aquele progressivo enfraquecimento se atribuiria ao excesso de bílis negra, a causa principal daquela doença enganadora e devastadora. No início, com muita delicadeza, convencera Isaac a submeter-se aos mesmos tratamentos que lhe vira fazer aos seus doentes; na verdade, ela própria aprendera a fazer sangrias, a preparar evacuantes, a aplicar emplastros. Mas tudo fora inútil.

O pai ia sempre piorando e, nos últimos meses, não se levantara da cama. Raquel sabia que, daí a pouco, ficaria sozinha no mundo e este pensamento torturava as suas noites de insónia. O trabalho de costureira e bordadora não lhe desagradava, apesar de sonhar com uma profissão completamente diferente: desejava tornar-se médica. Não que fosse fácil para uma mulher, mas as suas esperanças de o conseguir haviam aumentado, dado ter visto que a escola de medicina de Salerno contava com algumas raparigas entre os seus alunos. Isaac, quando ainda estava em estado de argumentar com ela e com quem quer que fosse, explicara-lhe que teria muito melhores possibilidades de praticar a profissão se frequentasse a escola de Montpellier, famosa pelos seus grandes médicos árabes e espanhóis.

Ora, enquanto passava e repassava o fio de seda pelo avesso do tecido, de modo a rematá-lo sem deixar sequer um nó visível, os olhos velaram-se-lhe: não conseguindo repelir as lágrimas, pousou o fato no chão para não manchar o tecido. Com as costas da mão enxugou as pálpebras e, engolindo à força, lançou a cabeça para trás; o gesto furioso fez desprender os cabelos negros do travessão de osso que os apertava na nuca, deixando-os cair, soltos e sedosos pelas costas.

-Raquel... Raquel... chega aqui, Raquel... preciso do pote! -Vou já, pai, vou já...

A jovem pousou o fato sobre o banquinho juntamente com o rolo das linhas e as agulhas e, ajeitando o vestido, dirigiu-se ao quarto do fundo. Passando em frente de uma parede onde ele estava pendurado, deixou cair os olhos no espelho de prata que pertencera aos pais da sua mãe; a superfície polida



devolveu-lhe a imagem de um rosto cansado, no qual só os olhos escuríssimos conservavam um brilho de vida. Em breve, refletiu, aquele espelho deveria ser coberto com um pano...

- Raquel... Raquel, onde estás? Vem, depressa! -Estou aqui, pai, estou aqui. Atravessando o quarto, que tresandava a urina, Raquel foi sacudida por um intenso arrepio e apoiou-se à ombreira da porta.

O cãozinho preto que dormia enrolado na esteira aos pés do enxergão levantou-se de um salto com o pelo eriçado e o dorso em arco: permaneceu ali por um tempo fixando a dona, que avançava direita ao catre. Em seguida, depois de ter estirado as pernas com força, sacudiu a cabeça e, andando em passo miúdo rente à parede, desapareceu por detrás da porta.

## Capítulo 5

Arnolfo acordou sobressaltado, alagado em suor. O sonho voltara. Como sempre, depois de sair do pesadelo, o abade precisava de uns minutos para recuperar a consciência do presente. Irritado, afastou violentamente a bela coberta de lã inglesa e pôs os pés no chão: apoiando as mãos na beira do enxergão, deixou cair a cabeça para a frente e esperou que a respiração acelerada voltasse ao ritmo normal. Quando lhe pareceu que conseguira controlá-la, levantou-se e dirigiu-se para a janela, que abriu de par em par, deixando entrar todo o ar possível. Do exterior, a luz fraca da Lua iluminava discretamente as paredes do mosteiro e todo o campo circundante.

O único barulho que se ouvia era o do marulhar calmo das águas do canal; àquela hora, a que precedia a função da manhã, todos dormiam e aquele silêncio universal tornava ainda mais difícil separar a consciência da fantasia do sonho.

Há meses que aquele pesadelo o atormentava. Olhando para Arnolfo, ninguém diria, pela sua aparência, que o abade alguma vez se deixaria atormentar assim. No rosto nobre e austero, emoldurado por uma espessa cabeleira grisalha pelos anos, luziam dois olhos incrivelmente verdes, que ladeavam um severo nariz aquilino; a boca, delicada e vagamente feminina, raramente se dobrava a um sorriso, conservando, no entanto, uma expressão benévola. A sua figura, em nada marcada pela idade, mostrava-se elegante e forte, revelando, na atitude, as suas origens aristocráticas. E, no entanto, por detrás daquela aparência distante escondia-se um carácter participativo e misericordioso que fizera dele uma personalidade amada pelos confrades e respeitada pelas hierarquias eclesiásticas. Apesar disso, Arnolfo vivia profundamente só. Se ao menos tivesse alguém a quem confiar a inquietação que aquele sonho recorrente lhe provocava! E depois, que significado poderia realmente ter aquela visão de morte que perturbava os seus sonhos? O sonho começara em pleno Inverno, quando os campos ainda se cobriam de neve. Naquela primeira noite, depois de uma jornada como tantas outras, passada entre afazeres e orações, sonhara com uma jovem belíssima que, apoiada ao parapeito da ponte sobre o canal, se lhe dirigia. Com palavrinhas delicadas e calmas confessara-lhe que, daí a pouco estaria morta, morta por um feroz assassino e que não seria a única a perder a vida. - A cidade - havia dito -, a cidade inteira sucumbirá a uma mão inimiga e o

fogo arderá, em chamas altas que ultrapassarão as torres das muralhas, até ao céu...

Depois, afastando o escapulário da sua veste virginal, mostrara-lhe uma profunda ferida no pescoço: seguindo os contornos com os dedos esguios acrescentara que aquele sinal seria a prova.

- De quê? - perguntara Arnolfo horrorizado, com a voz muda do sonho.

Mas ela não respondera, deixando-se, pelo contrário, deslizar pela ponte, na direção da água do canal, que, de repente, se tornara turbulenta e escura. Arnolfo estendera desesperadamente os braços para a alcançar, mas a rapariga continuara a fugir, até que a corrente a engolira. Então, da erva alta do molhe, despontara um pequerrucho, que, andando ainda com grande dificuldade, percorrera, decidido, o declive até à água, deixando-se, por sua vez, cair. A última imagem fora a do sorriso radiante da criança que o fixava antes de submergir num remoinho de água que se abrira à sua frente.

Arnolfo acordara aos gritos. Precisara de muitas horas para voltar a si, tão nítida era a visão. Quando finalmente conseguiu readquirir a calma, fez por não dar importância ao pesadelo, justificando-o com o cansaço e as preocupações que o seu lugar lhe impunham.

No entanto, decorridos uns dias, o sonho sobreviera igual e depois, ainda, por mais uma dezena de vezes. Chegara ao ponto de ter medo de adormecer: adquirira o hábito de, antes de se deitar, à noite, incluir nas orações habituais uma pessoal, ao Altíssimo, pedindo-lhe para afastar aquele pesadelo terrível, que, apesar disso, não terminara. Arnolfo começou, então, a refletir sobre o significado que uma tal visão podia esconder: concluíra que aquela tortura continuada, mesmo não sendo imediatamente compreensível, deveria ter um sentido. Talvez se tratasse de uma mensagem divina. Só depois de muitos esforços, inclinado sobre o sacramentário ou fechado no silêncio da biblioteca, começara a recordar aquilo que, piedosamente, calara durante tantos anos. A pouco e pouco, foram emergindo, enfiados uns nos outros como as contas de um rosário, fragmentos de frases pronunciadas por pessoas diversas que, aparentemente ligados entre si, reconduziam a sua memória ainda confusa a qualquer coisa de real, mesmo que não definido. Tempos depois, uma manhã, ao percorrer o claustro a caminho da basílica, um pensamento completamente alheio à sua vontade atingira-o como uma chicotada e, subitamente, lembrara-se de tudo. As reiteradas confissões da irmã Benedicta, que, apesar de todos os seus esforços, nunca conseguira tornar menos penosas, e alguns ditos

ouvidos e logo esquecidos, sobre Caterina Gisalbertini, de quem se perdera o rasto havia quase vinte anos. Uns diziam que teria fugido, outros afirmavam que as muitas mágoas a teriam enlouquecido e que possivelmente terminara os seus dias num lazareto. Há muito que Arnolfo refletia; depois de ter juntado as poucas peças do mosaico de que dispunha, decidira interpelar a madre Eufrasia, que, tendo sido sua superiora, conhecera bem Benedicta. Havia já muitos anos, em confissão, a monja falara-lhe de uma rapariga morta e depois lançada ao rio. A jovem apresentava uma enorme ferida no pescoço, onde se enterrava um pesado cordão de prata, com o qual provavelmente fora estrangulada; além disso, o corpo da pobre rapariga mostrava sinais de uma gravidez recentíssima, ainda que da criança não se tivesse encontrado qualquer vestígio. Se as palavras angustiadas de Benedicta eram sinceras, e não existia qualquer motivo para duvidar delas, a abadessa do Lentasio devia saber mais qualquer coisa sobre o assunto. Quem era a rapariga afogada? Fora realmente assassinada? E a criança, se é que existia, onde teria ido parar? Seria aqui que o seu sonho recorrente queria levá-lo a descobrir a verdade? Mas por que razão tão tarde, porquê passado tanto tempo? E a que fogo se referiria a profecia da sua inquietante visita noturna? Mesmo não conseguindo encontrar uma explicação satisfatória, Arnolfo decidira, de qualquer maneira, que deveria resolver aquele enigma. Encarregara o frade inglês, que há cerca de dois meses permanecia no mosteiro, de fazer a investigação por ele; sem o pôr ao corrente das suas suspeitas, apenas lhe havia dito que perguntasse à madre Eufrasia todas as informações sobre as incumbências que a irmã Benedicta tivera dentro do mosteiro. Por seu lado, apenas sabia que a monja era originária da cidade de Colónia e que chegara ao Mosteiro do Lentasio havia muitos anos, juntamente com outras duas freiras alemãs. Não contara nada a Matthew sobre o seu sonho e menos ainda sobre as suas dúvidas relativamente a Caterina Gisalbertini. O frade era um forasteiro e não conhecia as tramas e as intrigas que se teciam na cidade, era, por isso, a pessoa mais adequada para descobrir a verdade sem se deixar levar por opiniões preconcebidas.

O sino da capela anunciava as matinas. Arnolfo fechou o batente da janela e dirigiu-se à sacristia, onde se ia paramentar: a leitura das laudes daria início a uma nova jornada.

«MCCXLIII de martis XII mensis lunii, Eufrasia Frassaneto, magistra monasterii Sanctae Mariae ad Lentasium, scripsit.» O abade releu a carta

pela enésima vez, alisando com a palma da mão o pergaminho enxovalhado: sobre a mesa, a pouca distância da folha, as películas da cera que fora raspada do sinete formavam um montinho esbranquiçado.

Eufrasia escrevera-lhe. Passara uma semana desde que Matthew fora bruscamente despedido pela abadessa e já Arnolfo pensava ter cometido um grave erro ao ter confiado ao frade uma missão tão delicada. Devia ter sido ele próprio a ocupar-se do assunto, repreendia-se, e provavelmente o facto de ter mandado um mensageiro tão pouco experiente pusera em risco todas as hipóteses de chegar ao conhecimento da verdade. A abadessa, porém, com palavras simples e claras, comunicava-lhe a sua disponibilidade para receber novamente o frade inglês: compreendera, escrevia, os motivos da prudência que haviam levado Arnolfo a enviar uma pessoa estranha à vida da cidade e, pela sua parte, aprovava a escolha. Acrescentava imaginar porque andava o abade à procura de notícias da irmã Benedicta, apesar de lhe ser difícil compreender por que razão esta curiosidade demorara tantos anos a manifestar-se. Em qualquer dos casos, e uma vez que achava que a sua vida terrena chegara praticamente ao fim, afirmava que preferia apresentar-se diante de Deus sem aquele tremendo peso ! na consciência. Daí pedia-lhe para comunicar ao frade inglês que, desta vez, seria bem-vindo à sua cela.

O abade levantou os olhos do pergaminho, fixando um ponto impreciso da parede à sua frente. Não compreendia: o que significaria «aquele tremendo peso na consciência»? A que pavoroso acontecimento ! se referiria Eufrasia? Era evidente que a abadessa dava como certo que ele sabia tudo e que dela esperava apenas uma confirmação. Mas o facto é que ele não estava de posse de mais nada senão da inquietação que o sonho lhe provocara. E, no entanto, refletiu, talvez fosse melhor assim: se o frade Matthew tivesse sido hábil, podia saber muito mais do que aquilo que ele próprio podia esperar. Dando graças ao Altíssimo por lhe ter mandado aquela visão, Arnolfo levantou-se e pousou o pergaminho no pequeno baú, aos pés do catre. Tinha de falar com o frade inglês e já: mesmo que preferisse não o fazer, nesta altura devia realmente pô-lo ao corrente do sonho e das suas suspeições sobre Caterina Gisalbertini. Seria absolutamente necessário que o frade ouvisse o que abadessa tinha para lhe contar, com conhecimento de causa e sem deixar escapar nada. Provavelmente iria conseguir, pensava: a aparente brandura daquele homem parecia ocultar, aos olhos de um espectador atento, um carácter obstinado,

apoiado numa notável inteligência. E depois, mesmo não compreendendo donde lhe vinha aquela intuição, Arnolfo estava convencido de que também ele, vindo de tão longe sem um motivo plausível, teria qualquer coisa a esconder. Ver as mesmas fraquezas espelhadas num outro ser humano, meditou, poderia aliviar, de certa forma, o peso das próprias. O abade saiu da sua cela, direto à de Matthew, onde o esperava uma longa e difícil conversa.

## Capítulo 6

- Gosta destas peras pequeninas, Frei Matthew: aqui chamamo-las peras-martinhas...

- O nome de um santo atribuído a um fruto? - perguntou o frade, estupefacto, enquanto um fio de sumo adocicado e pegajoso lhe escorria, veloz, por entre a barba curta e avermelhada.

A abadessa sorriu; a sua expressão parecia mudada comparada com aquela que mostrara na visita precedente. Embora as rugas continuassem a sulcar-lhe o rosto, o seu olhar tornara-se benévolo, a boca perdera aquela prega amarga que, uma semana antes, apenas, acompanhara palavras duras e irritadas.

- Não, irmão, não tem nada a ver com San Martinho. É que em Milão chamamos «martinho» a um pateta qualquer que não tenha um nome mesmo seu, como fazem os garotos pelas ruas quando se dirigem uns aos outros... Certamente estas peras, que abundam no nosso campo, foram denominadas assim exatamente por serem muito comuns por estas terras.

-São uma delícia - concordou Matthew, limpando a boca à manga do hábito. Observando as cinco peras que tinham ficado no prato de estanho, contornadas por pedacinhos de queijo seco e por grossas fatias de pão branco, o frade não parava de se maravilhar com um acolhimento tão diferente que lhe fora reservado neste segundo encontro.

Depois das explicações detalhadas que Arnolfo lhe dera, seguidas das cuidadas recomendações sobre a maneira de se comportar e de ouvir, a sua ansiedade aumentara. Procurara convencer o abade da sua incapacidade para levar a cabo uma missão tão delicada, tanto mais depois de ter sido posto ao corrente das dúvidas e das suspeições que envolviam aquele caso. Arnolfo mostrara-se irredutível. Depois de lhe ter repetido que o facto de ser forasteiro seria uma garantia de objetividade, fizera-lhe compreender, e nem sequer muito veladamente, que, recusando aquele encargo, a sua permanência em San Simpliciano poderia dar-se por terminada.

Agora, e se bem que ligeiramente refeito por lhe ter sido tão indulgentemente servida aquela pequena refeição, e mais ainda por isto ter acontecido na cela da madre abadessa, onde, por norma, não era costume comer-se, Matthew esperava com uma impaciência crescente o início da conversa de Eufrasia. Arnolfo entregara-lhe uma carta de recomendação,

que a velha monja acabara de ler. Também lhe recomendara para não fazer qualquer pergunta, para se limitar, antes, a ouvir com a maior atenção. Todas as questões a colocar, acrescentara, iam já escritas no pergaminho.

- Faz como se os teus ouvidos fossem os meus - recomendara-lhe - e usa a boca apenas quando for estritamente necessário.

- Perguntando-se uma vez mais por que razão o abade não teria querido levar a cabo, ele próprio, esta investigação, e lamentando-se pela sua total incapacidade em se opor com mais determinação àquela incumbência, Matthew obedecera, por fim, sem colocar quaisquer outras objeções.

Erguendo os olhos velados para fixar o retângulo de céu que se adivinhava para lá da janela, Eufrasia começou a falar.

-Foi no mês de Abril de 1226, que nos trouxeram para aqui uma rapariga que se afogara no Vettabbia. Achei logo muito estranho que o corpo da pobrezinha tivesse vindo parar aqui a Lentasio, quando, bem mais próximo do lugar onde foi descoberto, se erguia um outro mosteiro; por outro lado, e como muito bem sabe, o hábito que vestimos obriga-nos a prestar os últimos cuidados a qualquer um que...

Pensei que, se o Altíssimo tinha querido que aquele pobre cadáver torturado fosse lavado e vestido por uma das nossas irmãs, seria inútil procurar explicações terrenas para os motivos que o tinham conduzido até à nossa casa. Só passados muitos anos descobri que um dos soldados de guarda à Poterna da Chiusa, adjacente ao lugar onde o corpo emergira da corrente, era irmão de uma das nossas noviças.

Provavelmente fora ele, tomado pelo horror de uma tal descoberta, que propusera trazer-nos o cadáver, na convicção de que o entregava em mãos piedosas. Foi a irmã Benedicta quem se ocupou dele. Recordo ainda o seu rosto térreo quando, depois de ter acomodado o corpo no caixão, veio pedir-me uma audiência. Benedicta cuidava um pouco de todos, aqui no mosteiro e, de facto, tinha uma grande experiência de doenças e de ervas medicinais; sempre que sobrevinha alguma doença grave ou um simples achaque passageiro, todas nós confiávamos nela. Desta forma, podereis compreender a razão por que as formas visíveis do corpo humano não tinham segredos para ela e porque, perante o sofrimento, se mostrava sempre forte e determinada. Foi, portanto, com grande espanto que ouvi aquela voz entrecortada pelo choro, enquanto me explicava que a morte da afogada não se devera à água do rio, mas a um assassinio. A rapariga fora estrangulada e de seguida lançada no Vettabbia.



Um profundo suspiro interrompe as palavras da abadessa. Os olhos, fixos na janela, haviam-se reduzido a duas frestas inexpressivas; as mãos, pouco antes apoiadas no regaço, entrelaçavam-se, agora, fortemente, revelando, sob a tensão da pele fina, uma rede inchada de veias superficiais.

-Certamente sabeis, irmão - continuou Eufrasia, olhando de frente para o seu interlocutor -, que esta cidade luta há mais de vinte anos contra o imperador Federico, que queria convertê-la num domínio seu; esta longa guerra trouxe lutos e desgraças de todos os géneros, privando Milão dos seus jovens mais corajosos, como aconteceu em Cortenuova, já lá vão seis anos, onde, segundo dizem, o imperador até elefantes, aqueles monstruosos, aqueles enormes animais, de que falam os historiadores latinos, fez alinhar no campo... Um mês antes, apenas, de a pobre rapariga afogada ter chegado ao nosso mosteiro, Milão formara uma nova aliança com muitas outras cidades, com vista a novas e cruéis batalhas contra Federico. Podeis, desta forma, imaginar a efervescência e a agitação que então reinavam por aí: mercadorias vendidas a preços muito superiores por mercadores ávidos e sem escrúpulos, camponeses que vinham em grupos para dentro das muralhas fugindo dos soldados que devastavam as suas terras, cortejos de beligerantes que atravessavam continuamente a cidade, cônsules e *podestà* em reuniões permanentes, o próprio arcebispo...

Ao pronunciar esta última palavra, a voz da madre abadessa engrossou numa espécie de soluço contido, enquanto os seus olhos se fechavam de repente, como se não quisesse ver mais nada. Uma difusa e lenta vermelhidão a florava-lhe das faces até às pálpebras.

Apesar da evidente perturbação do rosto de Eufrasia e de isso lhe transmitir uma certa angústia, Matthew, lembrando-se das recomendações do abade, não ousou sequer abrir a boca. Graças à luz que lhe iluminava as suas costas e que lhe mantinha o rosto na sombra, o frade observava as transformações que se produziam nas expressões da velha monja. Esperou, em silêncio.

A abadessa reabriu os olhos, que agora fixavam, pungentes, o seu interlocutor.

- Sois um ótimo ouvinte, Frei Matthew - retomou com uma sombra de aspereza na voz -, foi no vosso convento que vos ensinaram o silêncio ou foi Arnolfo que o aconselhou? Matthew abriu a boca para responder às palavras amargas de Eufrasia, mas, subitamente, um gesto imperioso da sua mão obrigou-o a calar.

-A minha pergunta não precisa de resposta, irmão! Mantende-vos calado e

deixai-me terminar. Como eu estava dizendo, Milão vivia, portanto, no meio de uma grande agitação, e cada um fazia por salvar os seus próprios haveres e a sua própria pele, sem dar grande atenção à salvação da sua alma. O próprio arcebispo... sim, na verdade, até ele tinha já inúmeras preocupações; poucos anos antes fora expulso da cidade, juntamente com uma imensidão de famílias aristocráticas, sob a acusação de cuidarem dos seus interesses próprios em detrimento das classes populares. Não sei se isto era verdade, mas estou certa de que ele se empenhava o mais possível por manter a autonomia da Igreja metropolitana. Tudo somado, penso que Enrico da Settala foi um bom arcebispo de Milão. Seja como for, Enrico tinha um sobrinho, filho de uma irmã por parte da mãe; este homem chamava-se Lanfranco Calgario...

Ao ouvir este nome, que já ouvira antes da boca do abade, Matthew endireitou-se, enquanto os olhos se lhe dilatavam numa expressão de surpresa. À abadessa não passou despercebida a nova atitude do frade.

- Vejo que Arnolfo já vos falou dele e, provavelmente, também de Caterina Gisalbertini! Todavia, mesmo que a irmã Benedicta lhe tenha confiado tudo o que sabia, o abade não conhece toda a história...

Pois bem, deveis saber que os Gisalbertini eram parentes, embora afastados, da minha família de origem. Desde pequena, ainda eu nem sonhava vir a acabar os meus dias num mosteiro, que os pais de Caterina vinham visitar o nosso palácio de vez em quando. Ainda me recordo da minha surpresa de miúda pequena perante a riqueza dos seus fatos, mas sobretudo a extraordinária beleza de Clelia, a mãe de Caterina. O seu rosto, emoldurado pelo véu, assemelhava-se ao retrato da Virgem que conservamos na capela; o seu olhar era alegre e doce e as suas mãos brancas e afiladas guardavam sempre uma carícia para nós, miúdos. E depois lembro-me do medalhão que usava ao peito, pendurado de um fio comprido. Era um disco redondo de prata esmaltada sobre o qual estava gravado o brasão da família. Nunca se separava dele ou, pelo menos, sempre que a encontrei, trazia-o posto.

Ah, se soubésseis, irmão, como aquele berloque perturbou a minha vida de meditação e de orações!...

Enquanto Eufrasia prosseguia a sua descrição, Matthew ouvia: à medida que ia tendo conhecimento de uma tão longa série de desgraças e horrores, emoções diversas alternavam na sua cabeça.

A piedade pela rápida desagregação daquela família, a raiva relativamente

àquele homem que ferozmente se aproveitara da inocente fraqueza de Caterina, a incredulidade perante o silêncio que se abatera sobre o assassinio, o desgosto pelas maquinações dos poderosos que, como por várias vezes experimentara já na sua vida, resultavam sempre em prejuízo dos mais indefesos.

As palavras fluíam agora, como um verdadeiro rio, dos lábios da madre abadessa e a sua voz apenas se alterou quando falou do filho que Caterina havia dado à luz.

- Não posso sabê-lo com toda a certeza, mas acho que se tratava de uma menina e vou explicar-vos mais adiante o que me levou a esta suposição. Como vos disse, assim que Benedicta mo mostrou, eu reconheci imediatamente o medalhão que a afogada trazia ao pescoço. Era o de Clelia, herdado pela filha depois da morte da mãe.

Por esta razão, convoquei logo o frade Algiso, secretário do arcebispo, para vir ao mosteiro, na esperança de que Enrico da Settala promovesse uma qualquer ação inquisitória contra Lanfranco, que, de acordo com as minhas suspeitas, devia ter tido muito a ver com a morte de Caterina. Ah, quanto me iludi! Como é evidente, dos seus interesses políticos não constava perseguir um outro membro da aristocracia, mesmo tratando-se de alguém de mais baixa linhagem. Além disso, o facto de Lanfranco ser um seu parente, embora afastado, deve tê-lo levado a não fomentar nenhum escândalo que pudesse de qualquer modo atingir a sua figura de chefe da Igreja milanesa. O meu pedido, teve, portanto, um resultado bem miserável: o arcebispo não só não fez nada relativamente ao seu sobrinho, como chegou a dirigir-me umas ameaças veladas. Aproveitando-se de uma questão em curso com um dos nossos rendeiros que há anos não cumpria o seu contrato com o mosteiro, tomou a parte dele defendendo-o e ameaçando confiscar uma parte dos nossos bens caso não retirássemos a nossa ação contra ele. Se as coisas se tivessem processado assim, o mosteiro teria fechado, nenhuma de nós teria outro teto debaixo do qual pudesse rezar... Mas quantas vezes me arrependi da minha submissão à vontade do arcebispo! Deveria ter-me rebelado, dirigir-me à autoridade civil...

Os olhos da madre abadessa estavam agora rasos de lágrimas.

Matthew, não conseguindo controlar por mais tempo a sua compaixão por aquela pobre velha, a quem o desespero despojara de uma dignidade teimosamente perseguida, estendeu os braços na sua direção num gesto de assumida solidariedade. Eufrasia olhou-o. As lágrimas corriam-lhe

livremente pela cara, o pudor face às suas próprias emoções desaparecera-lhe do rosto: a abadessa mostrava-se nua perante a piedade de Matthew. Depois de ter suspirado profundamente, sorriu-lhe.

-Compreendeu agora por que razão Arnolfo o escolheu para vir falar comigo? A misericórdia vive no vosso coração, irmão Matthew, e não pode imaginar o quanto a vossa compreensão me ajuda...

- Endireitando as costas e fungando, Eufrasia fixou-o e retomou o fio da conversa. - Estava a falar-vos da menina: quase conseguira tirar da minha mente a obsessão daquele homicídio, quando, passado um ano, percorrendo com as minhas noviças a Via Porticata para chegar à Basílica Maggiore, dei comigo a observar as lojas com as mercadorias expostas. Estava um belo dia de Primavera e íamos com muita antecedência para a função: que mal havia em olhar para coisas que nós não poderíamos nunca ter? As minhas protegidas mostravam-se felizes com aquela novidade e corriam como crianças de uma banca para a outra, sufocando risinhos de entusiasmo, tendo cuidado para que toda aquela alegria não se tornasse muito evidente. Também os meus olhos observavam as mercadorias, embora mais à distância.

A certa altura, parei, impressionada com o que apenas entrevira.

Disposto sobre um pedaço de tecido estendido entre dois cavaletes, no meio de muitas outras bugigangas e bibelôs a dois soldos, um medalhão idêntico ao dos Gisalbertini dava bem nas vistas. A única diferença estava na dimensão: este era muito mais pequeno do que o outro e estava preso a um fio muito mais fino. Senti-me desfalecer.

Durante um longo instante vi o mundo girar à minha volta vertiginosamente: os bancos, a gente, as irmãs flutuavam no ar sem parar.

Quando consegui retomar consciência do lugar onde me encontrava, dei-me conta de que a vendedora das ditas bugigangas me olhava preocupada: devia estar lívida. Com a voz um pouco trémula, que ela terá atribuído à minha idade, perguntei-lhe onde tinha encontrado aquele berloque, que, pelo aspecto, deveria ter pertencido a uma família aristocrática. No seguimento dessa pergunta inocente, assisti, por parte dela, a uma repentina mudança de expressão: os seus olhos fixaram-me assustados e a sua boca começou a tremer, ao mesmo tempo que balbuciava palavras confusas. Não conseguindo obter uma resposta sensata e dispondo já de pouco tempo, convidei-a a ir ao mosteiro no dia seguinte. A rapariga, agitadaíssima, não pôde recusar: enquanto me afastava, vi-a recolher à pressa e nervosamente

todas as mercadorias e abandonar precipitadamente a pequena banca...

O perfume intenso das peras muito maduras tomara já conta do quarto e tornara o ar pesado. Uma enormíssima fila de formigas atingira, há pouco, a borda do prato de estanho: depois de terem subido pacientemente por uma das pernas da mesa, seguindo o trilho de uma fresta da madeira, atravessavam, agora, o pano da Flandres que o cobria.

A guarda avançada daquele exército minúsculo navegava já no suco que os caroços haviam largado e formava pequenas manchas negras que lentamente se estendem sobre o cinzento translúcido do prato. Enquanto a abadessa continuava a sua conversa sem se dar conta daquela frenética e faminta atividade, Matthew mantinha os olhos baixos, observando mecanicamente a intensa atividade dos insetos.

- ... está a ver o que aconteceu, irmão Matthew? A rapariga tinha realmente roubado aquele medalhão! Entre lágrimas confessou-me que, até um ano antes, vivera no campo, perto de Lambro, nas proximidades de uma quinta que sabia pertencer a uma família nobre.

Quando se espalhara a notícia de que os dois caseiros tinham sido mortos por salteadores e que a quinta estava momentaneamente sem guarda, ela e o marido resolveram vasculhar a casa na esperança de encontrar algum dinheiro escondido em qualquer buraco da parede.

E na verdade não só haviam encontrado o dinheiro como, além dele, num pequeno contador no compartimento do rés-do-chão, entre roupas e faixas de recém-nascido, ela encontrara também o medalhão. Juntando um pequeno capital com aquele roubo, haviam-se transferido de seguida para um lugar mesmo perto das muralhas da cidade, onde todos os dias vinham vender os seus objetos. Chorava, desesperada, implorando-me que não a denunciasses às autoridades; dizia que, desde o referido dia de um ano antes, não roubara mais nada e que aquele medalhão só lhe trouxera desgraça. O marido morrera, com a investida do cavalo de um soldado que repentinamente se enraivecera, e que ela própria estava doente: restava-lhe apenas uma única filha atrasada e muda que levava consigo por onde quer que andasse e de quem ninguém tomaria conta quando ela morresse. Não sei se seria tudo verdade, como não sei se aquele teria sido o seu primeiro e único roubo, perpetrado por necessidade, como a rapariga me disse: em todo o caso, achei que não deveria falar do furto a ninguém e deixei-a ir-se embora, recomendando-lhe que se mantivesse honesta, no futuro. Nos seis meses seguintes não voltei a ver a sua banca na Via Porticata; ignoro qual

terá sido o seu fim e ninguém me soube dar notícias dela...

- E o medalhão? - ousou perguntar Matthew, na tentativa de acelerar o fim da história, que, cada vez mais enredada em detalhes, não chegava ao fim por que esperava.

- O medalhão permanece nas minhas mãos, como é de justiça, e constitui a prova de que as minhas suspeitas sobre a morte violenta de Caterina eram fundamentadas. O irmão talvez não saiba, mas as famílias aristocráticas costumam distinguir-se umas das outras por sinais exteriores que reproduzem o brasão da casa. O medalhão roubado, como já vos disse, era igual ao de Clelia Gisalbertini, mas de dimensões mais reduzidas, portanto, um medalhão criado propositadamente por um ourives para um recém-nascido, isto é, para uma recém-nascida, visto que só as meninas usam estas pequenas jóias de família... Compreendeu agora, irmão? Por aquela quinta passou seguramente uma Gisalbertini ou talvez mesmo duas! O que constou sobre a gravidez de Caterina, e que chegou ao mosteiro não sei ainda por que via, tinha, provavelmente, fundamento, enquanto do seu sucessivo desaparecimento nunca ninguém quis saber. Poderá compreender agora a razão por que, depois da descoberta deste segundo medalhão, as minhas suposições sobre a identidade da afogada se tornaram bem mais do que uma suspeita. Mandeí então fazer umas investigações discretas a um dos nossos caseiros, um homem fiel e muito ligado ao mosteiro, e soube que, juntamente com Caterina, desaparecera também e sem deixar rasto a sua criada, que, apesar de muito nova, estava ao seu serviço havia um tempo; também me foi dito que lhe era particularmente dedicada e que por razão alguma a teria abandonado.

O caseiro não conseguira encontrar-lhe o rasto, e sendo assim, só podem ter acontecido duas coisas: ou foi morta e feita desaparecer, ela também, ou então fugiu, levando talvez consigo a criança.

-Mas - interrompeu-a Matthew -, como teria ela conseguido cuidar de si própria e ao mesmo tempo da recém-nascida sem um lugar onde ficar? Porque, se tivesse ido para qualquer lugar, por esse campo, vós teríeis sabido, não é verdade? - Certamente. E com efeito pensei muitas vezes num determinado mosteiro, onde a criança poderia ter sido exposta: para quem venha daquela zona do Lambro, San Celso é o primeiro mosteiro que se encontra ao entrar na cidade. Imaginei que, em caso de fuga da quinta, a criada se dirigiria a Milão e teria podido abandonar a criança ali mesmo. Recordo-me que até cheguei a falar com o abade daquela época, pedindo-

lhe para fazer umas investigações, mas ele desencorajou-me logo dizendo que, considerando o número de recém-nascidos ali expostos todos os anos, ninguém iria conseguir identificar a menina! Fiquei muito desiludida. Apenas trouxe comigo a lista dos nomes das amas a quem as crianças tinham sido entregues na Primavera de mil duzentos e vinte e seis: ainda hoje a conservo, mas nunca mais a utilizei. Oh, bem sei que devia ter procurado mais, mas, se não o fiz, foi por temer arriscar-me a divulgar as minhas suspeitas.

Diz-se para aí, sabe... apesar de se tratar de uma grande cidade, a arte do mexerico é muito cultivada, até mesmo dentro das próprias paredes dos conventos e dos mosteiros, onde cada fragmento da vida mundana contribui para tornar a solidão menos gravosa. Assim, deixei tudo para trás, iludindo-me ao pensar que iria conseguir apagar dentro de mim aquela ideia que crescera e se convertera numa obsessão, possivelmente sem fundamento: procurei também dissuadir a irmã Benedicta dos seus pensamentos atormentados, mas, como Arnolfo vos disse, não o consegui. E agora, passados todos estes anos, e à beira da morte, encontro-me ainda na situação de ter de prestar contas desta grave omissão: como poderei algum dia chegar à presença do Altíssimo com este peso na consciência? Como poderei justificar a minha indolência, se com um pouco mais de empenhamento talvez tivesse conseguido, quem sabe, salvar uma vida humana? O rosto da abadessa estava térreo, os olhos entreabertos fixavam o chão. Como dois ramos quebrados ainda presos ao tronco por uma exígua tira de casca, os seus braços oscilavam inertes no regaço.

Apenas as pontas dos pés, que mal chegavam a tocar o chão, se arrastavam, nervosas, pelas juntas das pedras.

Matthew olhava-a sem saber se deveria responder com uma frase de consolo àquela mágoa já inútil. Depois de um longo momento de silêncio, Eufrasia ergueu os olhos e fixou o frade.

-Isto é tudo o que tenho a dizer-vos: duvido que estas informações sejam suficientes para Arnolfo. Por outro lado, dado que o abade demonstra um tão grande interesse por este acontecimento, acho que poderei fazer-lhe um pedido: continuai, senhor, a procurar a menina, encontrai-a e restituí-a à dignidade a que tem direito. Não fazeis uma ideia de quão difícil é a vida aqui em Milão para uma criatura sem proteção! Se a pequenina sobreviveu à mãe, já deve ser quase uma senhora e poderá viver por aí, num hospital a cuidar de doentes, num mosteiro a varrer o chão, ou, Deus nos guarde!, na

estrada a vender o corpo. Fazei por encontrá-la, irmão, suplico-vos, encontrai-a...

A expressão de Eufrasia tornara-se febril, os seus olhos chispavam inquietos e a boca tremia. Apoiando-se com dificuldade aos braços da cadeira, levantou-se: no esforço, um dos seus joelhos cedeu e fê-la cambalear perigosamente. Matthew precipitou-se para a socorrer, evitando apenas por um segundo uma queda desastrosa. A madre abadessa agradeceu-lhe e, depois de se ter recomposto, acompanhou-o à porta da cela. Aqui, depois de uma breve paragem, tirou da algibeira do hábito um pequeno cartão já gasto que depositou nas mãos do frade, explicando-lhe que se tratava da lista dos nomes das amas.

- O abade saberá fazer bom uso dela - acrescentou depois e após um instante de indecisão, disse-lhe ainda: - Dizei também uma outra coisa ao abade: no caso de um dia vir a ser encontrada, essa pobre rapariga não terá sequer uma sepultura onde chorar a sua mãe.

A afogada, com efeito, foi sepultada no nosso cemitério, mas, como possivelmente Arnolfo lhe terá explicado, o Lentasio mudou de sede poucos anos depois daquele acontecimento. Estávamos perto da Basílica Maggiore: depois, para dar início à construção do Broletto, o mosteiro foi removido para aqui, no limite das muralhas onde o vê agora. Do velho mosteiro nem uma pedra sequer ficou, todo o complexo foi destruído para dar lugar aos novos palácios da *podestà*: até o cemitério já não existe, como é óbvio. Sabe-se lá onde terão acabado todos aqueles pobres ossos...

Um arrepio percorreu o corpo ressequido da velha abadessa, enquanto os seus olhos revelavam um cansaço antigo e já sem cura possível. Matthew anuiu respeitosamente e prometeu que iria entregar a lista ao abade e dar-lhe conta de todas as informações daquela audiência. A abadessa despediu-se, ao mesmo tempo que o pequeno sino da capela tocava a hora sexta. Eufrasia compôs o escapulário do seu hábito e, em passos curtos, dirigiu-se para o corredor externo: aqui, uma noviça iria ajudá-la a subir a escada que conduzia à capela onde seriam lidos os Salmos.

A brisa que atravessou a cela quando a porta se abriu não perturbou as formigas, que, agora em legiões, cobriam totalmente o prato de estanho. Peras, carochos, queijo e pão estavam completamente pretos e dariam a impressão de carbonizados se o bulício dos insetos não conferisse àquelas formas inanimadas uma espécie de movimento lentíssimo que, na penumbra do quarto, mal se percebia.





## Capítulo 7

-Donde vem este fedor, pai? ; Bartolomeo «farejava» o ar, virando a cabeça de um lado para o outro cheio de curiosidade: a boca fizera um esgar de desagrado.

Até o cavalo que montava parecia abominar aquele cheiro: as ventas tremiam, enquanto a cauda, que espreitava por entre a gualdrapa finamente bordada, agitava o ar em volta como que para afastar aquele horrível fedor.

Aimone sorriu. O seu filho, pouco habituado à planície, nunca experimentara os maus odores da cidade.

-Este «fedor», como tu lhe chamas, provém daquela oficina que vês além em cima, onde as hastes do linho são postas a macerar.

Para dar aquele tecido que tu tão bem conheces, a planta deve, primeiramente, ser trabalhada de uma forma particular: as fibras da planta são primeiramente humedecidas na água e depois, quando já estão bastante moles e filamentosas, são postas a enxugar. Só depois se poderá extrair o fio que, enrolado em meadas, servirá para tecer.

Bartolomeo anuiu, fingindo-se satisfeito com a explicação: na verdade, compreendera o processo de laboração do linho mas não tinha ainda percebido claramente por que razão toda aquela operação produzia um cheiro tão nauseabundo. Não querendo aborrecer mais o pai, decidiu apertar as narinas e pensar noutra coisa.

Estavam quase a chegar a Milão, dissera-lhe pouco antes Aimone.

O local onde então tinham parado para dar descanso aos cavalos chamava-se San Pietro al l'Olmo, um pequeno burgo feito de um Punhado de casas, uma igreja e um rio, nas margens do qual surgiam a fábrica do linho e, um pouco afastado, um moinho de cereais.

O curso de água não passava de um riacho sujo, bem diferente das águas claras e volumosas do Dora, que Bartolomeo estava habituado a percorrer a cavalo juntamente com o pai.

Aimone era o castelão de Graines, no vale Augusta, e, embora o seu feudo fosse pequeno comparado com as possessões dos senhores de Challant, muitas eram as incumbências e as preocupações que marcavam os seus dias. Bartolomeo, o seu único filho, tinha onze anos: era um rapazinho vivo mas ajuizado que fora capaz de crescer de forma equilibrada, mesmo sem a presença tranquilizadora da mãe.

Com efeito, a mulher de Aimone morrera logo após o parto: a ama, primeiramente, e depois os preceptores haviam sido os companheiros de infância do rapazinho. O castelão, por seu lado, contribuía para a sua educação, ensinando-lhe as artes da cavalaria e, mais importante ainda, o comportamento respeitoso que é devido a toda a gente, quer se trate de um aristocrata ou de um popular. Aimone não quisera voltar a casar, tal não fora a sua dor pela perda da mulher, que amara ternamente e cujo desaparecimento, lá bem no fundo, ainda não aceitara. Nenhuma outra mulher, pensava, iria poder substituí-la no seu coração e, portanto, preferira dedicar todas as suas energias à governação do feudo e à educação do filho. Naqueles dias estava de viagem para Milão a pedido de Gotofredo de Challant, o senhor mais importante do vale Augusta. Gotofredo confiara-lhe uma missão delicada que deveria cumprir com discrição e sagacidade. Challant, que aos poucos ia estendendo o seu poderio a quase todos os feudos do vale, estava preocupado com as contínuas incursões perpetradas pela soldadesca do imperador ou pelos nobres rebelados contra as novas autonomias comunais das grandes cidades da planície, nas terras que confinavam com os seus territórios. As invasões e as súbitas escaramuças entre os aliados de Federico e os de Milão perturbavam a paz das estradas que ligavam o vale ao resto da Lombardia, perturbando as trocas comerciais com o Sul e o Oriente. Muitos mercadores provenientes de Veneza, habituais fornecedores da corte do visconde, haviam-no avisado de que, se as rotas comerciais para o vale se mantivessem tão arriscadas e inseguras por muito mais tempo, prefeririam levar as suas mercadorias para outros mercados. Embora Gotofredo tivesse imediatamente intuído que as dificuldades de ligação de que os comerciantes se lamentavam não passavam de um pretexto fácil para aumentar os preços de forma incontrollável, não quisera, todavia, arriscar-se a perder as consideráveis importâncias das portagens, que, asseguradas pela troca de cada um dos tipos de mercadorias, constituíam a base da florescente situação financeira dos seus feudos.

Gotofredo era um político demasiado hábil para querer alinhar com uma das duas partes em luta entre si. Milão era um centro importante: todos os tráficos, mercantis e de poder, passavam por ali e o visconde sentia a absoluta necessidade de manter boas relações com a cidade.

Além disso, apesar de os Milaneses serem conduzidos por um governo comunal tão diferente, nos seus fundamentos, da gestão de um feudo, ele

próprio ouvira falar de uma próxima restauração aristocrática fomentada pelo descontentamento de algumas famílias nobres constrangidas ao exílio pelos atuais notáveis da cidade. Federico de Hohenstaufen, por outro lado, era apenas o último dos muitos imperadores germânicos que haviam ambicionado a posse de toda a Itália: apesar de ter nascido em solo italiano, sempre fora um alemão e, para mais, sobrinho desse outro Federico que já demonstrara tanta crueldade relativamente à cidade de Milão e à Lombardia. Não havia motivo, portanto, pelo menos por agora, para se juntar às fileiras daqueles que o estimavam; o tempo, pensava Gotofredo, resolveria as suas dúvidas. No fundo, os imperadores passam, enquanto o seu feudo se mantinha estável e à espera de ser governado pelos seus filhos, ainda por muitos anos.

As suas relações com Aimone eram de uma prudente boa vizinhança: uns anos antes, uma condessa revoltada com uma imprevidente incursão do seu irmão Bosone nos territórios do castelão de Graines arriscara-se a provocar fricções perigosas entre os dois feudos, mas uma série de circunstâncias felizes permitira, de seguida, restabelecer um entendimento cordial, ainda que cauteloso. A atual necessidade de clarificar os termos da confusa situação de Milão levava Gotofredo a pedir a ajuda de Aimone, que conhecia por ser um político hábil e astuto; a missão para a qual pedira a sua intervenção era, na realidade, uma obrigação à qual o castelão não poderia eximir-se, sob pena de novo exacerbamento das relações com o visconde. Ciente do poder que detinha sobre ele, Gotofredo encarregara-o de se encontrar com a *podestà* de Milão e possivelmente com o arcebispo para conseguir adivinhar, pelas suas conversas, quais seriam os futuros passos da administração cidadina relativamente ao imperador e ao papado.

Se bem que estivesse perfeitamente consciente da chantagem que o visconde exercera em seu prejuízo, Aimone aceitara de bom grado. Uma recusa tê-lo-ia privado, quem sabe por quanto tempo, da benevolência de Gotofredo: além disso, e dado que o seu feudo era muito pequeno, a posição estratégica do seu castelo poderia atrair futuramente, a cobiça do visconde ou de algum dos seus irmãos. Era portanto, de forma resignada que fazia a viagem para Milão. Para se sentir menos sozinho, e sobretudo para oferecer ao filho um motivo de distração, propusera a Bartolomeo que o acompanhasse; o rapaz mostrara-se entusiasmado com tal diversão. Até agora, as suas deslocações a cavalo na companhia do pai nunca tinham ido além do vale Augusta e a perspectiva de visitar uma grande cidade da

planície havia-o deveras entusiasmado.

Agora, que aquele odor fétido não lhe saía das narinas, Bartolomeo já não se mostrava tão certo de querer continuar a viagem.

O caminho até ali tinha tido algumas complicações: soldados por todos os lados, pontes abatidas à machadada, longos desvios por pequenos vales laterais, aldeias queimadas e cadáveres. Embora o pai tentasse desviar a sua atenção quando passavam ao lado daqueles pobres corpos abandonados pelos campos, mais de uma vez, do alto da sua cavalgada, o rapaz se arrepiara ao observar olhos cegos e membros desarticulados, trágicos fantoches de carne. Um dia, perto de uma cidade da qual não recordava o nome, haviam visto quatro crianças mortas, degoladas sem piedade: a seu lado jazia a mãe, decapitada. Bartolomeo perguntara a seu pai qual a razão de tanto ódio, mas Aimone, tão perturbado quanto ele com aquela visão aterradora, não soubera responder: havia, pelo contrário, ordenado a ] dois dos seus criados para darem sepultura àquelas pobres criaturas.

E, imediatamente após aquela operação piedosa, tinham retomado a viagem, apressados e calados.

- Paramos por esta noite na estalagem, Bartolomeo, os cavalos estão muito cansados para prosseguir viagem. Amanhã de manhã pomo-nos a caminho logo de manhãzinha e chegaremos a Milão em pouco mais de uma hora. Vês aquela porta que tem por cima da tranca um ramo de avelaneira? É para ali que vamos: enquanto os criados recolhem os cavalos no estábulo, nós vamos comer qualquer coisa e depois faremos um belo sono... estás contente, meu filho? Provavelmente, dentro da estalagem não se deve sentir este fedor nauseabundo, bem pelo contrário, deve haver um cheirinho a sopa e a carne! Portanto, deixa o cavalo e vamos! Aimone ajudou Bartolomeo a descer do seu cavalo. Assim que se pôs de pé, o rapazinho cambaleou: doíam-lhe as nádegas e sentia os músculos das coxas entorpecidos. O pai pôs-lhe a mão nas costas para o ajudar a recuperar o equilíbrio: depois, sempre com a mão a amparar-lhe as costas, dirigiu-se com ele para a estalagem. Na soleira da porta, uma rapariga corpulenta esperava-os enquanto arranjava ansiosamente o cabelo desgrenhado; era um dia especial. Em poucas horas tinham chegado hóspedes ilustres, facto que raramente acontecia na sua taberna: primeiro, um médico, vestido com as suas vestes púrpuras, escoltado por três impedidos armados; agora, este homem de pose aristocrática, acompanhado por um rapaz que provavelmente era seu filho. Lamentando-se por não ter mudado de fato

naquela manhã, a rapariga procurou ajeitar o avental, tão amarrotado, e dar-lhe um aspecto mais agradável e, com um sorriso servil, foi ao encontro dos dois novos estrangeiros.

- Então o senhor é o castelão de Graines? - gracejou o médico com a boca ainda meio cheia.

Aimone, que já acabara de jantar, sorvia devotadamente um copo de vinho insípido e vagamente ácido. À mesa da estalagem tinham ficado apenas os dois: Bartolomeo e os criados haviam-se retirado para o grande salão no andar de cima, onde a hospedeira lhes arranjara os catres. O castelão mostrava curiosidade por aquele homem maciço que, demonstrando grande gosto pela carne, ainda não deixara de comer. O cabelo era espesso, como, aliás, as sobrancelhas que, ligeiramente acinzentadas, dominavam dois olhos escuros e penetrantes; as mãos, que levavam à boca a peça de caça, eram grandes, mas revelavam nos movimentos um não sei quê de delicado.

O homem apresentara-se como Enrico da Bergognone, médico formado.

Explicara-lhe que se encontrava ali, nas proximidades de Milão, regressado de Montpellier, para onde fora, seis meses antes, para aprofundar os conhecimentos sobre alguns aspectos da sua profissão.

Naquela cidade de França, explicara, existia já há um tempo uma ótima escola de medicina, para onde se deslocavam os melhores físicos árabes, espanhóis, franceses e até ingleses para continuarem os estudos, aperfeiçoarem os métodos, trocaram experiências. Ele, por seu lado, durante o tempo que estivera lá, havia aprendido e experimentado uma nova técnica de grande utilidade para evitar a dor no decurso de uma operação, como, por exemplo, as amputações de membros: chamavam-na de anestesia, dizia, e praticava-se fazendo com que o paciente cheirasse, antes de se aplicarem os instrumentos, uma esponja embebida em ópio e meimendo-negro, oportunamente misturados em elevadas doses. Chamavam-na de «esponja soporífera» e os seus eflúvios faziam com que o doente entrasse num sono artificial, que, privando-o por um tempo da consciência, permitia ao cirurgião trabalhar as suas carnes, tendões e ossos, que assim se mostravam insensíveis à dor. Face à surpresa de Aimone, esclarecera que a dificuldade estava em calibrar perfeitamente a quantidade dos dois remédios, porque o excesso, mesmo que só de uma das duas substâncias, poderia provocar a morte. Acrescentara depois, satisfeito, que até agora não perdera um único paciente e que, devido à sua experiência, tinha introduzido a nova técnica na sua cidade, para a qual se dirigia. Antes,

porém, teria de parar por alguns dias em Milão, onde a *podestà*, sabendo da sua habilidade de físico e cirurgião, lhe pedira para o ver: um mensageiro portador de uma carta sua fora ao seu encontro em Magenta. As palavras da *podestà* eram claras: esperava-o quanto antes para uma consulta por causa de um mal que o atormentava há um tempo e do qual os médicos de Milão não conseguiam curá-lo de um modo definitivo.

Aimone, ligeiramente enfadado com a ostentação com que o médico descrevera as suas capacidades profissionais, mas consciente da sua efetiva importância, ficara a ouvi-lo, apesar de o estado doloroso das suas articulações reclamar um repouso urgente no catre ao lado de Bartolomeo. Temendo que à pergunta de Enrico sobre a sua qualidade de castelão se seguissem outras ditadas pela curiosidade sobre os motivos que o haviam conduzido a Milão, o castelão deu uma resposta seca e rápida, a que juntou as razões do seu cansaço.

- Se quiser partilhar connosco o resto da viagem, teremos então oportunidade de conversar ainda: agora tenho de ir ter com o meu filho e guardar o seu sono: sabe, é a primeira vez que me acompanha numa viagem tão longa e, como viu, é ainda um rapazinho e precisa de companhia...

O médico sorriu condescendente e Aimone despediu-se: encontrar-se-iam de manhãzinha e fariam juntos a viagem para a grande cidade. Ao mesmo tempo que os degraus de madeira que levavam ao primeiro andar gemiam sob o peso do castelão, a estalajadeira, semi-escondida na penumbra do canto mais longínquo da sala, calculava, silenciosamente, pelos dedos, a conta que apresentaria no dia seguinte.

Somando a caça, o pão, o vinho e o aluguer dos catres, iria arrecadar um belo dinheiro daqueles hóspedes ilustres. Além disso, considerando o aspecto aristocrático que ambos mostravam, teria mesmo a possibilidade de aumentar as tarifas habituais, certa de que pagariam sem pestanejar. Satisfeita com o seu propósito, levantou-se e dirigiu-se à cozinha, onde, com grande atenção, apagou o fogo que ainda ardia entre os tições da lareira: levantara-se vento e o simples retorno da chama bastaria para pôr em perigo a estrutura de madeira da sua estalagem. Depois de ter trancado a porta, varreu a palha suja que cobria o pavimento e fez dela um montinho que encostou à parede. Depois, bocejando ruidosamente, foi até ao seu enxergão, onde se deixou afundar, exausta.

## Capítulo 8

Aimone abriu a minúscula janela que dava para a galeria. Era bem cedo, mas o céu estava já claro: embora o ar de Milão não fosse tão leve como o que estava habituado a respirar em Graines, uma ligeira brisa agitava a cortina presa à ombreira exterior do batente e contribuía para amenizar aquele calor já estivo. Mesmo à sua frente, o longo peitoril da varanda sustinha uma gaiola de junco, onde um passarinho se desfazia em gorjeios agudos e melódiosos; um pouco mais além, uma corda de cânhamo sustentava um cesto suspenso sobre a ruela e que, naquele preciso momento, fora baixado; logo a seguir, um monte de cobertores, estendidos para o exterior a apanhar ar.

- Bom dia, senhor - exclamou, toda afoita, uma jovem criada que saíra da porta lateral da galeria. Com um sorriso aberto no rosto redondo, a rapariga cumprimentou com uma vénia e depois, juntando os cobertores, colocou-os, assim, sobre o seu braço forte e desapareceu no interior da casa. A residência que hospedava Aimone era propriedade do Mosteiro Maggiore e ocupava uma parte da área pertencente à Igreja de Santa Maria al Circo, que dele dependia. Situava-se numa zona densamente povoada e relativamente perto de um rio que ali chamavam de Nirone, ao longo do qual o castelão havia visto dois Moinhos. «Estes, pelo menos, não fazem aquele mau cheiro!», sorria Para si mesmo Aimone, recordando o desgosto do seu filho com os eflúvios de San Pietro al l'Olmo. Ficara admirado, ao entrar na cidade três dias antes, com os inúmeros cursos de água que banhavam Milão: O grande fosso que circundava as muralhas era intersectado a toda a volta por pequenos ribeiros, torrentes, canais que nele iam desaguar, atravessando percursos sinuosos, entre as igrejas e as ruelas. Pequenos quintais e grandes quintas ocupavam todo o espaço livre entre as casas: da galeria que ali de cima dominava o quarteirão, Aimone podia ver uma vasta área cercada onde, ordenadamente dispostas, fileiras de árvores de fruta alternavam com vinhas. E já àquela hora antelucana, na rua que passava por baixo, se notava um grande movimento: criados que se abasteciam no mercado, carros que se esforçavam por se enfiar no estreito espaço das ruelas, cavalos que seguiam de rédeas curtas, cães que paravam em todas as esquinas para cheirar o rasto dos seus semelhantes...

Possivelmente, pensou, toda esta azáfama de gente tinha também a ver com



o facto de o açougue, onde as carnes mais gostosas da cidade eram expostas em bancas, para venda, ficar relativamente perto. Tinham-lhe dito que os açougueiros da Porta Vercellina forneciam todas as bocas de Milão, desde a *podestà* à daqueles que apenas se podiam permitir comer uma única galinha por mês. Perguntava-se se o próprio Mosteiro Maggiore não compraria fora as vitualhas necessárias para a sua manutenção, mas pensou que, provavelmente, não teria essa necessidade, considerando a enorme riqueza de uma congregação tão opulenta que até possuía um quarteirão inteiro de casas de aluguer para os forasteiros. O médico Enrico da Bergognone, hóspede, como ele, do mosteiro, fora alojado num quarto relativamente perto, próximo da Igreja de Santa Valeria. Tratava-se de uma casa senhorial, quase um palácio: como é evidente, a sua qualificação profissional, juntamente com o seu aspecto, tinha induzido as religiosas que o haviam acolhido a oferecer-lhe um alojamento de acordo com a sua respeitável figura.

Naquela tarde, encontrara-o: Enrico havia-lhe marcado encontro pela hora nona, na Praça do Broletto. O médico já tinha visitado uma primeira vez o seu importante paciente, mas, explicara-lhe na noite anterior, deveria voltar uma vez mais ao palácio para dar início ao tratamento. Ficara bastante reticente sobre o tipo de mal que, segundo ele, afligia a *podestà* e pedira novos esclarecimentos no dia seguinte. Aimone sabia bem que a ética profissional dos médicos os impedia de divulgar informações sobre a saúde dos seus doentes e que este era um ponto de honra do seu juramento: no entanto, ele e Enrico haviam encetado uma relação de alguma familiaridade, provavelmente favorecida pelas palavras sinceras e desencantadas com que o castelão de Graines descrevera a vida no seu feudo e as suas preocupações relativamente ao futuro do filho. Certamente por afinidade de carácter ou talvez mesmo também para não menosprezar um aristocrata que, de qualquer maneira, iria poder divulgar a sua fama, o médico perdera um pouco do seu aspecto altivo e alongava-se, agora, entusiasmado, em discursos sobre os diagnósticos e as terapias.

Agora, ao mesmo tempo que os seus olhos vagueavam pelos telhados, lojas, becos e quintais daquela grande cidade desconhecida, um entusiasmo novo enchia o peito de Aimone. No fundo, meditava, ainda tinha muitas coisas para fazer na vida e não necessariamente sempre iguais entre si: a viagem que levava a cabo servira para lhe abrir novos horizontes, modificar as suas convicções, talvez mesmo aliviar as suas obsessões. Um vago sorriso, do

qual não se deu conta, iluminou-lhe o rosto enquanto um suspiro libertador se lhe soltou dos pulmões. Voltando-se, entrou de novo no quarto para acordar Bartolomeo.

-O taráxaco, compreendeis?, há meses que o tratam com taráxaco! Santo Deus, como é que ainda não conseguiram perceber que aquela planta é um ótimo diurético, mas que, na verdade, não cura a gota? Como é óbvio, o pobre homem chegou àquele ponto à força de urinar todo o santo dia! Mas que raça de médicos existe nesta cidade? E pensarmos que está cheia de hospitais...

Enrico da Bergognone gesticulava toda a sua indignação em frente de Aimone: a taberna para onde tinham ido conversar ficava nas proximidades da Poterna de Bottonuto, quase por detrás das muralhas.

Naquele lugar, para dizer a verdade, não circulavam apenas vinhos e comidas mas, a pedido dos clientes, também prostitutas.

Toda aquela zona, aliás, pululava de meretrizes e Aimone suspeitava que o facto de a escolha do médico ter recaído exatamente naquele local se devera a um objetivo preciso: talvez, depois deste encontro com ele, Enrico quisesse conceder a si próprio um encontro erótico ou, tendo sabido da sua solidão, tivesse pensado servir-lhe de intermediário, supondo que estaria disponível para uma eventual noitada mais alegre do que as outras.

- É de urtiga que ele precisa, digo-vo-lo eu! - continuava o médico, cada vez mais entusiasmado com o discurso. - O suco da urtiga administrado por via interna estimula os humores da bÍlis amarela e alivia o mal. Se à infusão se juntar também depois o emplastro aplicado nas articulações atacadas, o efeito produzido pela planta será uma sensação de ardência tão grande que a própria e verdadeira dor deixará de se sentir...

-Mas - pergunta Aimone cheio de curiosidade - que coisa é essa gota de que tendes estado a falar? O que a provoca? A pergunta estimulou Enrico, que, readquirindo um pouco do seu ar pedante, apoiou a taça de vinho sobre a mesa e, juntando as mãos debaixo do queixo, se apressou a responder.

- A gota é uma doença dos homens, mas de homens poderosos, dos que comem demasiada carne e bebem demasiado vinho. Veja, Aimone, num indivíduo são, os humores do corpo devem permanecer em equilíbrio: quando a justa proporção entre si é perturbada por uma alimentação errada ou excessiva, ou quando a melancolia é tão forte que domina qualquer outra paixão, então um destes humores sobrepõe-se aos outros e desencadeia a doença. No caso da *podestà* - acrescentou em voz baixa e perscrutando

cuidadosamente à sua volta para se assegurar de que ninguém o ouvia -, a gota foi seguramente causada pelos alimentos. Bem vi, hoje, a quantidade de pratos que chega à sua mesa! Carne de vaca, de porco, caça, queijos amanteigados e vinho, não fazeis ideia de quanto vinho... E então os humores, e particularmente a bÍlis amarela, depositam-se nos interstÍcios dos ossos e das cartilagens, principalmente dos braços e das pernas, provocando inchaços e impossibilidade de se caminhar ou movimentar. O problema é que, se não for tratada de forma correta, a gota, depois de alguns anos, produz deformações permanentes...

Pasmado com a consideração que o médico lhe demonstrara, ao pô-lo ao corrente não apenas de uma parte do seu saber mas também do diagnóstico que fizera à *podestà*, Aimone, de boca aberta, não tirava os olhos de Enrico. Este, reparando na surpresa do seu interlocutor, manifestou um certo embaraço, temendo ter falado de mais. Inclinando-se na sua direção, por cima da mesa, fixou-o com uma atenção cúmplice e, pondo-lhe o indicativo em frente da boca, sussurrou: - Nem uma palavra sobre tudo o que lhe disse: se mais alguém viesse a saber das confidências que acabei de lhe fazer sobre a saúde de uma personalidade pública, ambos teríamos de partir, disso pode estar certo...

Aimone sossegou-o respondendo-lhe que nunca iria abrir a boca sobre aquele assunto e agradeceu-lhe, por seu lado, toda a consideração de que fora objeto, com as suas confidências.

- Oh, a propósito - acrescentou o médico -, deveis ter em atenção uma outra questão que vos diz diretamente respeito. Seguramente não estais a pensar... apresentar-vos com esses mesmos fatos que usais à autoridade da cidade, não é verdade? Sabeis, Aimone, nestas grandes cidades, o aspecto exterior é tido em grande consideração...

Ora, não é que o vosso fato não vos identifique como aristocrata, longe disso, mas um pouco mais de elegância...

Confuso, o castelão fixou-o com um ar interrogativo.

- Bem, em suma, não vos ofendais, quero dizer... a vossa túnica é de lã, fina, é certo, mas de lã... Necessariéis de um belo fato de seda, combinado com um manto de cores vistosas, talvez mesmo bordado, e um cinto de prata... Se quiserdes - acrescentou com ar conspiratório -, conheço um alfaiate aqui na cidade que adapta fatos que pertenciam a notáveis e que foram usados apenas durante uma única estação. Sabeis, não é a primeira vez que passo por Milão e já conheço a cidade e as suas gentes por dentro...

Embora sentindo uma ponta de humilhação a azedar-lhe o estômago, Aimone compreendeu que o médico tinha razão: o seu traje, embora senhorial, adequava-se bem ao seu vale, mas não a Milão, onde todos os aristocratas se pavoneavam vestidos como se pertencessem ao séquito papal! Mesmo não compartilhando, de facto, daquela ostentação de riquezas e de poder, compreendeu que, se quisesse levar a bom termo o encargo que Gotofredo lhe confiara, teria de se apresentar com as mesmas maneiras afetadas de todos os outros. Foi, portanto, com gratidão que se dirigiu ainda a Enrico, agradecendo-lhe o conselho e pedindo-lhe o endereço do alfaiate. Com um pedacinho de carvão, o médico escreveu qualquer coisa numa folha amarrotada que tirou das profundezas da algibeira do fato. Depois de a ter estendido a Aimone por cima do tampo da mesa, incitou-o a dirigir-se o mais brevemente possível ao alfaiate porque, explicou-lhe, um fato novo demoraria algum tempo a fazer; a escolha do modelo, as provas e o bordado final iriam levar ainda alguns dias. Portanto, continuou, se pensava que a conversa com a autoridade estava iminente, era melhor apressar-se.

Pelas suas últimas palavras, Aimone percebeu que o médico Preferia projetar sozinho o resto da tarde e a noite que se lhe seguia.

Aliviado com esta certeza e grato por não ter de recusar a eventual Partilha de uma companhia mercenária, o castelão despediu-se. Iriam encontrar-se no dia seguinte perto do quarto de Enrico, onde trocariam informações sobre os respectivos compromissos para os dias seguintes.

Eram quase vésperas e a brisa daquela manhã tornara-se mais decidida, transformando-se em vento. Aimone semicerrou os olhos para evitar o pó que, em remoinhos, se levantava da terra batida das ruelas. Ao dirigir-se para a loja do alfaiate, não longe do Hospital de San Antonio, esbarrou com uma grande número de porcos que, esgaravatando, imperturbáveis, devoravam todos os desperdícios que iam encontrando pelo caminho. Ninguém se importava, nem sequer os cães, que percorriam os inúmeros cobertos e passadiços. Como é evidente, a sua maciça corpulência dissuadia-os da disputa de qualquer alimento. Não compreendendo por que razão davam tanta liberdade de movimento a estes animais imundos, Aimone prometeu a si próprio que iria indagar o motivo junto de um dos monges do mosteiro, já que mais não fosse para poder dar uma explicação a Bartolomeo.

O filho iria seguramente admirar-se ao ver aquela promiscuidade entre homens e porcos, até porque tinha medo daqueles animais: desde que, três

anos antes, levara uma violenta pancada do focinho de uma porca que defendia o leitãozinho da sua ingénua e desajeitada curiosidade de menino, Bartolomeo evitava sempre passar perto dos porcos, que viviam, cercados por robustas paliçadas de madeira, perto das casa dos camponeses, na zona mais baixa do feudo, nas proximidades do Dora.

Refletindo mais uma vez sobre quão diversos eram os costumes da cidade e do campo e sobre quão diferentes eram os comportamentos do dia-a-dia dos seus habitantes, Aimone chegou à casa do alfaiate, que estava de pé, na soleira da porta, a despedir-se de um outro cliente. Assim que o artesão compreendeu que aquele homem, finalmente vestido mas com evidente aspecto de forasteiro, esperava os seus serviços, obsequiou-o com um grande sorriso e foi ao seu encontro, convidando-o a entrar.

- Aquele alfaiate é um ladrão, toda a gente o sabe, na cidade! Em contraste com a sua figura magra e austera, a voz rouca da monja porteira ressoou rouca como a de uma vendedora do mercado.

Aimone, regressado ao seu quarto provisório depois da infrutífera visita à oficina do alfaiate, encontrara a irmã Eleonora mesmo à entrada da porta. Numa atitude de cortesia para com aquele nobre insolitamente delicado, a mulher perguntara-lhe notícias sobre a sua permanência na cidade. Aimone, um pouco avesso à cordialidade hipócrita que se respirava em Milão, havia-lhe respondido, incautamente, que andara à procura de um artesão que lhe renovasse o guarda-roupa, sem imaginar que iria receber uma resposta tão indignada. Arrependera-se logo da familiaridade que mostrara para com a monja: cada um dos dias que passava naquela cidade aumentava a sua admiração.

Milão era um lugar cheio de igrejas e de mosteiros, nos quais, no entanto, as preocupações mundanas superavam em muito as espirituais: abades seduzidos pelos acontecimentos políticos, arcebispos guerrilheiros, frades administradores de grandes patrimónios, monjas de linhagem aristocrática que se esforçavam por dedicar a sua vida a Deus, chorando, cheias de saudades, no entanto, das suas nobres origens... Maravilhando-se cada vez mais com as profundas diferenças entre estes religiosos e aqueles, humildes e participantes que povoavam o seu feudo, Aimone respondeu à irmã Eleonora com um sorriso duvidoso, esperando que a sua inventiva contra a desonestidade dos alfaiates terminasse. Enganava-se. A freira puxou-o de parte e, olhando a sua volta furtivamente, sussurrou, desta vez.

- Sois forasteiro, não podeis compreender... os artesãos milaneses, sempre

que vêm um estrangeiro, sobretudo um aristocrata, tentam enganá-lo aumentando os preços ou impingindo mercadorias já fora de moda, na certeza de que, uma vez longe, não irá poder reclamar dos seus serviços. Ah, nem sabeis, senhor, como esta cidade é difícil! Mas se quiserdes ouvir-me, eu posso dar-vos um bom conselho: relativamente perto das muralhas, ao longo da Via Porticata, pouco antes do Mosteiro de Lentasio, fica a oficina de Amizone Laudesi. Sei que até a madre abadessa daquele mosteiro, de tempos a tempos, lhe pede para adaptar, para as suas noviças, os hábitos das irmãs que já morreram. Até me disseram, além disto, que aquele alfaiate tem também uma ótima bordadora que, por poucos soldos, executa trabalhos valiosíssimos. Tenho a certeza de que vos fará um preço mais do que honesto e podereis assim fazer boa figura junto das autoridades com que ireis encontrar-vos...

Aimone ficou literalmente de boca aberta. Como é que aquela freira conseguira saber os motivos que o tinham levado a Milão? Quem lho teria dito? O médico Enrico, a única pessoa que estava a par dos seus projetos, residia noutro lugar e nunca encontrara a irmã Eleonora.

A Bartolomeo, a quem mal explicara os seus motivos, havia pedido para não falar com ninguém sobre a sua viagem. E agora? Se o filho lhe tivesse desobedecido? Estava já a deixar-se tomar por uma ponta de cólera para com o rapazinho, quando a monja, percebendo ter-se excedido demasiado com as confidências, baixou pudicamente os olhos e acrescentou: - Perdoai-me, senhor, não queria ser intrometida... Não tenho qualquer direito de vos importunar com a minha curiosidade, senhor...

Só que pensei... bem, em suma, um aristocrata da vossa categoria...

o que faz em Milão senão vir encontrar-se com algum dos seus pares? que... - prosseguiu a irmã Eleonora, já com claras dificuldades e muito embaraçada com as palavras - ... em suma, não é uma coisa frequente que um nobre tão importante como vós se mostre tão acessível e ande por aí a passear com o próprio filho ainda rapazinho! Pensei que... oh, perdoai-me!...

A monja virou-se de repente, vermelha de vergonha, e voltou a entrar em casa. Aimone, seguro quanto à obediência de Bartolomeo, sorriu e subiu, por sua vez, a escada exterior que o iria conduzir ao quarto de cima, onde o filho o esperava.

De uma pequena abertura no interior do gabinete onde iria recebê-lo daí a pouco, o secretário da *podestà* observava Aimone de Graines. Bem distinto

dos outros postulantes pelo aspecto modesto do fato, o feudatário olhava à sua volta, no grande salão das audiências, admirando os frescos das paredes e a sóbria elegância da decoração.

Naquele dia, as dores das pernas de que sofria Catelano de Carboni eram ainda mais agudas, pelo que a *podestà* lhe pedira para dar audiência na sua vez. Baldo Oldrati, na qualidade de secretário particular, gozava da plena confiança de Catelano: os últimos meses tinham sido particularmente difíceis, mas Baldo mostrara-se hábil na forma de filtrar para o exterior as decisões da *podestà*. Os seus inatos dotes diplomáticos, estava certo disso, iriam permitir-lhe continuar a trabalhar para a administração da cidade, mesmo que os topos mudassem: as *podestà* provinham de outras cidades, facto que fora estabelecido muitos anos antes para garantir independência política no interior da comuna; o seu encargo tinha a duração máxima de cerca de um ano, no fim do qual um outro forasteiro seria investido, no Broletto, no cargo de autoridade máxima de Milão. Se a sucessão das *podestà* era anual, o mesmo não acontecia sempre com os seus colaboradores. Baldo, que habitava no interior das muralhas perto da Porta Oriental, iniciara a sua carreira um ano antes com Luca Grimaldo, o genovês que precedera Catelano na administração da cidade: ao findar o seu mandato, Grimaldo havia-o recomendado vivamente ao seu sucessor, que, depois de um breve período de experiência, lhe confiara o cargo. Consciente das capacidades próprias e confiando que poderia ainda exercê-las por muitos anos, Baldo já havia lido o pergaminho com o qual Aimone anunciara os motivos da sua visita.

Com aquele castelão teria de ser muito cuidadoso. Sabia que a família dos Challant, que já estendia o seu próprio poder por boa parte do vale Augusta, era governada pela mente hábil e ambiciosa de Gotofredo.

Se Aimone de Graines fora enviado a Milão como seu representante, isto significava que ele próprio possuía evidentes qualidades de negociador: caso contrário, o visconde não lhe teria confiado uma missão tão delicada.

Suspirando ruidosamente, Baldo ergueu-se da sua cómoda posição e, depois de alisar o fato, tomou a costumada expressão do rosto. Dirigiu-se de seguida ao criado que esperava à porta do gabinete e ordenou-lhe que mandasse entrar o castelão de Graines.

Aimone, surpreendido por ter sido admitido à presença do secretário antes de outros postulantes que esperavam há mais tempo, transpôs a porta com uma espécie de prudente circunspecção: o aspecto do homem que tinha à

sua frente contribuiu para aumentar a sua cautela. O corpo diminuto e de aparência frágil mostrava uma notável corcunda nas costas que formava uma curiosa meia-lua e que, de tão acentuada, fazia levantar a orla posterior do precioso fato de seda bordada cerca de um palmo do chão. A cabeça, grande, circundada por poucos cabelos caídos sobre a nuca, estava segura num pescoço tão curto que parecia a continuação das costas. A aparência grotesca daquele homem, que a Aimone lembrava um bobo da corte, era, no entanto, desfeita pelo olhar: os olhos, pequenos mas cintilantes como os de um urso pronto a atacar, aproximavam-se da raiz do nariz, adunco como o bico de um falcão. Os lábios, quase invisíveis debaixo daquela protuberância afilada, desenhavam uma linha subtil de um lado ao outro do rosto.

-Saudações, Aimone de Graines - modulou o secretário com voz imbecil, enquanto os seus olhos exploravam os olhos cinzentos de Aimone -, recebi a sua carta e, como vê, decidi receber-vos imediatamente! Sei muito bem que os Savoia e o vosso visconde têm tido muito boas relações com a cidade Milão e, creia-me, mesmo a nossa *podestà* deseja manter bons aliados ao longo das estradas que atravessam os Alpes...

Sustentando decidido o seu olhar, Aimone reprimiu o arrepio que o tom melado de Baldo lhe provocara nas costas. Aquele homem recordava-lhe uma daquelas cobras que, imóveis ao sol entre dois seixos, tentam mimetizar-se com o terreno, mas só até uma mão ou um pé se avizinharem demasiado: então, desatam a bater, insuspeitas, como chicotes, a morder a carne viva. O secretário abriu a boca num sorriso hipócrita e, continuando a falar, fez sinal ao seu hóspede para o seguir até uma cadeira de espaldar alto, onde se sentou, mergulhando as nádegas ossudas numa almofada da mesma seda vermelha das duas borlas brancas que pendiam dos lados. Aimone acomodou-se em frente dele, sobre um banco quadrado de carvalho finamente talhado.

- Porque, vede - continuou Baldo, alisando mecanicamente os poucos cabelos sobre a nuca -, neste período em que providenciamos a defesa da cidade contra as tropas do imperador e temos, por conseguinte, necessidade do maior número de aliados possível... oh, sei perfeitamente que o conde de Savoia já tem as suas preocupações...

Chegou-nos aqui a notícia de que, há pouco menos de um ano, o visconde Gotofredo se apoderou do castelo de Bard, expropriando o seu senhor... Ugo, se não me engano, era o nome dele.



Também sei - prosseguiu, fixando intensamente Aimone - que o referido castelo representou, para Gotofredo, uma importante aquisição, enquanto fonte de portagens certas, sobretudo por ocasião do transporte das poderosas mós com as quais as pedreiras do vale Augusta fornecem todos os moinhos da Lombardia. Temos demasiada consideração pelas virtudes políticas do visconde para temer uma sua tomada de posição contra nós e a favor de Federico: penso que uma guerra levada a cabo nos nossos territórios não serviria a ninguém, nem a Milão nem ao conde. Como seguramente sabeis, um dos nossos aliados, o marquês de Monferrato, exatamente nestes dias, ocupou o castelo de Rivoli para poder exercer o controlo sobre o Dora. Ora, sabemos ambos que o acesso através deste rio faz inveja a toda a gente porque garante as comunicações com a França e o Cenisio, mas sabemos também que a nossa presença nas suas margens se justifica apenas por razões de defesa. O próprio cerco a Turim, que os nossos aliados estão a manter mesmo nestes dias, tem como objetivo impedir que o filho do imperador, Federico de Antioquia, não faça dele um presídio seu. Se soubésseis como todo este desdobramento de homens e de carros militares tem esgotado as finanças de Milão! E tudo por causa de um reinante estrangeiro que, opondo-se até ao papa, do qual já recebeu duas excomunhões, se obstina em querer possuir a Itália inteira! Enquanto pronunciava aquele rio de palavras aparentemente apaixonadas, o rosto do secretário mantinha-se impenetrável: a sua voz monocórdica não traía qualquer emoção, os seus olhos mantinham-se duros e distantes. Aimone ouviu em silêncio, sem ousar interromper, não sabendo quando o discurso poderia dar-se por concluído.

- Deveis compreender - continuou Baldo, depois de ter suspirado de aborrecimento - que Milão nunca irá sujeitar-se a um bárbaro que há vinte e cinco anos ousou prender uma das nossas *podestà* num carro de guerra puxado, pelas estradas de Cremona, pelos elefantes da sua coleção! Milão é uma comuna livre, não é o feudo de quem quer que deseje alargar os seus domínios! Por um instante os olhos do secretário brilharam, finalmente, de indignação. Mas foi coisa breve: como se soubesse ter traído uma involuntária paixão, Baldo baixou os olhos e calou-se. Depois, pondo-se de pé e readquirindo a máscara de indiferença do diplomático, acrescentou ainda umas palavras.

- Levai esta mensagem a Gotofredo de Challant: Milão irá avante Pela estrada que lhe foi concedida pela história. Deus, na figura do papa, está do

nosso lado e ninguém conseguirá opor-se à Sua vontade.

Temos membros fiéis, temos orgulho da nossa liberdade, os nossos camponeses souberam construir uma cidade florida e forte: não deixaremos que nenhum predador a roube e não permitiremos que nenhum outro feudatário guloso desfrute de uma situação aparentemente instável para estabelecer novas alianças que modifiquem, em nosso prejuízo, as fronteiras da Lombardia.

Aquelas últimas palavras tinham sido pronunciadas quase com ferocidade. Imóvel em frente de Aimone, Baldo fixava-o com uma expressão de desconfiança, como se esperasse uma qualquer réplica inoportuna. Demasiado esperto para cair na sua armadilha verbal, o castelão não respondeu, limitando-se a anuir com um respeitoso aceno de cabeça. Satisfeito pelo resultado obtido, o secretário acompanhou a sua saudação com um sorriso complacente. Aimone fez uma vénia e saiu.

Embora o ar da Praça do Broletto fosse já quase sufocante e carregado de uma mistura de odores desagradáveis, Aimone respirou-o com agrado. A visita ao secretário da *podestà* fechara-lhe novamente o peito numa mordalha oprimente: os modos daquele homem, falsamente delicados, haviam revelado um propositado comportamento intimidatório. Lamentando-se por não ter conseguido encontrar-se diretamente com a *podestà*, que tinha fama de ser um homem calmo e muito equilibrado, perguntava-se como iria poder levar avante a sua missão. Baldo fora na verdade demasiado claro: se o conde de Savoia e o seu representante Gotofredo tivessem a intenção de apoiar o imperador, o vale Augusta seria o próximo cenário de guerra dos Milaneses e dos seus aliados. No fundo, pensou, era esta, exatamente, a possibilidade que Challant, que o encarregara de vir até aqui para sondar o terreno, temia. O visconde, por outro lado, exortara-o a encontrar respostas também junto do arcebispo, sabendo bem da influência que a Igreja metropolitana conservava ainda nas estâncias do poder. Aimone estava certo de que o resultado do próximo encontro seria praticamente idêntico e, considerando o miserável desprezo com que o secretário o tratara, surpreendeu-se a pensar na sua própria inadequação para a tarefa que o esperava. Sorriu troçando até de si próprio, do seu pequeno feudo, do próprio visconde: o que pensavam todos eles, desde os longínquos e bem fortificados castelos do vale Augusta, pensavam talvez possuir o mesmo peso político das grandes cidades da planície, habituadas há séculos a gerir poder e intrigas? Pensavam talvez poder

impedir a *longa manus* do papado, opondo-se a Milão e apoiando Federico? O escasso conhecimento das situações, pensou, cria expectativas injustificadas que depois, na prática, se transformam em amargas desilusões.

Ao mesmo tempo que se afastava do Broletto, apressado, abrindo caminho por entre a multidão que habitualmente enchia aquelas ruelas, empurrou inadvertidamente um velho frade que vinha em sentido contrário, fazendo-o tropeçar no hábito. Depois de lhe ter pedido desculpa e de o ter ajudado a pôr-se novamente em pé, ficou a vê-lo afastar-se, com o coração apertado: o seu pensamento voara para aquele outro frade que com ele vivera boa parte do ano anterior.

Não voltara a ter notícias do irmão Matthew: onde estaria? Teria realmente ido a Roma visitar as relíquias de San Pietro? Teria regressado à sua terra? Quem poderia dar-lhe alguma notícia dele? Sentia a falta da companhia daquele homem, mas era sobretudo ao filho, a quem o frade, por alguns meses, servira de tutor, que ele fazia falta; de vez em quando o rapazinho perguntava-lhe por ele, mas Aimone nunca soubera responder-lhe. Cada vez mais desanimado, estugou o passo.

Bartolomeo obrigara-o a prometer-lhe que naquela mesma noite jogariam, finalmente, a partida de xadrez que há tanto tempo lhe pedira. Não podia desiludi-lo. Apesar de os seus criados o ocuparem todo o dia com visitas à cidade, o rapaz já dera a entender ao pai que, embora os passeios fossem interessantes, preferia os que ambos davam habitualmente a cavalo ao longo do Dora. A estada em Milão iria alongar-se ainda um pouco, Aimone tinha a certeza e por isso faria melhor em não descurar o filho. O fato novo, de que precisava com urgência para o *encontro com* o arcebispo, tivera de esperar: no dia seguinte dirigir-se-ia à Via Porticata à procura da loja do alfaiate Amizone. Por agora, uma missão mais importante esperava-o.

## Capítulo 9

No pulso do seu dono, o falcão agitou-se, cravando as presas mais fundo ainda no espesso couro da luva.

-Vê lá se te aquietas, meu animal! - exclamou Lanfranco, apertando-lhe a garra por debaixo do pequeno sino que pendia de uma das pernas do animal. As suas passadas eram velozes: a ave rapasse estabeleceu-se num equilíbrio precário, procurando adequar-se ao movimento do homem.

O cavalo, preso a uma das primeiras árvores do bosque, bufava nervoso. Fortes lufadas de ar saíam das suas narinas, formando pequenas nuvens de vapor que se diluíam quase instantaneamente no ar húmido da manhã. Para lá dos arbustos mais altos das avelaneiras que invadiam, desordenadas, o choupal, abria-se uma clareira.

Lanfranco aproximou-se, cauteloso, abrandando o passo quase até parar. A erva era alta e luzidia, ainda cintilante com as gotas de água do temporal noturno. Sabendo que as hastes fixas e aparentemente imóveis escondiam uma imensidão de presas em tácita atividade, o homem fixou cuidadosamente o espaço verde, atento ao menor movimento daquele lago de erva. O silêncio não era total como qualquer caçador desejaria: ao frufu próprio da floresta sobrepunham-se, mas perfeitamente distintos, os gritos dos carroceiros que incitavam os cavalos ao longo da estrada para Lodi, que se situava relativamente perto do Bosque do Quadronno.

Quase se arrependia de ter escolhido precisamente aquele local Para exercitar a arte da falcoaria: podia ter-se afastado mais da cidade, na direção leste, ao longo da margem do Lambro, onde bosques ainda mais ricos em caça e livres de qualquer interdição senhorial lhe teriam garantido umas belas presas. Mas, apesar de não o assumir nem mesmo para si próprio, aquele rio fazia-lhe medo. De cada vez que passava por aquela zona, a visão das águas volumosas e turbulentas causava-lhe um mal-estar do qual, impotente, não conseguia libertar-se senão depois de esporar violentamente o cavalo e se afastar para longe. Mesmo que tentasse expulsá-la do pensamento, a recordação daquela noite de há tantos anos voltava, prepotente, só de avistar a ponte, os seixos que a floravam as ondas, os paus de atracação mergulhados na corrente. Não, aquela não era seguramente uma boa zona para caçar: o falcão iria aperceber-se do seu nervosismo e agitar-se, falhando, certamente, as presas. Além disso, ainda não era um

falcoeiro perfeito. Realmente seria melhor exercitar-se longe de olhos indiscretos e aqui, no Bosque do Quadronno, iria, no máximo, encontrar algum criado que levasse os cães da *podestà* a correr ou, a dar ouvidos aos mexericos das comadres, alguma bruxa em demonstrações lascivas para com o luxurioso amante infernal. Bruxas em Milão, imaginem só!! Lanfranco troçou só de pensar nas orgias consumadas entre aquelas inocentes avelaneiras ou debaixo dos altos ramos dos choupos: certamente, qualquer camponesa mais desprevenida já assistira ali mesmo ao encontro particularmente agitado de uma prostituta com o seu cliente, confundindo-o com um sabat...

O curso dos seus pensamentos foi subitamente interrompido por um brusco sobressalto do falcão. Observando atentamente a clareira, notou um ligeiro e descontínuo movimento que da terra se propagava até ao cimo das hastes da erva, fazendo-as vibrar quase imperceptivelmente. Não havia o menor vento que fizesse estremecer a vegetação, portanto, só podia tratar-se de alguma peça de caça.

Lanfranco decidiu libertar o falcão. Com um gesto menos suave do que gostaria, afastou o braço, atirando-o para cima: a rapasse, depois de um instante de incerteza, levantou voo, erguendo-se para além das copas das árvores. Depois de ter completado uma dezena de voltas em torno da clareira, mudou subitamente de posição e, recolhendo as asas de encontro ao corpo, lançou-se a pique por entre a erva alta. Lamentando não ter trazido consigo o cão, Lanfranco correu, veloz, até ao lugar onde vira o falcão desaparecer. Teria de se apressar, se não queria que ele destruísse a presa; até então, com efeito, todas as tentativas que fizera para o ensinar a regressar, volteando o rol, haviam falhado. Para recuperar a caça, rapidamente, pensava no cão, que naquele dia, porém, ficara em casa com permanentes acessos de vômitos. Claro que se possuísse um falcão peregrino e não este modesto e ligeiramente estúpido animal, estas dificuldades de domesticação não se poriam: por outro lado, era o único tipo de ave rapasse que as suas finanças, não propriamente muito florescentes, lhe tinham permitido adquirir.

Evitando por pouco um ramo caído que quase o fez tombar, Lanfranco chegou à clareira pelo lado sul: poucos passos à sua frente, uma pequena zona de erva pareceu-lhe menos homogénea do que a restante. O falcão devia estar ali. Lanfranco afastou as hastes mais altas e ficou a olhar, pronto a retirar a peça de caça das garras da ave rapasse. O falcão estava no chão e

com as asas cobria o corpo da sua presa, à qual já cortara a garganta com o bico. Uma poça de sangue fresco embebia a terra em seu redor, impedindo que Lanfranco distinguisse o tipo de animal. Depois de ter imobilizado o falcão com a mão enluvada, inclinou-se para ver melhor: a cabeça de um gato, quase completamente separada do corpo, jazia semi-escondida entre a erva, enquanto o dorso do minúsculo animal se mostrava maltratado pelos artelhos: tufo de pelo preto espalhavam-se aqui e ali.

-Um gato! - exclamou Lanfranco com voz rouca. Os seus olhos, completamente arregalados, corriam da insólita presa ao desajeitado caçador, enquanto a surpresa se ia progressivamente transformando numa raiva surda e violenta. Levantou-se: o seu rosto estava ruborescido, as pernas tremiam-lhe.

- Um gato, Santo Deus! - Desta vez gritou e a sua voz ribombou pela clareira, fazendo levantar em voo um pequeno bando de calhandras.

A mão enluvada que sustinha o falcão apertou-se em torno do seu pescoço: invadido pela ira, Lanfranco começou a sacudir a ave de um lado para o outro. Emitindo pios roucos, o falcão debatia-se e procurava, em vão, enterrar os artelhos no braço do seu dono, ao mesmo tempo que um grande número de penas começava a voltejar.

Depois de um último e forte apertão no pescoço do animal, Lanfranco fê-lo rodopiar duas ou três vezes à sua volta e lançou-o para longe, para o limite extremo da clareira. Seguidamente, depois de ter colocado uma pedra sobre o cadáver do gato, recomeçou a andar na direção da árvore a que prendera o cavalo.

A rapariga esperou que Lanfranco se afastasse. Quando a sua figura robusta desapareceu por detrás das últimas árvores do bosque, levantou-se da moita atrás da qual se escondera e, mantendo-se baixa, deu alguns passos para o centro da clareira. O seu olhar dardejava 87

veloz à sua volta, atento à descoberta de outros eventuais caçadores. Quando se certificou de que ficara sozinha, descurou a prudência e pôs-se a correr. Não foi difícil encontrar o lugar onde o seu gato fora morto: a erva, os seixos, a terra estavam encharcados de sangue. A rapariga inclinou-se sobre o cadáver do animal e, sem conseguir sustentar as lágrimas, retirou o avental, onde seguidamente o envolveu. Depois de se ter virado mais uma vez olhando à sua volta, apertou aquele miserável embrulho de encontro ao peito e correu rapidamente para o seu casebre. A construção, feita de tábuas e de lama, surgia bem escondida no coração da floresta, relativamente perto de um minúsculo canal de irrigação que, mais a norte, desembocava no profundo fosso que circundava as muralhas da cidade. A luz do dia penetrava a custo entre os ramos das árvores: protegida pela penumbra, a rapariga dirigiu-se para as traseiras do casebre, onde uma pá estava encostada à parede. Depois de ter colocado no chão o avental com o seu macabro conteúdo, pegado nela e dado uns passos, pôs-se a fazer uma cova. O desgosto e a raiva aumentavam-lhe as forças: as mãos seguravam firmemente a pega do instrumento, enquanto os músculos dos braços inchavam visivelmente debaixo do tecido leve da camisa. O suor que lhe escorria da testa misturava-se com as lágrimas, a boca mantinha-se contraída num esgar. Quando lhe pareceu que a cova era suficientemente profunda, a rapariga depôs dentro dela o avental, mas antes passou a mão, numa breve carícia piedosa, sobre o que restava do seu gato. Depois de ter coberto a minúscula cova e colocado por cima dela uma boa quantidade de pedras para evitar que algum predador do bosque a pudesse reabrir, virou-se na direção da clareira. Os seus braços, até então caídos, ergueram-se aos poucos até formarem uma cruz com o corpo. Com as palmas das mãos viradas para o céu, a rapariga começou a falar: a sua voz, primeiramente baixa, tornou-se progressivamente mais forte até se converter num longo e interminável grito.

-Amanhã, daqui a um mês, daqui a um ano, o infame demónio dos infernos escolherá entre toda a gente a vítima que lhe cabe e então tu, caçador desconhecido, serás a sua presa: serás a sua lebre, o seu javali, o seu veado... Qualquer que seja o animal que fores quando Satanás te encontrar, podes estar certo de que os seus cornos se enterrarão na tua carne, os seus cascos esmagarão o teu coração até o fazerem rebentar, a sua língua bifurcada lambeirá todo o sangue que escorrer das tuas veias dilaceradas! Serás arrebatado da raça dos humanos, para toda a eternidade!

O grito converteu-se num soluço. A rapariga virou-se e, enxugando as últimas lágrimas com a manga da camisa, entrou no casebre.

A porta voltou a fechar-se, batendo, meio cambada, atrás de si.

Lá longe, entre as raízes de um choupo que se alongavam, poderosas, pelo terreno debaixo do tronco, o falcão jazia imóvel. Das emaranhadas penas brancas do peito despontavam as curtas pernas amarelas. Um rato avizinhou-se e, cheirando-o, fremente, empurrou com o nariz o sininho que lhe pendia, inerte, entre as penas; àquele som inesperado, recuou de um saltinho e, aterrorizado, fugiu entre a erva alta na direção da sua toca.



## Capítulo 10

Allegranza mergulhou o pano de linho na água do balde: já estava suja, deveria ir até ao poço buscar uma água limpa. Torcendo o delicado pano entre as mãos, pensou que aquele era o único luxo que era concedido aos doentes do Hospital do Brolo; para limpar o rosto e o corpo dos doentes não era justo usar o cânhamo, demasiado áspero para carnes já cobertas de chagas pela doença.

A velha que tinha à sua frente estava moribunda. Os seus olhos fixavam-na vazios, um frémito contínuo sacudia-lhe os membros enfraquecidos, afundados na veste rasgada e demasiado larga.

A rapariga passou o paninho húmido na testa da mulher, esfregou-lhe delicadamente os cantos das pálpebras incrustadas de soro, humedeceu-lhe os lábios secos e fendidos, dos quais saía o som de um estertor prolongado e cada vez mais intenso.

Depois de ter colocado, à sua maneira, o pano traçado que fazia de coberta, Allegranza pegou no balde e no bacio, cheio de um líquido escuro, e saiu; chegada ao canal, que ficava fora do portão do hospital, despejou-o na água corrente e enxaguou-o várias vezes para o lavar. Depois pôs-se na fila para o poço, onde outras raparigas esperavam a sua vez. O chiar prolongado da roldana que trazia a água à superfície era contínuo. As suas companheiras aproveitavam a pausa breve do trabalho para trocar umas palavrinhas.

- Ouviste? - perguntou uma delas. - Dizem que vão eleger um novo papa...

- Ah, finalmente! - retorquiu uma outra. - Mas... e o imperador? O que irá Federico fazer agora? E será que agora o próximo pontífice irá pôr fora de Milão aquele santo homem do legado, aquele Montelongo, de quem toda a gente fala como sendo a única defesa deste povo contra o bastardo alemão?

- Mas não... - acrescentou uma outra. - Não acho que isso seja conveniente para ninguém: ontem ouvi um pouco da conversa entre o cirurgião Obizone e aquele médico novo que veio de Vercelli no séquito do marquês de Monferrato. Pois bem, ele dizia que Montelongo concedeu a Vercelli o governo dos vales do Pó, do Dora e do Sesia, e tudo isto em nome do papa. Milão já tem uma imensidão de aliados contra o imperador e Obizone acrescentava que, qualquer que seja o papa que venha a ser eleito, não haverá motivo para abandonar a Lombardia nas mãos do suevo: sendo assim, é uma questão de princípio...

- Oh, sendo assim - interveio uma mulher mais velha do que as outras -, ouvi dizer que até Novara e Biandrate se passaram para o lado da liga...

- Ora, basta! Mas o que significa toda esta conversa, enquanto os doentes esperam pelos vossos cuidados? - gritou uma freira gorda que assomava afadigada ao portão. - Lá dentro há gente a gritar, a vomitar, a morrer! E vós todas para aqui a tagarelar como as comadres no mercado! Vede se tendes vergonha nessas caras... a água que já recolheram basta para encher o Ticinello! Vá, vá, depressa, voltai já para o trabalho! A freira bateu as palmas como que para dispersar um bando de galinhas a cacarejar: assustadas, as raparigas desfizeram o grupo e apressaram-se a entrar no hospital.

Allegranza, que entretanto ouvira aquele arrazoado sem participar nele diretamente, dirigiu-se apressada para o corredor, com a mão livre, as madeixas de cabelo que se haviam esgueirado da touca. O cinzento do fustão que lhe circundava o rosto e há pouco colocara realçava curiosamente a tonalidade dourada dos seus olhos castanhos: as pestanas longas e espessas sombreavam as maçãs do rosto, ligeiramente rosadas; o nariz, pequeno mas decidido, encimava a boca, que, habitualmente delicada, se torcia, naquele preciso momento, num esgar preocupado. Como a água que, a cada passo, transbordava do balde, os seus pensamentos sobrepujam-se-lhe na cabeça, fugindo, dispersos, ao seu controlo. O que iria acontecer àquela cidade em caso de ataque, seria arrasada como os velhos diziam já ter acontecido tantos anos antes por obra de um outro imperador que tinha exatamente o mesmo nome? O que seria daquele povo, iria bater-se, iria fugir, e para onde? Como iria reagir a *podestà*, o arcebispo, os *capitani di giustizia*?...<sup>[1]</sup> E todos aqueles doentes, imobilizados nos seus catres sem qualquer possibilidade de fuga, que destino lhes daria o invasor? Um longo e interminável arrepio percorreu-lhe o corpo. Embora o cansaço e o espetáculo daqueles pobres farrapos humanos que esperavam os seus cuidados lhe distraíssem a atenção, a sua cabeça não parava de enredar-se na procura de respostas para aquela angustiada pergunta. Não era a primeira vez que ouvia falar da guerra entre o papa e o imperador, de excomunhões infligidas por Roma, de batalhas duras e sangrentas. Apesar de muito nova, Allegranza seguia com toda a atenção as conversas que ouvia aqui e ali pela cidade: ao longo da Via Porticata, que percorria todos os dias, passava uma imensidão de pessoas que traziam, todas elas, notícias, tanto do condado como de mais longe. Mercadores, peregrinos e soldados vindos do Sul

entravam na cidade pela Porta Romana e cada um deles fazia ponto de honra em referir tudo o que havia visto e sabido ao longo do caminho que percorrera para chegar ali. Até os seus pais falavam frequentemente da situação na cidade: o pai, Graziolo de Compagnoni, era um dos criados da *podestà* e passava os seus dias nas estâncias do Broletto ocupando-se das tarefas normais da administração doméstica, desde a manutenção do guarda-roupa à descarga das imundícies na grande fossa circular feita de tijolos que se situava logo por detrás do palácio da *podestà*.

Considerando o constante vaivém das pessoas, mesmo as de certa importância política que frequentavam o Broletto, era natural que aquele fosse o lugar da cidade onde se ouviam as coisas mais diversas, frequentemente até sem fundamento, mas, por vezes, totalmente verdadeiras. E uma vez que os muros de cada um dos palácios senhoriais têm olhos e ouvidos, era também natural que os servos, independentemente da função e da importância, estivessem entre os primeiros a conhecer as novidades. Embora o pai fosse um homem muito equilibrado e pouco dado a mexericos, havia-o ouvido muitas vezes, de noite, sussurrar para a mãe, do escuro da sua cama, a sua grande preocupação pela sorte daquela cidade. A mãe, por seu lado, procurava tranquilizá-lo, sustentando que de qualquer forma nada mais poderiam fazer do que confiar na vontade divina.

-Nós não somos senhores - dizia com muita frequência ninguém nos pode roubar nada senão a vida: vamos pedir a Deus que nos guarde da morte pelo menos antes de termos confessado todos os nossos pecados.

O nome da mãe era Angiolina e, na verdade, não era realmente a sua mãe, exatamente como Graziolo não era o seu verdadeiro pai.

Tinham sido eles mesmos a contar-lhe a verdade quando completara sete anos. Há já muito tempo, haviam-lhe dito, ambos moravam no condado, relativamente perto de Parabiago, onde Angiolina dera à luz um rapazinho, que, no entanto, apenas vivera um mês. Como acontecia com muita frequência em casos deste género, a mulher fora até um dos mosteiros da cidade que acolhiam crianças expostas e oferecera-se como ama. A soma que lhe seria paga, embora exígua, permitir-lhe-ia, a ela e ao marido, juntar a quantia necessária para o aluguer de uma casa na cidade. Na verdade, Graziolo, depois de uma enorme inundação lhe ter destruído pela segunda vez o moinho e, sobretudo, depois da prematura morte do filho, decidira abandonar aquela atividade e aquele lugar: em Milão, dizia, iria arranjar qualquer trabalho, mesmo como criado, na condição de não precisar de pôr

do seu bolso qualquer capital inicial. Tinham encontrado casa logo a seguir às muralhas da Porta Romana, não longe da Basílica de San Calimero.

Para aqui Angiolina trouxera a recém-nascida que lhe fora confiada no Mosteiro de San Celso e, subitamente, a pequena atenuara a sua dor pela perda daquele menino que não tinha tido sequer tempo de amar. As freiras, não sabendo se já teria nome, haviam-na batizado e chamado Allegranza; e, de facto, nenhum outro nome se mostrara mais bem adaptado. Logo desde os primeiros meses, a menina vendia alegria e vontade de viver e o seu sorriso desdentado alegrava os dias de Angiolina, que, de combinação com o marido, pedira, de seguida, que lha concedessem em adoção, o que, pouco tempo depois, lhes foi permitido. A sua tarefa não iria esgotar-se com o tempo da amamentação, mas continuaria como se de uma mãe natural se tratasse.

Allegranza sabia que, posteriormente, Angiolina e Graziolo haviam novamente tentado, mas que fora em vão. Certamente por este motivo, sete anos antes haviam acolhido de boa vontade em sua casa uma outra criança, um menino, que lhes fora confiada, desta vez, pelo criado de um *capitano di giustizia*. O pequeno tinha traços árabes e, segundo se dizia, era filho de uma concubina de Federico, escolhida com muitas outras em Lucera, onde o imperador instalara uma numerosa comunidade de sarracenos. A rapariga, que havia acompanhado a corte imperial durante as suas frequentes deslocações através de Itália, morrera de febre nas campanhas perto de Ferrara e o menino, que ninguém queria, despertara, por fim, a compaixão da mulher de um mercador que viajava a caminho de Milão. A senhora cuidara dele até à sua chegada à cidade, onde então o confiara a um criado que estava ao serviço de uma família aristocrata amiga de longa data do seu marido. Esta fora, pelo menos, a história que haviam contado a Graziolo e ele, não tendo nem possibilidade nem interesse em verificar a sua autenticidade, decidira, generosamente, que iria dar de comer a mais aquela boca. A presença do rapazinho contribuíra para aliviar a dor de Angiolina pelas suas repetidas e falhadas maternidades e, além disso, quando crescesse poderia começar a ajudá-lo nos seus trabalhos. O trabalho que fazia no Broletto era, felizmente, bem pago e até mesmo a mulher, que se oferecera como lavadeira da Basílica de San Calimero, ali mesmo ao lado, conseguia trazer para casa alguns soldos. Enfim, a sua vida decorria tranquila e organizada. Allegranza, que encontrara no pequeno Hamid um alegre companheiro de brincadeiras, aprendera a amá-lo como se de um

irmão de sangue se tratasse. Subitamente vira-se obrigada a defendê-lo da troça dos outros miúdos do bairro, que o atormentavam por causa da cor castanha da sua pele e dos cabelos, crespos e negros como carvão. Até mesmo os adultos, logo no princípio, haviam mostrado a sua desconfiança relativamente ao pequenito sarraceno e manifestado surpresa e enfado para com Graziolo e Angiolina pelo facto de o terem acolhido em casa: depois, a pouco e pouco, aceitaram-no, devido também ao ótimo feitio de Hamid, que, incapaz de mostrar rancor pelos seus companheiros de brincadeira, conquistara toda aquela gente com a sua alegre vivacidade.

Perdida nos seus pensamentos, Allegranza, de repente, não percebeu que alguém a chamara, por isso virou-se sobressaltada ao ouvir uma voz severa já ali mesmo por detrás de si.

-Além de teres os dedos defeituosos, agora também ficaste surda, menina? - perguntou-lhe a freira, olhando-a com rancor.

Allegranza corou violentamente e, instintivamente, escondeu a mão esquerda debaixo do avental.

- Desculpe, irmã, não a tinha ouvido...

-Bem vi que não me tinhas ouvido! Mas, francamente, além das mãos e dos ouvidos, agora também te faltam os olhos! Porque não me avisaste da morte daquela velha, ali, no início do corredor? O que esperavas para mo dizer, que passasse o médico e descobrisse o cadáver? Por acaso não sabes da preocupação de Ambrogio de Berasio quando não há nenhum lugar vago aqui no hospital? E o padre? Aquela pobre mulher nem sequer contou com um padre no seu leito de morte! ! - Desculpe, irmã, mas há pouco, quando a lavei, a senhora ainda estava viva e eu não podia saber...

- Há pouco, há pouco... Já deve ter passado pelo menos uma meia hora! O certo é que vocês, mulheres, em vez de cumprirem os vossos deveres caritativos, põem-se a tagarelar à beira do poço, os doentes têm tempo para morrer! Vá, agora, despacha-te, aquela cama deve ser bem limpa antes da hora sexta! A freira virou-se, irritada e afastou-se. Allegranza, confusa e mortificada, permaneceu por um momento a observá-la; depois, compondo o vestido, dirigiu-se ao leito da velha, onde já outras duas mulheres providenciavam o levantamento do corpo. Enquanto atravessava o longo corredor, procurou não ouvir as inúmeras vozes lamentosas que, a cada passo, pediam ajuda. Depois, amargurada por não poder oferecer uma palavrinha de conforto a cada um daqueles miseráveis, apressou-se; se não obedecesse rapidamente, arriscava-se a levar outra reprimenda da freira ou

mesmo de algum dos médicos.

Tinha de agir a toda a pressa, até porque o seu turno daquele dia no Brolo estava a terminar. À hora nona, a mãe tinha um encontro importante e pedira-lhe para a acompanhar.

; Reprimindo a náusea que sentiu inesperadamente com o já habitual odor da morte, Allegranza pegou com ambas as mãos no ! enxergão vazio e virou-o: uma nuvem de pó e de palha levantou-se dos inúmeros rasgões do enxergão e fê-la tossir sem parar. Depois de ter derramado no chão a toda a volta o balde de água, juntou com uma vassoura um montinho daquele pó escuro que se formara e, de joelhos, recolheu-o com um pano. A seguir, e após guardar as suas coisas num cubículo perto da porta, dirigiu-se para a saída. Depois ; da densa penumbra do corredor, o sol daquele dia límpido feriu-lhe os olhos com violência. Sorrindo, limpou as mãos ao avental e, com passos ligeiros, dirigiu-se para casa.

## Capítulo 11

Na pequena sala, o ar ficara pesado. As pessoas, que chegaram em pequenos grupos, ocupavam todos os bancos disponíveis dispostos ao longo das paredes. Rodeada pelos seus fiéis, Guglielma sentava-se num escabelo, apoiando as costas na parede de pedra. O pequeno Palácio de San Pietro allOrto, perto da Poterna Nova, fora-lhe entregue pelos cistercienses de Claraval, que, ainda não havia muito tempo, o tinham adquirido juntamente com outros que ficavam naquela mesma zona. Tratava-se de um edifício de valor, construído em pedra. Só o teto e as varandas que davam para a rua eram de madeira. Não obstante os seus grandes protestos, no início, pela excessiva elegância da casa, os monges acabaram finalmente por conseguir convencer Guglielma a habitá-lo.

As suas reuniões semanais, haviam-lhe dito, atraíam imensa gente, pelo que necessitava de espaço suficiente para a acolher. Na cidade eram raras as casas que dispunham de uma sala. Geralmente uma única divisão servia de cozinha e de zona de trabalho, enquanto uma divisão mais pequena funcionava como quarto de cama. Aqui, Pelo contrário, às duas divisões no rés-do-chão juntavam-se outros dois andares, onde Guglielma tinha arrumado a sua cama e mais uns enxergões que serviam para alojar, durante a noite, os hóspedes que viessem de fora da cidade. Uma escada exterior fazia a comunicação entre os vários ambientes; a porta das traseiras conduzia a um pequeno Pátio, por detrás do qual se adivinhava a vegetação viçosa de uma horta.

Angiolina e Graziolo sentaram-se perto da porta, juntamente com Allegranza e Hamid. O rapazinho, que participava pela segunda vez naquelas reuniões, olhava à sua volta com olhos curiosos, atento reconhecendo as feições de pessoas que já vira antes e às quais reservava um sorriso desarmante. Os seus pés, que ainda não chegavam ao chão, baloiçavam impacientes. Não via a hora de ouvir as palavras de Guglielma. Aquela pessoa rara, envolta numa veste cor de cinza, fascinava-o: os seus cabelos, libertos do véu ou da touca que as mulheres habitualmente usavam, estavam presos, formando um carrapito na nuca, e tinham uma cor insólita, ainda mais clara do que a palha nova com que a mãe habitualmente enchia os enxergões das camas. No seu rosto, redondo e benévolo, uma particularidade inquietante impressionava-o: aqueles olhos verdes, como a

erva recém-nascida, pareciam sempre ardentes e febris, encandeando o olhar de qualquer interlocutor. Ele próprio, da primeira vez que Angiolina o levava ali, vira-se obrigado a passar por aquele sofrimento. Embora o encontro tivesse depois terminado com um sorriso apaziguador e uma carícia de Guglielma, ele sentira medo. Aquele olhar inquiridor, que trespassava as pessoas, mexera com ele profundamente, chegando mesmo ao mais fundo dos seus intestinos: para sua desgraça e com uma vergonha de morrer, deixara escapar um peido, que, por sorte, se revelara silencioso.

Um murmúrio abafado percorria a sala: os participantes trocavam em voz baixa os cumprimentos do costume. Allegranza saudou com um aceno respeitoso o médico Giacomo da Forno, que encontrava com frequência no Hospital do Brolo; até ele, como, aliás, o juiz Pagano da Garbagnate, Bonadeo Corentano e a sua mulher, Bellacara, Amizone Aicardo, Giovanni Gerusio e muitos outros participavam quase sempre naquelas sessões. Antes de a reunião ter início, Guglielma sussurrou qualquer coisa para os dois assistentes sentados a seu lado.

Depois, levantando ligeiramente uma das mãos pedindo silêncio, começou a falar.

-Obrigada por terem vindo. Hoje, como sempre, falaremos da bondade de Deus, que, através de inúmeros acontecimentos, normalmente insignificantes, se manifesta quotidianamente aos nossos olhos e alimenta o nosso espírito. Mas antes deixem-me cuidar de uma jovem que nos foi trazida aqui tomada pelo sofrimento...

A um sinal, Bellacara levantou-se do banco e agarrou delicadamente pelo braço uma rapariga que estava sentada a seu lado, convidando-a a aproximar-se de Guglielma. A jovem tremia visivelmente e os seus braços balançavam para a frente e para trás sem controlo.

O seu rosto contraía-se num esgar: os lábios rígidos mostravam-se lívidos e babavam saliva, as narinas dilatavam-se à procura de ar, os olhos agitavam-se olhando em seu redor aterrorizados como os de um animal batido.

Guglielma ergueu-se. A sua estatura, em pé, dominava a sala.

Chegada em frente da rapariga, pousou-lhe as mãos nas costas e fixou-a intensamente nos olhos.

-Como te chamas? - perguntou-lhe.

- G... Giacom... - balbuciou a jovem, baixando os olhos.

-Giacoma, agora vais ficar curada, com a ajuda do Pai, do Filho e do Espírito Santo. E se algum demónio provocou a tua doença, isso vai passar.



Agora ajoelha-te e inclina a cabeça.

Muito cansada, Giacoma dobrou os joelhos no chão, enquanto Bellacara lhe apoiava a mão nas costas, tentando abrandar-lhe os espasmos. Guglielma fechou os olhos e respirou profundamente: depois, num silêncio palpável, impôs-lhe a mão na testa. A coifa de pano da rapariga deslizou para o lado, revelando uma farta e brilhante cabeleira castanha. Os lábios de Guglielma moveram-se num murmúrio incompreensível, numa longa oração. A pouco e pouco, a tremura foi desaparecendo dos membros de Giacoma, que, por fim, como um saco de centeio, pesado, caiu no chão, inerte. Bellacara fez tudo por socorrê-la e com a ajuda de Bonadelo levou-a até ao banco. Todos os olhos, exceto os de Guglielma, que permaneciam fechados, estavam virados para ela; após um tempo que pareceu uma eternidade, a rapariga moveu uma perna, depois um braço, por fim, ergueu a cabeça e olhou em volta. O seu olhar parecia confuso. De repente, da garganta saiu-lhe um som sufocado, que em breve se transformou num gemido lamentoso, para depois se converter num choro violento. Bellacara rodeou o corpo delicado de Giacoma com os braços e, inclinando amorosamente a cabeça sobre o seu próprio Peito, embalou-a docemente, sussurrando-lhe palavras de conforto. Aos poucos, os soluços abrandaram e a rapariga acalmou-se. Levantando a cabeça para a assembleia que a rodeava, olhou em volta, insegura, mas de repente a vergonha tomou conta dela, levando-a a recolher-se e a refugiar-se mais ainda nos braços de Bellacara.

-Agradecemos ao Altíssimo a graça que acabou de nos conceder...

Todos os olhares convergiram para Guglielma, que, sentada, recomeçara a falar. A mulher parecia exausta, como se o seu corpo tivesse acabado de fazer um enorme esforço; até a voz, com aquele ligeiro acento estrangeiro, soava cansada. Retomando aos poucos o controlo, Guglielma continuou.

- Esta rapariga foi curada, mas não é a mim que deve agradecer-se este facto. Eu não passo de um meio que Deus escolheu para operar o Seu prodígio e a minha e a vossa oração devem ainda elevar-se até Ele para que a saúde que esta pobre infeliz readquiriu possa continuar a albergar-se dentro dela. Antes que esta assembleia se disperse, rezaremos, portanto, juntos e cada um de nós deverá fazê-lo ainda amanhã e depois de amanhã e todos os dias até nos encontrarmos de novo aqui. Que nenhum de nós se esqueça de agradecer ao Altíssimo por tudo o que hoje aconteceu nesta casa! E lembrai-vos: o Senhor disse para nos amarmos e nos honrarmos uns aos outros. Será este amor recíproco que atrairá a benevolência de

Deus, será este amor de nós todos a curar a alma e, juntamente com ela, o corpo...

Ninguém abria a boca: doze pares de olhos fixavam Guglielma, atentos, para não perder nem uma palavra do discurso. A voz da Boema ia, aos poucos, retomando o seu habitual vigor, tomando um tom ligeiramente ressentido. O seu olhar penetrante ia de um a outro dos presentes, sem descurar nenhum deles: até o pequeno Hamid, aninhado de encontro a Allegranza, recebeu a sua parte de atenção.

- E digo-vos: não sou Deus! Todos vós me conheceis como Guglielma e é exatamente o que eu sou. Nunca disse que encarnava o Espírito Santo, nunca mostrei quaisquer estigmas, não estou envolta em qualquer aura de santidade! Ninguém, repito, ninguém!, poderá alguma vez atribuir-me méritos que não possuo! Estas nossas reuniões nasceram para dar graças a Deus, para difundir o Seu verbo, para refletir sobre a Sua inestimável graça, que devemos agradecer-Lhe...

A minha humilde vida nesta terra tem este fim: e se, neste objetivo, também entra o dom, que por mim não foi procurado, de pedir ao Altíssimo a misericórdia para os doentes, os néscios, os desprotegidos, pois, bem, isto não faz de mim uma santa! Alguém, segundo me contaram, terá dito que encarno o Espírito Santo... Pois eu vos digo: se não fizerdes penitência por estas palavras blasfemas, serão os diabos do inferno a esperar-vos! Eu não sou Deus, eu não sou o Espírito Santo, eu não sou uma santa, sou apenas a Guglielma!!! Estas são as palavras que deveis espalhar pela cidade, esta é a verdade...

A surpresa e a confusão enchiam os olhares. Maravilhados por aquele fogo violento, não habitual nos lábios de Guglielma, os presentes interrogavam-se uns aos outros com o olhar, tentando compreender o motivo que o desencadeara. Nenhum deles alguma vez defendera a santidade daquela mulher, mesmo que as suas ações talvez o tivessem podido justificar. Na cidade, o mais que dela diziam era que se tratava de uma curandeira ou de uma «escolhida de Deus». E então, quem poderia ter espalhado aqueles boatos? Eles poderiam converter Guglielma num alvo fácil para uma acusação de heresia! Angiolina e Graziolo entreolhavam-se ansiosos, compreendendo muito bem até que ponto poderia tornar-se perigosa a sua frequência assídua às reuniões. Provavelmente este mesmo pensamento viera à cabeça de Giacomo da Forno, que neste momento alisava mecanicamente a manga da veste e fixava a ponta dos próprios sapatos,

enquanto uma ruga profunda de preocupação lhe atravessava a testa. Guglielma levantou-se e, precedida por um par de devotos que manifestavam uma singular familiaridade com os seus ensinamentos, dirigiu-se para um pequeno altar armado num nicho da parede. Era isso, podiam ter sido eles os responsáveis pela perturbação irada da Boema!, pensou Graziolo. Aqueles dois, pelo que sabia, de os ter ouvido tagarelar nas salas do Broletto, eram dois ambiciosos aproveitadores, que, desfrutando dos generosos dotes de Guglielma, esperavam, nas suas costas, conseguir fama e riqueza. E ele, apesar da sua vizinhança servil com os palácios do poder, fora bem estúpido em não ter dado ouvidos ao que se dizia, em não ter percebido quanta ambição mundana, mascarada de fervor religioso, poderia destruir qualquer verdadeira mensagem divina! Perturbado por uma angústia profunda que lhe apertava o estômago, Graziolo participou mecanicamente nas orações. Impelido por uma inusual urgência em abandonar aquela sala, no fim das invocações, pegou Angiolina pelo braço e encaminhou-se para a porta. Allegranza seguia atrás, quando, a um delicado toque nas costas, parou. Voltando-se, encontrou-se de frente com o rosto severo de Guglielma, que a fixava com olhos febris. Surpreendida, já se questionava sobre o que fizera de errado, quando a mulher lhe dirigiu umas palavras.

-Mostra-me as tuas mãos, Allegranza - ordenou.

A este pedido, a rapariga corou violentamente e permaneceu imóvel, olhando assustada a sua interlocutora.

Com o mesmo esforço que faria se tivesse levantado um grande fardo de feno, a rapariga ergueu os braços e colocou as mãos em frente do peito: um tremor incontável sacudia-a. Com delicadeza, Guglielma segurou as suas mãos entre as dela e examinou-as.

101 - Esta mão lesada - disse, apontando o pedaço de pele que unia os últimos dois dedos da mão esquerda - será a tua salvação.

Isto, que os homens chamam de defeito de nascença, são as chancelas de Deus: Ele quis dar-te uma prenda e para ti será o sinal que te permitirá salvares a vida e a alma...

Os olhos esbugalhados de Allegranza seguiam incrédulos as palavras da Boema: não compreendia. Como seria possível que aquele defeito, que ela sempre tentara esconder e que só os doentes e os infelizes que quotidianamente tratava no Brolo toleravam, se convertesse na sua salvação? Aquela mulher nem sonhava a vergonha profunda que

acompanhara toda a sua infância, as piadas dos seus companheiros de brincadeira, as dificuldades em fazer certos gestos que, para todas as outras pessoas, eram naturais e espontâneos? Até agora, toda a sua vida fora passada a esconder, debaixo do avental, por detrás das costas, entre as pregas do vestido, aquela mão diferente e ineficiente. E agora, esta mulher, falava de «chancela de Deus»! Allegranza surpreendeu-se a pensar que a vontade do Altíssimo devia ser bem bizarra se, para marcar os seus eleitos, os privava da misericórdia dos seus semelhantes! Subitamente arrependida daquela reflexão blasfema e já prestes a pedir perdão ao Onnipotente, a rapariga ouviu Guglielma, que recomeçara a falar num sussurro.

- Ouve-me, Allegranza, e toma bem atenção ao que vou dizer-te.

Conheço um médico, um judeu que vive aqui na cidade. Não, não me interrompas... - acrescentou, cortando, logo ao nascer, o protesto de Allegranza - ... é um judeu, sim, e muito experiente. Veio de Salerno, onde existe uma importante escola de medicina. Fez uma longa e cansativa viagem e vai permanecer em Milão por algum tempo antes de voltar para França. Disseram-me que está doente, ele também, mas espero que Deus lhe poupe a vida... Não me olhes assim, Allegranza! O que achas, que o Altíssimo faz diferença entre cristãos, judeus ou sarracenos quando tem de decidir quem vai poder transpor as portas do Seu reino? Oh, sei perfeitamente que estes são os discursos que muitos poderiam rotular de heresia, mas certamente não irás denunciar-me... E depois, se tu ou outros me mandassem para a fogueira, seriam sempre preferíveis as chamadas terrenas do que as eternas do inferno! A minha fé é firme, a minha certeza de que temos todos um Deus único e que a Sua misericórdia abrange a totalidade das criaturas sem fazer distinções entre os seus diversos credos é, para mim, inabalável. Vê bem, portanto, como é irrelevante o facto de este médico ser judeu: chama-se Isaac ben David e mora com a filha perto do Hospital de San Lázaro. Vai até lá, mas sem que ninguém saiba, porque, como sabes, os médicos judeus não estão autorizados a *exercer* aqui na cidade. E sobretudo não digas nada disto a ninguém no Brolo, onde trabalhas: se por acaso a notícia de que Isaac cuida de uma cristã chegasse a ouvidos sujos, seria a desgraça dele e também a tua. O risco que acho que deves correr justifica-se: esse homem não é apenas um físico, também aplica a cirurgia e, assim, saberá encontrar a forma de separar os teus dedos. Isto não está em contradição com aquilo que te disse antes sobre a vontade de Deus relativamente a ti: o Seu planeamento quanto à tua vida

compreende também Isaac e a sua filha... Não me perguntes como consigo sabê-lo - acrescentou, preocupada com a crescente incredulidade que via estampada no rosto de Allegranza -, sei-o e isso basta. Se fizeres o que te digo, salvar-te-ás: deverás ser tu a decidir...

Guglielma largou as mãos de Allegranza, que, até então, mantivera entre as suas. Um cansaço profundo marcava-lhe os traços do rosto, muitas madeixas de cabelo haviam-se soltado do carrapito, preso na nuca, e pendiam, rebeldes, de ambos os lados do rosto. Allegranza retirou as mãos e escondeu-as imediatamente, como era seu costume, debaixo do avental. Ardiam. O calor transmitido pelas mãos de Guglielma parecia ter irradiado das brasas ardentes de uma fogueira, quando a chama, escondida debaixo da lenha, arde ainda silenciosa.

- Farei como dissestes, dona Guglielma, irei cumprir... - sussurrou a rapariga, inquieta.

- Não deves cumprir, Allegranza - replicou a Boema com uma doçura nova na voz -, deves compreender. Estou certa de que o Altíssimo te iluminará. E agora vai em paz.

Guglielma virou-se e juntou-se aos seus assistentes, que a esperavam irrequietos, maravilhados por aquela longa e imprevista conversa com a jovem criada. Allegranza, ruborizada e com o coração batendo como louco, encaminhou-se para a porta. Hamid, já na rua, esperava-a irrequieto fazendo uns rabiscos no chão com um pauzinho.

- O que te disse ela? O que te disse a Boema? - assaltou-a, excitado, assim que a viu aparecer na soleira da porta. Enquanto o Pequeno saltava à sua volta, esperando uma resposta, Allegranza Procurou acalmar-se: o coração continuava a bater e agora sentia as Pernas a tremer e tinha dificuldade em prosseguir.

- Nada de importante, Hamid, nada de importante...

Desiludido, o rapazinho observou-a desconfiado, não acreditando, de facto, no que a irmã acabara de lhe dizer. Com um suspiro ressentido, deitou fora uma pequena porção de cascalho que ainda segurava na mão e desatou a correr para casa.

O Sol estava a baixar: na ruela começavam a adivinhar-se as chamas das velas acabadas de acender, que, tremendo por causa das portas abertas, criavam sombras inquietantes nas paredes. Com um arrepio, Allegranza apressou o passo na direção da Via Porticata.

## Capítulo 12

Matthew parou. Do lado esquerdo da estrada, mesmo à beira da Capela de San Sático, uma longa fila de penitentes obstruía quase completamente a passagem de acesso às vias dos armeiros. Arnolfo dissera-lhe que não se admirasse se, ao passar por ali, visse uma imensidão de pessoas à espera, porque a multidão que iria encontrar tinha um objetivo específico, ainda que bem curioso.

Tudo começara um ano antes, quando a notícia da ocorrência de um milagre se começara a espalhar. Um certo Massazio da Vigonzone, um homem completamente desequilibrado, havia apunhalado o quadro que representava a Virgem, exposto do lado de fora da porta da capela, e a imagem da Mãe de Cristo começara a sangrar copiosamente. Os monges que se ocupavam daquele pequeno templo haviam logo de seguida gritado aos sete ventos que se tratava de um milagre, e agora, todos os dias, uma pequena multidão dirigia-se a San Sático para oferecer dinheiro e suplicar indulgências. Arnolfo não conhecia o destino de Massazio, mas constava que fora acolhido num mosteiro qualquer para se emendar e expiar as suas culpas.

O abade acrescentara que este fora o único milagre ocorrido desde há muito tempo e que, exatamente pela escassez crónica de prodígios na cidade, o acontecimento provocara um certo alvoroço, atraindo cada vez mais fiéis à capela. As palavras de Arnolfo, enquanto lhe contava o milagre, tinham revelado um não sei quê de desencanto, como se ele próprio duvidasse da sua veracidade. Matthew, que se habituara a reconhecer na personalidade do abade uma mente perspicaz apoiada num carácter prático, também não se deixou surpreender demasiado. Ele próprio recordava que também em Inglaterra se continuava a solicitar a credulidade popular e a estimular a afluência de fiéis às igrejas para desfrutarem dos prodígios e das relíquias. Até soubera que destas últimas se fazia um verdadeiro e miserável comércio: trapaceiros de todos os tipos sustentavam tê-las obtido de presumíveis cruzados de regresso da Terra Santa e, em troca de dinheiro sonante, revendiam-nas a abades e a bispos. Apesar de ter notado aquele tom de desconfiança nas palavras de Arnolfo, não ousara, no entanto, perguntar-lhe se também em Milão havia tráficos deste tipo. Se a sua permanência na cidade se prolongasse, certamente chegaria, por si mesmo,

ao seu conhecimento.

Depois de ter finalmente conseguido ultrapassar a multidão e ter atravessado o coberto que levava ao quarteirão dos armeiros, Matthew foi envolvido por um ruído ensurdecedor. Dezenas de martelos batiam sobre metal, faíscas soltavam-se da escuridão dos corredores onde se amontoavam as bigornas, fogueiras bem vivas crepitavam nas forjas dos artesãos. Apoiadas às paredes no exterior das lojas, armas e ferramentas bélicas dispunham-se numa bela exposição, bem guardadas pelos olhos atentos dos servos dos armeiros: espadas, adagas, escudos, elmos, correntes, maças, esporas, cotas de malha, polainas, e qualquer outro instrumento utilizado nas operações militares. A estes objetos de ataque e de defesa juntavam-se também outros apetrechos de maiores dimensões, como os mortíferos *carri falciati* <sup>[2]</sup>, usados na batalha, ou maciças longarinas de madeira munidas de pontas cortantes, utilizadas como fortes móveis na defesa dos fossos.

Mesmo aqui, eram imensas as pessoas que ocupavam cada espaço da via, mas, desta vez, quase todos homens. Armeiros, cavaleiros, notáveis, capitães: cada um deles observava as mercadorias expostas, um ou outro avaliava a sua consistência e qualidade, outros ajustavam o preço, outros, ainda, faziam as suas encomendas. Matthew pensou que aquela multidão que gritava e se amontoava por ali desordenadamente lhe lembrava um desorganizado jogo de crianças, que, orgulhosas por terem excluído do seu divertimento qualquer presença feminina, manifestavam toda a sua violenta impetuosidade. Como é evidente, a exposição de um tão grande número de armas num espaço tão reduzido despertava nestes homens entusiasmos infantis pelo jogo da guerra. O frade deixava-se sempre fascinar pelo facto de o comportamento dos homens se modificar tanto por influência de quanto os rodeava: quando estavam sós ou com poucos amigos fiéis, revelavam o lado melhor ou pior de si próprios, mas, de qualquer modo, o seu carácter era definível. Quando, pelo contrário, e pelos mais diversos motivos, eram incluídos numa massa mais vasta de indivíduos semelhantes a eles, o comportamento mudava e, com isso, a personalidade. Matthew já o notara entre os seus confrades, em Inglaterra, entre os colonos e os mercadores que encontrara pelo caminho através do vale Augusta, entre os homens que encontrara em Milão, tanto populares como religiosos ou aristocratas. Os seus modos tornavam-se mais arrogantes, a sua voz e o seu olhar mais seguros, como se o facto de pertencerem a um grupo homogéneo justificasse cada ação, mesmo a mais reprovável. Esta fusão de caracteres,

pensava o frade, era seguramente útil na batalha, quando a agregação de tantos homens diferentes se destinava a atingir um objetivo comum. Mas e noutros lugares? Que sentido poderiam ter alguma vez os ditos obscenos, as blasfêmias, as vulgaridades pronunciadas em grupo em frente de uma taberna, se, dentro das suas casas, entre a mulher e os filhos, nenhum deles ousaria alguma vez repeti-las? Não compreendia: por outro lado, dava-se conta de que o longo período de segregação, passado longe da sua terra e dos seus hábitos, o havia privado, em parte, de uma serena capacidade de avaliação. Concluía uma longa e difícil viagem através da Europa, partilhara acontecimentos dramáticos com pessoas desconhecidas, descobrira amigos de cuja sinceridade jamais pudera duvidar, mas também tivera de afrontar a malvadez e o ódio dos inimigos, que teria preferido não ter encontrado. Sentia-se cansado e confuso. A própria atmosfera da cidade perturbava-o: Milão era um grande e complexo aglomerado urbano, onde cada coisa, cada pessoa podiam ser diferentes do que pareciam. Como Arnolfo lhe explicara, as personagens de relevo e os acontecimentos que protagonizavam tinham a característica de mudar com uma rapidez impressionante, as pessoas mudavam continuamente de facção. Por estes e outros motivos, que não conseguia definir mas que lhe criavam uma certa inquietação, Matthew quisera sair de Milão, mas o recente caso que assumira e a consciência de não poder atingir a meta imediatamente retinham-no na cidade. Procurava, assim, ignorar o sentimento de nostalgia que cada vez mais frequentemente lhe fazia tantas saudades do seu mosteiro já perdido, St. Albans, mas tentava também apagar da sua mente a mais recente, inesperada tristeza que sentia pelo vale Augusta, que deixara há pouco menos de um ano. Embora a imperscrutável vontade divina o tivesse levado a fazer aquela viagem por montanhas e vales e a sua permanência por lá houvesse sido acompanhada por acontecimentos dramáticos, Matthew surpreendia-se agora por sentir saudades do silêncio daqueles lugares e da simplicidade e pureza das pessoas que os habitavam. E depois talvez, pensava, a sua fé estaria a vacilar, perdida entre a imensidade dos acontecimentos que, não por escolha sua, tivera de enfrentar nos últimos dois anos.

No fundo, justificava-se, tinham sido os seus pais a estabelecer que a sua vida iria ser dedicada a Deus, quando o haviam confiado como oblato aos bons frades do mosteiro, mas, se bem que tivesse tirado proveito dos ensinamentos que lá recebera, continuaria a ser sempre um simples monge,



filho de camponeses. De qualquer modo, sentia que o cansaço acumulado durante a sua interminável peregrinação penitencial o impossibilitava de enfrentar as intrigas, as duplicidades e as estratégias que, estava certo disso, teria de ultrapassar para levar a cabo a missão que Arnolfo lhe confiara.

Perdido nos seus pensamentos, Matthew não se deu conta de que chegara ao Broletto. Aqui a sua atenção foi atraída por um outro ruidoso grupo de pessoas que, circundando o poço, escondia da sua vista o objeto de tanto bulício.

Curioso, aproximou-se e, rompendo entre duas servas que conversavam animadamente, conseguiu ver o que se passava. Um homem com as calças caídas aos pés estava sentado no chão: o traseiro, branco e mole, espalhava-se por cima de uma pedra comprida e estreita, enquanto as mãos, ligadas uma à outra por uma grossa corda de cânhamo, mal conseguiam cobrir a púbis. Até os tornozelos estavam presos a dois cepos, cravados na terra ao lado da pedra: as pernas, escarranchadas anormalmente, acentuavam a obscenidade da posição. O homem chorava: o seu rosto, corado de vergonha, pendia sobre o peito, sacudido por soluços silenciosos.

-Já viu, frade - disse uma das servas, que, virando-se, dera com Matthew a seu lado -, o que acontece aos mercadores desonestos? - Mas qual é a razão disto? - pergunta o frade. - Que coisa fez este homem? - Está falido, não vedes? Não vedes que o puseram ali com o rabo nu em cima da pedra? Mas donde é que sois, irmão? - prosseguiu a rapariga, curiosa com o linguajar do seu interlocutor. - Não sabeis o que fazem aqui em Milão aos mercadores falidos? Põem-nos a ridículo, a ridículo! E fazem muito bem! Não quereis saber que este biltre pediu emprestado um saco de dinheiro para comprar algodão e de seguida, depois de o ter vendido aos fustanheiros, gastou tudo o que ganhara em tabernas e bordéis, sem restituir nem um terçozinho sequer?! E já se preparava para fugir da cidade, o porco! O que vale é que o prenderam: imagine que já estava quase fora das muralhas quando os guardas o prenderam com uma intimação do juiz! Eh, se todos os mercadores que vivem aqui em Milão fizessem como ele, estávamos arranjados! É melhor obrigar os patifes a acocorarem-se na pedra, assim todos os outros aprendem a portar-se bem! O meu patrão diz sempre isso: encontra um mercador honesto e acharás um tesouro...

-E por quanto tempo o vão deixar ali? E depois, que lhe farão? -Vai ficar ali todo o dia de hoje e de noite *levam-no* para a cadeia de Malastalla. Não se sabe quando será julgado, mas acho que não vai demorar...

Matthew, aturdido com as palavras iradas da mulher, fixava o mercador. Apesar de perceber que o discurso da serva se justificava, experimentava um sentimento de pena por aquele homem de aspecto já não muito jovem que se avelhantara mais ainda pela ignomínia daquela obscena ridicularia. Perturbado, refletiu sobre o facto de os seus semelhantes usarem sempre a exposição da sua nudez para os mais diversos objetivos: por um lado, as prostitutas ostentavam seios e coxas a qualquer esquina para incrementar o seu desgraçado comércio, por outro, o corpo nu de um malfeitor ou de um condenado fomentava piadas cruéis e obscenidades por parte de quem passava.

Mas, então, onde estava a diferença, que significado se atribuía ao pudor, se só a diversidade de situações estabelecia a sua importância? A efetiva igualdade dos homens, deu consigo a pensar, residia exatamente na sua nudez e eram os fatos, mais ou menos ricos, que permitiam distinguir o aristocrata do camponês: eram apenas peças de tecido, cosidas às três pancadas ou finamente bordadas, que faziam mudar o comportamento das pessoas para com os próprios semelhantes.

A aparência do fato condicionava as maneiras, o respeito: Quem ousara alguma vez interpelar um popular andrajoso, coberto de trapos, com a mesma deferência utilizada na abordagem de um aristocrata ou de um mercador rico? Ruminando sobre quanto as ações humanas se vinculavam à futilidade dos costumes, Matthew dirigiu-se a passo veloz para o Mosteiro de San Simpliciano: à hora nona teria de encontrar-se com Arnolfo para receber ordens sobre o seu mandato.

## Capítulo 13

-É claro que, nesta altura, devemos procurar a ama...

Matthew observava a expressão entusiasmada de Arnolfo. Esperara que, depois de lhe ter contado o que a madre Eufrasia lhe dissera, o abade desistisse de continuar a procurar a filha de Caterina. Considerando o tempo, tantos anos que entretanto haviam passado, e a dimensão da cidade, mesmo admitindo que ainda estava viva *ou* que, quem sabe, nunca teria existido, o frade achava completamente impossível encontrar a rapariga. Toda aquela história, que, ouvida da boca da abadessa, achara dramaticamente real, agora, apenas umas semanas depois, parecia-lhe uma inverosímil construção mental, elaborada pela fantasia doente de uma velha freira e de um abade visionário.

- Não vai ser fácil - interrompeu Matthew -, até porque, depois de todo este tempo, a mulher já deve estar velha e possivelmente nem se lembra de nada: geralmente, as amas não cuidam apenas de uma criança durante toda a sua vida fértil, e as de San Celso poderiam nem se lembrar de todas as crianças a quem prestaram serviço...

Arnolfo fixou Matthew com dureza.

- O irmão acha-me um idiota, não é verdade? Não tem coragem de me confessar que pensa que esta minha obsessão é uma perda de tempo própria de um abade que não tem nada de mais urgente para Pensar, não é? Pois bem, não é exatamente assim! Existe um outro e bem mais grave motivo pelo qual devo conhecer o destino da tal descendente de Gisalbertini! Não queria falar-lhe nisso senão depois de ter terminado a investigação, só que agora a sua manifesta incredulidade constrange-me a dar-lhe conhecimento...

Arnolfo parou de falar, baixou as pálpebras e fechou os olhos. Apoiando os cotovelos nas coxas cobertas pela batina escura, enrolou-se sobre si próprio, erguendo as mãos afuniladas para massajar nervosamente a cara. Confuso com o comportamento perturbado do abade, Matthew esperou.

Passado um tempo que lhe pareceu uma eternidade, Arnolfo levantou-se, endireitando lentamente as costas ao longo do espaldar da cadeira: o seu rosto estava pálido, mas a expressão era de uma calma determinação.

- Agora ouvi-me com atenção, irmão Matthew, e procurai compreender qual é, no fundo, a verdadeira questão. Apesar de serdes forasteiro e de não

conhecerdes bem a cidade, não posso acreditar que lá, na vossa Inglaterra, não existam intrigas políticas e avidez de poder e que vós, mesmo na paz do vosso mosteiro, não vos tenhais apercebido delas, não tenhais ouvido dizer... Assim, uma vez que disto se trata, estou certo de que compreendereis. Esquecei por momentos o caso de Caterina e da sua filha. Lembrai-vos de que tanto eu como a abadessa vos falámos de Lanfranco Calgario? Pois bem: o notário Bonprando, com quem estou permanentemente em contacto, por ser o encarregado das finanças do mosteiro, disse-me que este homem vive ainda na cidade e que está a mexer todos os cordelinhos, mesmo os mais indignos, para ser nomeado *capitano di giustizia*.

Na realidade, nas estâncias da *podestà*, ninguém o quer, porque todos sabem que é uma pessoa imoral e por vezes violenta. Como podeis imaginar, este cargo requer, pelo contrário, por parte de quem o exerça, equanimidade e equilíbrio. Nestes tempos, a insipiência de apenas uma pessoa é suficiente para provocar desordens e levantamentos! Embora Lanfranco tenha feito tudo para esconder o seu passado e vá ostentando por aí riquezas que na realidade não possui, aos ouvidos do notário chegaram alguns rumores sobre envolvimento seu em acontecimentos pouco claros e que seriam mais do que suficientes para impedir a sua ascensão a este cargo.

Não passam de mexericos, entendamo-nos, e sem quaisquer provas, mas agora pergunto-me: não se tratará, por acaso, da sua história com Caterina Gisalbertini? Haverá mais alguém a suspeitar do homicídio? Poderá haver mais alguém, que nem eu nem Eufrasia conheçamos, que saiba de outros factos em que ele tenha estado envolvido? Compreendeis agora por que razão se torna absolutamente necessário que encontremos a filha de Caterina, se ela realmente está aqui? Assim que a sua identidade estiver comprovada sem qualquer dúvida, a rapariga seria a prova viva do seu crime! Uma dúvida, uma só, sobre a conduta moral de Lanfranco impediria o seu acesso a *capitano di justizia* e, sobretudo, levaria a *podestà* a afastá-lo da cidade...

Arnolfo retomou o fôlego e fixou o rosto do seu interlocutor para se certificar da sua atenção a estas novas explicações. A surpresa estampada no rosto do frade convenceu-o da eficácia das suas palavras. Matthew procurava pôr ordem nos seus pensamentos. Sentia-se irritado com o facto de o abade lhe ter contado toda aquela história aos bochechos: como era

evidente, a confiança que depositava na sua pessoa não era assim tão grande e isso aborrecia-o.

Por outro lado, ele próprio, que, na sequência de uma visão semelhante à de Arnolfo, se vira obrigado a dar um rumo completamente inesperado à sua vida, levando uma sinistra profecia para uma terra desconhecida, não era seguramente o melhor juiz para emitir opiniões sobre o comportamento humano. O tempo que passara desde a sua peregrinação pelo vale Augusta fora tão breve que recordava ainda muito bem a angústia que vivera, o medo de falar da sua premonição a quem quer que fosse, o terror que lhe provocara a ideia de que aquela profecia viesse a acontecer. Podia, portanto, compreender muito bem a excitação de Arnolfo e o medo de que não o acreditassem, mesmo que o seu sonho tivesse uma incrível correspondência com as confidências de Eufrasia e com os acontecimentos em curso.

- Está bem, Arnolfo - disse Matthew, levantando as mãos em sinal de oração -, já compreendi. Prosseguirei as minhas investigações sobre as amas; mas a vós, peço-vos, confiai em mim. Não tenho autoridade para julgar os comportamentos de quem quer que seja; se foi o Altíssimo que guiou a vossa visão, será ainda Ele que nos permitirá encontrar a filha de Caterina... Dizei-me, portanto, o que deverei fazer.

Um sorriso tímido, insuspeito, naquele rosto orgulhoso, iluminou a expressão do abade. Tranquilizado pelo tom decidido do frade, assumiu uma expressão conspiratória e, juntando as palmas das mãos no habitual gesto de oração, começou a falar.

Ignorando a conversa que se desenrolava numas celas mais adiante, uma das pombas criadas com toda a dedicação pelos monges de San Simpliciano pousou no parapeito do minúsculo quarto de Matthew. Pulando até ao limite interior da janela, olhou em volta e, não se apercebendo de qualquer presença humana, começou a dar bicadas na cauda e no dorso para se limpar das poeiras e dos insetos.

Quando terminou esta operação, pôs-se a balançar no limite exterior do parapeito e, decorrido um instante, voou para o teto da basílica.

Leve como um fio de erva transportado por uma brisa que mal se sentia, uma pena destacou-se do corpo da pomba e planou lentamente por cima do chão de pedra, indo pousar no saco de Frei Matthew, que estava aberto debaixo da janela. Quase completamente escondida pelas poucas roupas do monge, a pena ficou entre as pregas do couro, mesmo ao lado de um tronco de zimbro, com cujos ramos, já secos, ela própria se confundiu.

Raquel observava o pai. Adormecera há pouco, depois de ter passado toda a tarde a tossir e a vomitar. O ar que expirava, de forma irregular, saía-lhe da garganta cansada, áspero e catarroso. Parecia, por vezes, ter parado completamente, mas retomava, poucos instantes depois, ainda mais sibilante. A rapariga, sentada num escabelo aos pés da cama, pousara sobre os joelhos um grosso volume escrito em hebraico e passava as folhas uma a uma, à procura do que poderia ser-lhe útil. O próprio Isaac muitas vezes havia-o consultado, quando as dúvidas suscitadas por doenças especiais que tivera de tratar não haviam sido confirmadas por suficientes experiências. Sabia que aquele livro enorme era obra de um famoso médico hebreu de Córdova, um certo Moshe ben Maimon, e que o pai o guardava como uma relíquia.

Em Salerno, onde nascera, Raquel recebera uma ótima instrução de um preceptor judeu que o pai pagara de bom grado para lhe ensinar as noções básicas do hebreu, do latim e do grego. Tinha consciência de ser uma privilegiada, porque poucas eram as raparigas a quem fora permitido um conhecimento tão vasto das letras. Apesar de as amigas com quem partilhara a infância e a primeira adolescência em Salerno terem aprendido a escrever em hebreu numa pequena escola dirigida por uma senhora da sua comunidade, o seu domínio da língua escrita ia muito além das poucas noções dispensadas às suas companheiras e que lhes eram úteis, quando muito, para poderem corresponder-se com os familiares. A aprendizagem das línguas clássicas permitira-lhe descobrir os autores latinos e gregos, cujas obras a haviam enchido de curiosidade e fascínio, estimulando-a a estudar, de seguida, a história antiga daquelas gentes cujos acontecimentos se haviam, por várias vezes, entrecruzado com os do seu povo. Ter-lhe-ia agradado poder também ler a Torah, mas esse texto, como era sabido, era interdito às mulheres. Mesmo que, com uma ponta de mágoa, o seu pai lho tivesse já dito e repetido por mais de uma vez, aquele era um assunto proibido. Talvez para a compensar daquela desilusão, ou talvez também para lhe transmitir o grande amor que nutria pela sua profissão, Isaac havia-a, pelo contrário, ajudado a estudar e a compreender a doutrina de Moshe ben Maimon, explicando-lhe o significado de todas as palavras difíceis escritas naquele grande volume de temas médicos que agora segurava entre as mãos.

Enquanto a vela de sebo colocada em cima da mesa, ali ao lado, se ia consumindo lentamente, Raquel esforçava os olhos pelas linhas do longo

capítulo dedicado aos sintomas. Se ao menos pudesse tentar fazer um diagnóstico da doença que consumia o pai! Era melancolia, disso tinha quase a certeza, e sabia que este morbo provocava outras tantas sequelas, como o cancro ou a loucura. Mas, perguntava-se, consultando febrilmente o livro, se a melancolia é produzida por um excesso de bÍlis negra, se este é um dos quatro humores do corpo e se, como lhe ensinara Isaac, este humor possui secura, porque é que todas as manifestações fisiológicas do seu pai eram marcadas pela humidade? Suor, catarro, urinas copiosas, não eram, todos eles, sintomas de humor húmido? E então? Não se tratando do humor do sangue, que outro além dele poderia gerar humidade? Mas então, se não era a melancolia a causa originária do seu mal, que outra coisa poderia ser? Se ao menos pudesse pedir a ajuda de um outro médico! Mas, pelo que conseguira saber, na cidade só podiam exercer os físicos cristãos, que, além de desprezarem os seus colegas judeus, eram capazes também de denunciar a sua presença, mal tolerada em Milão: neste caso teriam de ir-se embora, expulsos sem dó nem piedade daquele miserável pardieiro, que tinham encontrado com grande dificuldade. Não, com o pai naquelas condições, não conseguiriam fazer qualquer viagem, teria de pensar nele, tentando cuidar dele, aplicando tudo o que lhe vira fazer durante tantos anos.

Deveria estudar mais ainda e, pela observação dos sintomas, arriscar um diagnóstico. Depois, quando estivesse razoavelmente segura das conclusões a que chegara, procuraria o remédio: no fundo, a burra do seu pai transbordava de emplastos, de pÍlulas, de ventosas para sangrias, de evacuantes. Certamente encontraria alguma coisa, algo que funcionasse.

Esfregando os olhos cansados por causa da leitura à luz fraca da vela, Raquel reuniu as páginas do volume, juntou-as todas e apertou-as com a forte corda de cânhamo fixada à extremidade da cobertura de couro. Recolocado o livro na escrivaninha de carvalho, aproximou-se do catre para controlar o sono do seu pai. Isaac dormia agora profundamente e a sua respiração estava mais regular. Tranquilizada, a jovem dirigiu-se para o enxergão de palha, não antes de apagar completamente o pavio da vela. O cão, que permanecera todo o tempo enrolado aos seus pés, seguiu-a abanando o rabo e, tendo intuÍdo as intenções da sua patroa, deu um grande salto para cima da cama, antecipando-se desta forma a ela e aninhando-se, satisfeito, no fundo do enxergão.

## Capítulo 14

Nuvens escuras e pesadas de chuva avançavam velozes de sul para norte, criando um singular contraste no ar: era como se uma cortina preta, vinda de baixo, corresse para se encaixar na outra metade do céu, azul como um lápis-lazúli. A inexplicável ausência de vento em terra tornava a atmosfera irreal. Matthew, aborrecido com aquela canícula que lhe colava a roupa ao corpo, foi obrigado a parar mesmo atrás de um carro de madeira. O camponês que o conduzia gritou qualquer coisa para alguns dos homens que, curvados sob o peso das enxadas e das pás, ocupavam toda a faixa de rodagem.

- Mas, por Deus, acham que esta é a melhor hora para repararem a estrada? E agora como hei-de passar, eh, digam-me, como hei-de fazer para passar?!...

Continuando a espalhar o cascalho sobre a terra batida, os homens responderam-lhe qualquer coisa que Matthew não compreendeu, mas que devia ser um dito de troça porque o camponês ficou furioso. Levantou-se de repente, em cima do carro, voltou-se e, da pilha que levava, retirou um toro de lenha da grossura de um braço. Depois, praguejando pesadamente, lançou-se para a frente, Para cima da faixa de rodagem. O cepo ressaltou a pouca distância dos pés de um dos homens, levantando uma pedra de cascalho e uma nuvem de terra. O homem, estupefacto com a reação violenta do camponês, pousou a pá no chão e olhou-o: depois, ao mesmo tempo que o seu rosto corava de cólera, aproximou-se do carro pronto para lhe dar luta. Até os seus companheiros tinham parado de trabalhar e, curvados sobre as suas ferramentas, seguiam a cena com olhares ameaçadores.

- Então, que confusão é esta? Não vêem que se avizinha um temporal? Vamos, vamos, precisamos de acabar antes que comece a chover, ou o cascalho deslizará todo para os fossos laterais! Vamos lá, então! E tu... não tens nada melhor para fazer do que chateares as pessoas que trabalham para o mosteiro e praguejares contra todos os santos do Paraíso? As palavras resolutas que ecoaram sonoras nos ares saíram da boca de um padre; a sua baixa estatura e a sua magreza contrastavam com a voz e a atitude imperiosas. Apesar de a sua ira não se ter de forma alguma acalmado, o camponês renunciou ao protesto: sentado novamente em cima do carro, não



respondeu, limitando-se a virar ostensivamente as costas ao monge. Foi assim que conduziu Matthew, que estava em pé à espera mesmo por detrás do carro.

- Frades, só frades, padres, monjas e putas nesta cidade de merda! Basta, juro que não me vão esvaziar mais em Milão as algibeiras e a alma... - praguejou o camponês, reorganizando, raivoso, os cepos na pilha de lenha. Enquanto os homens continuavam apressados a espalhar o cascalho e a nivelá-lo, Matthew colocou-se ao lado do carro e, atento para não resvalar para o pequeno fosso lateral, saltou-o e foi ao encontro do padre.

-Ah, finalmente, tu és o Frei Matthew Willingham, não é verdade? Oh, como é difícil pronunciar o teu nome! Desculpa, mas não estou habituado à língua da Inglaterra, parecem-me muito mais fáceis aqueles tremendos nomes alemães que há anos os soldados do imperador nos cospem em cima... Estava à tua espera, Arnolfo da Sala anunciou-me a tua visita: vem, entremos no mosteiro.

Apesar de, no ardor da conversa, o padre não ter pronunciado o seu nome, Matthew supôs tratar-se de Cosimo da Landriano, o abade de San Celso. A sua conjectura foi logo confirmada. Depois de ter transposto a pequena ponte de madeira que dava acesso ao convento, o padre guiou-o até à parte lateral da basílica, onde, adossada à parede sul, surgia uma construção baixa feita de madeira e de pedra.

-Vedes - acrescentou enquanto o introduzia no seu quarto -, nós não temos o luxo e a comodidade de San Simpliciano. Este mosteiro é pobre, a nossa única fonte de sustento é o campo. Temos aqui há já muitos anos um hospital, que se ocupa dos cuidados da alma e do corpo, além de hospedar os peregrinos que estão de passagem. Nem sonhais quantos são os que, ao longo da sua viagem para Roma ou para a Terra Santa, se nos dirigem também à procura de um catre e de um pouco de descanso! E depois temos os miúdos, pobres criaturas que ninguém quer, abandonados aqui dentro de uma cesta, à espera de encontrarem uma mulher que lhes ofereça o seu seio! Eh, temos muito trabalho, irmão Matthew, muito trabalho... Mas claro que - prosseguiu Cosimo, convidando Matthew a sentar-se num escabelo ao lado da mesa - não é exatamente para saber das nossas amas que está aqui, não é verdade? Ou será que não percebi bem pela carta que Arnolfo me mandou entregar? Matthew, que, por feitio e por prudência adquirida, costumava enfrentar as questões com a maior cautela, ficou surpreendido com a imediatez do abade e teve de fazer um esforço para lhe responder à letra.

-Sim, sim, percebeu perfeitamente - replicou, procurando as palavras com toda a atenção -, o abade de San Simpliciano foi encarregado de encontrar uma menina que se supõe ter sido exposta aqui neste mosteiro. O problema é que já passaram muitos anos e, não havendo notícias precisas da pequena, que já será agora uma mulher, Arnolfo não tem outro meio senão procurar a sua ama para saber se, por acaso, ela ainda se lembrará dela.

- Bem, não vai ser fácil, irmão! Se soubésseis quantas foram as crianças que entregámos...

-Ora aí está, o abade espera que a ama a quem a menina foi entregue tenha de seguida pedido para a adotar e, se isto se tivesse passado, seria possível encontrar-lhe o rasto...

- É verdade, mas com certeza o irmão, vindo de tão longe, não sabe como tudo isso funciona entre nós. Por isso, vou explicar-lhe: a criança exposta é entregue a uma ama, geralmente à mulher de um dos nossos caseiros, e permanece com ela no campo até aos dois, três anos. Depois, findo o contrato, a criança vem aqui para o hospital, onde as corajosas irmãs instituíram um abrigo e, juntamente com todos os outros, ela será educada e alimentada até que chegue a uma idade que lhe permita ser auto-suficiente. Por volta dos dez anos, alguns destes meninos passam a trabalhar aqui ou noutros hospitais, onde prestam os seus serviços como criados, ou então são colocados na oficina de um artesão, onde irão aprender um mester. No caso das meninas, o seu futuro é praticamente sempre o de uma vida de criada junto de alguma família, a menos que a abadessa decida que deve ingressar na vida de clausura. Também, por vezes, mas asseguro-lhe que muito raramente, a ama pede que lha confiem, isto é, pede a sua adoção, e continua a educar a criança. Esta é sempre uma coisa boa porque, além de garantir um futuro risonho para a criança, permite-lhe viver uma existência quase normal: neste caso, por exemplo, as raparigas têm a possibilidade de gozar de um dote, que, mesmo que limitado, lhes permitirá encontrar um marido. Veja o irmão, portanto quão difícil é a vida destas crianças, recusadas por toda a gente...

Atento para encontrar nas palavras do abade a ocasião para fazer a sua pergunta mais importante, Matthew refletia uma vez mais sobre a imperscrutável vontade divina, que, como no odioso jogo de azar, estabelecia a quem dar e a quem pedir sem fornecer explicações imediatas sobre a escolha do privilegiado ou do desafortunado.

Arrependendo-se, imediatamente, de uma avaliação tão profana, tão

afastada dos ensinamentos da Igreja, o frade dirigiu a sua atenção para a exposição de Cosimo.

- Pois bem, voltando ao pedido de Arnolfo, se tiverdes, como me foi comunicado, uma lista de amas de há uma vintena de anos, talvez a madre Isabella, que então se ocupava exatamente dos expostos, pudesse lembrar-se de qualquer coisa, pelo menos quem terá pedido para adotar a menina e quando...

Libertando finalmente um suspiro que lhe apertava a garganta, Matthew interrompe precipitadamente as palavras do padre, demasiado lentas e sensaboronas para apagar a sua ansiedade.

-Tenho, a lista está aqui na minha mão e se pudesse falar com a abadessa...

Estupefacto com a impaciência do frade, Cosimo observou-o demoradamente. Depois, compreendendo de repente a razão do seu embaraço, pois tinha de cumprir uma missão tão difícil e inusual em terra estrangeira, entre milhares de incompreensões e possíveis suspeitos, recompensou-o com um sorriso caloroso, que deu ao seu rosto magro um ar engraçado, como o de um bobo.

-Vinde, irmão, vinde comigo. Vamos à horta, a madre Isabella está lá à nossa espera. Hoje é dia de colheita dos símlices e a abadessa está a ensinar as noviças a distinguir as ervas...

Enquanto Cosimo se levantava, um trovão ecoou ao longe mas já ameaçador.

- Depressa, irmão, depressa, ou a horta ficará num pântano! Oh, pobre de mim, esperemos que as monjas tenham tempo de acabar o trabalho. Precisamos das ervas com urgência, temos muitas decocções a preparar e diversas variedades de plantas a colher agora mesmo, quando a floração está no auge... se as folhas e as flores ficarem ensopadas, demorarão muito mais tempo a secar, de acordo com as normas precisas! O padre dirigiu-se, decidido, na direção da porta, seguido de perto por Matthew. No ambiente silencioso, só se ouvia o frufu dos seus hábitos. O ar parado esperava o temporal como uma libertação.

Aquilo que Cosimo definira como horta, revelou-se, aos olhos surpresos de Matthew, um viçoso jardim. Fechados num espaço com cerca de vinte toesas, cinco grandes canteiros, separados uns dos outros por uma fila ordenada de pedras enterradas na terra, continham uma enorme e variada quantidade de plantas. A horta alongava-se no fim do edifício do mosteiro, no espaço que o separava da pequena ábside da igreja. Dispunha-se de este

para oeste e era circundado por árvores não muito imponentes e bem distantes umas das outras. Um muro feito de pedras amontoadas sem ligante e com cerca de três braços de altura tapava a vista para o campo circundante.

A abadessa mantinha-se de pé, no limite do último canteiro, rodeada por quatro noviças, que, encostadas aos silvados, separavam delicadamente folhas, flores e raízes, que colocavam depois em dois cestos próprios. Aproximando-se, Matthew ouviu a voz da velha monja, ainda antes de lhe distinguir as feições. Com palavras firmes mas delicadas, a madre Isabella estimulava, corrigia, explicava.

- Tome atenção, irmã Maddalena! Aquela não é a aquileia! Não está a ver que a flores semelhantes correspondem folhas diferentes? A aquileia tem raminhos delicados que dão folhinhas filiformes justapostas, enquanto a alcaravia, que está a confundir com a aquileia, tem folhas de tal maneira pequenas que parecem agulhas: não se lembra que da alcaravia se utilizam os frutos, enquanto da aquileia se usam as folhas e os caules? Não se devem enganar, irmãs, porque depois, quando os nossos doentes tiverem necessidade do remédio, deverão dar-lhes o apropriado. Pode fazer pior um remédio errado do que a própria doença, metam isto na cabeça! Cosimo precedia Matthew, seguindo ao longo do bordo de um canteiro cheio de roseiras-de-cão em que o rosa-vivo e brilhante das flores e dos botões se tornara violáceo devido à luz lívida e cada vez mais plúmbea do céu. Dando-se conta da aproximação do padre, a abadessa reuniu as noviças, que, carregadas com os cestos, se dirigiram, velozes, até à hospedaria, onde, na enorme cozinha, iriam providenciar a divisão das ervas colhidas. Matthew, que parara, discreto, uns passos mais atrás, viu Cosimo falar um pouco até a madre Isabella se virar para observar o novo hóspede cheia de curiosidade. Os seus olhos, afundados entre os gordos refegos de um rosto rubicundo, eram de um azul ainda incrivelmente vivo; as mãos, que gesticulavam no ar no fervor da conversa, eram pequenas e gordas, totalmente de acordo com o resto do corpo, baixo, rotundo e decididamente gordo. O aspecto do conjunto era o de uma mulher velha com uma expressão benévola e maternal.

A um sinal do padre, Matthew aproximou-se. Depois das apresentações da ordem, a abadessa pediu-lhe para a seguir até ao escritório, onde, disse, estavam guardados todos os atos que diziam respeito aos acontecimentos do mosteiro, incluindo as entregas dos expostos e os contratos de

amamentação.

- E assim, dizia-me há pouco o padre, podeis procurar os nomes das nossas amas de há uns vinte anos...

- Na verdade, mais do que amas - respondeu Matthew -, esperamos que consigais lembrar-vos de uma determinada menina. Como seguramente vos foi dito, a própria madre Eufrasia, do Mosteiro de Lentasio, teve nas mãos uma lista de mães putativas e com certeza, confrontando aqueles nomes com os vossos, conseguir-se-á estabelecer a identidade da rapariga que procuramos e, confiando na vossa memória, poderemos chegar à menina entregue...

Em silêncio, a velha monja fixou o frade com um olhar arguto, como que para verificar a sua sinceridade. Depois, aparentemente satisfeita com a impressão que tivera, sorriu-lhe e convidou-o a sentar-se num daqueles bancos encostados ao longo da secretária, enquanto ela se dirigia com passinhos curtos e apressados a um grande contador de carvalho escuro, que, uma vez aberto, mostrou uns pedaços bem arrumados de pergaminho acamados uns sobre os outros e todos juntos, presos com um cordelito de cânhamo ou de couro. Enquanto Matthew esperava que a pesquisa da abadessa sortisse os resultados esperados, os seus olhos vaguearam pelas folhas estendidas sobre tábuas, prontas para serem escritas e iluminadas pelos monges no mosteiro do lado. Quase todos exibiam, já completa, a letra inicial, sapientemente elaborada e pintada de vermelho-vivo: ao longo dos bordos das páginas, uns frisos lindíssimos, representando folhas, flores e frutos, alternavam com figuras hieráticas de santos e de anjos. As imagens eram esboçadas com negro-de-fumo de galha, à espera de serem pintadas com tinta de anil e carmim, contidas em frascos arrumados em filas regulares ao longo da extremidade das mesas.

-Vejam, vejam, encontrei! - exclamou entusiasmada a madre Isabella, erguendo-se perigosamente nas pontas dos pés para conseguir apanhar um grosso volume de folhas que estava na prateleira mais alta do contador. - Estão aqui, estão aqui todas as listas daqueles anos e também o apanhado das que foram entregues! Com um sorriso radioso e algum esforço, a monja voltou à mesa, segurando entre os braços o seu tesouro.

- Então, irmão, mostre-me as cartas que tem na mão: com um pouco de paciência conseguiremos compará-las e, se Deus quiser, vamos encontrar a menina...

Enquanto Matthew e Isabella passavam as folhas de pergaminho uma a

uma, conferindo datas e eliminando nomes, o temporal anunciado chegou. As gotas de água, inicialmente raras, transformaram-se, em pouco tempo, numa verdadeira cascata: no interior do escritório, o estrondo produzido pela violência da chuva no telhado de madeira fez com que Matthew, embora apenas por um instante, pensasse, com temor, na possibilidade de desabamento. Como se lhe tivesse lido os pensamentos, embora continuando a consultar febrilmente as listas, a velha freira tranquilizou-o.

- Não tenha medo, Frei Matthew, a estrutura do edifício é sólida e o telhado é permanentemente examinado pelo nosso carpinteiro: não será certamente um temporal estivo a enterrar os nossos preciosos documentos! Mas - disse, levantando-se do banco - deixai-me chamar uma irmã para me trazer um tição da lareira da cozinha; a luz está muito fraca, para conseguirmos ver precisamos de uma vela.

A freira afastou-se na direção da porta do escritório, perto da qual estava pendurado um sino. Assim que o fez tilintar por três vezes, uma jovem noviça bateu à porta, apenas encostada e, depois do Pedido da abadessa, desapareceu na direção da cozinha. Esperando o seu regresso, Isabella aproximou-se de uma das janelas da sala: mais larga e mais alta do que todas as outras que se rasgavam nas Paredes do convento, para permitir a passagem da luz natural necessária ao paciente trabalho das freiras sobre os manuscritos. Naquele momento, porém, pelas grades da janela apenas passava para o interior uma luminosidade lívida e doentia, que ampliava os ângulos escuros em sombras inquietantes. Com as mãos apoiadas na barriga proeminente, a abadessa fixou Matthew, que, apesar da penumbra, esforçava os olhos sobre os pergaminhos.

-Esperai, irmão... Não se consegue ler nada no escuro! É só um minuto, a noviça já volta. Mas, disse-me, enquanto esperamos há quanto tempo dura este vosso peregrinar e que culpa haveis alguma vez cometido para serdes obrigado a sofrer uma penitência tão severa? Apanhado de surpresa, Matthew levantou de imediato os olhos das folhas e fixou, olhos nos olhos, a sua interlocutora. A expressão da monja era piedosa, um sorriso benévolo encrespava-lhe os lábios rugosos. Perguntando-se por que razão a abadessa alguma vez podia ter suspeitado da sua vida atormentada, estava para lhe responder com outra pergunta quando Isabella o segurou.

- Deixai correr, deixai correr, irmão, deixai correr... Já sou velha e, como podeis imaginar, já assisti a muita coisa! Não quero saber nada sobre o senhor, não tenho qualquer direito de penetrar na sua descrição só para

satisfazer a minha curiosidade. Só lhe digo que os anos que carrego às costas me ensinaram a reconhecer o sofrimento nos olhos de quem me aparece à frente e vós suportastes bastante, porque isso transparece no vosso olhar. Pois bem, irmão, qualquer que seja o vosso destino, podeis estar certo de que Deus está convosco e estará sempre. O Altíssimo por vezes dá sofrimentos e dores a quem é capaz de os suportar, isto é, aos mais fortes, enquanto é clemente com os fracos e os incapazes. É, portanto, missão dos corajosos e dos pacientes confortar e ajudar estes últimos. E a participação generosa nos tormentos dos outros cansa, destrói, por vezes ofusca a justa visão das coisas. Ah, sabeis lá quanta caridade eu própria tive de dispensar, sem por isso esperar qualquer recompensa! Por outro lado, como bem sabemos, a escolha de vida que ambos cumprimos está assente exatamente na misericórdia e na piedade. O problema está no facto de os anos passarem velozes e as forças já não serem as de outrora...

O discurso angustiado da abadessa foi interrompido pela chegada da noviça. Na mão direita segurava um pauzinho a arder, que cobria com a palma da outra mão para o proteger das rajadas de vento que agora percorriam súbita e inesperadamente o corredor lateral do escritório. Isabella pegou no pequeno tição e com a sua chama acendeu uma vela de sebo, que colocou bem presa no meio da mesa, mesmo por detrás das folhas ainda por ler.

- Ora, onde ficámos? Aqui, sim, é aqui, no ano de mil duzentos e vinte e seis. Recordo-me bem daquela Primavera, sabem, porque acabara de se formar a liga contra o imperador: beligerantes de toda a parte, peregrinos que se refugiavam no mosteiro e crianças, quantas crianças!, abandonadas pelas famílias em desgraça por pobres mulheres violadas pelos soldados! Olhe aqui, irmão - indicou Isabella, fazendo voar o dedo roliço para o fundo da folha -, vinte e nove expostos entre Janeiro e Dezembro... E destes, dezassete eram raparigas! Diga-me só como havemos de fazer para chegar à menina que procura! Vá, explique-me - prosseguiu, concentrando a sua atenção nos nomes e lugares escritos ordenadamente na coluna do lado -, só quatro destas raparigas foram confiadas às amas, depois do período normal de amamentação, todas as outras regressaram para o nosso abrigo.

Portanto, vamos lá verificar... duas delas, como pode ver aqui escrito, acabaram por ir morar em Vaprio, cada uma delas com a família a que tinha sido entregue; uma outra foi posta sob a tutela do moleiro de Compagnoni di Parabiago; a última foi acolhida por uma ama da Porta Oriental em Milão, mas, como se pode ler aqui, morreu poucos anos depois. E agora?

Como havemos de fazer para identificar a nossa menina? E depois, será este, exatamente, o ano que vos interessa ou o ano seguinte? Matthew, confuso com aquela profusão de nomes e de datas, olhou para a abadessa com um ar perturbado.

-Não sei... eu... como hei-de dizer-vos... como hei-de...

- Bem... bem... - retomou a abadessa decidida -, agora não vamos desistir! O abade explicou-me que Arnolfo da Sala, para quem estais a fazer esta investigação, defende que a rapariga deveria ter menos de dezoito anos: e, portanto, com estas datas sabemos que, se não for este ano, será o ano seguinte, não vos parece? Outra coisa, não tereis nenhuma outra informação para me dar sobre a possível identidade da rapariga que possa avivar-me a memória? O relâmpago azulado de um raio iluminou repentinamente a sala, acompanhado pelo ribombar seco e muito próximo do trovão.

Matthew e a abadessa sobressaltaram-se em simultâneo, assustados com aquele barulho inesperado no meio do ruído contínuo da chuva, que, até então, constituíra um coro monótono e incessante que acompanhara as suas conversas. Refletindo rapidamente sobre o que seria oportuno revelar e sobre o que deveria esconder, o frade arriscou por fim uma frase.

- Poderia dar-se o caso de a menina que procuramos ser filha de uma nobre... . ;.

Os olhos azuis de Isabella, até então animados apenas pela curiosidade, lampejaram de irritação e fecharam-se leve e imperceptivelmente.

Observando o rosto de Matthew à procura de outras respostas que não chegaram, a abadessa calou-se por um longo momento. Depois, com um longo suspiro, falou, conferindo à voz um tom de indignação, até então ausente dos seus modos.

- Deveria ter imaginado que se tratava da descendência de uma aristocrata! Qual a razão, se assim não fosse, de toda esta investigação quase vinte anos depois? Desde quando é que os abades perdem o seu tempo com a investigação de filhos de camponeses, de criados ou de prostitutas? Como se a vida destas criaturas tivesse a marca de quem as concebeu! Não compreendo, irmão, não compreendo... que diferença poderá alguma vez existir entre o choro desesperado de um recém-nascido dado à luz por uma mulher do povo e o de um abandonado pertencente à nobreza? Quem deverá decidir qual dos dois inspira maior piedade? As faces da abadessa estavam agora vermelhas de nervoso e indignação. Matthew, não ousando rebatê-la, baixara os olhos e fixava o chão. Depois de um longo silêncio, a



madre Isabella retomou a conversa.

- Desculpe, irmão, a minha ira, tenho de pedir já perdão a Deus.

Não vem para o caso contar-vos todas as humilhações e as raivas que tive de suportar nestes longos anos de serviço, não vem para o caso fazer-vos participar na dor centenas de vezes experimentada ao apertar entre os braços um pequeno ser choroso a quem não podia explicar por que razão a sua mãe não quisera ficar com ele. Nunca fui mãe, irmão, mas é como se o tivesse sido durante toda a vida, e àquelas mulheres infelizes que tiveram de abandonar os filhos une-me a impossibilidade de gozar os seus primeiros passos, as primeiras palavras...

Por isso fico indignada por se fazer diferença entre bastardos e primogénitos de qualquer família ilustre! E assim, dito isto - prosseguiu, alisando nervosamente as pregas imaginárias no hábito -, voltamos ao nosso problema: disse, uma nobre, não foi?... Deixe-me pensar...

A abadessa juntou as mãos sobre o peito e, fechando os olhos, pareceu isolar-se do ambiente circundante. A chuva continuava a cair, violenta. Dos peitoris das janelas abertas, rios de água começavam a escorrer para dentro, gotejando, copiosos, sobre o chão de pedra.

Matthew, que não voltara a abrir a boca, observava a vela, que se ia consumindo devagar, criando a toda a volta caracóis escuros, de gordura. De repente, Isabella abriu os olhos e fixou o frade.

-Talvez..., mas não tenho a certeza se se tratava exatamente desse ano... Ora vejamos... era Primavera, disso estou certa porque os dias começavam a crescer. Um dia encontrámos na cesta, do lado de fora da porta do abrigo, uma recém-nascida. Lembro-me de que chorava muito, como, aliás, acontece com todas as crianças abandonadas.

Mas esta, ao contrário de todas as outras, acalmou-se assim que lhe peguei: era muito pequenina, deveria ter mais ou menos um mês, talvez menos, e estava embrulhada num xaile de lã. E isso, lembro-me de que tanto o xailinho como o vestido comprido me impressionaram pela sua delicadeza. Eram de uma lã bem retorcida e fofa, enquanto a roupinha de baixo era de linho, com as bainhas ricamente bordadas. É muito raro uma criança exposta estar tão bem vestida.

Habitualmente deixam-nas aqui com um paninho e mais uns trapos em volta... É esta a razão pela qual me recordo ainda de tudo e, agora, que me obrigam a pensar, estou certa de ter suspeitado, naquela altura, de poder tratar-se de uma criança filha de alguma dama de Milão.

Depois, sabem como são estas coisas, a urgência de lhe matar a fome e de encontrar logo de seguida uma ama para a pequenina fez-me esquecer qualquer suposição sobre a sua origem. Além disso, e se não estou a confundi-la com outra criança qualquer, aquela menina tinha uma particularidade que me impressionou. Os dois últimos dedos de uma das mãos, não me recordo de qual, estavam unidos por um pedaço de pele, sabem, como os pés dos patos, como lhe chamam...? -Quereis dizer os dedos palmados? - sugeriu Matthew.

-Sim, é isso mesmo! Tinha os dedos palmados e lembro-me de que, quando a confiámos à ama, tivemos algum receio de que a mulher a recusasse por causa desse defeito...

- Recusá-la, mas porquê? - indignou-se o frade.

-Ora, porque a ignorância é mais forte do que a caridade, irmão Matthew. Talvez não saibais que qualquer imperfeição física com que a criança nasce é normalmente interpretada como um sinal da presença do Demónio junto da cama dos pais. É assim, realmente - prosseguiu Isabella, suspirando face à expressão estupefacta do frade -, é assim mesmo e não seremos nós seguramente a extirpar as superstições desta gente! Mas o facto é que a ama se mostrou benévola e aceitou a menina: provavelmente tinha uma necessidade urgente de dinheiro, não sei, talvez não pudesse dar-se ao luxo de a recusar.

Bom, isto é tudo aquilo de que consigo lembrar-me. Se estamos realmente a falar da pequenina que procura, isso eu não lhe sei dizer...

- E o nome? - ousou perguntar Matthew, com a voz rouca de emoção.

- O nome... ah, disso não me lembro! Esperai, vejamos se está aqui assinalado no registo...

O indicador direito da velha monja percorreu o pergaminho parando mais ou menos a meio da lista. A chama da vela, tremendo com o sopro do vento que penetrava descontínuo pelas janelas, agitava-se, criando sombras entre as linhas da minúscula letra que enchia a página.

-Aqui está, aqui está... consegue ler, irmão? Vejamos: «...cui nomen datur Dorothea, Hortênsia, Allegrantia, Abundantia»... Allegranza! Foi o nome que lhe demos, Allegranza! Agora me lembro, pobre criança, chamámo-la assim porque, apesar de ser tão pequenina, sorria já para toda a gente: quem quer que se aproximasse um pouco mais dela, recebia logo em troca sorrisos e gargalhadas de alegria! A voz da madre Isabella embargou-se. As lágrimas começaram a correr-lhe logo de seguida pelas faces coradas: a

monja fechou os olhos, como que para recuar no tempo, mas não conseguiu. Embaraçado, Matthew desejava consolar a velha senhora, cujo lamento por uma vida que não escolhera, possivelmente de livre vontade, nunca fora mitigado, embora permanecesse bem escondido no fundo do coração. Enxugando as faces com a borda da manga e tentando esconder a sua comoção por detrás de um acesso de tosse, a abadessa retomou a conversa.

- Perdoai a minha perturbação, irmão, mas, como é sabido, a velhice fragiliza o corpo e a mente. Adorava a minha missão de acolhimento dos pequenos expostos, talvez porque a sua presença me dava a ilusão da maternidade. Desde que fui chamada para superiora das irmãs deste mosteiro tive de passar para outra irmã esta missão e, embora me dedique com toda a vontade a este serviço, sinto muito a falta das crianças. Tê-las nos braços, mimá-las, embalá-las, cantar-lhes canções de embalar para as adormecer... Veja só como o meu coração está fraco, ficar para aqui a contar as minhas absurdas nostalgias a um irmão que encontro pela primeira vez! Perdoai, irmão Matthew, perdoai... Mas, vá, voltemos ao motivo que aqui vos trouxe, acha que vamos conseguir identificar a menina? Eu não estou completamente certa, talvez esteja a confundi-la com qualquer outra.

-Não sei - respondeu Matthew -, mas a lista que me mostrastes agora mesmo também refere o nome da ama, não é verdade? - É - replicou Isabella, procurando de novo no pergaminho -, tratava-se da mulher de um moleiro de Compagnoni, uma certa Angiolina. Mas desde a entrega o mosteiro não teve mais notícias deles: vedes aqui?, não está escrito mais nada, não voltaram a San Celso para dar notícias da pequena...

Lendo a desilusão no rosto do frade, a abadessa recuperou, num instante, toda a força de carácter que, havia já muito tempo, lhe permitira levar a cabo e com grande êxito o seu trabalho de acolhimento.

Fixando-o com uma expressão severa, de sobrolho franzido e uma ténue gravidade na voz, repreendeu-o.

- Não ides dar-vos por vencido tão depressa, não é verdade, irmão? No fundo, encontrámos um nome e um lugar: continuai a procurar e, se quereis um conselho, procurai também em Milão. São tantas as famílias que se mudaram do campo para a cidade nestes últimos vinte anos e, quem sabe, talvez a rapariga viva ainda com os pais. Eu nada mais posso fazer para vos ajudar, irmão, mas sugiro-vos que procureis bem à vossa volta. Falai com as pessoas, perguntai na feira, no Broletto, pelas ruas... Se o destino quiser que a rapariga seja encontrada, o Altíssimo guiará os vossos passos.

Matthew, a quem aquele último ano de peregrinação por terra estrangeira havia ensinado o justo valor do tempo e das pessoas, compreendeu que a sua conversa com a abadessa estava no fim. Erguendo-se, agradeceu-lhe e prometeu-lhe que iria tentar tudo. Mandaria os resultados da sua investigação ao abade de San Simpliciano e, obedecendo à sua vontade, decidiria como prosseguir.

A madre Isabella cumprimentou-o com um sorriso.

-Tenha cuidado consigo, irmão Matthew, e dê os meus cumprimentos a Arnolfo da Sala.

O temporal quase passara: a chuva era agora mais ligeira, quase um borrifo. Passada a ponte de madeira, o cascalho acabado de espalhar sobre a estrada rangia, sonoro, debaixo dos pés de Matthew: os trabalhadores do mosteiro tinham feito um bom trabalho, nem mesmo a fúria do vendaval conseguira estragar o nivelamento da estrada.

Mantendo-se na beira da valeta para evitar ser apanhado pelas carroças, que haviam recomeçado a percorrer a estrada, o frade encaminhou-se para Milão.

## Capítulo 15

O coberto que conduzia à via dos armeiros estava apinhado de gente. Todas as vezes que passava por ali, Allegranza sabia que tinha de abrir caminho entre a multidão, mas naquele dia estava ainda mais caótico do que era hábito. Aristocratas, cavaleiros, escudeiros e vulgares armeiros ocupavam todo o espaço disponível da via: à algazarra habitual das oficinas sobrepunha-se o barulho estridente dos objetos metálicos, que se deslocavam, levantavam, caíam. Perguntando-se qual o motivo de toda aquela barafunda, Allegranza avançou a custo até ao fundo da rua. Deveria ir ter com o pai, ao Broletto, para lhe entregar uma carta que lhe fora confiada naquela mesma manhã pelo pároco de San Calimero. O padre tinha-lhe pedido para ir depressa: a rapariga não conhecia o conteúdo daquele pequeno pedaço de pergaminho, mas pensava tratar-se de uma comunicação importante, considerando a urgência que o pároco lhe recomendara na entrega. Esperava que a carta não contivesse qualquer intimação ligada às suas idas a casa de Guglielma e, embora fizesse por ignorar uma tal suspeita, uma ansiedade fastidiosa e incontrolável agitava-lhe as vísceras. Além disso, o espetáculo daquela multidão que se afadigava na compra de armas não contribuía para acalmar a sua inquietação: constava que o marquês de Monferrato, aliado de Milão, havia dado ! início ao cerco de Turim, onde Enzo, o filho do imperador, se preparava para dar luta. Provavelmente era esse o motivo pelo qual vira tantos homens armados: talvez os sócios da liga tivessem necessidade de reforços e a cidade se preparasse para uma nova fase da guerra.

Tentando afastar aqueles pensamentos angustiados, Allegranza prosseguia, a custo, levando cotoveladas e encontrões de todos os lados. Ao passar por uma oficina cuja banca se prolongava quase até ao meio da rua, um enorme mastim, fugido à trela do seu nobre dono enfiou-se-lhe entre as pernas rosnando. Sem se aperceber sequer do que se passara, Allegranza caiu e, num instante, o seu rosto era bafejado pelo hálito quente e a baba viscosa do animal, que arfava com as ventas bem abertas. Aterrada, a rapariga gritou. Num instante que lhe pareceu um século, o uivo surdo do cão transformou-se num som estrangulado: o seu focinho foi puxado para trás com a força das mãos do dono, que, agarrando-o pela coleira, o puxou e lhe bateu duramente nas costas com um pingalim. Aturdida, a rapariga ficou

estendida, imóvel, com os olhos fechados: um fluxo gelado percorreu-lhe os ossos e os músculos, cortando-lhe a respiração.

- Estais ferida? Conseguis pôr-vos de pé? Allegranza reabriu os olhos, encontrando, mesmo por cima dos seus, os olhos verdes de um jovem que a observava preocupado. Uma coroa de caracóis, pretíssimos e meio desfeitos, emoldurava-lhe o rosto e a boca bem desenhada abria-se num sorriso incerto.

-Consigo - respondeu, embora a voz lhe saísse meio rouca -, estou bem... Foi apenas um grande susto...

- Graças a Deus! - exclamou o rapaz. - Estes cães são perigosos, farto-me de o dizer ao meu pai, que gostava muito de ter um! Desde que os monges de Claraval começaram a criá-los para a *podestà*, ficaram na moda e agora não há nenhum notável de Milão que não queira ter pelo menos um casal! Os galgos são melhores, muito melhores... mais calmos, mais obedientes, só precisam de correr e não são nada ferozes...

Sem responder, Allegranza pôs-se de joelhos para depois se levantar. Subitamente embaraçado por se ter envolvido numa conversa demasiado confidencial com uma desconhecida, o rapaz assumiu uma expressão mais séria, que, no entanto, lhe dava um ar engraçado ao rosto, como se se tratasse de uma criança apanhada em falta depois de uma marotice.

-Esperai, eu ajudo-vos... - disse, corando e segurando-lhe delicadamente o cotovelo.

Intimidada com tanta gentileza não usual entre os jovens da cidade, Allegranza sacudiu o vestido com gestos nervosos e verificou se o pergaminho ainda permanecia no sítio onde o arrumara, no bernal que levava preso à cintura. As pernas tremiam-lhe: o susto, que ainda não passara, fez com que, por instantes, se esquecesse de esconder a mão. Quando se deu conta de que o jovem continuava a fixá-la, lembrou-se subitamente dos dedos e escondeu-os rapidamente debaixo das pregas do vestido. O rapaz, no entanto, encantado com a beleza de Allegranza, não fizera caso das suas mãos. A sua atenção estava presa ao rosto e à figura harmoniosa da jovem. Os olhos castanhos grandes e pestanudos encimavam um nariz pequeno e uma boca carnuda; a pele, se bem que agora um pouco lívida do medo, tinha a transparência das pérolas. O corpo era delicado mas enobrecido por uma marca de generosidade que se adivinhava debaixo do tecido barato do vestido.

- Bem... - respondeu Allegranza, pouco à vontade sob o olhar perscrutador

do jovem -, agradeço-lhe, mas agora tenho de ir andando...

- Espere! - exclamou o rapaz, apressado. - Nem sequer me apresentei! Chamo-me Damiano Martinengo e sou filho de Gerardo, o armeiro. Trabalho aqui nesta oficina com o meu pai e... se passar mais alguma vez por aqui... quando?... oh meu Deus, nem sequer sei o seu nome...

-Chamo-me Allegranza - respondeu timidamente a rapariga.

O som áspero de uma voz irritada soou, subitamente, de dentro da oficina, superando, em força, a algazarra da rua.

- Então, Damiano, queres retomar o trabalho, ou pensas passar o resto do dia na conversa? O jovem corou violentamente e, virando-se para a porta aberta, gritou em resposta: - Já vou, pai, já vou! Depois, olhando para Allegranza com olhos febris, da pressa, sussurrou: - Quando posso voltar a ver-te? A jovem fez menção de falar, mas dos seus lábios não saiu um som sequer. O coração batia-lhe muito fortemente e já não era de medo, como antes: uma nova onda de calor inundava-lhe o peito e, lânguido, subia-lhe até à garganta, que, seca dos seus humores, permanecia fechada. Com um esforço e tentando esquecer a vermelhidão que seguramente lhe invadira o rosto, Allegranza acabou por responder.

- Talvez passe por aqui daqui a uns dois dias, se tiver de voltar ao Broletto... mas vós...

O rosto de Damiano abriu-se num sorriso luminoso, os seus olhos verdes brilharam. Dobrando o tronco numa vénia desajeitada, disse-lhe: - Estarei aqui à vossa espera.

Seguidamente virou-se e voltou a entrar apressadamente na oficina.

Depois de o ter visto desaparecer entre as armaduras e as lorigas amarradas aos bancos, Allegranza retomou o caminho. Os passos tinham-se tornado leves, parecia-lhe levitar sobre o chão, os pés não tropeçavam, as costas já não sentiam os empurrões dos outros. Não ouvia sequer as desculpas que, um pouco mais adiante, lhe pediu o dono do mastim, agora bem preso à coleira e tranquilamente deitado junto à parede de uma oficina. Chegada ao Broletto, e antes de se dirigir ao palácio da *podestà*, compôs as pregas do vestido e os laços da coifa. Era quase a hora sexta, já era tarde.

Naquele momento, Graziolo deveria estar atarefado a dar ordens aos criados para coordenar a entrada das travessas do jantar da *podestà* e dos seus hóspedes e a chegada inesperada da sua filha iria seguramente distraí-lo das suas obrigações. Tinha de se apressar.

À hora nona deveria estar no hospital, onde a esperava o turno daquele dia.

- Tenho medo, Graziolo, tenho medo... Ouviste o que dizem de Guglielma? Hoje, até no lavadouro não se falava de outra coisa e todos a pintavam como uma herética! Meu Deus, Graziolo, que vai ser de nós? Vão procurar-nos, abrirão um processo contra nós e acabaremos na fogueira...

A voz aterrada de Angiolina, embora amortecida pela pesada tenda de pano que envolvia a cama, chegou aos ouvidos de Allegranza.

Apoiada num dos cotovelos para prestar maior atenção, a rapariga fez estalar a palha do seu enxergão.

-Chiu, fala baixo, Angiolina - sussurrou Graziolo -, ou vais acordar toda a gente... E fica calma! Achas que as pessoas se vão importar se alguém nos tiver visto a caminho da casa de Guglielma? E quantos participam naquelas reuniões, uns vinte, trinta? E depois, nós não somos ninguém, quem vai interessar-se por nós? O médico, sim, ou o juiz deveriam preocupar-se... eles, sim, que são pessoas conhecidas em toda a cidade. Ora, se eles não têm medo, achas que devemos ser nós a temer? E depois não ouviste o que disse a Boema.

Que ela não é nem Deus nem o Espírito Santo... Aí está! De que heresia iriam então acusá-la, se toda a sua pregação é e continua a ser sobre o amor de Deus?...

- A pregação, certamente... Não sabes que os padres e os frades, guiados pela Igreja de Roma, querem ser os únicos autorizados a difundir a palavra de Deus? E ela, pelo contrário, explica, adverte, faz curas... Como iria a Igreja tolerá-la, não me dizes, marido? Grato pela escuridão, que impedia que a sua mulher lhe visse a expressão tensa que seguramente lhe invadira o rosto, Graziolo hesitou na resposta. Não tinha dito nada a Angiolina da carta que recebera naquela manhã do pároco de San Calimero, não queria alarmá-la. O pároco, com palavras cuidadosas que revelavam toda a sua preocupação, havia-o prevenido: o velho padre, que o conhecia há muitos anos e estava ao corrente da sua devoção a Guglielma, advertia-o de que na cidade começava a falar-se de heresia a respeito daquela mulher e que, pelo que tinha ouvido dizer, os frades menores e os dominicanos tinham dado início a investigações discretas sobre a sua doutrina e os seus sequazes. Apesar de ter a certeza de que as afirmações da Boema não se afastavam muito do dogma, Graziolo sabia bem, todavia, que o respeitoso proselitismo que exercia poderia revelar-se uma fonte de aborrecimentos. A Igreja era inflexível relativamente aos hereges. Não fora, realmente a *podestà* Bonaccorso que, catorze anos antes, criara uma comissão dedicada à



perseguição da heresia catara que nesses tempos grassava no campo? E não fora na verdade o seu sucessor Oldrado da Tresseno a mandá-los prender e a condenar alguns à fogueira em Milão? Um arrepio gelado percorreu-lhe as costas. Com uma tremura involuntária na voz, que tentou esconder pigarreando, Graziolo respondeu finalmente.

- Não te preocupes, Angiolina. Verás que não nos vai acontecer nada de mal. De qualquer maneira, por agora não voltaremos a participar nas assembleias de Guglielma, pelo menos até que tenhamos a certeza de que as águas se acalmaram. E que Deus nos perdoe pela nossa ingratidão e pela nossa velhacaria...

O silêncio regressou ao pequeno quarto. Allegranza estendeu-se de novo com cuidado para não fazer barulho. Fingindo dormir, virou-se para um lado: a sua mente vagueava, temerosa e excitada.

O encontro com Damiano, naquela manhã, tinha acendido no seu Peito um fogo que não sabia possuir. Desejava voltar a vê-lo, voltar a falar-lhe, saber dele e da sua família. Mas ao mesmo tempo tinha medo: que sucederia depois? Como podia iludir-se que o filho de um mercador de armas pudesse enamorar-se logo dela, filha adotiva de um criado? Provavelmente, pensava, só queria possuí-la. As outras Criadas do hospital tinham-lhe explicado, entre risinhos contidos e Maliciosas piscadelas de olho, que os rapazes aspiravam apenas a , a apalpar seios e nádegas e a usar com as mulheres aquele grotesco instrumento que têm entre as pernas... E, no entanto, não conseguia imaginar Damiano naquelas poses obscenas que frequentemente espiava aos seus pais, através da fresta da tenda que envolvia a cama deles. Os seus pais... Aí estava outra preocupação: as suas palavras, ouvidas a custo, e as outras, aquelas que lhe havia dito poucos dias antes Guglielma. Qual era a verdade? Aquela mulher era realmente uma herética, apesar de toda a generosa atitude que demonstrava para com os outros? E se o era, qual poderia alguma vez ser o seu diabólico objetivo? Difundir o Anticristo, deitar abaixo o papado de Roma, ou outra coisa qualquer? E, no entanto, com ela mostrara-se tão compreensiva, quase maternal. «Minha mãe...», deu consigo mesma a pensar entre os últimos acontecimentos da vigília, «... quem terá sido a minha verdadeira mãe? Onde estará agora? Será que a vou encontrar um dia?» O sono, envolvente e pesado como um manto, invadiu-a de súbito. Os seus olhos fecharam-se, as mãos, até há pouco contraídas, relaxaram-se sobre a barriga: Allegranza adormeceu, sem consciência do mundo. A seu lado, Hamid, ressonando um

pouco, sonhava que corria atrás de uma bola por entre as ruelas da cidade.

## Capítulo 16

As pancadas à sua porta tornavam-se cada vez mais fortes e furiosas. Suspeitando de quem pudesse ser o cliente que a procurava àquela hora pouco usual da manhã, o primeiro impulso de Bella foi não abrir a porta, fingindo não estar em casa. Em silêncio, mandara o cão para o quintal e fechara a porta para o impedir de, com latidos nervosos, revelar a sua presença. Fora inútil: o cão ouvira-o da mesma forma e, em simultâneo com o som insistente da sua voz, erguera-se, das ruelas, soante e furiosa, a do homem, que recomeçara a bater com os punhos no batente de madeira.

Por fim abri-a. A figura imponente de Lanfranco ocupava toda a soleira da porta: o seu rosto ardia de raiva ao mesmo tempo que os olhos chispavam de fúria.

- Pode saber-se o que estavas a fazer? - berrou, invadindo o minúsculo quarto com o descaramento de quem estivesse na sua própria casa.

-Estava no quintal, não vos ouvi logo... - murmurou Bella, fazendo um gesto para apontar a porta fechada.

-Ai sim? Mas o teu cão ouviu-me, parece-me...

Ao mesmo tempo que pronunciava aquelas palavras, bateu com força na porta que dava para o quintal. O cãozinho, que até então rosnara nervoso, formou um salto para se lançar às pernas do hóspede inoportuno. Lanfranco foi mais rápido do que ele: agarrou-o no ar Pelo cachaço e, com um gesto largo, lançou-o para fora da porta.

O animal aterrou ruidosamente entre as moitas. Por um instante, o grito de Bella sobrepôs-se aos seus ganidos. A mulher ia correr em socorro do cão, quando Lanfranco a agarrou fortemente pelo braço imobilizando-a e voltou a fechar a porta com violência.

- Não pensavas fazer-me perder o meu rico tempo com esse estúpido cão, não é verdade? - gritou, sacudindo Bella ao mesmo tempo que atravessava o quarto. - Agora ficas aqui e despes-te rapidamente. Hoje estou com pressa, tenho de ir ao Broletto para falar com o secretário da *podestà*. Que melhor viático, antes de um colóquio tão importante, do que uma foda matinal? Mexe-te, Bella e despe tudo: não quero sentir o fedor desses miseráveis trapos que te cobrem...

Tentando conter os soluços, a prostituta obedeceu. O seu corpo, sacudido por uma tremura, ia gelando progressivamente: a pele era percorrida por um

arrepio, os braços sofriam espasmos repentinos que lhe travavam os movimentos.

-Tens medo de mim, eh, minha puta horrorosa? - exclamou, satisfeito, Lanfranco, que, em pé, à sua frente, observava cada gesto que ela fazia. - Melhor, isso significa que vou divertir-me mais ainda! - acrescentou, fazendo-lhe cócegas nos bicos do peito com as franjas do seu pingalim.

Bella compreendeu logo, pelo comportamento daquele homem, que o encontro desse dia não iria ser como os outros. O ar sufocante da sala ia-se impregnando aos poucos de um odor ácido que, sabia-o bem, prenunciava uma situação violenta. Já se tinha apercebido daquele mau cheiro aquando dos seus encontros com os soldados regressados do campo de batalha. Os humores do corpo, juntamente com o excesso do ímpeto da luta acabada de travar e com a expectativa da luxúria que se seguiria, misturavam-se ao suor e produziam aquele cheiro a selvagem. Temendo, portanto, que o encontro daquela manhã pudesse trazer ainda consequências nefastas à sua vida, já tão infeliz, Bella permaneceu em silêncio; nua em frente de Lanfranco, olhava-o nos olhos, esperando ordens.

O homem observou-a. Os seus olhos percorreram as pernas magras e fixaram-se no tufo negro da púbis e nas ancas rotundas, seguiram ao longo dos seios pesados e da curva delicada do pescoço.

O olhar de Lanfranco, até agora concupiscente e febril, tornara-se subitamente duro ao encontrar o olhar atemorizado de Bella.

-Mas... - exclamou, fazendo estalar sonoramente os nós dos dedos - o teu rosto não é novo para mim... já há muitos anos que te frequento e recordo que, desde o nosso primeiro encontro, me perguntei quem eras e onde já te havia visto... Os lábios de Bella tremeram. Com um enorme esforço, esticando de uma forma pouco natural os músculos do rosto, a mulher conseguiu sorrir. A sua voz era segura quando respondeu.

- Encontrámo-nos pela primeira vez há quatro anos, nunca vos conheci antes: deveis estar a confundir-me com outra qualquer.

Lanfranco calou-se, fixando uma vez mais os olhos da mulher, procurando confirmações para as suas confusas suspeitas. Do quintal continuavam a ouvir-se fracos e lamentosos latidos de cão. Procurando ignorá-los, Bella avançou um passo com os braços abandonados ao longo do corpo; fingindo um comportamento relaxado que de facto não experimentava e que lhe exigia uma grande concentração, falou de novo.

- Dizei-me o que quereis que faça hoje por vós? O pensamento de

Lanfranco, ainda preocupado a remexer recordações que não voltavam, regressara ao momento presente com as palavras da prostituta. Sem lhe responder, apoiou o pingalim em cima da cama e começou a despir-se: desapertado o cinto de couro e de prata que lhe cingia a larga cintura, despiu a veste de seda verde e colocou-a cuidadosamente sobre o banquinho. Depois de ter desatado os laços do colarinho da camisa, levantou os braços, permanecendo com as calças compridas das grandes ocasiões. O membro, já rígido e violáceo, sobressaía, impaciente, entre as pernas.

Com um sinal da mão, ordenou a Bella para se apressar em direção à cama, mas quando ela fez menção de se deitar de costas, Lanfranco agarrou-a rudemente pelo braço e fê-la pôr-se de gatas.

Compreendendo que, naquele dia, o homem a iria possuir como um cão, a prostituta obedeceu. Detestava aquela forma de oferecer o corpo, porque, de costas, não conseguia controlar a situação.

Não podendo, no entanto, escolher os clientes do seu agrado, Bella via-se normalmente constrangida a satisfazer as suas exigências, e agora mais ainda, em poder daquele homem que lhe fazia tanto medo.

Preparava-se já para mimar os habituais balanços do prazer quando uma dor aguda lhe provocou um grito: a profundidade do seu sexo fora ferida por uma coisa bem diferente daquela que esperava.

Baixando a cabeça com muito esforço para olhar entre as suas coxas, enquanto Lanfranco mantinha uma mão firme apoiada nas suas costas, a rapariga entreviu, através das madeixas do cabelo, que lhe choviam diante dos olhos, o cabo do pingalim, que despontava da sua vagina.

com violência, a mão direita do homem enfiava-lho dentro e fora dela, enquanto, com a mão esquerda, se empenhava a esfregar com ímpeto o membro poderoso.

Bela gritou de novo, tentando libertar-se, mas Lanfranco imobilizou-a completamente apoiando um joelho sobre os rins enquanto lutava para endireitar as costas, uma feroz pancada nas nádegas fê-la tombar sobre a cama. Com falta de ar, a mulher tentou agarrar-se a qualquer coisa, mas os seus cotovelos afundaram-se inertes no enxergão roto, antes de conseguir encontrar alguma coisa a que se segurar. Lanfranco continuou a sua bárbara violência: os seus arquejos, intercalados por uma espécie de gargalhada gutural, eram cada vez menos espaçados. Cada tentativa de reação por parte de Bella apagava-se. A dor que sentia era de tal maneira forte, que todos os

seus sentidos se concentravam nela, ali no meio das pernas: era como se as suas vísceras, batidas como uma trouxa de trapos ensopados, lutassem para sair do seu corpo. Aos poucos, a consciência foi-a abandonando. Ouviu vagamente o grito rouco que assinalou o auge do prazer de Lanfranco, mas não deu pelo salpico quente que correu pelas suas costas nuas, nem pelo último afundamento do pingalim nas suas carnes.

O homem ergueu-se, ainda ofegante, e retirou o pingalim do corpo da sua vítima: um fio de sangue correu entre as pernas da mulher, derramando-se pelo enxergão. Depois de se ter vestido, Lanfranco ficou a observar a prostituta: os olhos mantinham-se fechados, a pele tinha a cor das cinzas. O dorso mexia-se apenas numa respiração rápida e superficial. Agarrando-se-lhe a um ombro, sacudiu-a decidido.

-Acorda, mulher, acorda! Não estás morta, pois não? Então acorda, mulher! Bella não moveu um músculo sequer. Então Lanfranco olhou em torno daquele lugar miserável à procura de água. Não a encontrando, abriu a porta que dava para o quintal: ao fundo, mesmo pegado à casa do lado, viu um poço. Praguejando consigo próprio devido àquela contrariedade, chegou à sua beira e retirou um balde cheio de água, que levou para dentro. O cão, que já há um tempo se havia calado, estava deitado todo aninhado na erva; com a língua pendente, deixava escapar uma baba amarelada pelo canto da boca. Lanfranco não lhe ligou e, regressado ao quarto, despejou sobre o corpo inerte da mulher um balde de água; o líquido turvo inundou o pavimento e correu rápido até chegar ao degrau que dava para o quintal, ficando a pingar para fora.

Bela recuperou a consciência, mas não conseguiu mover-se.

Os seus olhos estupefactos encontraram os olhos trocistas de Lanfranco, que, de pé, a seu lado, segurava entre os dedos algumas moedas.

-Aqui tens o pagamento, Bella! Vê como sou generoso, pago sempre às minhas mulheres, mesmo quando tenho prazer sozinho! Rindo, Lanfranco lançou o dinheiro para cima da mesa. As moedas tilintaram primeiramente em cima da madeira para logo de seguida caírem no chão.

Bella ouviu a porta bater: o seu cliente tinha ido embora. Com muito custo, conseguiu sentar-se. Uma explosão de dor entre as pernas provocou-lhe um grito estrangulado. Tentando ignorar o sofrimento, experimentou apoiar os pés no chão, mas uma súbita vertigem levou-a a deixar-se cair no enxergão, que resvalou, com ela, para o chão.

Uma violenta náusea provocou-lhe uma impressão na garganta, mas,

procurando contrariar os vômitos, arrastou as coxas nuas até à mesa e aí, segurando-se com ambas as mãos, conseguiu finalmente levantar-se.

Via o quarto a flutuar ao seu redor, as pernas não se seguravam.

Apoiando-se à parede, regressou à cama, onde se deixou cair desamparada: procurando, aos apalhões, a coberta que estava para ali caída ao lado do enxergão, cobriu-se com ela e fechou os olhos.

-Tenho de dormir... - murmurou -, tenho mesmo de dormir...

Eram as vésperas quando Remigio regressou. O espetáculo que se lhe apresentou logo que transpôs a soleira da porta foi tudo o que de mais semelhante ao inferno alguma vez pudera imaginar.

Bella, embrulhada nos cobertores, estava acorçada no chão e apertava entre os braços o cãozinho, que tremia: ela própria batia os dentes, balançando-se, mecanicamente, para trás e para a frente. Os seus olhos vazios iam de um lado ao outro do quarto. O chão estava alagado e o próprio enxergão mostrava uma grande mancha escura.

Horrorizado, Remigio aproximou-se da sua companheira.

-Meu Deus, o que te aconteceu? O que aconteceu?...

Bella, repentinamente consciente da sua presença, olhou-o e abriu a boca querendo falar-lhe, só que dos seus lábios apenas saiu um longo estertor. Assustado com aquele som nada habitual, o cão desembaraçou-se a custo dos braços rígidos da sua dona e saltou, coxeando, para o chão. Remigio ajoelhou-se e tomou nas suas mãos o rosto de Bella.

- Quem te fez isto, diz-me, quem foi? A prostituta fechou os olhos, apertando com força as pálpebras, ao mesmo tempo que grossas lágrimas começavam a rolar-lhe pelas faces: nas maçãs do rosto, dos lados da boca, no pescoço, onde até agora passara as mãos ensanguentadas nos repetidos gestos desesperados, longas estrias vermelhas marcavam-lhe a pele. Os soluços, finalmente, libertaram o seu peito da opressão, trazendo-lhe um fio de voz à garganta.

- Lanfranco... - murmurou. - Foi Lanfranco Calgario...

Remigio sentiu que os cabelos da nuca se lhe eriçavam enquanto uma espécie de círculo gélido lhe fechava a cabeça como uma mordança.

Uma raiva surda atravessou-lhe o corpo fazendo-lhe vibrar violentamente os músculos. Ele sabia de Lanfranco e de Caterina: quando, dez anos antes, o amor que sentiam um pelo outro se substituíra à luxúria mercenária induzindo-os a partilhar a vida, Bella havia-lhe contado tudo. Sabia também que, por uma curiosa e cruel partida do destino, aquele homem temível

frequentava a sua casa; tinham falado frequentemente sobre o assunto e Bella perguntava-lhe sempre, com voz atemorizada, como iria poder afastar-se dele sem lhe provocar reações violentas? A única forma, havia-lhe respondido por mais de uma vez Remigio, seria abandonar aquele trabalho. Teriam de sair de Milão e transferir-se para o campo, mas, de momento, o dinheiro não chegava. O trabalho de mineiro era muito mal pago e o proprietário daquele pedaço de montanha onde procuravam prata teria à sua disposição pelo menos mais uns dez mineiros prontos a ocupar o seu posto caso ele lhe pedisse um aumento, mesmo que pequeno, do salário. Embora Remigio todos os dias arriscasse a sua vida naqueles poços escuros e profundos escavados no ventre da Grigna, o dinheiro acumulado no bornal escondido na parede por detrás da cama ainda não era suficiente para mudar de vida. Enquanto trabalhava nos cuniculos da mina rodeado por terra que lhe desabava em volta, o seu pensamento corria para Bella, que, naquele preciso momento, a muitas milhas daquele poço, acolhia no seu catre homens desconhecidos, a quem vendia o corpo. Mesmo sendo certo que um dia as coisas iriam melhorar, o peso da sua vida atual enchia-o de desespero e de desgosto. E agora, à baixeza quotidiana juntava-se também a ignóbil violência...

Aos poucos, com frases espaçadas entrecortadas por soluços, Bella conseguiu explicar-lhe o que Lanfranco a fizera sofrer. À medida que ia ouvindo, bem cedo, na mente de Remigio o horror e a cólera foram substituídos pela preocupação. Depois de lhe ter acariciado demoradamente os cabelos desgrenhados, levantou-se para arrumar o enxergão no seu lugar sobre a armação de madeira do catre. De seguida, após tê-la ajudado a estender-se sobre ele, afastou-lhe delicadamente as pernas para ver se ainda sangrava. O sangue, escuro e coagulado, cobria-lhe as coxas, mas parecia já não correr de dentro.

Ligeiramente confortado, Remigio perguntou-lhe se ainda sentia dores.

- Sinto-me muito mal, tenho a impressão de ter uma tocha acesa nas minhas vísceras...

- Precisas de um médico, Bella, não podes ficar aqui assim...

A boca da rapariga fez um trejeito de amargura.

- Um médico? Um médico para tratar de uma puta?! Remigio, não sabes o que estás a dizer...

Ciente da verdade daquelas palavras, o mineiro pôs-se a pensar, febril. Bella não exercia a sua profissão num bordel autorizado onde os físicos,



encarregados desta tarefa pela autoridade citadina, faziam habitualmente controlos periódicos. Ninguém, portanto, fora alguma vez ali verificar o seu estado de saúde. Por outro lado, a barbárie da violência de que fora alvo havia provavelmente causado feridas profundas que poderiam pôr em perigo a vida de Bella. Tinha de encontrar uma solução e rapidamente.

Enquanto ia torcendo e retorcendo as mãos, refletindo sobre quem havia de procurar para pedir ajuda, os olhos de Remigio caíram sobre o cãozinho, que, coxeando, girava inquieto pelo quarto, farejando ora a cama ora o chão. De vez em quando raspava o bordo do enxergão com uma das patas dianteiras, tentando chamar a atenção da sua dona. E mais o cão!, pensava Remigio, mais uma boca para alimentar numa situação já de si tão desesperada... por ele, aquele pequeno animal pulguento já teria sido abandonado há que tempos, mas Bella não queria nem sequer ouvir falar disso. Era afeiçoadíssima àquela criatura, que, pelo que lhe contara, um dia lhe aparecera na soleira da porta e não quisera mais sair. A sua companhia atenuava a sua solidão e distraía-a da vergonha da sua profissão, além de lhe guardar bem aquelas quatro miseráveis paredes. Milão estava cheia de cães, pensava Remigio, cães pelas ruas, cães pelas estâncias da *podestà*, nos palácios dos aristocratas, nos bosques, em volta da cidade, como ajudantes de caça no séquito dos seus donos... Havia-os de todas as raças: mastim e lebreiros, apanágio das famílias nobres ou bastardos de raça indefinível, como o cãozinho de Bella ou o da jovem bordadora judia que vivia mais ou menos perto dali, nas proximidades de San Lázaro... A jovem Raquel! Aí estava a quem podia dirigir-se e pedir para tratar de Bella! No bairro dizia-se, embora à boca pequena, que o pai dela era médico. Sabia que, enquanto judeu, lhe era proibido exercer a profissão, no entanto, ouvira dizer que alguém tinha recorrido a ele, com grande cautela e segredo, para lhe pedir conselho sobre tratamentos e medicamentos.

Um sorriso radioso iluminou o rosto de Remigio. Bella, que, aturdida pela dor de barriga o fixava temerosa, não compreendeu o motivo daquela expressão entusiasmada que viu nos seus olhos.

-Vou falar com a jovem judia! O pai dela é físico, vou perguntar-lhe se não poderá vir tratar-te. Oh, fica calma - continuou, recusando-se a ouvir os protestos de Bella -, serei muito discreto.

Ninguém vai saber de ti e aquela rapariga, a Raquel, tem todo o interesse em que nada disto transpire lá para fora. Diz-se por aí que ela trabalha como bordadora e que com o seu trabalho mantém o pai, velho e doente. Isso

poderá também ser verdade, mas tenho a certeza de que já trataram alguém... sendo assim, qual é o risco que corremos por lhes pedirmos ajuda? Sem força para o contrariar, Bella fechou os olhos: as tremuras começaram, os dentes batiam violentamente. Mesmo que lhe parecesse absurdo, considerando quão sufocante era o ar da sala, ela sentia frio. Nem mesmo a coberta com a qual Remigio a embrulhara a aquecia: sentia-se húmida e suja e tinha vontade de se levantar, de se lavar e de vestir uma roupa lavada, mas nem a cabeça conseguia mover. Envolvia-a um estranho torpor. Então encolheu-se, puxando os joelhos para o peito sem sequer dar pela dor.

Depois de um longo momento de pânico, durante o qual temeu pela sua vida, Remigio viu-a mover-se numa respiração um pouco ofegante mas contínua. Ficou a observá-la por um pouco enquanto ela dormia, em seguida, depois de ter deitado o cãozinho aos seus pés sobre a cama, fechou a porta do quintal e saiu, trancando bem o batente que dava para a ruela. A casa de Raquel não ficava longe, eram apenas uns minutos: enquanto caminhava com passo apressado, olhava furtivamente à sua volta. Se encontrasse alguém conhecido, teria de mudar de rua: ninguém deveria vê-lo falar com a judia, ninguém podia saber.

## Capítulo 17

O embrulho do fato era volumoso: além da longa veste cor de jaspe, uma combinação, um par de ceroulas de linho fino, calças compridas até à coxa, um manto curto e um cinto de seda entrançada.

Neste último, Raquel tivera de fazer um bordado particularmente difícil, cujo motivo eram folhas de hera: o fio de prata com que trabalhara era de tal maneira delicado que se quebrava à mínima tensão, pelo que a encomenda lhe levava muito mais tempo do que o previsto.

Chegara a trabalhar de noite, à luz trémula da vela, ao mesmo tempo que a respiração ofegante do pai lhe ecoava nos ouvidos. Arrumara as indumentárias bem dobradas, umas sobre as outras, a fim de não as amachucar, e agora, ao dirigir-se para a Porta Vercellina, ia com todo o cuidado para evitar qualquer empurrão. Procurava ignorar os músculos dos braços que, rígidos sob o peso, se iam entorpecendo aos poucos. As vestes deveriam manter-se direitas para não ganharem nem rugas nem falsas dobras, o que prejudicaria o seu aspecto. Depois de toda aquela canseira, Raquel desejava que o trabalho fosse apreciado pelo aristocrata a quem, segundo Amizone, o alfaiate, lhe dissera, se destinava aquele guarda-roupa renovado.

Imediatamente antes do moinho sobre o Nirone, relativamente perto da Igreja de Santa Maria al Circo, os condutores de duas carroças que vinham em sentido contrário dirigiam um ao outro improperios gritados e pesados, úteis, segundo eles, para estabelecer a quem cabia a prioridade ao longo da rua. Esperando que a discussão chegasse ao fim, Raquel apoiou-se no muro da ruela, mantendo o precioso embrulho bem direito. O seu cãozinho, que a seguia sempre que tinha de deslocar-se pela cidade, deitou-se a seu lado ofegante. Enquanto refletia sobre a violência que, bem escondida sob as regras da convivência comum, incubava inevitavelmente debaixo das cinzas de uma tolerância apenas aparente, um outro cão ainda mais maltratado do que o seu veio-lhe à ideia. Encontrara-o coxo e aturdido no casebre de Bella. Recordava ainda com pena o dia em que, na semana anterior, fora a casa dela, depois da chegada inesperada de Remigio.

O homem, desesperado, havia-lhe explicado o que acontecera e pedira-lhe para encontrar remédio para a sua mulher. Inicialmente, Raquel recusara, explicando que a sua conduta se devia às proibições impostas aos judeus

pela administração da cidade, depois, face às lágrimas de Remigio, cedera e prometera-lhe que, se ele a acompanhasse fazendo de escudo com o seu próprio corpo, iria ver Raquel na noite seguinte. Seria uma noite sem luar e o escuro protegeria os seus passos através do caminho curto que separava as duas casas.

Quando, depois de uma observação sumária, se dera conta das condições da prostituta, Raquel sentira nascer dentro de si uma raiva profunda. Por que razão, pensava, a mulher era sempre considerada como objeto de prazer, mesmo que violento, que o homem procurava? E mesmo quando conseguia evitar a sua prepotência, porque tinha a sua vida de reduzir-se à procriação de filhos, que, com tanta frequência, morriam antes de chegar à idade de brincar? Porque nunca eram tidos em conta os desejos da mulher? Fosse ela aristocrata ou plebeia, o seu destino era decidido pelas circunstâncias imprevisíveis ou por outras: os matrimônios ou as reclusões definitivas num mosteiro eram sempre estabelecidos antes de a interessada ser posta ao corrente e a aceitação passiva de vontades diferentes da sua era dada como certa. A sua própria religião, que o pai lhe havia ensinado com tanta dedicação, previa para a mulher um papel em tudo subalterno ao papel dominante do homem, que, em determinadas ocasiões, deveria mesmo evitar o corpo da mulher, considerado impuro... Consciente de que a cólera que sentia naquele preciso momento lhe ofuscava a capacidade de avaliação, Raquel fizera um esforço para concentrar a sua atenção nas feridas de Bella, que, devorada pela febre, a fixara com os olhos esbugalhados. Depois de ter pedido a Remigio para se afastar, observara-a mais profundamente, como faria qualquer parteira: as suas mãos haviam tocado feridas, lacerações, humores, mas, felizmente, o sangue estava a coagular rapidamente. Um pouco mais tranquila, Raquel pensara que talvez o repouso e alguns emplastos colocados sobre as lesões ajudassem a uma cicatrização mais rápida.

Fazendo um esforço de memória, recordara que o pai curara por mais de uma vez soldados feridos na batalha colocando sobre as suas carnes destroçadas um composto extraído das folhas de capsela maceradas em aloés. Tinha a certeza de que com aquele remédio as chagas cicatrizariam num tempo razoavelmente breve. O seu único temor era que aquela violência atroz tivesse feito supurar os humores do corpo, causando uma doença interna ainda mais grave do que as lacerações visíveis. Raquel esperava que Bella fosse suficientemente forte para conseguir sobreviver. À

cautela, recomendou a Remigio que lhe desse a beber duas vezes ao dia uma decocção à base de raízes de gengibre, que, ao que sabia, ajudava a purificar as vísceras.

- Amanhã à noite - dissera-lhe - vem a minha casa: mostro-te as ervas de que ela precisa e ensino-te a usá-las. O meu pai conserva ainda na sua burra uma enorme quantidade de simplices secos segundo as regras próprias. É melhor ser eu mesma a dar-tos, em vez de os ires procurar aí pela cidade. Alguém poderia suspeitar e fazer-te uma porção de perguntas sobre os motivos pelos quais precisas de ervas curativas... Só te peço para teres cuidado: ninguém deverá ver-te a bater à minha porta. Se descobrissem que exerço a medicina, eu e o meu pai seríamos imediatamente expulsos daqui e, quem sabe, talvez até dilapidados e mortos...

Remigio obedecera e a sua prudência fora premiada: ninguém o vira transpor a porta do casebre de Raquel. Havia prestado toda a atenção repetindo em voz alta, uma vez e outra, as instruções recebidas e depois, agradecendo timidamente, fora-se embora com o saquinho das ervas. Apesar de a filha não ter dado por isso, naquela noite Isaac permanecia acordado e insolitamente lúcido. Se bem que as palavras ouvidas da boca de Raquel lhe comprimissem as vísceras como uma mordalha dolorosa, tinha fingido dormir, esforçando-se por controlar a respiração. Mesmo admirando a audácia da filha e grato pelo facto de os seus ensinamentos não se terem perdido, estremeceu ao pensar no risco que ambos corriam. A preocupação que sentia não era tanto com a sua própria vida, mas com a de Raquel. Nos raros momentos em que a mente não se lhe ofuscava, deixando espaço a um confuso torpor, Isaac tinha plena consciência do facto de o seu tempo nesta terra estar no fim. O que iria acontecer depois da sua morte? Que seria da sua filha? Conseguiria realizar o seu sonho e ir para Montpellier aprender a arte da medicina? Resistiria até esse dia sozinha, mulher e judia? A angústia que lhe provocaram as conversas furtivas que acabara de ouvir havia-o feito entrar, de seguida, numa sonolência 147

agitada, na qual os pensamentos se sobrepunham, desordenados. Por fim, a opressão no peito tornara-se tão aguda que lhe impossibilitava fazer qualquer outro esforço para além de inspirar o ar viciado do quarto. Quando, já noite entrada, Raquel fora vigiar o seu sono, encontrara o pai a dormir: a boca semiaberta emitia o silvo habitual e as mãos repousavam, fechadas, abaixo das costelas.

Ora, enquanto os dois litigantes concluíam a sua contenda removendo, enraivecidos, as carroças do centro da ruela, a jovem conseguiu finalmente passar. A casa para a qual se dirigia, perto da Igreja de Santa Maria al Circo, não ficava muito longe. Esperava que as vestes bordadas estivessem ao gosto do aristocrata que as encomendara e que ele não tivesse objeções a fazer a este ou àquele pormenor, para não perder muito tempo: em casa esperavam-na o pai, a quem tinha de dar de comer, e um novo fato, que devia começar com urgência. Amizone pedira-lhe pressa, dizendo-lhe que, uma vez que as encomendas estavam a aumentar, teria de procurar uma outra bordadora no caso de ela não ser suficientemente rápida. Temendo que aquele aviso preludiasse perda de trabalho, Raquel assegurara-lhe que passaria as noites de agulha na mão caso o dia não fosse suficiente; embora com a certeza de que as palavras do alfaiate constituíam uma ameaça velada, tinha consciência de que a oficina de Amizone era a única possibilidade de sobrevivência que lhe era concedida. Aquele homem estava ao corrente da doença de Isaac e, como lhe sussurrara, quando a contratara, sabia perfeitamente que eram judeus. Não iria denunciá-los, acrescentara com um sorriso hipócrita, caso o seu trabalho como bordadora o satisfizesse. Ao pensar naquele primeiro e penoso encontro com o alfaiate, sentiu um nó a apertar-lhe a garganta. Quanto tempo teria ainda de esperar antes de ser uma mulher livre? Alguma vez o conseguiria? Afastando com esforço aqueles pensamentos, observou, uma a uma, as portas das casas. Amizone explicara-lhe que a da casa do seu cliente ressaltava da ruela com um travejamento sobre o qual podiam ler-se as palavras «Ad Sanctam Mariam». Como se conhecesse as letras, o cãozinho parou em frente de uma das últimas portas e começou a ladrar.

Erguendo os olhos para a ombreira de madeira, Raquel leu a inscrição e compreendeu que chegara à sua meta. Bateu discretamente à porta e ficou à espera.

O banquinho debaixo da pequena janela que dava para a galeria estava ocupado com um tabuleiro de xadrez, sobre o qual as peças do jogo se

dispunham de forma desordenada. Era evidente que tinham interrompido uma partida, disputada, certamente, entre o aristocrata e aquele rapazinho que, à sua chegada, saíra em silêncio da sala.

A criada que a anunciara havia-a deixado ali no limiar da porta.

Atemorizada, Raquel hesitava em atravessá-la. O homem que a esperava estava debruçado sobre o tabuleiro de xadrez, tentando ordenar as peças. Quando finalmente se virou na sua direção, fazendo-lhe um sinal para entrar, a jovem apenas distinguiu a figura alta e robusta, delineada de encontro à luz do sol que iluminava uma parte do ambiente, penetrando vivo pela janela. Semicerrando as pálpebras perante a luz, demasiado intensa para os seus olhos cansados das últimas horas de trabalho noturno, aproximou-se e colocou o embrulho sobre a cama grande. Uma coberta de lã fina, decorada ao centro, pendia de forma a cobrir os três lados da estrutura de madeira, terminando com uma fila de pompons de seda vermelha. Ao ver aquela rica coberta, propriedade seguramente daquele homem que tinha à sua frente, a sua ansiedade aumentou. Se aquele aristocrata costumava viajar com uma tal bagagem, o que esperaria encontrar no embrulho do alfaiate? Agradar-lhe-ia o tipo de bordado e, pior ainda, estaria, o desenho que escolhera à altura da família a que pertencia? Amizone não lhe indicara nenhum brasão para aplicar no tecido e ela, à falta de sugestões, limitara-se a bordar a verde uns motivos florais, alternados com grandes gregas.

Sem ousar olhar o rosto do seu hóspede, preparou-se para desatar os nós das cordas que seguravam o embrulho. As mãos tremiam-lhe.

O silêncio que acompanhou os seus gestos ainda lhe fez aumentar a sua já grande inquietação. Esperara ouvir uma palavra da boca do homem, um comentário, enquanto dobrava sobre a cama o pano que envolvia as vestes. Cada vez mais nervosa, conseguira por fim desembaraçar os dedos gelados das dobras do cânhamo, erguendo e estendendo a todo o seu comprimento a veste em cima da cama.

Como uma crisálida que, há muito prisioneira do seu casulo, mal desperta estende as asas aos raios do Sol, assim o verde tomou vida sob a luz que, imperiosa, penetrava pela janela. As minúsculas bolinhas bordadas a cheio projetavam a sua sombra sobre o tecido translúcido, enquanto as filas ordenadas do fio de prata criavam desenhos originais sobre a seda, onde, aqui e ali, brotavam folhas e frutos, pespontados com sabedora perfeição.

Depois de ter tirado do embrulho também o manto bordado com os mesmos

motivos da veste, Raquel estendeu sobre a cama também as calças e as ceroulas, últimos componentes daquele enxoval provisório. Só depois de ter exposto todas as suas mercadorias, ousou erguer o olhar para quem lho encomendara.

O rosto do homem, agora claramente visível, assustou-a.

Os seus olhos, arregalados, não olhavam para os fatos, mas fixavam-na a ela com uma expressão de enorme surpresa. A boca, meio escondida por entre a barba bem cuidada, mantinha-se aberta, numa expressão de assombro. Em torno do rosto pálido, quase acinzentado ondeava o cabelo escuro, apenas sulcado por alguns fios cinzentos.

Durante um longo momento, pareceu-lhe que, dotados de vida própria, se eriçavam formando uma espécie de coroa repentina em volta da cabeça. Os braços pendiam inertes ao longo da veste de lã ligeira.

O homem não mexia um músculo, imóvel no meio do quarto.

- Meu senhor... - balbuciou Raquel, sem conseguir esconder o medo que aquela visão demoníaca lhe provocara - ... meu senhor, são as vossas vestes, meu senhor... não queria ser inoportuna... eu...

eu posso voltar, se quiserdes... eu...

Ao mesmo tempo que pronunciava aquelas palavras sem sentido, a jovem afastou-se inconscientemente da cama, arrastando os pés para trás, na direção da porta por onde entrara.

O terror que percebeu na voz de Raquel sobressaltou Aimone.

Respirando ruidosamente, tentou recuperar o ar que até então lhe ficara sepultado nas profundezas do peito: uma vertigem inesperada fê-lo cambalear.

- Perdoai, não tencionava embarçar-vos - conseguiu, enfim, dizer com uma voz rouca -, é que... sabeis... o vosso rosto... vós assemelhais-vos muitíssimo a uma pessoa que conheci há muitos anos, de modo que, subitamente... fiquei perturbado, foi isso... fiquei confuso...

Incapaz de continuar, Aimone baixou os olhos e corou violentamente.

Chegada quase à soleira da porta, Raquel parou, à espera.

Depois de um longo momento de silêncio, o castelão ergueu os olhos para ela e sorriu timidamente. Em seguida, aproximando-se da cama, procurou dedicar toda a sua atenção aos ricos bordados da veste.

Os seus olhos percorreram o tecido, ausentes, como se uma outra visão mais estática ocupasse o espaço circundante. As lágrimas que, prementes, se continham por detrás das pálpebras conseguiram deslizar rápidas ao longo



das faces. Aimone limpou-as rapidamente com as costas das mãos e permaneceu virado de costas para ela até ter a certeza de que a sua perturbação já não era visível.

-Fizestes um ótimo trabalho - proferiu, pigarreando para aclarar a garganta seca -, mas, dissei-me, há quantos anos vos dedicais ao trabalho de bordadora aqui em Milão? Raquel não compreendia. Até há pouco aquele homem parecera-lhe a própria encarnação do Diabo e agora, depois de umas poucas palavras pronunciadas com esforço, mostrava-se uma pessoa amável e simpática. Observando-o melhor, teve a certeza de que os seus olhos estavam brilhantes de choro contido; seria possível? Fora ela que, atordoada pelo cansaço, tivera um instante de irracionalidade face àquela figura imponente naquele quarto tão pequeno ou, sem o suspeitar sequer, estaria na presença de um louco? -Já bordo há muito tempo - mentiu, insegura -, mas moro há pouco tempo nesta cidade. Eu e o meu pai viemos de Salerno.

Os olhos de Aimone perscrutavam-na inquietos, enquanto as suas mãos alisavam mecanicamente a sua veste nova. Com um esforço que as circunstâncias não teriam exigido, perguntou-lhe embaraçado: - Posso saber o vosso nome? O coração de Raquel falhou um batimento. Como haveria de responder sem manifestar a sua própria fé? Todos sabiam que o seu era um dos nomes mais comuns que os judeus davam às filhas; nunca lhe acontecera um dos clientes do alfaiate ter demonstrado interesse por ela e, portanto, até àquele dia nunca se lhe tinha posto o problema de o pronunciar. No seu bairro, habitado por deserdados e prostitutas, os poucos que a conheciam não se davam ao trabalho de se preocupar com a sua fé religiosa, uma vez que tinham outros problemas bem mais prementes no seu dia-a-dia. Mas agora? Que havia de fazer? Que outra desgraça lhe guardaria este encontro com o aristocrata? Incapaz de fingir e muito pressionada pela urgência do momento, sussurrou a sua resposta: - Chamo-me Raquel.

Na tentativa de prolongar a conversa, Aimone estava prestes a fazer-lhe outra pergunta, quando, precedido por um grito agudo seguido de uma gargalhada, Bartolomeo irrompeu pela porta aberta, seguido pelo cãozinho de Raquel, que, dando grandes saltos, procurava, em vão, morder-lhe a saia.

- Quietos, *Nisan!* Quietos, já disse! - gritou Raquel, deslocando-se na direção do cão.

O animal fixou-a por momentos com as orelhas espetadas, depois, sem ligar nada às suas ordens, retomou as corridas em torno das pernas de Bartolomeo, que, excitado, arfava e ria.

Raquel, temendo que aquela barafunda terminasse mesmo em cima da cama, onde ainda estavam estendidas as novas vestes de Aimone, precipitou-se para as levantar quase no mesmo instante em que os dois pequenos contendores mergulhavam, juntos, mesmo no centro da linda colcha bordada.

-*Nisan*, desce já daí! - exclamou furibunda, enquanto olhava nervosamente em volta à procura de uma prateleira onde pudesse estender os fatos. - Desce daí já, que cão estúpido! Nem o rapazinho nem o animal obedeceram, continuando, pelo contrário, a rodopiar, felizes entre as pregas do tecido, que, neste momento, já estava todo amachucado e puxado para um dos lados da cama. A grande colcha caíra quase toda no chão quando o cão se apercebeu, entre as suas pernas, de um dos pompons de seda.

E, como é evidente, curioso com a nova brincadeira, pôs-se a mordiscá-lo com gosto.

Raquel acabara de pousar com todo o cuidado o seu fardo sobre uma das cadeiras do quarto quando, pelo canto dos olhos, viu *Nisan* entretido na sua obra destruidora. Com um pulo, acompanhado de um grito de reprovação, lançou-se sobre o cão e, após ter-lhe retirado o pompom dos dentes, agarrou-o pelo cachaço, segurando-o depois ao colo, bem preso.

- Perdoai, senhor... - balbuciou, corada e ofegante -, não pensei que o cão iria entrar em casa... oh meu Deus, o que fiz!... perdoai...

poderei arranjar-vos a colcha... lavá-la... oh, meu Deus, que hei-de fazer agora?...

Aimone assistira, imóvel, a toda a cena. Depois do primeiro instante de surpresa com a chegada inesperada do cãozinho, a sua atenção fora atraída pela expressão de alegria que vira no rosto do filho: há muito tempo que Bartolomeo não ria daquele jeito, manifestando a sua felicidade com todo o corpo. Os olhos brilhantes de excitação fixavam o rosto corado, as mãos batiam nas ancas, enquanto, de joelhos em cima da cama, procurava ainda chamar o cão para junto de si.

*Nisan*, por seu lado, estendia o focinho na direção da criança, tentando, em vão, fugir do colo apertado de Raquel.

Enquanto uma inexplicável felicidade lhe enchia o peito, Aimone finalmente voltou a si e, fazendo um sinal benévolo ao seu filho, exortou-o

a descer da cama. Depois, virando-se para Raquel, falou-lhe com doçura, acompanhando as palavras de um grande **sorriso**.

- Não tendes nada de que vos desculpar, Raquel. O vosso cão divertiu o meu filho e Deus sabe como ele precisa disso! Não vos preocupeis com aquela colcha, não será um pequeno rasgão que irá retirar o calor à lã. Quando voltar para o meu castelo, alguém há-de repará-la, mesmo sabendo de certeza que a habilidade dos meus criados não poderá nunca comparar-se com a vossa arte. A veste que me bordastes está magnífica. Raramente vi um bordado tão refinado e preciso! Quem vos ensinou a usar a agulha com tanta mestria? Raquel, que esperava um impulso de cólera por parte daquele homem, ficou atordoada: ele não só não a tinha reprovado pelo vergonhoso comportamento do cão, como ainda a louvava pelo seu trabalho! Com um fio de voz e fixando a bainha do seu próprio vestido, respondeu: - Foi a minha mãe, quando eu ainda era pequena...

- Ide ter com ela e agradecei-lhe, então. Ensinando-vos a sua arte, assegurou-vos o futuro! Raquel ergueu os olhos e fixou Aimone.

- Não poderei fazê-lo, meu senhor. A minha mãe já morreu.

Aimone calou-se.

A dor e o lamento eram tão evidentes no olhar da jovem que qualquer coisa que dissesse seria demasiado.

-A minha também morreu. - A voz de Bartolomeo ouviu-se, embora baixa, no quarto. - Já foi há muitos anos, logo a seguir ao meu nascimento, não cheguei a conhecê-la.

Admirado com a frase do filho, inesperada manifestação de familiaridade relativamente a uma estranha, Aimone fixou-o severamente mas apenas por um instante. À reprovação substituiu-se imediatamente a pena que sentia por aquele pequeno, que sofria, silencioso e esquivo, e a consciência da sua unsuspeitada maturidade. Consciente de ter falado sem lhe ter sido pedido, o rapazinho esperou uma reprovação no rosto de seu pai, mas, confortado com a sua expressão indulgente, deu um passo na direção de Raquel e acariciou a cabeça de *Nisan*, que imediatamente lhe retribuiu com uma lambidela.

Dando-se conta de que deveria dar por terminado aquele encontro, embora tivesse querido protelá-lo por muito mais tempo ainda, Aimone disse a Raquel que no dia seguinte passaria na alfaiataria Para pagar a sua conta.

Ao mesmo tempo que Raquel, segurando o cão ao colo, transpunha a soleira da porta, Bartolomeo puxou pela manga do pai e Sussurrou-lhe

qualquer coisa ao ouvido. Sem saber se lhe havia de dar ouvidos, Aimone hesitou. Depois, corando de novo, deu voz ao pedido do seu filho.

- E... - acrescentou, pouco seguro - se um dia o meu filho quisesse brincar mais um pouco com o vosso cão, onde poderíamos encontrar-vos? Raquel parou mesmo à porta. Os seus olhos corriam de um lado para o outro sem conseguir falar. Depois, controlando a custo a agitação que a pergunta lhe causara, respondeu rapidamente.

-Virei eu aqui, meu senhor.

Antes que qualquer outra palavra fosse dita, virou-se e desceu as escadas a quatro e quatro. *Nisan*, abanando-se entre os seus braços, ladrou o seu protesto, roçando-se nervoso na manga do seu vestido.

Apanhado de surpresa pela repentina fuga da jovem, Aimone permaneceu imóvel por um tempo. Seguidamente, depois de ter tartamudeado uma ordem ao filho, abandonou à pressa o quarto e seguiu-a. Sem compreender a repentina pressa do pai, Bartolomeo perguntava-se o que lhe acontecera. Não lhe parecia que se tivesse irritado com ele e menos ainda que quisesse perguntar alguma coisa à bordadora, portanto, a sua partida tão apressada resultava, para ele, totalmente inexplicável. Com um suspiro desiludido, aproximou-se do tabuleiro de xadrez e começou a jogar uma partida solitária.

Próximo dali, o sino de uma capela tocou a hora sexta.

Aimone estava arrasado. Mais tarde iria questionar-se muitas vezes que impulso incontrolável o teria levado a seguir Raquel e que coragem o havia animado. Não era seu costume tomar um comportamento digno do mais rude dos seus camponeses e, enquanto corria inquieto por ruelas e becos que não conhecia, a vergonha começava a abrandar os seus passos. Teria seguramente parado se, mesmo antes da Porta di San Michele al Gallo, que levava ao Broletto, não tivesse entrevisto *Nisan*, que urinava, alçando a pata de encontro à porta de uma oficina. Fixando o olhar, pareceu-lhe aperceber, poucos passos à sua frente, o ondular apressado da veste de Raquel. Ao ver a rapariga, todos os freios se dissiparam. Aimone alargou as passadas e, caminhando discreto ao longo das muralhas, continuou a perseguição, confuso entre a multidão que habitualmente animava o centro comercial da cidade.

Ao mesmo tempo que mantinha os olhos presos na figura da jovem, tentando não a deixar escapar, a sua mente insurgia-se contra uma tal loucura. Os seus pensamentos voltavam ao encontro recém-terminado e,

mesmo tentando ordená-los segundo um processo lógico, não conseguia ligá-los entre si.

Aquele rosto, meu Deus, aquele rosto... Num primeiro e demoradíssimo instante, Aimone tivera a certeza de ver um fantasma: Raquel era parecida com a sua mulher! Os mesmos olhos negros, as mesmas pestanas arqueadas que lhe velavam as pupilas, a mesma boca carnuda, os mesmos dentes pequenos, brancos como pérolas... em torno do oval perfeito do rosto, uma madeixa de cabelo azeviche escapara da coifa de pano pardo, e descera para lhe acariciar o pescoço, que o tecido da camisa mal escondia.

Aquela visão havia-o surpreendido. A respiração parara, um suor frio percorrera-lhe o corpo. Nunca, em toda a sua vida, lhe acontecera sentir-se tão ausente de si mesmo. Por um longo e interminável momento, durante o qual o ar do quarto se tornara cada vez mais sufocante, Aimone vivera cada instante particular passado com a sua mulher, até ao último, quando os seus olhos cegos o haviam fixado do leito da morte. Fora esta imagem tão diversa daquela viva e vibrante que tinha à sua frente que o sacudira, que lhe dera a certeza de que aquele belo rosto que o espiava atemorizado não era o de um fantasma. E no entanto, apesar de a consciência ter voltado, o tumulto do seu espírito aumentava, provocando-lhe um frenesim novo que, digno do mais ingênuo dos adolescentes, o levava àquela perseguição absurda.

Ora, depois de ter percorrido a Via Porticata e de ter passado em frente da alfaiataria de Amizone, sem sequer ter dado por isso, encontrou-se de repente em frente das torres da Porta Romana. Da base ao cume, pedras rústicas e maciças sobrepunham-se, umas às outras, apenas interrompidas pela armação de madeira, que, a várias alturas, formava o acesso dos soldados. Uma das duas torres parecia mais alta do que a outra, que estaria talvez, ainda, em construção.

Adjacentes ao duplo fórnice da entrada, duas construções angulares albergavam o corpo da guarda. Em frente da porta, no meio da multidão que esperava poder atravessar a ponte sobre o fosso para sair da cidade, semiescondida entre as duas carroças, Aimone avistou Raquel.

Apertando o cãozinho de encontro ao peito, para não se arriscar a perdê-lo por entre a multidão, a rapariga respondera à pergunta de um soldado, que, quase imediatamente a seguir, lhe fizera sinal para passar.

Procurando não a perder de vista, o castelão arrancou numa corrida agitada, que, depois de alguns empurrões e insultos irados que lhe foram dirigidos

por parte de carroceiros e populares, se concluiu em frente do mesmo soldado que mandara parar a rapariga Apressado, Aimone retirou o seu salvo-conduto e, depois de o ter mostrado ao guarda, aturdido por tanto ímpeto, atravessou a ponte em passadas convulsivas, olhando em volta, agitado. Para lá do terreno que ladeava o fosso, uma colmeia de casebres ocupava todo o espaço alargando-se desordenada dos lados da via. Ruelas malcheirosas dividiam um grupo de casebres do outro, algumas hortas miseráveis despontavam do lado de lá dos muretos de lama. Crianças esfarrapadas conversavam entre as imundícies amontoadas pelas esquinas, partilhando alegres brincadeiras de rua.

Raquel desaparecera. Aimone parou, tentando dominar a ansiedade. Estava certo de que não iria voltar a encontrá-la naquele labirinto de ruelas. Além disso, a sua presença começava a atrair os olhares das crianças. Tinham parado de correr e observavam-no cheias de curiosidade. Embaraçado, pensava já em regressar, quando, de uma ruela ainda mais estreita, *Nisan* despontou. Com o rabo e as orelhas em pé, parou na esquina e apontou os seus grandes olhos castanhos para Aimone. Depois de um instante de incerteza, abanou o rabo de alegria e correu decidido na sua direção. Agradecendo ao céu pela graça que lhe concedera, o castelão parou a acariciá-lo.

Desiludidos pelo rumo banal que a situação tomara, os miúdos retomaram as suas brincadeiras, enquanto *Nisan*, depois de ter recebido a sua dose de carícias, virou as costas direito a casa.

Aimone seguiu-o: de vez em quando o cão parava e virava a cabeça, olhando o seu perseguidor, como que para se assegurar da sua presença. O trajeto foi breve: logo a seguir a uma construção baixa e esquinada que devia ser um abrigo para peregrinos ou um hospital, um grupo de minúsculos casebres de um só piso ocupava toda a ruela. *Nisan* entrou pela porta escancarada de um deles e desapareceu. Aimone deu ainda uns passos cautelosos até chegar em frente daquela mísera casa. A sombra projetada pelas paredes das casas, comprimidas umas de encontro às outras, escurecia-lhe o rosto, impedindo que alguém o reconhecesse. Os seus olhos não conseguiram enxergar para além da escuridão da porta, mas os ouvidos ouviram, clara e doce como uma melodia, a voz de Raquel. Às suas palavras respondia a voz fraca de um homem, provavelmente o pai, de quem ela lhe falara.

O coração de Aimone batia descompassado no seu peito e a cabeça girava,

atordoada.

Conseguira encontrá-la. Agora sabia onde morava.

Como que a avisá-lo de um perigo iminente, *Nisan* reapareceu à porta e ladrou. Rápido, o castelão retomou a via de acesso à cidade e ao mesmo tempo que ia distribuindo sorrisos benévolos pelos miúdos que encontrava, procurava nos bolsos alguns trocos. Depois de ter satisfeito as expectativas dos pequenos mendigos, dirigiu-se, apressado, para a entrada da cidade: a água do fosso, iluminada pelo sol, refletia brilhos que lhe feriam os olhos. Aimone percorreu à pressa a estrada pela qual viera, conseguindo reconhecer, mesmo contra vontade, largos, cobertos, vias e praças. Já mesmo em frente de casa, ergueu os olhos para a varanda, encontrando os de Bartolomeo, que, apoiado ao corrimão de madeira, perscrutava a ruela à sua espera.

Com um sorriso aberto, saudou-o com a mão e desapareceu no interior. Tranquilizado, o rapazinho regressou ao quarto. Finalmente poderiam fazer a sua habitual refeição e depois quem sabe se o pai não queria jogar com ele outra partida de xadrez.

## Capítulo 18

Uma baforada pesada e nauseabunda chegara, subitamente, ao nariz de Matthew. Surpreendido, olhou em volta procurando a origem daquele fedor: ali perto, nada parecia justificar tal pestilência. A estrada por onde seguia, mesmo à beira da muralha, serpenteava entre igrejas, casas e pequenas hortas, que, bem regadas pelas águas do vizinho Vettabbia, mostravam o pleno viço daquela Primavera, que há pouco chegara ao fim. Pouco depois, prosseguindo ao longo do arco das fortificações, as oficinas dos armeiros trabalhavam a bom ritmo fabricando, amolando, polindo o material bélico dos senhores milaneses.

Matthew transpôs a Poterna da Chiusa. Do lado de lá da ponte era já campo e, alargando o olhar pelas terras mais próximas, o frade compreendeu a proveniência do mau cheiro que sentira pouco antes.

Ressaltando de uma rocha, um grande moinho de linhaça girava, incessantemente, a sua mó, espalhando no ar aquele fedor marcescente, que, em ondas descontínuas, chegara até à cidade. À direita, semiafundada nas águas da fossa, uma grande comporta em movimento lento regulava o fluxo da corrente, enquanto, logo a seguir a ela, um grande penhasco fortificado constituía uma espécie de prolongamento da muralha. Arnolfo havia-lhe explicado que aquela construção, muito antiga, era chamada de «torre do imperador», devido a um antigo rei bizantino que a convertera numa espécie de baluarte defensivo daquela Parte da muralha. Acrescentara ainda que, assim que a avistasse, teria chegado mais ou menos à sua meta.

Depois da conversa com a abadessa de San Celso, Matthew havia referido os resultados das suas investigações ao abade: tinham falado durante muito tempo e Arnolfo mostrara-se satisfeito. Nessa altura, havia-lhe dito, deveria ainda abrir bem os olhos e os ouvidos informando-se em redor. Logo que chegasse ao conhecimento do nome da rapariga e sobretudo da sua imperfeição física, não haveria qualquer dificuldade em encontrá-la, na condição de ainda estar viva e de viver em Milão.

O frade, que esperava, por parte do abade, aquele pedido suspirara, paciente, pedindo-lhe conselhos sobre os modos e os tempos para essa nova pesquisa. Arnolfo sugerira-lhe que começasse a partir do encontro do cadáver de Caterina.

- Tu conheces pouco a cidade - acrescentara - e uma maior familiaridade



com estradas e praças só poderá ser-te útil para o desenvolvimento das tuas investigações. Quem sabe se a água do Vettabbia, juntamente com a vontade de Deus, não irá despertar, no teu espírito algumas intuições úteis que levem a encontrar a jovem.

Matthew tinha dúvidas sobre as virtudes prodigiosas de um rio, e aquela resposta deixara-o boquiaberto. Parecia que o abade repunha as suas esperanças, como outrora faziam os Latinos e os Gregos, na essência divina dos cursos de água. Este pensamento supersticioso aborrecera-o, mas depois, aceitando as propostas de Arnolfo, embora de má vontade, decidira obedecer, como, de resto, fazia há muitos, talvez demasiados anos.

Neste momento e ao mesmo tempo que as carroças carregadas de mercadorias faziam o habitual ruído sobre as tábuas desengonçadas da ponte, Matthew desceu cautelosamente o dique para se aproximar da água. As ondas, provocadas pelo tráfego contínuo das embarcações que navegavam ao longo do fosso diretas a outros lugares de atracação, sucediam-se vigorosas no meio do canal para, já sem força, chegarem à margem e lamberem os seixos com as suas espumas.

Recolhendo a borda do hábito em volta das pernas, Matthew agachou-se na erva. Um pouco mais além, grandes peixes cor de chumbo deixavam-se arrastar à tona de água para, quase junto da margem, deslizarem repentinamente para o centro do rio, desaparecendo na corrente. Mesmo no limite do rio, onde as últimas babas de água embebem a terra, sem, no entanto, a cobrirem completamente, alguns pequenos caranguejos mortos deixavam luzir ao sol a sua carapaça rosada.

O frade recolheu um seixo e, fazendo-o voar por alguns instantes de uma mão para a outra, deixou-o por fim cair na primeira espuma.

- *Suffre that deade men birie ther deade, but go thou and tel the kingdom of God!* A voz atingiu-o como uma chicotada. Matthew virou-se de repente.

De pé, a seu lado, uma mulher alta observava-o. Os seus olhos verdes brilhavam no rosto pálido, os cabelos, mais claros do que o que o grão, estavam apanhados, formando um rolo sobre a nuca, livres de qualquer chapéu: só um grande travessão de osso prendia as madeixas soltas, impedindo-as de cair pelas costas.

-Quem sois? - balbuciou Matthew, tão surpreendido por ouvir uma frase na sua língua materna, que mal conseguia respirar.

A mulher fixava-o sem responder.

Dando-se de repente conta da sua posição deselegante, o frade ergueu-se.

Os olhos da mulher perscrutavam-no: aquele olhar, firme e penetrante, provocou-lhe uma singular volta nas vísceras. Engolindo com dificuldade a saliva na garganta seca, repetiu a pergunta.

- Quem sois? -Sou Guglielma, mas chamam-me Boema.

Aquele nome não lhe oferecia qualquer resposta. Pensando encontrar-se em frente de uma pessoa bizarra mas inócua, procurou readquirir uma compostura mais digna.

-Não vos conheço e, apesar de vos exprimirdes na minha língua, não sei quem sois, nunca ouvi falar de vós...

A mulher sorriu enigmática e, com a ponta dos dedos, tocou-lhe no ombro. Chamam-me Boema, Frei Matthew, mas não sabem que eu vim da vossa terra, embora de outro condado. Venho do Norte.

Admirado por ouvir o seu próprio nome pronunciado por aquela desconhecida, o frade empalideceu. Enquanto a mão de Guglielma continuava poisada sobre ele, um longo arrepio quente percorreu-lhe o corpo, terminando nas pernas, que, naquele momento, começaram a tremer.

- Não deveis ter medo de mim, frade - prosseguiu a mulher, retirando a mão e deixando-a cair ao longo do corpo -, não deveis ter medo. Jesus disse para deixar repousar os mortos e procurar os vivos, para lhes anunciar o reino de Deus. Isto é apenas o que acabastes de ouvir. Será que já não vos lembrais da nossa língua ou que o vosso longo peregrinar vos fez esquecer as palavras dos Evangelhos? Os olhos de Matthew arregalaram-se: que teria feito aquela Mulher, aquela Guglielma, para saber da sua peregrinação? E como poderia ela imaginar que o seu mosteiro de origem se situava no Sul de Inglaterra? Cada vez mais admirado e ligeiramente irritado com a gravidade das suas últimas palavras, preparava-se para ripostar, quando a mulher se inclinou sobre a margem e, apanhando uns cinco seixos ainda brilhantes de espuma, os distribuiu na palma da mão, que estendeu a Matthew.

-Aqui está, vedes? Sois como estes seixos: quem os terá trazido até aqui desde a montanha donde se desprenderam? Quem lhes lavou as impurezas? Quem os poliu até os tornar redondos, dando-lhes a possibilidade de rolar até uma meta desconhecida? Quem os tornou tão compactos, de forma a resistirem a todas as tempestades sem se ; desfazerem? Quem poderia ter feito tudo isto, dizei-me, senão o .;, Altíssimo? Os seixos brancos e translúcidos brilhavam na mão de Matthew, onde Guglielma os havia depositado. Dobrando-lhe os dedos sobre os seixos, a mulher acrescentou

ainda.

-Já cumpristes uma missão, frade, mas não foi a última.

Tendes uma outra, ainda mais séria, que devereis levar a cabo.

-Fazei-o com espírito sereno e sobretudo confiai no Omnipotente.

-Encontrareis quem procurais, mas deveis apressar-vos, porque a sua vida corre perigo... Ficai em paz, Matthew Willingham.

Subitamente, os olhos de Matthew encheram-se de lágrimas.

Confuso com aquela injustificada comoção, fixou Guglielma, tentando -', - Eu... mas como é que vós sabeis... deveis dizer-me... quem sois?... Eu não...

-Não pergunteis, frade, não pergunteis mais nada. Havemos de nos encontrar uma outra vez.

Em silêncio, a mulher virou-se e, com passadas rápidas, subiu o declive da margem. Em poucos instantes a sua veste cinzenta desapareceu por entre a poterna.

Matthew seguiu-a com o olhar. Quando os seus olhos já enxutos voltaram a ver, reabriu a mão que guardava os seixos e observou-os: uma ligeira cobertura de musgo do lado onde haviam estado apoiados na terra sombreava-lhes a superfície. Com todo o cuidado, limpou-os esfregando-os com os dedos. De seguida, depois de um longo e ! profundo suspiro lhe ter feito vibrar a garganta, guardou-os no fundo .; do bolso do hábito e subiu, também ele, o declive.

- Guglielma, disse?, Guglielma a Boema?! A voz de Arnolfo soava estridente, num tom que Matthew nunca lhe conhecera. Os olhos, dilatados pela surpresa, fixavam-no incrédulos.

-Foi o nome que ela me disse. É uma mulher alta, delicada, que não usa nem véu nem coifa, vestida com um fato de um tecido pardo, quase como uma monja...

- É ela, não tenho dúvida - murmurou estupefacto o abade.

-Mas que fazia ela ali ao longo do fosso e porque vos terá interpelado, logo a vós? A pergunta não previa qualquer resposta. Arnolfo percebera perfeitamente que, não conhecendo a fama daquela mulher, Matthew não teria podido responder-lhe nada. Reparando no ar embaraçado do frade, procurou dominar a ansiedade que aquele novo desenvolvimento da situação lhe provocava. Nesta altura, deveria dar-lhe mais explicações, esclarecer posições, pô-lo de sobreaviso. Matthew parecia confuso e, uma vez que deveria levar a cabo a missão que lhe confiara, tornava-se necessário que nenhuma dúvida viesse a perturbar-lhe o espírito.

Entreabrindo os olhos e apoiando-se ao alto espaldar da cadeira, respirou fundo duas vezes e começou a falar.

- Não vos havia já contado, irmão, que Milão e a Lombardia há muito que foram infestadas pelas heresias? Pois bem, muitas delas já foram longamente combatidas tanto pela *podestà* como pela Igreja: atualmente, como acho que já vos disse, os frades menores e os dominicanos foram encarregados de encontrar e perseguir qualquer pessoa suspeita. Há uns seis meses, não mais, na Via Della Palia, foi arrasada a casa de um homem, um rico comerciante de queijos, proprietário de inúmeras casas no campo. Segundo constava na vizinhança, era um simpatizante, deveras ativo da heresia catara e nos seus aposentos realizavam-se reuniões permanentes com outros sequazes. Com a destruição da sua casa, que incluía também o armazém, o homem perdeu tudo o que tinha aqui na cidade e foi obrigado a fugir. Se não o tivesse feito, não tardaria que os menores o prendessem e o levassem a tribunal. Dizem que agora está escondido no castelo de Gattedo, sob a proteção de Roberto Patta di Giussano, um dos nobres que, desprezando as diretivas das comunas, hospedam os heréticos fugidos...

- Já ouvi falar desses cátaros - interveio Matthew -, mas ainda não compreendi bem em que consiste a sua heresia.

Por um longo instante, Arnolfo fixou o frade, sem saber se havia de lhe fornecer explicações convincentes ou de deixar passar a sua, embora justificada, curiosidade. Optando pela primeira hipótese, em homenagem à argúcia do seu interlocutor, recomeçou a falar.

- Estes heréticos pensam ser os «perfeitos», os únicos homens libertados por Cristo dos vínculos da matéria. Vivem de penitência rigorosas e absolutamente distanciados do mundo; dizem que a Igreja é corrupta e definem-na normalmente como «a grande meretriz». Levam uma vida de oração e de jejum, não comem carne evitam, como se da peste se tratasse, qualquer relação com o poder político. Pregam a sua doutrina por onde quer que andem e, por não terem um lugar de culto preciso, as suas ideias espalharam-se como uma praga. Não têm medo nem sequer da morte na fogueira que a Igreja lhes promete, porque no martírio eles encontram a libertação final das suas almas, até então aprisionadas pela matéria.

Através do sacrifício de si próprios, eles vêem a expiação da culpa primigénia para com Deus, pensam libertar a sua própria pequena parte de divindade. Deste modo, estão certos de chegar à pátria celeste... Compreendeis, agora, como esta heresia é grave e quão perigosa se tornaria

a sua difusão se não fosse desmantelada por todos os meios? Matthew, que ouvira pacientemente as palavras do abade, traiu-se com um repentino esgar de rebelião, que não passou despercebido aos olhos atentos de Arnolfo.

-Ouvi bem, irmão Matthew - prosseguiu calmamente. - Dou-me conta de que, aparentemente, estes e outros heréticos não provocam o mal de ninguém: levam a sua vida como eremitas, praticam as virtudes da retidão, não roubam, não matam... mas pregam! Vão difundindo, à sua volta, uma doutrina que não é a da Igreja de Roma, pronunciam maldições contra ela, são arrogantes na sua aparente mansidão... Dizem que não querem prostituir-se com qualquer forma de poder político, mas o que julgais?, que não há poderosos a querer explorar as suas palavras para sustentar as causas próprias? Considerai apenas aqueles nobres, expulsos da cidade nestes últimos anos, que os escondem e os mantêm às suas custas! Pensais que o fazem por bondade ou antes para constituir um exército aparentemente fraco, mas mais perigoso do que mil homens armados, pronto a apoiá-los quando acharem que chegou o momento de se reapropriarem da cidade? E a Igreja? O que está a fazer o papa, isto é o representante da vontade divina, se qualquer um pode rebater a sua doutrina, substituindo-a por uma outra criada a seu bel-prazer? Não vos esqueçais de que Cristo disse ao apóstolo: «Tu és Pietro e sobre esta pedra fundarei a minha Igreja.» Que certeza maior poderemos ter nós todos *de* que a única e verdadeira Igreja é a de Roma? Enquanto de início a voz de Arnolfo se mantivera controlada, À medida que o discurso prosseguia, o som das suas palavras tornara-se mais vibrante, transformando-se numa espécie de concitada invetiva. Matthew, que o ouvia com atenção, não compreendia se a raiva que via crescer no abade se dirigia aos hereges ou à sua própria pessoa, obrigada a justificar, mesmo não o subscrevendo, de todo, o comportamento persecutório da Igreja. O frade recordava que, durante um dos seus primeiros colóquios, Arnolfo o havia posto de sobreaviso com a invasão dos frades menores e dos dominicanos, exortando-o a evitar frequentá-los. E agora?, perguntava-se, qual era realmente o verdadeiro pensamento do abade? Teriam sido sinceras aquelas primeiras, cautelosas e sensatas palavras, ou seriam verdadeiras estas últimas, que pareciam absolver os inquisidores de todas as culpas, estigmatizando, pelo contrário, os danos produzidos pela heresia? Refletiu que, qualquer que fosse a sua posição pessoal relativamente aos heréticos, o importante cargo que Arnolfo ocupava dentro da Igreja

metropolitana não lhe permitia outra via senão a da ortodoxia.

Como se tivesse adivinhado a dúvida no olhar de Matthew, o abade retomou o discurso apressado.

- Expliquei-vos isto sobre os cátaros para vos fazer compreender quais são as implicações do vosso encontro com Guglielma...

- Então ela também faz parte dessa congregação? Matthew interrompeu-o.

- Não, mas deixai-me explicar. Dizem que esta mulher é filha de um rei boémio e que veio para Milão, impelida por uma visão: um anjo que lhe terá aparecido em sonhos na sua terra natal, ter-lhe-á ordenado que viesse para a nossa cidade para evangelizar os habitantes, demasiadamente envolvidos em negócios e em empresas guerreiras para se deixarem tocar pela graça divina. Isto, pelo menos, é o que por aí dizem os seus sequazes. Em toda esta história não existiria nada de novo: no fundo, desde sempre, Milão pulula de loucos, de astutos, de párias, de mulheres piedosas mais ou menos caricaturáveis. O problema é que Guglielma prega a doutrina e vós bem sabeis que só os homens da Igreja podem fazer sermões e difundir as Escrituras! Mas ela, pelo contrário, ainda por cima sendo mulher, feia, explica, interpreta a seu modo as palavras de Cristo... Diz, como aliás já Ele tinha ensinado, que devemos amar-nos e honrar-nos um ao outro, mas defende também que cada um que se arrepender dos seus próprios pecados poderá um dia transpor as portas do Paraíso seja ele cristão, judeu ou sarraceno!... Diz ainda ser apenas uma humilde mulher cheia de fé, mas os seus sequazes referem-se a ela como sendo o próprio Espírito Santo! E depois, há uma última coisa: dizem que é uma curandeira. Não me pergunteis como, não me pergunteis quando, mas sei de fonte segura que Guglielma, durante as reuniões com os seus acólitos, impõe as mãos. Alguém mo disse, por ter visto com os seus próprios olhos que os doentes saem curados da sua casa. Não sei, irmão, não sei... O certo é que os mesmos ditos que chegaram aos meus ouvidos, também chegaram aos dos inquisidores, que começaram exatamente por estes dias a recolher informações, a identificar os seus sequazes... Vede bem, vós também portanto, quanto me preocupa o vosso encontro com ela. Guglielma uma herética, praticamente, de conversa com um emissário do abade de San Simpliciano! Quantos olhos terão seguido o vosso encontro, quantos ouvidos terão ouvido as vossas palavras? A inquietação, que já não escondia, agora que o havia posto ao corrente da sua angústia, marcava o rosto de Arnolfo: duas olheiras escuras davam-lhe um aspecto pesado, ao

mesmo tempo que rugas profundas lhe sulcavam os cantos da boca num esgar amargo. Matthew gostaria de o tranquilizar, contando-lhe com quanta doçura Guglielma lhe falara, mas calou-se. Na verdade não esquecer a arrepiado que o contacto da sua mão lhe fizera, a movimentação das vísceras provocada pelos seus olhos febris, as frases enigmáticas que ouvira da sua boca. E depois, por que razão todos a chamariam de «Boema», se ela falava a sua língua e havia afirmado ser inglesa? E como fizera para saber o seu nome? Muitos tinham sido, nos últimos dois anos, os acontecimentos que permaneceram sem explicação, e a sua misteriosa sucessão havia marcado a estrada que ele, para sua desgraça, fora obrigado a percorrer. Ora, uma outra inexplicável visão estava para marcar, de qualquer modo, a sua vida. Quase a acreditar que teria sonhado, Matthew apalpou com os dedos o fundo do bolso: não, não fora sequer imaginação, os seixos estavam ali, pesados como pedras, de encontro à sua coxa.

- Talvez me tenha enganado - retomou Arnolfo, esfregando penosamente o queixo com as costas da mão -, nem sequer devia ter dado início às investigações... E, por outro lado, como iria poder.

Mesmo que eu tivesse ignorado as minhas alucinações noturnas, este acontecimento rebentaria de qualquer maneira. Sofro contínuas pressões por parte das autoridades para desmascarar a verdadeira natureza *de* Lanfranco Calgario. Ninguém o quer no lugar de capitão e o presumível homicídio de Caterina parece ser o único ponto em que se poderá pegar para o impedir. Temos de ir em frente, continuar a procurar, irmão, enquanto eu vou rezar ao Altíssimo para que vele por vós. Agora que sabeis muito mais do que antes, agora que conheceis os perigos e as intrigas, deveis redobrar os cuidados. Eu, pela minha parte, tentarei entreter os meus interlocutores, contemporizando o mais possível. Além disso vou convocar um encontro com o irmão Caudenzio: é um dos frades menores que se ocupam das heresias aqui na cidade e é uma das poucas pessoas de confiança que conheço naquela ordem. Penso poder confiar totalmente nele, até porque me deve um favor. Estou certo de que poderá pôr-me ao corrente das intenções dos seus superiores sobre a Boema. Agora, ide, Frei Matthew, e, se puderdes, evitai encontros perigosos.

A expressão de Arnolfo revelava uma profunda fadiga, o seu corpo dobrara-se sobre si próprio. Enquanto se despedia, Matthew sentiu pena daquele homem. Carregado de responsabilidades que seguramente não procurara e que não deveriam fazer parte da sua missão pastoral, obedecia, no entanto,

com determinação às suas incumbências. Obediência, sempre a obediência... Era este o fulcro da vida religiosa, não era tanto a fé e a caridade que, sendo parte integrante de qualquer homem da Igreja, se consideravam, no entanto, como certas. Era a obediência que os envolvia a todos, do mais humilde monge ao abade, a uma Igreja que, por vezes, em vez de mãe generosa e participante, se mostrava severa madrasta. Era talvez o jugo mais difícil de tolerar, em especial porque a obediência era devida sem condições, mesmo na presença de evidentes injustiças.

Um acutilante sentimento de revolta apoderou-se de Matthew.

Já o experimentara frequentemente no longo período de peregrinação e, embora tivesse sempre pedido o perdão tácito de Deus, não conseguia afastar de si esta sensação: como uma criança que fez uma maroteira e depois, assustada por ter sido repreendida, promete não a repetir, embora, no seu íntimo, não pense isso, assim o frade estava consciente de toda a sua inadequação àquela vida de obediência sem reservas. A nostalgia por uma existência que poderia ser diferente, confinada a uma realidade menos rigorosa do que aquela a que o obrigavam, insinuava-se cada vez mais na sua mente. Irritado consigo Próprio, Matthew dirigiu-se com passadas pesadas para a sua cela.

Ajoelhado em frente da cruz, pedira, uma vez mais, a indulgência *de* Deus e a força para prosseguir a sua missão.



## Capítulo 19

Os três miúdos estavam escondidos num canto escuro de uma das ruelas que, a partir da Via Porticata, conduziam ao Hospital do Brolo. Um deles, de pé, estava vistosamente vestido, com um andrajo vermelho já desbotado e segurava nas mãos algumas fatias finas de nabo que distribuía, com ar solene, pelas línguas estendidas dos outros dois, ajoelhados à sua frente. As gargalhadas com que acompanhavam os gestos saíam sufocadas daquelas bocas. Ninguém, ali em volta, deveria surpreendê-los enquanto se divertiam com o jogo do «nabo-hóstia», que, sabiam muito bem, era severamente proibido pelos padres. A vizinhança com a basílica adjacente dos Apóstolos, em vez de os conter, estimulava a sua audácia. Um grande número de religiosos passava habitualmente por aquele labirinto de becos e fugir aos seus olhares enquanto faziam uma ação sacrílega aumentaria em muito o seu divertimento.

Naquela manhã, no entanto, a brincadeira não terminou como habitualmente. Um pequeno fragmento de nabo ficou entalado na garganta de um dos miúdos, que, para não sufocar, começou a tossir convulsivamente. O som sibilante dos seus estertores chamou a atenção de um padre que acabava de dobrar a esquina e que, voltando para trás, agarrou o miúdo e, com pancadas decididas nas costas, o ajudou a expelir o que lhe dificultava a respiração. Estava já para seguir, aliviado por ter evitado a desgraça do miúdo, quando deu pelos outros dois, emudecidos de medo, que o fixavam imóveis. Por um instante Pensou qual seria a brincadeira até àquele momento. O nabo, partido ao meio, jazia ainda por terra, enquanto pequeninos pedaços do mesmo se espalhavam sobre o trapo nojento que cobria as costas do rapaz mais velho. O padre esbugalhou os olhos e da sua boca saiu uma espécie de rugido. As suas palavras foram, todavia, mais rápidas do que as suas pernas, que se revelaram menos velozes do que as dos miúdos. Espavoridos com a perspectiva de uma reprimenda séria e da repreensão pública a que a seguir seriam expostos na Igreja, ó pernas para que vos quero, escaparam por entre as ruelas adjacentes. O padre, irritado com a lentidão dos seus próprios reflexos e a ingenuidade que demonstrara, virou-se e retomou a estrada na direção da basílica. Resmungando consigo próprio, pensava que alguém deveria tomar providências para terminar com aquela brincadeira. Aquele jogo blasfemo

era moda entre os miúdos de Milão desde os tempos de Barba-Ruiva e nenhum castigo, mesmo severo, conseguira, até então, acabar com ele. Seria necessária uma ordenança comunal, pensava, como aquela que já regulava os jogos dos adultos. Falaria disso ao abade e, se não fosse bastante, interpelaria o próprio arcebispo.

Aquela burla sacrílega tinha de acabar e ele iria começar a trabalhar para isso...

Enquanto o padre transpunha, irritado, o portão da basílica, três becos mais à frente, a fuga provocada de um dos rapazes terminava desastrosamente entre as pernas de Lanfranco, que, vestido com os seus melhores trajes, se dirigia para o Brolo do arcebispo. Ali, no palácio, esperava-o o secretário de Leone da Perego, a quem havia pedido uma audiência. Seria um dia fundamental, aquele, pensava, para conseguir obter o seu lugar: ninguém, depois de constatar que tipo de donativo ele tencionava fazer à Igreja e à cidade, iria poder recusar-lho. Os seus pensamentos foram penosamente interrompidos por uma violenta pancada nas canelas dada pelo pequeno fugitivo, que, depois de ter tropeçado nele, caíra aos trambolhões.

-Mas para onde ias tu a olhar, que diabo! Não enxergas um palmo à frente do nariz?! Porque não foste correr para a margem do fosso, assim caías lá para dentro e os peixes comiam-te! - gritou-lhe, furibundo, enquanto verificava se o casaco de seda sofrera algum dano.

O miúdo levantou-se aterrorizado com o brilho feroz que vinha dos olhos daquele homem e nem sequer ousou desculpar-se. Com o mesmo ímpeto que o levara até ali, resolveu pôr-se imediatamente em fuga. Esperando que os amigos tivessem mais sorte, decidiu voltar logo para casa. Não estava propriamente nos seus dias, disso tinha a certeza, talvez aquele jogo, que tantas vezes já tinham feito, trouxesse azar, talvez fosse melhor convencer os seus companheiros a não voltarem a jogá-lo. Na verdade, agora que já era crescido, devia poder começar a jogar aos dados. Tantas vezes vira o pai desafiar as regras comunais que proibiam todos os jogos noturnos. Protegido pela escuridão do seu pardieiro, reunia-se com os amigos no vão da escada, onde, iluminado apenas por um coto de vela, continuava a jogar aos dados até altas horas da noite, ignorando os protestos preocupados da mulher. Iria fazê-lo, ele próprio, mas de dia e bem escondido.

Sabia muito bem onde o pai arrumava os dados e, sem que ele visse, tinha-lhos tirado e aprendido a usá-los. Confortado com esta nova perspectiva, sorriu consigo próprio e, sem se importar com o ardor no joelho esfolado,

apressou o passo na direção da sua casa.

-O véu de Sant'Ágata, dizeis? Ugone Balbo, o secretário particular do arcebispo, rodava entre as mãos, circunspecto, um maltratado pedaço de linho: aquele trapo, que media menos de um palmo, estava escuro e chamuscado em vários sítios; de um lado, o tecido fazia uma espécie de cauda, desfiada e aparentemente queimada.

- É verdade, Excelência, trata-se exatamente de uma relíquia! - respondeu melífluo Lanfranco. - Como sabeis, a santa sofreu o martírio do fogo depois de outras nefandas torturas a que foi sujeita, e dizem que as chamas, mesmo havendo queimado o seu corpo, pouparam, pelo contrário, o véu em que ele estava envolto. Este, ciosamente conservado pelas irmãs devotas, foi objeto de culto lá na longínqua Sicília e dizem também que era levado em procissão diante da montanha que vomita diabos...

- Não tenho seguramente necessidade de que me ensinem a vida dos santos! - exclamou Ugone, aborrecido, fixando severamente Lanfranco. Aquele homem não lhe agradava. Por detrás daquele ar cerimonioso e servil intuía-se uma natureza realmente diferente. Ugone habituara-se a considerar as pessoas sem preconceitos, mas uma sensibilidade muito especial sempre lhe permitira perceber antecipadamente a característica de uma pessoa, e esta que transbordava de forma evidente do homem que tinha à sua frente era uma espécie de crueldade contida. E depois, não evidenciava, com toda a certeza, qualquer respeitosa familiaridade com as hierarquias eclesiásticas, uma vez que se permitia explicar-lhe a ele, secretário da máxima autoridade religiosa de Milão, quem fora e como fora martirizada a santa! É então a montanha que vomita diabos! Mas com quem julgaria ele que estava a falar, com um popular supersticioso e simplório? Qualquer um, por pouco que tivesse estudado, sabia que o Etna era um vulcão e que das suas vísceras saíam fogo e lava! Procurando dominar a irritação crescente Ugone colocou o pedaço de linho no pequeno cofre onde estivera até então: depois, observando penetrantemente os olhos fugidios de Lanfranco, respondeu-lhe ainda.

-E dizei-me, quem vos deu esta relíquia? - É uma longa história - respondeu Lanfranco, recuperando o seu habitual atrevimento. - Nem eu mesmo sei donde proveio, mas quem ma deu defende que foi mesmo retirada do túmulo da santa por alguns sarracenos expulsos da corte de Federico. Parece que esses infiéis, para se vingarem das afrontas sofridas, terão, antes de fugir, profanado aquele e outros túmulos de mártires...

-Mas foi um sacrilégio! E vós ousais entregar-me o fruto de um sacrilégio?!  
- interrompeu-o, indignado, Ugone.

- Esperai, esperai. A história ainda não terminou. Só que, como eu dizia, a fuga dos sarracenos acabou numa hecatombe: todos morreram ou no meio das ondas ou devido a um raio ou esmagados por um maço... O último desses homens, pouco antes de morrer entre tormentos atrozes, dera-se conta de que a relíquia roubada desencadeara uma maldição, à qual nenhum deles conseguira escapar. Então, com o pouco alento que lhe restava, confessou o crime cometido ao servo de um comerciante, pedindo-lhe para levar a relíquia de regresso ao local donde fora roubada. O que se passou em seguida, não sei.

Dizem, no entanto, que, passando de mão em mão, o véu da santa começou a fazer milagres. Os doentes que o tocassem eram curados, as águas das torrentes mais fortes paravam, bastando para tal colocá-lo nas suas margens, o fogo dos incêndios extinguiu-se sem necessidade de água. Vede portanto, também vós, que se trata realmente de uma verdadeira relíquia...

- Não me haveis ainda dito como chegou ela à vossa posse interrompeu-o Ugone novamente, cada vez mais aborrecido com o tom falsamente conciliador que ouvia da boca do seu interlocutor.

- Deu-me um frade mendicante que encontrei há pouco tempo, ao longo da estrada que conduz a Lodi: fugira há pouco de uma das habituais devastações que os soldados do imperador levam a cabo no nosso condado. Já não comia há uns dias, estava andrajoso e desesperado: o pobre homem encheu-me de piedade e por isso lhe ofereci de comer e um teto numa hospedaria. Em troca da minha generosidade, quis oferecer-me a relíquia, explicando-me a sua proveniência, nos termos em que acabei de vos contar. Disse-me, por seu lado, que lhe fora dada por um peregrino que seguia a caminho de Santiago de Compostela.

A falsidade daquelas afirmações era tão evidente que provocou no secretário um mal-estar físico: o estômago torcia-se-lhe, as mãos, fechadas em punho por entre as pregas do hábito, começavam a tremer. Ugone sabia bem que aqueles primeiros sintomas anunciavam um acesso de raiva. Para o dominar, sentou-se na cadeira alta colocada por debaixo da janela do gabinete e fechou os olhos. O ambiente era pesado, faltava o ar. As duas paredes adjacentes à porta estavam cobertas, de alto a baixo, de enormes contadores cheios de pergaminhos, de livros e de registos. Sobre uma estante ao lado do cofre, dois preciosos códices iluminados mantinham-se

abertos nos trechos dos Salmos, enquanto o resto das paredes se cobria de ricos tapetes bordados com cenas bíblicas. O cheiro dos pergaminhos que habitualmente impregnava o ar do pequeno quarto misturava-se, agora, também com um vago perfume adocicado, seguramente proveniente de Lanfranco.

Nauseado com a ideia de que aquele homem se perfumava como uma prostituta, Ugone respirou fundo e reabriu os olhos.

-Portanto, em suma, que quereis de mim, ou, melhor, do arcebispo? O tom cortante do secretário não desencorajou Lanfranco. Com um sorriso servil, pegou no cofre com a relíquia e, estendendo-o na direção de Ugone, respondeu rapidamente.

-Quero fazer uma doação desta relíquia à Igreja metropolitana e à cidade, na esperança de que Sant'Ágata a proteja de acontecimentos funestos, de guerras, de incêndios, de fomes... Acho que é o mínimo que posso fazer, desde o momento em que este véu sagrado chegou às minhas humildes mãos. Quando for nomeado *capitano di giustizia*, a consciência de ter, de qualquer modo, favorecido os destinos da cidade ser-me-á de grande ajuda para desempenhar da melhor maneira as minhas funções.

Ora aí está, estava dito. Finalmente, na sua infinita arrogância, aquele homem demonstrara toda a sua estupidez. Mostrava-se agora como aquele aristocrata de meia-tigela, aquele homem violento de quem se falava à boca pequena pelas salas do Broletto! O seu instinto não se havia enganado ao julgá-lo falso. O que havia de fazer agora? Leone da Perego estava ausente da cidade e não voltaria antes de umas duas semanas. Não podia certamente arrogar-se ele próprio o poder de expulsar da sede arquiepiscopal aquela espécie de serpente que estava à sua frente sem estar de posse de um motivo grave. No fundo, pensava também se, com aquela presumível relíquia seguramente falsa, Lanfranco não teria querido garantir o apoio da Igreja milanesa para a obtenção de um cargo público, a decisão última caberia ao poder civil. Seriam, portanto, as autoridades comunais a decidir o seu pedido. Ele, no que lhe tocava, iria falar quanto antes com Baldo Oldrati, o secretário da *podestà*, para o pôr à defesa relativamente a este homem.

Ugone levantou-se. As suas pernas, rígidas pela tensão, só com grande esforço se moveram. Em silêncio, tirou das mãos de Lanfranco o cofre e, disfarçando a repulsa que só o contacto com aquele objeto lhe provocava, colocou-o sobre a estante, ao lado dos códices.

-Assim que o arcebispo regressar a Milão, vou mostrar-lhe a vossa relíquia

e, se ele achar oportuno, sereis convocado à sua presença.

Por agora, não tenho mais nada a dizer-vos, ide em paz.

Desiludido com uma despedida tão apressada, Lanfranco inclinou-se e, sem conseguir disfarçar de modo algum a raiva que começara a corar-lhe o rosto, saiu do gabinete.

Depois de ter permanecido por momentos a observar a seda barata do manto do seu postulante, Ugone virou-se e abriu a janela: depois, dobrado sobre o cofre de prata sobre o qual brilhavam medíocres pedras coloridas que fingiam ser preciosas, abriu-o e observou o fragmento de tecido que continha. Pelo que lhe parecia, poderia tratar-se de um pedaço de uma camisa de uma qualquer prostituta da cidade.

Lanfranco deixara cair as vestes no chão sem se preocupar com a porcaria que o seu criado ainda não tinha varrido.

- Aquele homem trabalha sempre menos do que o necessário! - resmungou irritado. Apesar de não ver, há meses, a cor do salário, pensou, no fundo, de que poderia ele lamentar-se? Tinha um teto a cobrir-lhe a cabeça e, além disso, aproveitava largamente dos seus mantimentos, sem dispensar o vinho da sua despesa... Nu da cintura para cima, tendo como único vestuário as calças, que não conseguiam esconder os músculos bem salientes, abeirou-se da janela aberta. O ar do início da tarde estava pesado, húmido: longe, para lá das muralhas, uma risca compacta de nuvens plúmbeas, aparentemente imóveis no céu, anunciava um temporal iminente. Da abertura que dava para a galeria do seu palacete, Lanfranco podia observar o habitual movimento de carros, soldados, criados e senhores provenientes da Porta Oriental que se dirigiam até ao centro da cidade.

vista de toda aquela humanidade afadigada em ocupações banais e sempre iguais a si próprios deu-lhe náuseas: uma regurgitação ácida saiu-lhe das vísceras, provocando-lhe uma sensação de queimadura na garganta. Cada vez mais irritado, voltou-se à procura do jarro de vinho. Enquanto o deitava no copo, reparou que o bico estava quebrado e que, de uma finíssima fenda no fundo, o líquido vertera para cima da mesa, formando inúmeros círculos pegajosos sobre a madeira.

Enraivecido, arremessou o copo ao chão, onde o vinho se espalhou numa poça escura, formando quase subitamente uma papa densa com os grumos de pó que cobriam as tábuas de madeira. A regurgitação voltou, ainda mais violenta, seguida de um doloroso acesso de tosse.

Amparando o peito com as mãos, Lanfranco levantou-se com falta de ar.

Quando a sua respiração regressou ao normal, impôs a si próprio um pouco de calma e começou a refletir: quando regressaria o arcebispo a Milão? Por que razão o secretário o teria tratado com tanta altivez, será que não tinha acreditado na veracidade da relíquia? Este último pensamento desenhou um trejeito trocista no seu rosto: se sonhasse donde viera aquele nojento pedaço de pano, Ugone tê-lo-ia expulso do gabinete a pontapé! O trejeito transformou-se rapidamente numa gargalhada maliciosa, para depois explodir numa longa e solitária risada catarrosa. Aquele «véu de Sant'Ágata», como fantasiosamente o definira, não passava de um pedaço da camisa de Caterina que ficara nas suas mãos na noite do homicídio!... Havia-o conservado ciosamente, pensando que um dia poderia ser-lhe útil para qualquer coisa. E realmente, agora que o dito cargo público era quase seu, que mais poderia aumentar o seu prestígio senão conquistar também o poder eclesiástico com a oferta de uma tão rara relíquia? Queimara, com todo o cuidado, os bordos do tecido à chama de uma vela. Depois mergulhara-o na terra da horta do seu palácio, onde os vermes e o mofo lhe conferiram o aspecto de um objeto antigo, há muito manipulado. Seguidamente pedira a um medíocre artesão do condado para lhe cinzelar aquele pequeno cofre de prata. O resultado final da manufatura não estivera de modo algum à altura das suas expectativas, mas, por outro lado, o preço que pagara fora verdadeiramente baixo e, portanto, contentara-se, porém, não antes de haver maltratado o ourives, por tão grosseiro trabalho. Entretanto pensara e repensara a história que iria contar ao arcebispo sobre a relíquia! Na sua mente, recriara um acontecimento plausível, que fora mudando, melhorando, limando, até obter a versão final, justa e convincente. Seguramente iriam acreditar nela. Aqueles idiotas dos padres, sempre desejosos de milagres e prodígios, iriam acolher a relíquia como maná do céu, colocando-a no tesouro de uma das inúmeras basílicas da cidade. Só precisaria de ter ainda mais um pouco de paciência, pois, com o regresso do arcebispo e da *podestà* as coisas iriam acertar-se. Ninguém iria alguma vez poder recusar-lhe aquele cargo, ninguém conhecia o seu passado...

Animado com a lógica do seu raciocínio, Lanfranco estendeu-se na cama. Estava suado. Despiu as calças e ficou completamente nu: os seus olhos entreabertos desceram ao longo do corpo e demoraram-se no pénis. Apesar de naquele momento estar frouxo, revelava, pelas dimensões, toda a sua pujança. Um sorriso satisfeito iluminou-lhe o rosto. Virando-se para a

parede, preparou-se para dormir.

No outro lado do quarto, um longo fio de vinho entornado colara-se ao longo da tábua do chão, chegando a lambar o bordo da veste descuidadamente lançada sobre as velhas ripas de cerejeira.

Uma vasta mancha rosada alargava-se aos poucos pela seda, criando uma nova e original decoração.



## Capítulo 20

- Não posso, percebeis? Não posso fazer uma coisa destas...

Não sou capaz, não sou cirurgião! Os olhos de Raquel, cheios de compaixão, fixavam o rosto de Allegranza. À luz trémula da vela, as suas faces, banhadas de lágrimas, pareciam luzidias e coradas. A mão, abandonada, inerte, sobre o colo, mostrava os dois últimos dedos unidos por um pedaço de pele, leitosa e transparente como um véu. As falanges pegadas formavam uma espécie de pequeníssimo leque.

- Mas aquela mulher disse-me para vir ter convosco assegurando-me da vossa competência! Oh meu Deus, não podeis compreender-me...

não posso esconder por mais tempo a minha mão! Durante algum tempo, este meu defeito embaraçava-me, não o nego, mas aos poucos adaptei-me às incapacidades que me causa e à troça dos outros. Mas agora... agora já não posso... - As palavras de Allegranza foram intercaladas por um soluço penoso.

-Agora estais apaixonada, não é verdade? - perguntou-lhe Raquel, docemente, afagando-lhe delicadamente os cabelos despenteados.

Allegranza olhou-a e, sem conseguir pronunciar uma palavra sequer, anuiu acenando com a cabeça, enquanto as lágrimas, sempre mais copiosas, continuavam a inundar-lhe o rosto.

-E pensais que o homem que amais vos irá recusar só por causa desta pequena imperfeição? Ou ainda não sabe da sua existência? Diz-me, escondestes sempre as mãos até hoje quando estáveis na sua companhia?

Allegranza respirou ofegante e, sem conseguir travar os soluços respondeu que, ainda que tivesse tentado esconder os dedos palmados o namorado havia-os descoberto logo ao segundo encontro.

- E então, agora já não vos quer? - perguntou Raquel, temendo uma resposta afirmativa.

- Não é bem assim, ele continua a dizer que me ama e que me amará sempre, e que a minha mão é um sinal do céu, que os meus dedos estão unidos como nós dois ficaremos depois da sagrada união do matrimónio...

- Mas então, porque vos desesperais tanto? - Vede - prosseguiu Allegranza, conseguindo, por fim, respirar mais calmamente e conter as lágrimas. - Ele é filho primogénito de um comerciante e eu tenho a certeza de que esse homem não vai aceitar-me como esposa do filho. São ricos, pertencem à

corporação dos armeiros, enquanto eu tenho um dote modesto que os meus pais, com grande esforço, conseguiram juntar há bem pouco tempo.

Somos muito diferentes no que respeita ao património para que eu seja benevolmente aceite naquela casa, e então com este defeito...

dirão que é uma marca do Diabo, que sou uma bruxa... Compreendeis agora o motivo pelo qual vim ter convosco? Não vou poder nunca apresentar-me à sua família com esta mão, o pai dissuadi-lo-á de me ver, e ele irá obedecer-lhe... o nosso amor morrerá, em vez de crescer. Esperava, por isso que vós... pelo menos este obstáculo...

Os soluços, se bem que sufocados, recomeçaram violentos, interrompendo aquele fluxo desordenado de palavras. Raquel, impotente face ao seu desespero, calou-se.

Estava preocupada. Em poucas semanas, apenas, duas pessoas já lhe tinham vindo pedir ajuda: primeiramente Remigio e agora esta jovem infeliz. Isto significava que, no bairro, alguém tinha conhecimento dos cuidados que aqui e ali ia prestando de forma esporádica.

Mesmo que de todas as vezes que isso acontecia fosse pedindo segredo, é evidente que alguma pessoa mais desprevenida poderia falar de mais. A sua situação tornava-se cada vez mais perigosa: tinha de deixar de fazer de médica improvisada para se dedicar apenas ao seu trabalho de bordadora. A verdade, amarga como o fel, é que nunca pudera abraçar a profissão. Subitamente, a comiseração por aquela rapariga, pouco mais jovem do que ela misturou-se à que sentia por si própria, pelo que não encontrou mais palavras para a consolar e se consolar também.

De repente, enquanto se virava para verificar o coto da vela de modo a que não se extinguísse completamente, na penumbra do quarto, os seus olhos aperceberam um movimento inesperado.

Assustada, ergueu-se imediatamente: no limiar da porta que dava para o outro quarto desenhava-se a figura de Isaac, que, curvado e apoiado a um bastão, avançava a passos lentos e arrastados na sua direção.

- Pai!! O que fazeis aí levantado? Sabeis que não tendes forças, pai..- Isaac olhou-a sem lhe responder e, controlando a respiração como podia, continuou a sua marcha forçada. Até Allegranza se levantou, admirada. No escuro, os seus olhos, ainda embaciados pelas lágrimas, esforçavam-se por distinguir as feições do judeu. A longa barba, já quase totalmente branca, emoldurava-lhe o rosto, enquanto os cabelos, igualmente encanecidos, desciam emaranhados até à base do pescoço. Os olhos escuros, aquosos

devido à idade avançada, eram contornados por pálpebras inchadas e avermelhadas. A mão direita, magra e nodosa, segurava a extremidade do bastão, enquanto a esquerda se movia com cuidado em torno de si, procurando encontrar qualquer outro apoio que, no interior do quarto, pudesse garantir-lhe um equilíbrio mais estável. A cada passo, a veste gasta ondulava em torno do corpo esquelético deste homem.

Depois de um tempo que pareceu interminável, Isaac abeirou-se do banquinho onde, até há pouco, Raquel se sentava e, apoiando-se ao braço da filha, ali se deixou cair pesadamente. A fadiga daquele brevíssimo trajeto havia-o esgotado. Fechou os olhos e durante um longo momento empregou todas as forças que lhe restavam para recuperar o ritmo da respiração. Depois, tendo feito um sinal a Allegranza para se sentar à sua frente, pediu-lhe que lhe mostrasse a mão.

Intimidada, a jovem deixou que o judeu a erguesse entre as suas.

-Aproxima a vela, Raquel.

A voz enrouquecida de Isaac fez-se ouvir, ofegante. A rapariga obedeceu sem conseguir dizer uma palavra sequer, de tão assustada.

O homem observou demoradamente os dedos de Allegranza, virou-os, dobrou-os, sobrepô-los, rodou o pulso, fechou a mão. No fim, fixando a jovem com o olhar penetrante que nem a doença conseguira apagar, disse: - Já fiz este tipo de intervenção, há muitos anos, em Salerno.

Um cirurgião árabe ensinou-me uma técnica nova na qual a faca foi substituída pelo cautério. Desse modo a separação dos dedos resulta perfeita e restitui a exata mobilidade a toda a articulação. Uma vez que já experimentei este método, não vejo motivo para não tentar repeti-lo agora. Serei eu mesmo a operar-te: a minha filha não possui ainda os conhecimentos necessários.

A enormidade do que acabara de ouvir sobressaltou Raquel que, branca como a cal, recuperou a voz.

-Mas meu pai, vós não podeis, vós estais doente... Eu.

procurarei um outro médico que possa fazer a operação... vós não podeis... pai...

Isaac ergueu a cabeça com esforço e fixou a filha. Os seus olhos brilhavam: por um instante, Raquel parecia rever a luz daquela inteligência viva que, muitos anos antes, alimentara os seus sonhos de criança. Incapaz de conter as lágrimas, Raquel deixou-se tomar pela comoção e pela absurda esperança de que aquela doença tivesse passado e que o pai pudesse voltar àquilo que

fora dantes.

-Nenhum outro cirurgião a fará - retorquiu Isaac, fixando severamente a filha. - Achas que os físicos do hospital onde esta rapariga trabalha como criada nunca repararam na sua mão? O nosso juramento impõe-nos prestar toda a assistência a quem a necessite: portanto, se ninguém até agora se ofereceu para intervir, das duas, uma: ou esta rapariga nunca pediu nada por saber que não iria poder pagar, ou não existe nesta cidade nenhum cirurgião competente para levar a cabo tal operação.

O esforço para pronunciar de modo claro e convincente este discurso fez regressar a ansiedade à voz de Isaac, mas apenas por um breve instante. Como se a perspectiva de recomeçar de qualquer modo a exercer a profissão lhe tivesse repentinamente restituído a força e o vigor, o velho levantou-se e, apoiando-se novamente no bastão, dirigiu-se à sua filha.

-Verifica aí se na minha burra existem paninhos de linho suficientes: se não chegarem, procura um pedaço de tecido e fá-lo em tiras compridas e estreitas. Depois de as teres fervido, debes pô-las a enxugar ao sol e guardá-las à parte envolvidas num pano limpo. Tens ainda de lavar e de limpar com todo o cuidado os instrumentos cirúrgicos que estão no escrínio de madeira. Na burra encontrarás também o ópio e o unguento verde corrosivo para aplicar como anticéptico e ainda as outras ervas necessárias à cicatrização: aquileia, capsela, casca de salgueiro e alho. Quanto a ti - prosseguiu dirigindo-se a Allegranza -, volta aqui dentro de uma semana logo pela manhãzinha: faz de modo que ninguém te siga e que ninguém saiba.

Sem esperar qualquer resposta, Isaac virou costas e, lentamente, desapareceu pela porta do quarto do lado.

A cabeça de Raquel trabalhava freneticamente. Àquela primeira surpresa e à conseqüente perturbação, substituíra-se agora uma nova consciência. O pai não estava curado, isso era certo, mas talvez, com aquela corajosa demonstração de responsabilidade profissional lhe estivesse a mandar, a ela própria, uma última mensagem de amor pela filha, que, como ele muito bem sabia, gostaria de ter abraçado a sua mesma disciplina. Era como se com as palavras graves de momentos antes a quisesse estimular a prosseguir os seus próprios objetivos sem temer dificuldades nem perigos. Como ele próprio, mesmo à beira de uma morte que sentia iminente, ignorava o seu sofrimento pessoal para aliviar as penas de uma outra criatura, assim ela deveria fazer depois de ele ter partido. Embora admirada com a coragem do

pai, Raquel sentia medo: quem lhe assegurava que, no dia marcado para a operação, Isaac não iria ter uma crise mais grave do que as outras, até devido à agitação que aquela intervenção difícil lhe pudesse provocar? Quem podia estar seguro de que as suas mãos deformadas pela velhice iriam saber cauterizar no ponto certo? Quão grande seria o risco que todos eles iam correr? A imensidão de pensamentos desordenados que fervilhavam na sua cabeça acalmou-se subitamente quando, baixando os olhos para Allegranza, se apercebeu da sua expressão de absoluta felicidade. A rapariga, perdida nas próprias fantasias, sorria, fixando a sua mão imperfeita segura na palma da outra mão.

- Obrigada - murmurou, erguendo os olhos para Raquel. Como poderei alguma vez mostrar-vos o meu reconhecimento? Eu, sabeis, não posso pagar, pelo menos por agora...

-Ninguém vos pediu nada, Allegranza, podeis estar tranquila pelo menos com isto. Um dia seremos compensados, um dia...

A rapariga levantou-se e, baixando os olhos, fez uma vénia, que Raquel interrompeu imediatamente apoiando-lhe a mão nas costas.

-A Boema disse-me que me ireis curar - sussurrou Allegranza num suspiro -, mas não me explicou como sois bons e generosos, vós e o vosso pai...

Uma nova e intensa onda de comoção perpassou pelas duas raparigas, que, descurando qualquer pudor, se abraçaram. *Nisan*, que até então permanecera deitado num canto do quarto, levantou-se de repente e dirigiu-se veloz para Raquel, tendo, com evidente nervosismo começado a raspar-lhe o vestido com a pata. À vista do cão, uma gargalhada libertadora soou das gargantas de ambas e espantou finalmente a tensão.

Allegranza despediu-se e desapareceu no escuro da ruela.

Raquel, depois de ter fechado a porta para a noite, dirigiu-se em passos silenciosos até à cama do pai. Isaac estava já a dormir e a sua respiração era regular. Raquel aconchegou-lhe a coberta e depois de se ter despido, deitou-se na sua cama. *Nisan*, por seu lado foi até à malga da água, que bebeu avidamente. Em seguida, depois de se ter abanado vigorosamente, saltou para o fundo do enxergão, onde se aninhou tranquilo.

## Capítulo 21

*«...habeat cirotecam in manu, super quam portare debet falconem, longam usque ad cubitum et amplam, ut cito possit indui et extrai. Que debet esse de corio crosso, nam falco cum unguibus suis minus adherebit cirotece, et cum rostro et unguibus minus eam poterit penetrare...»*

Era alba. O homem pousou a longa pena de pato e levantou-se do banco de pedra incrustado na parede lateral da janela. Olhou para fora: a luz, que já havia iluminado as colinas e a planície, entrava discretamente pelo gabinete. Aos poucos, cada objeto emergia da sombra para retomar a sua forma habitual: a cama, coberta por um rico pedaço de cendal, guardava ainda os sinais do corpo que a havia ocupado. Sobre a mesa de carvalho finamente entalhado, um pequeno elefante de bronze sustinha, às costas, a luzerna que, até há pouco, iluminava o quarto. Ao lado, em cima de uma cadeira desmontável, apoiava-se um conspícuo bloco de folhas de pergaminho, ordenadamente dispostas umas sobre as outras.

O homem esticou os membros entorpecidos e fez um sonoro bocejo. Naquela noite custara-lhe a adormecer, por isso, depois de umas horas a virar-se e revirar-se inquieto por entre os cobertores delicados, decidira levantar-se e continuar a redação do tratado. Por hábito, não dormia no gabinete, tendo à disposição outros quartos mais confortáveis e mais bem decorados; na tarde precedente, porém, depois de uma longa reunião com o grande camerlengo, preferira ficar para examinar mais uma vez, ali sozinho, os documentos. Fora certamente aquela leitura dos registos que o havia enervado e impedira a chegada do sono reparador. Em qualquer dos casos, aquela noite de vela não o perturbava: não fora a primeira e não seria seguramente a última. As suas contínuas deslocações para aqui e para ali pelas províncias do império e por toda a Itália haviam-no habituado a dosear as horas de sono.

Passando uma mão pelos longos cabelos arruivados, olhou com esforço para o céu límpido: ao longe, uma ave migradora última retaguarda de um bem mais consistente exército que passara já por cima das colinas, voava para norte. Com um suspiro de desgosto por ter de abandonar, se bem que por pouco tempo, aquela residência tão amada, dirigiu-se para a porta do

gabinete e tocou vigorosamente a campainha para chamar os criados. Tarik, um sarraceno de Lucera que há muitos anos era o seu fiel e eficiente criado pessoal, apresentou-se-lhe imediatamente. Depois de ter ordenado que lhe preparasse o banho diário, o homem foi até perto da janela e, pegando na folha de pergaminho escrita à mão naquela noite, colocou-a em cima das outras, repondo depois todo o bloco, bem atado com uma corda de cânhamo, no cofre de viagem. Aquele tratado iria segui-lo por onde quer que fosse: não permitia que ninguém lhe pusesse a mão e por nenhum motivo o iria deixar a apanhar pó nalgum dos seus castelos durante as suas inúmeras ausências. Aquela dissertação anunciava-se ainda bem longa e, se quisesse terminá-la antes do fim da vida, teria de aproveitar todos os momentos livres de empresas militares ou de representação. Por este motivo, mesmo nesse dia, na iminência de uma viagem diferente das outras, o tratado iria segui-lo juntamente com o resto das bagagens.

Ciosamente guardado por Tarik, ia acompanhá-lo até à Lombardia, para onde, no mais rigoroso segredo, se dirigiria pessoalmente.

A falta de clareza dos seus informadores sobre a situação em Milão conduziu-o àquela decisão arriscada. Sob o disfarce de um peregrino comum e levando como única companhia alguns impedidos discretos, dirigir-se-ia àquela cidade. Talvez que, vendo com os próprios olhos o campo, as muralhas e os palácios, compreendesse melhor o carácter daquela gente e encontrasse o modo mais apropriado para finalmente a submeter.

O criado regressou anunciando que a sala do banho estava pronta. O homem sorriu para consigo próprio, pensando na surpresa que despertara, no início do reinado, com o seu bizarro hábito da higiene quotidiana. Todos estavam já ao corrente dela, porque, onde quer que se hospedasse, ninguém nunca deixava que lhe faltasse o conforto de um banho, nem que fosse apenas numa tina cheia de água aquecida à fogueira.

Depois de ter calçado socos de madeira, encaminhou-se para a torre lateral onde se situava a sala do banho: no silêncio da manhã, interrompido apenas pelos rumores abafados que provinham das cozinhas afundadas na cave, os seus passos ressoaram sonoros sobre o mármore rosado da galeria.

No pequeno gabinete, o criado arranjou a cama e observou se a luzerna não estava completamente gasta. Em seguida, depois de o fechar com uma chave enorme, fez passar debaixo do cofre quatro robustas correias de couro e entrelaçou-as umas nas outras: a bagagem mais preciosa do seu senhor estava pronta para ser carregada sobre o cavalo.

-Já decidi, virás tu também para me acompanhar na viagem.

A sarracena, que no momento esfregava delicadamente as costas do seu senhor, fixou-o. Os grandes olhos castanhos arregalaram-se no bellissimo rosto moreno, a boca carnuda abriu-se num trejeito de surpresa. O homem sorriu e, com a ponta dos dedos molhados, tocou nos grandes bicos do peito que se adivinhavam por debaixo da leve camisa de linho que a custo cobria as ancas da mulher.

-Virás tu também, Aisha, e dançarás para mim.

Satisfeito com a sua repentina resolução, o homem deixou-se mergulhar na grande banheira de mármore verde, escavada no chão.

A massa do seu corpo fez transbordar a água. Não fazendo caso da camisa molhada, a sarracena continuou em silêncio o seu trabalho, enquanto o esboço de um sorriso lhe iluminava o rosto.



## Capítulo 22

-O que estás a dizer, Hamid?! A voz estridente de Angiolina sobrepôs-se às últimas palavras que o rapaz balbuciara. Os soluços sacudiam-lhe o peito, as mãos movimentavam-se, nervosas a enxugar as lágrimas das faces.

- Eu... eu *não* tenho culpa... Allegranza fez-me jurar que eu não iria dizer nada...

O rosto de Angiolina estava branco como a cal, dos seus olhos, ainda mais encovados do que de costume, saíam lampejos de cólera.

Hamid não ousava olhá-la, esperando, aterrorizado, uma reação violenta. Se bem que a mãe raramente lhe chegasse a roupa ao pelo, a sua expressão perturbada fazia-o *temer* que, desta vez, isso fosse acontecer. Parecia-lhe profundamente injusto que isso acontecesse logo com ele: afinal, vendo bem, que mal tinha feito? Apenas obedecera a Allegranza, a quem prometera guardar segredo. E agora? A quem deveria obedecer daqui em diante, à irmã ou à mãe? E depois, porque devia sempre e apenas obedecer? O que esperavam afinal dele? Incapaz de falar, deixou-se cair no chão, onde, abraçando os joelhos, continuou a chorar desesperado.

Observando a tremura daquele corpo pequeno enrolado sobre si mesmo, Angiolina compreendeu a inutilidade da sua raiva: o miúdo não tinha culpa. Esforçando-se por retomar a calma, sentou-se num banco e, apoiando a cabeça na parede, fechou os olhos e respirou fundo, antes de recomeçar a falar.

- Não chores mais, Hamid, diz-me antes onde está Allegranza neste momento. Mas explica-me bem, porque provavelmente ela vai precisar da nossa ajuda, mesmo que não o saiba.

Não foi tanto a frase mas talvez mais o tom da sua voz que levou o miúdo a erguer timidamente os olhos para a mãe: a cólera parecia já ter desaparecido, os olhos que o fixaram eram os mesmos de sempre, doces e benévolos. Fazendo apelo a toda a sua coragem Hamid levantou o nariz e, intercalando breves soluços entre as palavras, procurou explicar.

- Allegranza está na casa daqueles dois judeus, fora da Porta Romana, sabes, a bordadora e o médico? Pois, foi lá porque alguém lhe disse que ele podia separar-lhe os dedos... Eu pedi-lhe para não ir, mas ela estava decidida e esta manhã muito cedo, senti-a levantar-se à socapa: penso que terá ido lá... Eu pedi-lhe para esperar, para falar primeiro contigo, mas ela

não quis dar-me ouvidos! Até lhe disse que ficarias furiosa e que a irias certamente castigar por fazer tudo sem perguntar a ninguém, mas ela nem sequer me ouvia! Enquanto me falava, calma, tranquila, sem um assomo de medo... parecia mesmo outra pessoa. Até se aborreceu com a freira do hospital quando a avisou de que qualquer dia não iria trabalhar: calcula que aquela velha queria fazer queixa dela ao ecônomo! E combinou todo este sarilho numa semana! Há três noites, chamou-me de parte, disse-me tudo e fez-me jurar solenemente que me calaria até que ela regressasse.

Eu... O que havia de fazer?... Tu ensinaste-me que o falso juramento é um pecado grave, eu não sabia...

As lágrimas tornaram a marejar os olhos de Hamid, que recomeçou a chorar em silêncio.

Angiolina procurava pensar depressa. A rapariga não estava em casa naquela manhã: quando logo cedo se abeirara da sua cama para a chamar, encontrara-a vazia, embora ainda quente. Devia ter saído às escondidas quando ainda estava escuro. Afastando penosamente do pensamento a visão da filha sozinha pela noite, presa fácil de quem quer que fosse por aquelas ruelas fora das muralhas, tentou raciocinar com lucidez. Era quase a hora terceira e, imaginando que aquele tipo de intervenção requeresse muito tempo, pensou que Allegranza ainda devia estar em casa do médico judeu. Levantou-se de um pulo. Os músculos das costas, contraídos pela tensão, provocaram-lhe uma forte pontada. Hamid, que se mantinha ainda acororado no chão, ergueu subitamente os olhos para a mãe: temendo um novo e violento ralhete, acororou-se mais ainda, protegendo a cabeça entre os braços. Angiolina nem o olhou sequer. Apressou-se na direção da vara onde pendurava os vestidos, tirou um xaile e uma coifa, que colocou com gestos rápidos e nervosos.

-Tu ficas aqui - ordenou severamente ao rapaz. - Se alguém perguntar por mim, inclusive o teu pai, debes dizer que tive de ir fazer um recado para o pároco de San Calimero, mas que não demoro.

O tom não admitia nem respostas nem perguntas. Hamid era bastante esperto para compreender que a mãe ia a casa do judeu. Depois de ter acenado afirmativamente, levantou-se do chão e, limpando aos braços as mãos sujas de lágrimas e de muco, seguiu-a da porta vendo-a afastar-se, apressada.

Do seu bairro ao do médico eram apenas uns passos, mas a estrada estava bloqueada: um grande destacamento de soldados provenientes de Lodi

obstruía todo o caminho. Os cavalos, dispostos em filas de quatro, ocupavam todo o espaço disponível dos dois lados da estrada, chegando a roçar os fortes flancos pelas paredes das casas.

Atrás deles, um compacto cortejo de soldados a pé arrastava penosamente as armaduras pesadas e poeirentas. Os indícios de uma batalha há pouco terminada adivinhavam-se nas ligaduras rudimentares que envolviam cabeças, braços e pernas de muitos homens. Angiolina tentou passar, espremendo-se ao longo da parede de um casebre e, evitando, por pouco, o dorso de um cavalo que a teria esmagado, compreendeu que tinha de desistir. Iria esperar como todos os outros.

Apoiada à ombreira de uma porta desconhecida, recomeçou a pensar: por que razão a filha não desabafara com ela, antes de tomar aquela decisão? Teria medo que ela se opusesse? Mas como podia ter imaginado, Santo Deus, que ela, a sua mãe, não fosse ver, não fosse compreender... Muitas vezes debaixo dos cobertos, ao longo do fosso, nos cantos mais escuros das ruelas, tinha-a encontrado com aquele belo jovem que já vira a trabalhar na loja do armeiro. Ficara feliz por ela, feliz por a sua filha ter finalmente encontrado o amor. Merecia-o, pobre rapariga, se o merecia, Santo Deus! Abandonada como um farrapo usado logo à nascença e, para mais, com aquele tormentoso defeito na mão... Podia imaginar que, num momento tão especial da sua vida, Allegranza devia odiar, mais ainda, aqueles dedos palmados! Ela própria começara a pensar num cirurgião e até falara disso a Graziolo, que, embora não compreendendo tão bem a necessidade daquela operação, havia dado o seu consentimento. Tinha-lhe sugerido que pedisse conselho ao médico Giacomo da Forno, que encontravam frequentemente nas reuniões em casa de Guglielma, pedindo-lhe também que se informasse, discretamente, sobre a quantia necessária para uma tal intervenção. Se fosse muito elevada, não poderiam permitir- -se pagar: ainda deviam acabar de juntar para o dote, que, embora mínimo, permitiria que Allegranza se casasse. Enganara-se, com toda a certeza. Talvez devesse ter falado abertamente com a filha, explicando-lhe que sabia que ela tinha um namorado, pondo-a ao corrente dos seus projetos relativamente à sua mão, tranquilizando-a com respeito ao seu afeto e compreensão... «Não passo de uma camponesa estúpida», pensou com amargura, «apenas capaz de varrer e de lavar roupa! Como pude acreditar que conseguiria educar filhos da melhor maneira, numa cidade tão grande como esta, onde o confronto é constante e o desprezo pelos outros tão presente como o ar que se respira?

O que sei eu de todas as humilhações e troças e patifarias que Allegranza terá suportado em todos estes anos por causa daqueles seus dedos? Oh meu Deus, perdoa-me, minha filha, perdoa-me...» Os olhos de Angiolina encheram-se de lágrimas: os soldados que desfilavam à sua frente converteram-se numa massa confusa, tinha apenas consciência do tilintar das cotas de malha e do som fraco dos seus lamentos.

Foi um cheiro forte que despertou, por fim, a sua mente.

O último cavalo do cortejo, carregado com uma enorme albarda, parou mesmo à sua frente, depositando a seus pés um monte fumegante de excrementos. Com uma careta de desgosto, Angiolina afastou-se e, observando o fundo da estrada, constatou que finalmente iria poder passar. Com um suspiro de alívio, pôs-se em marcha para casa do judeu.

As quatro velas colocadas em cima de um escabelo ao lado da cama iluminavam a mão de Allegranza, abandonada entre as de Raquel, que a seguravam.

-Não tremas, minha filha, mantém as mãos fechadas ou não conseguirei levar a cabo o que estou a fazer.

A voz de Isaac saiu-lhe como um sussurro da garganta, mas o tom era determinado. Raquel, segurando os cotovelos mais para trás de encontro às suas próprias ancas, obedeceu. O corte fora feito com a máxima perfeição: duas lâminas de pele, quase invisíveis, haviam ficado presas dos lados dos dedos, que, no entanto, estavam já separados. Depois de ter colocado o cautério numa tacinha de bronze, o pai pegou numa tigela cheia de azeite e, com todo o cuidado, verteu-o por cima da ferida, deixando-o pingar sobre a palha estendida no chão. Em seguida e muito rapidamente, antes de os dedos secarem, besuntou-os, com a ajuda de uma espátula, com o unguento de azebre.

- Ora aí está - murmurou Isaac para consigo -, este linimento fará com que a ferida cicatrize rapidamente. Agora é necessário ligar os dedos com a máxima cautela, de modo a que a articulação mantenha a sua mobilidade: se ficar demasiado apertado, os músculos e os tendões *não* voltarão a desempenhar as suas funções...

Apesar da prudência que manifestara nas palavras, a mão do médico prosseguia, segura. Raquel, que mal respirava para não impregnar a ferida com os seus próprios humores, continuava a segurar a mão de Allegranza, ignorando com determinação a sensação de gelo a envolver-lhe a nuca. Apesar de, desde miúda, ter muitas vezes espiado o trabalho do pai,

participar diretamente numa operação cruenta era bem diferente da simples observação. Por outro lado, naquela difícil situação, o pai tinha absoluta necessidade da sua ajuda.

Não podia dar-se ao luxo de se deixar tomar por emoções ou medos, sob pena de fazer gorar toda a intervenção. Impondo à sua cabeça não reconhecer o cheiro de carne queimada, procurou focar a sua atenção apenas nos gestos do pai.

Allegranza gemia. Deitada na cama, os seus olhos mantinham-se abertos, mas nada viam à sua volta. O seu corpo, abandonado no enxergão, não se movia. Só o peito se levantava e baixava ao ritmo apressado da respiração. A bebida à base de ópio que Isaac lhe dera antes de iniciar a intervenção tinha-a privado completamente da consciência.

De vez em quando, um gemido rouco saía-lhe dos lábios secos, como se a rapariga vivesse um sonho angustiada.

Depois de ter ligado aqueles dois dedos, o médico juntou-os, cuidadosamente, envolvendo toda a mão numa única ligadura suficientemente larga.

Como se a sua mente entorpecida tivesse subitamente recuperado, Allegranza esbugalhou os olhos e virou a cabeça na direção da luz trémula da vela.

- Mãe - sussurrou com uma voz empastada -, está aqui, mãe? Mãe, que luz é esta...? A consciência apenas durou um instante: o olhar da rapariga ficou de novo vazio e a cabeça inerte sobre o enxergão.

- Ainda vai dormir um pouco, depois, aos poucos, irá despertando.

Quando chegar o momento, dá-lhe a cheirar o azeite que ficou na tigela, vai fazê-la voltar a si mais depressa. De qualquer modo, é melhor permanecer aqui pelo menos até à hora sexta, de modo que possas controlar se os seus sentidos já estão despertos. Antes de se ir embora, avisa-a de que terá de vir aqui todos os dias durante a próxima semana, de modo a poder modificar-lhe a medicação e um- dar-lhe a ligadura. Diz-lhe também para tomar regularmente as poções que lhe preparei, sem se esquecer de nenhuma: é importante para evitar que os humores internos do corpo fiquem muito quentes e a febre sobrevenha...

Se bem que o tom de Isaac fosse firme e seguro, a sua voz ia enfraquecendo. Raquel olhou para o pai. Os seus olhos, febris e avermelhados, revelavam um cansaço profundo, as mãos, até então firmes enquanto seguravam os instrumentos cirúrgicos, começavam a tremer. Com

um esforço que lhe provocou uma momentânea vertigem, o médico levantou-se do escabelo e, em silêncio, dirigiu-se para a sua cama, no quarto ao lado.

Allegranza era sacudida por arrepios. Raquel cobriu-a com a única coberta de lã que possuía, envolvendo-a até ao queixo. Depois de ter colocado os instrumentos dentro de um recipiente cheio de água onde iriam ferver, recolheu a palha encharcada que até então cobria o chão e juntou-a num monte perto da porta. Da porta da rua ouvia-se um raspar nervoso e agitado. *Nisan* fora posto na rua pouco antes do início da intervenção. O seu pai fora categórico: por razões de higiene, *Nisan* não podia estar presente durante a operação. Raquel obedecera, mandando-o sair. Agora, ressentido, o cão parecia ter esgotado toda a paciência e pretendia ruidosamente entrar. Depois do último olhar para Allegranza, Raquel abriu a porta, acolhendo, com o seu corpo, o ímpeto alegre de *Nisan*. O cão, grato por ter sido readmitido em casa, lambeu-lhe a cara e as mãos, mas parou, subitamente, farejando fremente. O seu faro sensível apercebera um cheiro que não era habitual. Tendo saltado dos braços de Raquel, dirigiu-se para o monte de palha, que estudou, perplexo. Em seguida, esfregando o nariz com a pata, enfiou-se por debaixo da mesa. Raquel abriu a porta para trás, deixando que finalmente a luz penetrasse no quarto.

Até àquele momento, todas as aberturas tinham permanecido fechadas para evitar que olhos indiscretos pudessem espiar o que estava a acontecer na casa do médico judeu. Servindo-se da chama da última vela, acendeu o fogo sobre o qual iria pôr a ferver os apetrechos cirúrgicos. O rumor ligeiro dos feixes que se incendiavam não a impediu de ouvir a respiração do pai, que, aos poucos, se tornava cada vez mais ofegante. Com um aperto no estômago, dirigiu-se para outro quarto estreito. Embora tivesse fechado imediatamente os olhos, fingindo-se a dormir, Isaac não conseguiu enganar a filha.

O rosto contraído pelo sofrimento e as mãos fechadas de encontro às costelas revelaram a Raquel que aquele breve interlúdio de normalidade terminara. Angustuada, a rapariga perguntou-se se o enorme esforço que fizera durante a intervenção não teria diminuído mais ainda a já tão frágil saúde do pai; procurando dominar a própria ansiedade, voltou a atijar o lume.

- É além que vivem os dois judeus: vedes aquela casa mesmo por detrás do hospício dos leprosos, aquela baixa que tem o telhado quase a cair para

cima da estrada? Pois é aí mesmo...

O rosto ressequido que a fixava com malévola curiosidade fez-lhe arrepios. Angiolina agradeceu apressada e, sem se virar, seguiu na direção do casebre. Chamar a isto «casa», como fizera aquele velho desdentado e maldoso, denotava seguramente um espírito demasiado condescendente. O telhado estava quase a cair sobre a ruela, alongando telhas instáveis que quase roçavam o chão. A porta cambada mostrava uma fenda de um lado da madeira podre e descascada, a única janela não chegava a medir dois braços de largura. Intimidada, Angiolina abeirou-se da porta e, apoiada na ombreira, pôs-se à escuta para captar qualquer som que lhe chegasse do interior. Respondeu-lhe o silêncio. Cada vez mais confusa, resolveu bater. O ladrar excitado de um cão deu-lhe a indicação de que a casa não estava abandonada. Bateu de novo, primeiramente ao de leve, depois cada vez com mais força: quando, já exasperada, estava a pensar lançar-se de encontro à porta com todo o peso do corpo, o batente abriu-se numa pequena fresta. Da penumbra, apareceu-lhe o rosto de uma rapariga. Uma espessa massa de cabelos negros, apanhados num carrapito, mostrava traços fortes mas delicados, dois grandes olhos escuros fixavam-na circunspectos.

- Sou Angiolina, a mãe de Allegranza, sei que a minha filha está aqui, queria vê-la! A impetuosidade das suas palavras assustou Raquel, que, depois de ter perscrutado toda a ruela, abriu um pouco mais a porta: antes mesmo de Angiolina conseguir dar um passo para lá da soleira da Porta, *Nisan*, com o pelo eriçado e as orelhas baixas, colocou-se em frente dos seus pés rosnando.

- *Nisan!* já para dentro, quieto! - sussurrou Raquel. A voz era Submissa, mas o tom severo não admitia réplicas. O cão obedeceu recuando até aos pés da mesa, onde se sentou nas patas traseiras numa atitude vigilante. Angiolina, intimidada pelo acolhimento hostil do animal, transpôs a soleira da porta, circunspecta. Esforçando-se por distinguir o mobiliário e os objetos à luz insuficiente que entrava pela pequena porta de trás, olhou em redor à procura da filha. Raquel não sabia dizer imediatamente se Allegranza recuperara já naquele instante a consciência reconhecendo a figura da mãe desenhada no enquadramento da porta, ou se, em vez disso, teria apenas apercebido a sua presença por uma espécie de comunicação mágica com ela. De facto, a rapariga emitiu um longo suspiro e depois, com uma voz rouca, exclamou: - Mãe, está aqui, mãe? Angiolina, que até então não conseguira distinguir naquela trouxa informe que se alongava sobre a cama a aparência

de um ser humano, ao ouvir a voz da filha disparou na direção da cama como uma seta. Já perto dela, afastou delicadamente a cobertura do braço e observou-a. A mão jazia abandonada ao longo do corpo, envolta numa espessa ligadura. As lágrimas, até então contidas, saltaram sem freios. Angiolina ajoelhou-se ao lado de Allegranza e com uma enorme ternura começou a acariciar-lhe os cabelos. A rapariga virou-se para ela e, esforçando-se por recuperar os sentidos, balbuciou mais qualquer coisa.

- O médico... os meus dedos estão separados... finalmente, mãe... perdoame... quem vos disse?...

O esforço para coordenar os pensamentos e as palavras esgotou-a: os olhos fecharam-se-lhe e a boca permaneceu aberta na respiração pesada do sono.

- É por causa do ópio - sussurrou Raquel, que se abeirara de Angiolina -, o efeito só passará daqui a umas horas. Não temais pela vossa filha, a intervenção correu muito bem, agora é só esperar que as feridas cicatrizem. Tenho a certeza de que os medicamentos que o médico lhe prescreveu farão efeito e que a dor e a convalescença passarão rapidamente...

Angiolina fixou-a.

- O cirurgião é vosso pai? - perguntou, enxugando as lágrimas com as costas da mão.

Apanhada de surpresa por aquela pergunta pessoal, e embaraçada com o olhar penetrante da mulher, Raquel assentiu.

- E a vossa mãe? Raquel abriu a boca para responder, mas a voz não saiu.

Engolindo penosamente, conseguiu por fim murmurar: - Morreu.

Os olhos de Angiolina observaram-na demoradamente. Seguidamente, em silêncio, a mulher levantou-se e, depois de ter tirado debaixo da veste a bolsa com o dinheiro, desatou desajeitadamente os laços que a fechavam e remexeu no interior com a mão.

- Quanto devemos ao cirurgião pela intervenção? - perguntou secamente.

- O meu pai não falou de pagamento... Não sei, hei-de perguntar-lhe.

Neste momento está a repousar, mas quando acordar...

Angiolina varreu aquele quarto estreito com os olhos. Tudo, do mobiliário aos objetos, dava a perceber uma pobreza que, embora digna, se assemelhava muito à indigência. Estupefacta, por momentos perguntou-se a razão de tanta miséria, considerando a profissão prestigiada exercida entre aquelas paredes, mas depois, lembrando a fé religiosa do médico e da filha, compreendeu. Sem falar, tirou algumas moedas da bolsa e pousou-as sobre a mesa.



- Claro que este dinheiro não bastará para pagar o trabalho do vosso pai - disse -, mas, de qualquer forma, considerai-o como um adiantamento. Eu e o meu marido temos trabalho e o que faltar juntaremos, aos poucos. Ninguém saberá da minha boca que um médico judeu curou a minha filha. Sabeis, conheço uma senhora que afirma que Deus nos ama a todos, sem distinções entre cristãos, judeus e sarracenos... Se até ontem tivesse alguma dúvida sobre as suas palavras, hoje, vós e o vosso pai confirmaram-nas...

Allegranza lamentou-se. Com calma, Angiolina abeirou-se dela e sentou-se em cima do banquinho a seu lado.

- Posso ficar aqui até que esteja completamente acordada? Disse em casa que não esperassem por mim. Quando conseguir andar pelo seu pé, levo-a comigo.

Raquel concordou. Um nó de comoção apertava-lhe a garganta impedindo-a de falar. Da porta aberta, uma súbita baforada de vento entrou no quarto, trazendo consigo um remoinho de pó.

## Capítulo 23

O claustro estava na penumbra. Por detrás de uma das colunas que davam para o grande jardim florido adivinhavam-se duas figuras absorvidas na conversa. No sonho, vivido como realidade, Matthew não reconhecia de todo as formas habituais do Mosteiro de St. Albans: a pedra cinzenta fora substituída aqui e ali por paredes de tijolo, as flores que despontavam entre a relva mostravam-se muito mais viçosas do que as que tinha na lembrança. Indiferente ao aspecto bizarro do mosteiro, os seus olhos eram, pelo contrário, atraídos pelos movimentos das duas pessoas ao fundo. Foi-se abeirando delas com todo o cuidado: os seus pés não tocavam o chão, os seus ouvidos não ouviam qualquer som. Subitamente uma das figuras virou-se na sua direção: um gemido de surpresa escapou dos lábios entreabertos de Matthew. William di Trumpington, o abade de St. Albans, olhava-o; um sorriso trocista distendia-lhe os lábios ao mesmo tempo que, com uma das mãos, retirava o capuz que cobria o rosto da mulher que estava a seu lado. Uma coroa de cabelos ruivos caiu, desordenada, pelas costas da jovem, enquanto os seus olhos dourados fixavam o frade.

Matthew gritou, mas a sua voz soou muito fraca na inconsciência do sono. Teria querido falar, perguntar, mas a boca não emitiu nem um som. As pernas, pesadas como chumbo, permaneceram inertes. Foi a mulher que se moveu na sua direção. À medida que se aproximava, o seu rosto mudava de feições: os caracóis acobreados tornavam-se claros como a palha, a cor intensa dos olhos diluía-se num azul pálido, a pele luminosa e delicada tornava-se mais compacta.

Aos poucos, a imagem da jovem desvanecia-se, para se transfigurar no rosto grave da Boema. A mulher observava-o em silêncio. Com dificuldade, Matthew olhou em redor; na falsa consciência do sonho tudo o resto desaparecera. Continuando a fixá-lo sem proferir qualquer palavra, Guglielma retirou da veste um bernal de couro e entregou-lho.

O peso unsuspeitado do pequeno saco fê-lo cambalear; depois de ter baixado os olhos, fixando as suas próprias mãos na tentativa de compreender de que se tratava, voltou a erguê-los para a mulher mas não a encontrou. Diante dele, o corredor do claustro estendia-se, vazio.

Com os dedos incertos, Matthew desatou os cordões do bernal e virou-o vertendo o seu conteúdo no chão: uma cascata de pequenos seixos brancos

espalhou-se a seus pés, formando um monte irregular.

Enquanto os olhava, as paredes à sua volta abriram-se com espaço para a margem de um rio. Os olhos do frade, estupefactos, fixaram-se no lento andamento da corrente: quando voltou a olhar para os seixos que tinha espalhado no chão, estes haviam desaparecido, substituídos por uma pomba branca que o fixava inclinando a cabeça.

Depois de um instante de hesitação, o pássaro levantou voo e afastou-se: o batimento surdo das suas asas era o único ruído perceptível.

Sem se dar conta, enquanto ela pairava no ar, Matthew seguia a sua esteira. Em baixo sucediam-se telhados, estradas, igrejas, canas, moinhos.

Subitamente, a pomba pousou na balaustrada de uma galeria; a casa, de pedra clara, distinguia-se das circundantes por uma certa elegância. O frade, que entretanto dera consigo a caminhar sobre a terra de uma ruela que lhe parecia já ter percorrido antes, ergueu os olhos, que lhe caíram sobre o portão do palácio. A madeira de carvalho formava almofadas quadradas, em alto-relevo, dentro das quais se entalhavam losangos ricamente trabalhados: sobre a ombreira, uma incisão mostrava as palavras «Domus Claravallensis MCC...» Matthew não acabou de ler a data. Uma repentina brisa passou-lhe no rosto suado, despertando-o de repente. A escuridão da cela fora apenas atenuada pela luz da Lua, que penetrava, pálida, pela janela que ficara aberta. Esforçando-se por recuperar a consciência da noite anterior depois de um sonho tão vivo, sentou-se sobre a cama e limpou a testa húmida. O calor estivo começava a fazer-se sentir, sufocante e pegajoso. Ia levantar-se para beber da água do jarro quando, pelo canto do olho, se apercebeu de um movimento imperceptível do seu lado esquerdo. Enquadrada na janela, uma pombinha dava bicadas nas penas. O frade levantou-se, mas o ruído das suas calças grosseiras assustou o pássaro, que desapareceu voando.

Bebeu avidamente; embora já tépida, a água suavizou a secura da garganta. Envolto pela obscuridade da cela, Matthew repensou o sonho que mal terminara: que significado teria aquela sucessão de rostos, de lugares, de objetos? Só uma outra vez lhe acontecera rever em sonhos Mary, a jovem de St. Albans injustamente acusada de feitiçaria que, apesar das suas tentativas para a desculpar, tivera de sofrer a condenação à fogueira. Fora aquele imprudente gesto de caridade que trouxera uma agitação inesperada à sua vida: o abade havia-o expulso, obrigando-o a uma perpétua peregrinação penitencial.

Quando, poucos dias depois da sua partida de Inglaterra, Mary lhe

aparecera em sonhos, mensageira de uma angustiante profecia que se revelara verdadeira, o destino havia-o uma vez mais arrastado para outras terras. Agora, o temor de que esta segunda visão anunciasse também novas desgraças provocou-lhe um aperto nas vísceras. Por outro lado, refletiu, durante o sonho ninguém havia pronunciado qualquer palavra, ninguém o censurara: só figuras, estradas, seixos...

Tomado por uma súbita ansiedade, levantou-se e, aos apalpões, procurou o saco onde pusera os pequenos seixos de Guglielma: remexeu esforçadamente o interior até os encontrar no fundo, para onde o seu próprio peso os havia feito deslizar. Ao retirar a mão, os dedos aperceberam-se de qualquer coisa leve: admirado, deu-se conta de que no punho da camisa ficara presa uma pena branca. Ergueu-a à luz fraca da Lua: era uma pena de pomba, talvez daquela mesma que, pouco antes, pousara na janela: a sombra de um sorriso perpassou-lhe o rosto: seriam realmente premonitórios aqueles pássaros tão amorosamente criados no Convento de San Simpliciano? Arnolfo contara-lhe que há pouco menos de um século três pombas, que levantaram voo do telhado da basílica, tinham sobrevoado durante muito tempo o carro de combate com o qual os Milanese e os seus aliados haviam combatido contra o outro imperador, chamado de «Barba-Ruiva». A inesperada vitória conseguida na ocasião, depois de tantas dramáticas derrotas, convencera os Lombardos que gozavam da proteção divina, miraculosamente manifestada pelo voo daquelas tímidas aves. Em lembrança do acontecimento prodigioso, os monges haviam pintado três pombas brancas no estandarte vermelho do mosteiro, que até então tinham permanecido como brasão da basílica.

O sorriso de Matthew transformou-se num esgar amargo: seria possível que numa cidade como esta, aparentemente desenvolvida, a ingénua credulidade popular ainda sentisse necessidade da supersticiosa procura dos milagres? Que as pessoas sentissem a necessidade de demonstrações tangíveis para reforçar a própria fé, demasiado frágil para acreditar apenas nas palavras dos apóstolos? Quão mais fácil não seria o credo de cada um se Cristo ainda estivesse presente, se os seus pés ainda pisassem o pó das estradas! Por outro lado, as lisonjas enganadoras do Demónio faziam parte da realidade quotidiana, ele próprio o havia experimentado muitas vezes no decurso dos últimos dois anos passados longe do seu mosteiro; por isso compreendia bem que qualquer sinal mesmo que apenas ilusório, da proximidade divina poderia confortar a fé, libertando da dúvida e da fadiga. As pombas de San

Simpliciano o milagre de San Sático, as relíquias que despontavam aqui e ali por meia Europa, o mágico ramo de zimbro que o acompanhara ao longo da sua peregrinação penitencial, a incompreensível dádiva dos seixos por parte de Guglielma, as visões noturnas comuns ao seu espírito atormentado e ao de Arnolfo... Que significado teria este amontoado de elementos mágicos e sobrenaturais? Matthew abanou a cabeça como que a libertar-se do capuz de um hábito alheio. Com as mãos apoiadas no parapeito da janela, olhou mais uma vez para fora. Ao longe, a subtil risca de uma claridade vaga alongava-se ali, onde as terras férteis do campo confundiam os seus contornos com o céu. A aurora estava a despontar. Aquela promessa de luz, longe de o acalmar, provocava-lhe uma excitação nova: *com* gestos rápidos, vestiu-se, preparando-se com muita antecipação para as matinas. Depois de participar com os outros monges nas funções, voltaria à cidade e retomaria com mais alento as suas investigações. Aquela rapariga tinha de ser encontrada e depressa. Se a urgência de Arnolfo era mais do que justificada, ele próprio ansiava pelo momento em que iria finalmente estar livre para decidir o seu próprio futuro: só depois de ter cumprido a missão para a qual fora encarregado pelo abade poderia sair de Milão.

Depois de ter bebido um outro gole de água, saiu da cela e fechou a porta devagar. A escuridão envolvia ainda o longo corredor; tateando a parede com a mão para não se perder, dirigiu-se para a estreita escada que conduzia à capela. Ainda era muito cedo para a função. Sem se preocupar com a obscuridade, chegaria ao jardim do claustro para gozar da sua frescura. O silêncio iria ajudá-lo a refletir.

- Fui convocado por Ugone, o secretário do arcebispo. Na carta que me mandou entregar fala-se de Lanfranco e de uma possível relíquia que ele terá doado à Igreja metropolitana. O tom da missiva não admite demoras da minha parte e o arrebatamento com que *Ugone* me chama à sua presença faz-me suspeitar que os meus aborrecimentos estão apenas no começo... O secretário acrescenta que o regresso de Leone e do legado pontifício de Vercelli, previsto para estes dias, será adiado por umas semanas. Esta notícia faz-me temer o pior: espero apenas que não pretendam corresponsabilizar-me quanto aos métodos a utilizar para se desembaraçarem daquele maldito Calgario!...

A voz de Arnolfo da Sala vibrava de preocupação. O olhar febril corria de um lado para o outro do escritório, sem, todavia, se fixar sobre qualquer objeto. Matthew, que já tinha vivido mais vezes aquela mesma sensação de

mal-estar e de inadequação, estava de pé, em frente dele, e mantinha-se calado.

- E ainda por cima - prosseguiu o abade, medindo a sala com grandes passadas nervosas - foi requisitada a minha presença também numa reunião entre a autoridade religiosa e a civil na qual se discutirão os métodos a adotar relativamente aos heréticos. Mas ainda não chega! Em resposta ao que para aí consta sobre Guglielma, os cistercienses de Claraval deram claramente a perceber que aquela mulher está sob a sua proteção e que por nenhum motivo permitirão que seja acusada de heresia, sob pena de um grave conflito com o arcebispo! Tu não o sabes, mas aqueles monges são muito poderosos, possuem uma porção de terras e fazem-nas produzir o mais e melhor possível, criam cães, falcões e cavalos, todos os dias fazem uma nova quinta, têm negócios com meia Milão!... Não bastam já os cuidados e as preocupações que tenho com o mosteiro, de que diariamente tenho de dar contas a todos, do mais humilde dos meus frades ao arcebispo, e ainda nos faltavam agora também esta guerra não declarada entre ordens religiosas e o pedido de colaboração da minha pessoa para a resolução da questão de Lanfranco! Apesar de estarem fortemente apoiadas no tampo de uma grande secretária, as mãos de Arnolfo tremiam. À medida que ia desabafando, a enorme preocupação inicial ia-se transformando em indignação e raiva: o rosto tornara-se pálido e o corpo parecia rígido. Se tivesse tido coragem, Matthew recordaria ao abade, como frequentemente fazia consigo próprio, quão imperscrutável é a vontade divina e quão difícil a missão que cada uma das criaturas humanas tem de levar a cabo para poder ter a esperança de chegar à presença do Omnipotente.

Mas, apesar de impressionado com a evidente perturbação de Arnolfo, não ousou proferir uma palavra sequer. A sua familiaridade não era tanta ao ponto de lhe consentir a ele, humilde frade beneditino, dirigir-se a um superior com frases que, embora de consolação, teriam podido ser interpretadas como de censura. Depois de um longo silêncio o abade virou-se: o rosto retomara a cor, a expressão parecia mais calma. Depois de ter fixado intensamente o seu interlocutor, Arnolfo disse ainda: -Agradeço-vos, Frei Matthew, estou-vos realmente muito grato pela piedade que abrigais no vosso coração, mesmo para comigo.

Sou um abade, é certo, exerço um certo poder e gozo do respeito de muitos: são poucos, no entanto, os que compreendem realmente quão oneroso é este cargo e como, quem quer que o exerça, não passa apesar de tudo, de um

homem como todos os outros, com as suas incertezas e os seus medos. Seguramente que a vossa fé é mais sólida do que a minha, frade, e eu dou graças ao Altíssimo por tê-lo conduzido ao meu caminho; o vosso silêncio face à minha manifestação de susto é mais eloquente do que muitas palavras... Ide, Frei Matthew, continuai a vossa missão, eu procurarei levar a minha avante, tendo como exemplo a vossa força.

Admirado e embaraçado com aquela declaração de humildade, Matthew ia responder, mas Arnolfo não lhe deu tempo; desviando o olhar, voltou-lhe as costas e saiu apressadamente do escritório.

O frade permaneceu sozinho. Decorridos uns instantes, o toque dos sinos que chamavam para a liturgia das laudes começara a espalhar-se pelo mosteiro. Matthew encaminhou-se para a capela; depois da função, iria à cidade. O sonho daquela noite e as palavras de Arnolfo haviam-no, de certa forma, confortado, aclarando-lhe as ideias. A rapariga que ambos procuravam estava em Milão, disso estava certo.

Que outra finalidade teria tido aquela sucessão de acontecimentos aparentemente confusos e enredados como uma meada de cânhamo não cardado, se não a de permitir a qualquer um restabelecer uma aparência de justiça? Nada era casual nos desígnios de Deus, disso tinha a certeza; se o Omnipotente pretendesse que fosse ele a desembrulhar parte daquele imbróglio, iria obedecer. Confiando na misericórdia do Pai, procuraria ainda levar até ao fim esta nova ordem, como já fizera no ano anterior noutros locais e como sempre tentara fazer durante toda a sua vida até esse dia. No fim encontraria Allegranza, fosse para isso necessário uma semana ou um ano.

## Capítulo 24

O longo cortejo de peregrinos estava quase no fim. Os últimos penitentes encapuçados prosseguiram lentamente, acompanhados apenas pelo som lamentoso do *tintinnabulum*. Os guizos do instrumento eram agitados por um jogral marreco e coxo que alternava com o seu repique ritmado o grito «para Compostela, para Compostela!».

Matthew encontrara aquela procissão ainda antes de transpor as muralhas. A visão do cortejo direto a Santiago havia-o perturbado, apertando-lhe o peito numa súbita sufocação; há pouco mais de um ano, ele próprio estivera prestes a juntar-se a uma outra peregrinação para o mesmíssimo destino, mas, por circunstâncias que ainda hoje lhe pareciam incompreensíveis, não o fizera e o seu caminho havia tomado uma outra direção bem mais difícil.

Procurando afastar de si o desagradável pressentimento de que o encontro com esta nova procissão iria marcar, pela segunda vez, o seu destino, Matthew encaminhou-se para o centro da cidade. Como sempre, a multidão abrandava-lhe os passos e, na tentativa de evitar a confusão do Broletto, enfiou-se por ruelas desconhecidas que, com uma volta maior, o iriam conduzir às proximidades da Basílica Maggiore, aonde tencionava dirigir-se.

Ao longo da estrada, a sua atenção foi atraída por uma vasta e viçosa quinta, dentro da qual se viam dois moinhos e inúmeras construções: uma enorme quantidade de monges afadigava-se entre elas. A fachada de uma igreja minúscula dava diretamente para a ruela: curioso, Matthew aproximou-se e, lendo a inscrição no portão, suspeitou ter chegado junto da casa dos humilhados; Arnolfo havia-lhe falado nela mais de uma vez, explicando-lhe que eram mestres no trabalho da lã. Para confirmar a sua intuição e nos poucos minutos que passara em frente da quinta, uma dezena de carros puxados por cavalos e mulas entraram e saíram, carregados de fardos de lã crua e de enormes rolos de tecido, encaixados uns nos outros.

Preparava-se para retomar o caminho quando sentiu que lhe batiam nas costas. Um monge novíssimo fixava-o, tímido; quando começou a falar-lhe, uma vermelhidão difusa coloriu o seu rosto de miúdo -Desculpai, irmão, se vos atrapalho... Queria solicitar-vos ajuda... Bom, vede, os irmãos da quinta pediram-me apenas para entregar estes pedaços de lã a um comerciante que mora nas proximidades da Via Porticata e... Sei como



chegar lá, mas... vede... É a primeira vez que me encarregam de uma tarefa destas e o carro está super cheio... Tenho medo de que os fardos da lã caiam... Bom, resumindo... Pedia-vos para, se pudésseis, subir para o fundo do carro e tentar que a mercadoria se mantenha no seu lugar... Eu... Não quero causar-vos qualquer problema, não queria ser censurado... Mas se não puderdes, se estiverdes com pressa, não faz mal, verei se consigo levar este trabalho a cabo sozinho...

As palavras do jovem atropelavam-se, precipitadas; agora, que já tinha feito o seu pedido, parecia arrependido. Os olhos haviam-se baixado sobre as sandálias e não ousavam erguer-se e fixar Matthew.

Enternecido com a atitude embaraçada e envergonhada do confrade, que lhe trazia à memória os seus primeiros anos de oblato em St.

Albans, o frade sorriu.

- Claro que te ajudo - respondeu -, deixa-me só subir, depois podes esporar o cavalo à vontade.

O rosto do jovem monge abriu-se numa luminosa expressão de reconhecimento e, enquanto Matthew se arrumava num equilíbrio instável na parte detrás do carrinho, partiu direto à sua meta. Como de costume, estradas e ruelas estavam cheias de gente: por mais de uma vez, o fradinho teve de deixar passar outros carros mais carregados do que o seu e ficar à espera. Depois de ter passado por vias, igrejas e bairros que Matthew não conhecia, chegaram às proximidades de um largo ladeado de hortas viçosas.

- Aí está - gritou o jovem monge, voltando-se para trás -, estamos quase a chegar, pouco falta para a Via Porticata.

Com uma ponta de mágoa, Matthew deu-se conta de estar perdido.

Olhando à sua volta e tentando compreender que ruelas teria de percorrer para chegar à Basílica Maggiore, os seus olhos fixaram-se num palácio que não lhe parecia de modo algum novo. Provavelmente já atravessara aquele bairro, sendo por isso plausível que numa outra ocasião, mas sem fazer caso, já tivesse visto aquela construção.

Agora, no entanto, os seus olhos não conseguiam desprender-se da galeria, da pedra clara e do portão de carvalho trabalhado; mas passado um instante de atordoamento, compreendeu. Era o palácio do sonho.

- Pára, pára! - gritou ao jovem humilhado.

Pensando que alguma das suas preciosas peças de lã tivesse voado do carro, o monge parou o cavalo e saltou do carro para verificar. Matthew, que havia descido antes dele, já dera alguns passos na direção da casa de pedra. Deu-

se conta de não ter perdido nenhum dos rolos e vendo que o companheiro de viagem se afastava sem qualquer explicação, o jovem permaneceu por um instante indeciso sobre o que fazer; em seguida, apressado pela urgência quanto ao cumprimento da tarefa, suspirou e voltou a subir para o carrinho, enfiando-se pelas ruelas que ainda o separavam da meta.

Matthew, esquecido de tudo, ficara parado em frente da porta.

«Domus Claravallensis MCCXXXII.» Agora, bem desperto e lúcido, conseguia ler a data completa: aquele palácio fora construído onze anos antes do cisterciense de Clara. Juntamente com a surpresa por já ter vivido em sonhos aquela mesma situação, aos poucos, uma suspeita instalou-se na sua mente. Arnolfo havia-lhe falado dos monges de Clara como sendo protetores de Guglielma e acrescentara então que lhe tinham oferecido uma casa em Milão: a casa surgia numa via bastante larga, nas proximidades da Igreja de San Pietro, dita «all'Orto». A certeza de estar em frente do palácio da Boema doeu-lhe como uma chicotada; uma repentina camada de gelo parecia envolver-lhe a nuca, acompanhada de uma vertigem que o fazia balançar. Apoiando-se com uma das mãos ao muro, ergueu os olhos para a galeria, tentando surpreender qualquer sinal de vida, mas estava deserto. Por instantes, pensou bater àquele portão fechado, mas depressa desistiu. Não tinha qualquer motivo, refletiu, para se apresentar a Guglielma: o abade recomendara-lhe que evitasse a sua companhia e ela própria não lhe pedira nada. Dissera-lhe que haviam ainda de se encontrar, mas isto não significava que fosse ele a procurá-la.

Depois de dar uma última olhadela ao palácio e à via, Matthew virou-se e, a passos lentos, de modo a permitir retomar a calma, caminhou sem destino. Chegado às proximidades da muralha, sentou-se num monte irregular de antigas pedras adossadas na Poterna do Bottonuto. A seu lado, quase a atingir os seus pés, um dos porcos criados pelos monges da vizinha Igreja de Sant'Antonio chafurdava ruidosamente na terra: outros porcos andavam ali, tranquilos, pelas ruelas dos bairros, metendo-se, ágeis e imperturbáveis, por entre as pessoas, os carros e os soldados que passavam constantemente. Fora ainda Arnolfo a explicar-lhe que aqueles animais, mesmo feios e repelentes, eram tidos em grande consideração e respeito na cidade; os monges criam-nos porque, segundo se dizia, com a sua gordura cutânea se podia tratar uma grave doença da pele, chamada, mesmo «fogo de Sant'Antonio». Para quem os roubasse estava previsto o processo, enquanto muitas graves seriam cobradas a quem fosse surpreendido a fazer-lhes mal.

O animal, gordo e acinzentado, parou em frente de Matthew e fixou-o, fazendo vibrar o focinho, quase a provocar uma reação qualquer. Desiludido com a imobilidade do frade, o porco afastou-se de seguida na direção de outros lugares mais promissores.

Com um suspiro de alívio, Matthew levantou-se, encaminhando-se para o Hospital do Brolo; chegado aqui, pensava, iria conseguir encontrar facilmente a estrada que o levaria até à basílica. Mas tinha apenas dado alguns passos quando, subitamente, sentiu que alguém o puxava pela manga do hábito. Virou-se: à sua esquerda, encostado à parede de um casebre meio em ruínas, um rapazinho fixava-o. Os cabelos crespos emolduravam-lhe o rosto vivo, os olhos grandes olhavam-no incertos: pela pele escura, dir-se-ia tratar-se de um sarraceno.

- Sois vós o frade inglês? - atirou timidamente o miúdo.

- Sou - respondeu surpreendido Matthew -, sou inglês, mas tu como é que...? -E chamais-vos... Matiú? - prosseguiu o miúdo, hesitando ao articular aquele nome invulgar.

- Eh, quase - replicou o frade sorrindo -, o meu nome é Matthew e pronuncia-se de um modo um pouco diferente, mas isso não importa... e tu, agora, diz-me, como sabes quem eu sou? Antes de responder, o miúdo observou cautelosamente à sua volta e depois, fazendo um sinal a Matthew para o seguir, desapareceu pela porta do edifício. Curioso, o frade entrou por sua vez: aquilo que do lado de fora parecia um casebre, danificado mas ainda de pé, revelou-se, pelo contrário, um espaço aberto no qual a erva e as silvas cresciam altas entre tábuas enegrecidas, traves e algumas pedras.

O telhado, completamente derrubado, mostrava ainda os sinais do incêndio furioso que, muito tempo antes, devia ter destruído aquela pobre casa.

O rapazinho foi andando, com passos firmes, por entre as moitas parou em frente de um velho poço em ruínas: aqui, apalpando com os pés a estabilidade das pedras colocadas em volta da embocadura, sentou-se. Matthew abeirou-se dele e, tendo aconchegado o hábito em volta das pernas, sentou-se também por sua vez, à espera.

O rapazinho fixou-o por um momento e depois, baixando os olhos, começou a falar.

- Foi uma senhora que me disse para o seguir: ela chama-se Guglielma. É uma espécie de monja e vive aqui perto. Conheço-a porque fui algumas vezes a casa dela: é uma pessoa estranha, tem dois olhos que queimam quem os olha... No início sentia medo dela, mas depois passou-me, porque

todos dizem que é boa e que faz bem às pessoas; há pouco, quando eu passava pelo seu outeiro, chamou-me e deu-me uma moeda, ordenando-me que viesse atrás de vós e vos dissesse umas certas palavras...

Ignorando a visível perturbação no rosto do frade, o rapazinho fechou os olhos e esforçou-se por se lembrar.

-... tu encontrarás um homem que faz combater o bispo contra o rei e será a rainha a conduzir o desfecho da batalha e depois de o teres encontrado todos os nós se desatarão e as cordas estender-se-ão ordenadas uma ao lado da outra como espigas de cereal cortadas e alinhadas no campo.

Reabriu os olhos: tinha dito tudo de um fôlego só para não se esquecer de uma palavra sequer. Satisfeito por ter conseguido recitar a mensagem toda, olhou finalmente para o frade. Matthew empalidecera, as pupilas dilatadas fixavam o miúdo sem o ver, a sua expressão era de perturbação. O pequeno ficou assustado. Aos poucos e sem fazer barulho, levantou-se da pedra e, arrastando os pés pela erva, afastou-se um pouco. Não compreendia; até há momentos, o frade tinha um ar doce e paternal, depois, depois de ter ouvido a sua mensagem, o rosto transformara-se-lhe no de um endemoninhado...

Tinha de sair dali, e rapidamente. O ruído dos galhos secos pisados despertou Matthew da sua entorpecida estupefação. Dando-se conta de ter amedrontado o miúdo, esforçou-se por se acalmar e chamou-o.

- Espera, não te vás embora - gritou -, diz-me ao menos o teu nome...

O pequeno parou, pouco seguro e, observando o frade, refletiu se seria caso de lhe responder. E, no entanto, pensava, os olhos daquele homem pareciam bons; talvez as palavras de Guglielma o tivessem perturbado de tal maneira que o faziam parecer mau. O que sabia ele, no fundo, do significado que podia ter aquela frase estranha que acabara de pronunciar? Seria uma ameaça, seria um presságio nefasto? Neste caso, o medo do frade era compreensível... Decidiu então ignorar e respondeu.

- Chamo-me Hamid - murmurou com voz menos firme do que desejara.

Procurando não deixar transparecer a perturbação que não lhe dava tréguas, Matthew levantou-se, aproximou-se do rapaz e ajoelhou-se à sua frente: os seus olhos estavam à mesma altura. Fixando-o intensamente, acariciou-lhe os cabelos encaracolados e sorriu-lhe.

- És um rapaz às direitas, Hamid, e tens um nome bem bonito.

Estou-te muito agradecido pelo recado; gostaria de ter alguma coisa para te pagar, mas não tenho nada...

Olhando em volta por entre as moitas, Matthew reparou num ramo mais

denso que provavelmente pertencera a um choupo que outrora ocupava a horta daquela casa.

- Espera aí um bocadinho... - disse para o rapaz, enquanto se detinha a colhê-lo. Depois de, com um puxão seco, ter retirado a extremidade mais fraca, dividiu-a ainda em duas partes e dispô-las em forma de cruz. Depois, remexendo o bolso à procura de um cordelito, encontrou, por fim, uma longa tira de tecido que se separara da camisa; depois de a ter enrolado entre os dedos, deu várias voltas em torno dos dois troncos e fixou-a com um nó.

-Aqui tens - disse, estendendo a Hamid a cruz improvisada -, este é o meu presente; não é grande, mas é o símbolo de Cristo; acreditas em Cristo, não acreditas? Enquanto pronunciava as últimas palavras, passou-lhe pela cabeça a dúvida de o pequeno poder não ser batizado. Como se o tivesse lido no seu pensamento, a criança assumiu uma expressão maravilhada e respondeu, ressentido.

-Claro que acredito em Cristo e também no Pai e no Espírito Santo!...

Matthew sorriu.

- Posso ir-me embora, agora? - perguntou Hamid, estreitando, de encontro ao peito, a pequena cruz. Embora os últimos gestos do frade o tivessem tranquilizado quanto às suas intenções, queria sair dali e voltar para casa; a sua irmã ainda tinha febre e a mãe precisava dele.

-Vai, pequeno, Deus te abençoe e... obrigado O miúdo desatou a correr sem sequer se virar para trás.

Matthew apoiou-se na porta, que estava em muito mau estado, e deixou que a tremura até então controlada com tanto esforço lhe percorresse os membros. A respiração tornara-se ofegante e uma vertigem gelada apertava-lhe a cabeça como um torno. Erguendo os olhos para o retângulo de céu que se adivinhava por cima do teto abatido, gritou.

- Porquê, Pai, porquê de novo?! A voz espessou-se-lhe. As lágrimas inundaram-lhe os olhos, a boca começou a tremer. Sem se dar conta, deixou-se escorregar lentamente para o chão e, abraçando os joelhos, entregou-se livremente ao choro. Não ouviu nada, nem o canto do melro que, curioso, pulava na sua direção, nem a vozeria que provinha da ruela para lá da porta.

Não sabia dizer por quanto tempo permanecera ali. Por fim levantou-se e, enxugando os olhos com a manga do hábito, procurou recompor-se. Os pensamentos, a que tentava dar forma definida e conseqüente, fugiam de

todos os lados para depois voltarem, obsessivos, sempre ao mesmo ponto: o que estava a acontecer com a sua vida? Há dois anos que andava a fugir dos outros e talvez de si próprio, a cada novo encontro eram-lhe pedidas compreensão e obediência, virtudes indissoluvelmente ligadas, segundo a opinião comum, à dignidade da veste que usava. E ele? Quem alguma vez lhe havia concedido o calor daquela caridade que todos exigiam da sua pessoa? A verdade, amarga e desconfortável, era que o cansaço levava a melhor sobre a sua força de ânimo e, talvez, mesmo sobre o vigor da sua fé. Uma ideia, súbita e gelada, viera-lhe de repente ao pensamento: podia abandonar o hábito, podia renunciar ao seu mandato. Por um instante sentiu-se agonizar, certamente pela enormidade daquele pensamento.

Seguidamente, afagando com os dedos trementes a cruz que lhe pendia do peito, pediu perdão a Deus pela sua medrosa estupidez.

Depois de ter suspirado profundamente, olhou para o hábito: fios de erva seca salpicavam, aqui e ali, o tecido, a bainha estava suja de terra. Procurou sacudir a sujidade com as mãos, mas o resultado não foi o esperado. Apesar de a veste parecer indecorosa, iria à basílica: a Urgência de rezar ao Altíssimo para iluminar uma vez mais o seu caminho e a sua mente era mais forte do que qualquer outra preocupação.

Apressou-se na direção da ruela. No meio da erva que acabara de pisar uma lagartixa surgiu cautelosa por debaixo de uma pedra e, rastejando, veloz, dirigiu-se ao bocal do poço, onde ficou imobilizada, ao sol.

## Capítulo 25

Aimone transpôs a Porta Romana. A manhã estava ventosa como há dias não acontecia e a água do fosso, batida pela brisa, refletia o grande estandarte vermelho que esvoaçava na torre das muralhas.

Neste momento, já bem perto da casa de Raquel, o castelão esforçava-se por controlar a excitação. Refletira durante mais de uma semana sobre o que deveria fazer, tentara de todas as formas expulsar a rapariga dos seus pensamentos, impusera-se coerência, reprovando-se a si próprio por se ter deixado envolver naquela disparatada paixão.

A sua vinda a Milão, repetia para consigo, tivera um objetivo bem preciso, que, aliás, ainda não fora cumprido, já que os dias passavam e o arcebispo ainda não voltara. Todas as audiências tinham sido adiadas e ele próprio não iria poder permanecer na cidade por muito mais tempo; se bem que o seu castelo estivesse perfeitamente protegido por um eficiente corpo de guardas e de soldados fiéis, a sua ausência não poderia prolongar-se para lá de meados do Verão. Apesar de saber que estas e apenas estas deveriam ser as preocupações dignas do seu cargo, o seu pensamento fugia noutras direções. Os esforços da razão não conseguiam dominar a excitação do coração. Por fim decidira: iria ter com ela e pedir-lhe para voltar a trazer *Nisan*, mesmo que fosse só uma vez mais, para brincar com o seu filho Bartolomeo.

Talvez que, revendo-a, conseguisse, finalmente, acalmar-se e compreender que aquilo que lhe parecera paixão não passara de uma Momentânea loucura de um homem que há muito estava só.

A porta do casebre estava encostada. Depois de um momento de incerteza, Aimone bateu na porta semiaberta: de dentro respondeu-lhe o ladrar do cão, em vão repreendido pela voz de Raquel. Em segundos, *Nisan* chegou à soleira da porta; quando viu Aimone ladrar que saíra enfurecido da goela transformou-se num latido de alegria. Escancarando a porta com um decidido golpe de focinho precipitou-se para fora e começou a dar saltos brincalhões em torno do castelão.

-Mas, em suma, pode saber-se o que está a aconte...? Raquel parou mesmo na soleira. O seu rosto, que já mostrava uma severa reprovação no que tocava ao cão, imobilizou-se numa expressão aturdida. A boca abriu-se de surpresa e as palavras morreram na garganta.

Ao ver a jovem, o coração de Aimone parou. Todos os seus propósitos de

razoabilidade e de equilíbrio se desvaneceram como uma frágil bola de espuma. A boca seca esforçava-se por articular as frases que, com tanto cuidado, havia ensaiado naquela manhã. Raquel, por seu lado, fixava-o, corada, também ela incapaz de falar. Por fim foi *Nisan* que quebrou a tensão: tendo entrado que nem uma seta em casa, dela saiu daí a um instante com uma bola de trapos entre os dentes. Colocando-a aos pés do castelão, começou a abanar o rabo e a ganir, esperando que o seu *novo* companheiro de brincadeira lha lançasse. Sorrindo, Aimone recuperou finalmente a voz.

-Como está, Raquel... vim pedir-lhe se num destes dias não quereria voltar a minha casa. Bartolomeo não me larga pedindo-me para vos convidar a vós e a *Nisan* para brincar com ele! Se aceitásseis passar umas horas connosco, teria muita honra em convidar-vos para uma refeição...

Não conseguiu continuar. Parecia-lhe que o coração lhe saltara do peito para a garganta e que nele batia como um tambor, impedindo o fluir da respiração. Sentiu-se um idiota: onde estaria aquele Aimone di Graines, político astuto, feudatário hábil e clarividente? Quem habitaria naquele momento aquele corpo frágil de medo? A Raquel não escapou a perturbação nos olhos do castelão. Se estivesse menos cansada, depois das últimas duas noites de vigília passadas à cabeceira do pai, teria seguramente podido compreender e perdoar o seu embaraço, mas o esgotamento e a preocupação haviam-na tornado irritadiça. Foi por isso que a resposta ao convite de Aimone lhe saiu alterada.

- Como diabo conseguiu encontrar-me? Não me lembro de lhe ter dito onde vivia! Será que me mandou seguir?! Aimone, que não esperava uma reação tão violenta, balançou como se tivesse recebido uma bofetada em plena cara. Abriu a boca, tentando falar, mas logo a fechou. Mortificado como uma criança apanhada em falta, não sabia que responder. Lendo a humilhação no seu olhar, Raquel deu um jeito aos cabelos despenteados e procurou acalmar-se: ia falar quando um lamento agudo e prolongado chegou até ali, à porta. A rapariga virou-se repentinamente e voltou a entrar em casa.

O castelão não sabia que fazer. O seu primeiro impulso foi virar as costas e ir-se embora; o acolhimento demonstrado não fora seguramente o mais encorajador. Por outro lado, os gemidos provenientes do casebre eram cada vez mais agudos: talvez Raquel precisasse de ajuda. Hesitou. *Nisan*, já desiludido quanto à expectativa da brincadeira, estava parado em frente da porta e fixava-o com a cabeça inclinada para um lado. Decidiu entrar. Com



cautela, procurando fazer o menos barulho possível, avançou pelo quarto. Em cima do banco estava uma veste de seda parecida com a sua, apenas meia bordada; fios e agulha estavam abandonados desordenadamente sobre o tecido. Uma mesa muito estragada, duas cadeiras e uma burra, sobre a qual se estendia uma veste púrpura de médico, eram todo o mobiliário; sobre a grade da lareira dispunham-se duas panelas, uns pratos de estanho, duas canecas e um jarro. A porta, para trás, deixava adivinhar uma horta minúscula. Uma outra porta, baixa e estreita, dava para o segundo quarto, apenas iluminado pela luz de uma seteira escavada na parede. Em pontas de pés, Aimone chegou a esta segunda porta e parou. Antes mesmo de os seus olhos verem, foram as suas narinas a fazê-lo compreender: um mau cheiro a humidade e a urina, a suor e a vomitado envolveu-o como uma capa.

Raquel estava inclinada sobre uma cama onde um homem velho, sentado a meio, apertava o peito com as mãos. Os cabelos brancos e emaranhados emolduravam o seu rosto lívido, a boca escancarada procurava ar. A rapariga amparava as costas do velho e murmurava Palavras incompreensíveis de conforto.

-Quem é este homem? - murmurou Isaac com esforço, enquanto, sem sequer mover a cabeça, apontava com um dedo ossudo para a porta. Raquel virou-se surpreendida, não imaginando que o castelão a tivesse seguido. Demasiado exausta para se irritar mais ainda, olhou-o e, em silêncio, fez-lhe um sinal para lhe chegar uma tigela que estava pousada no chão relativamente perto da cama. Aimone entregou-lha: à superfície turva do líquido que continha, boiavam umas folhas maceradas e umas manchas de gordura.

-Quem é este homem, perguntei? - inquiriu o judeu. A sua voz fraca extinguiu-se num acesso violento de tosse que lhe provocou uma interminável falta de ar: os estertores saíam roucos da garganta dos cantos da boca, rebentada, duas babas viscosas desciam pela barba hirsuta.

- Acalmai-vos, pai, acalmái-vos - sussurrou Raquel, com a mesma doçura que teria usado com uma criança -, este homem é um cliente do alfaiate Amizone: passou por acaso por aqui, mas agora vai-se embora...

Enquanto o tranquilizava, as suas mãos, experimentadas, retiravam a cataplasma da tigela e espalhavam-na no peito ofegante de seu pai; depois de ter coberto o emplastro com uma espessa peça de lã, acomodou-lhe as costas num travesseiro de palha apoiado à cabeceira da cama.

- Agora fique aqui a descansar, pai: se precisar de alguma coisa, eu estou

aqui. Agora vou despedir-me deste senhor, depois vou para o quartinho aqui ao lado trabalhar: basta chamar...

O velho anuiu: a respiração ofegante não lhe permitiu falar mais, mas os seus olhos, ainda vigilantes apesar do sofrimento, perscrutaram por muito tempo Aimone. Depois, aos poucos, foram-se fechando, até que, com a cabeça reclinada sobre o ombro, adormeceu.

Depois de ter hesitado ainda por momentos em frente da cama, Raquel virou-se, fazendo um sinal silencioso ao seu hóspede para que a seguisse até ao outro quarto. Confuso e perturbado com tudo o que vira, Aimone não se sentia à vontade. A excitante expectativa de pouco antes transformara-se num vergonhoso embaraço por ter, de certa maneira, violado a intimidade de Raquel. De pé, à sua frente, a rapariga fixou-o demoradamente. Depois, ajeitando os cabelos, cansada, sentou-se e começou a falar.

- Não sei qual foi o verdadeiro motivo que vos trouxe aqui, senhor, mas até posso imaginá-lo. Fui muito estúpida em vos ter dito o meu nome e agora compreendestes que somos judeus. Além disso, como haveis podido constatar pela veste púrpura que retirei da burra, o homem agonizante que jaz naquela cama exercia até há pouco tempo a profissão de médico. Não devíamos estar aqui, os judeus não são bem aceites nesta cidade, para os físicos judeus, vigora a interdição. Mas apesar de tudo, temos de ser gratos pela ávida indiferença do nosso senhorio relativamente às regras da comuna: se não nos tivesse autorizado a viver neste pardieiro, estaríamos ainda a vaguear pela Lombardia e, quem sabe, talvez o meu pai já tivesse morrido... As pessoas desta ruela têm sido boas connosco, sabem certamente quem somos, mas toleram-nos. Talvez seja apenas por sentirem piedade de nós, mas, de qualquer maneira, até agora, ninguém nos traiu. Se viestes com a intenção de verificar a fé que praticamos para poderdes denunciar-nos à autoridade civil, pois bem, fizemo-lo. O meu pai tem pouco tempo de vida, não irá sofrer mais esta vergonha... Eu, pela minha parte, vou-me embora: fico sozinha no mundo, não terei de prestar contas a ninguém. Encontrarei um lugar para viver...

A voz falhou. As lágrimas deslizaram, velozes pelas faces, a boca tremeu. Raquel escondeu o rosto entre as mãos e chorou em silêncio.

Aimone sentia que o ar lhe faltava. Os seus olhos arregalados fixaram a jovem enquanto a cabeça pulsava: como pudera acontecer-lhe uma coisa destas? Que enorme equívoco originara a sua vinda até ali? Que sofrimento e que medo não teriam provocado naquela desgraçada rapariga uma tão

arrogante audácia? Tinha de falar, tinha de explicar rapidamente antes de a sua leviandade poder causar outros danos. Esforçou-se por arrumar rapidamente os seus pensamentos, de modo a que as suas palavras soassem verdadeiras aos ouvidos desconfiados da jovem. Ignorando aquele aperto que a dor lhe provocava no peito, Aimone ajoelhou-se em frente de Raquel e falou.

Contou-lhe coisas de si e do seu feudo, da mulher que perdera há tantos anos, do filho, da sua viagem para Milão. Enquanto contava, as lágrimas começaram a correr pelo rosto de Raquel. Acariciando *Nisan*, que lhe saltara para o colo, a rapariga perscrutava atentamente o seu interlocutor, talvez para perceber, pelas suas palavras, a sombra de mentira.

- Quanto ao motivo que me trouxe até aqui - prosseguiu Aimone, corando violentamente -, bom... além do desejo de Bartolomeo de brincar com o vosso cão, a verdade é que... eu... em suma, perdoai a minha loucura... o vosso rosto... é isso... os vossos traços recordam-me muitíssimo os da mãe do meu filho e eu... não sei... iludi-me...

Oh, meu Deus, perdoai-me...

A voz de Aimone terminou num sussurro. Fechou os olhos dando-se subitamente conta de não ser capaz de continuar; o seu comportamento fora absurdo, estúpido, digno de um adolescente incauto. Queria estar longe dali; aquela viagem estava a perturbar-lhe a vida, as suas certezas estavam a desmoronar-se, arrastadas pela atmosfera bizarra daquela cidade desconhecida.

Levantou-se. Raquel fixava-o; a surpresa substituíra-se à expressão desconfiada de pouco antes.

-Mas, que estais a dizer, senhor?... Eu julgava que...

Do outro quarto ouviu-se um estertor gelado seguido de um doloroso acesso de tosse; Raquel saltou da cadeira precipitando-se para a cabeceira do pai. *Nisan*, «despejado» secamente para o chão ganiu, ressentido. Aimone permaneceu imóvel, sem o menor movimento; mal respirando, ouviu a ruidosa agonia do velho. Devia sair dali assim que a crise tivesse passado, desculpar-se-ia mais uma vez e despedir-se-ia definitivamente. Bartolomeo ia ficar desiludido, mas tinha de perceber: nem sempre na vida se pode ter tudo o que se deseja, quer se trate da companhia de um cachorro ou de uma mulher...

- Senhor, peço-lhe... oh meu Deus... senhor... pode vir aqui um momento?... Embora amortecida pela parede divisória, a voz de Raquel chegou

claramente aos seus ouvidos. Em quatro passadas, Aimone chegou ao outro quarto; o espetáculo que viu assustou-o deveras.

O velho era devorado por uma convulsão; as costas arqueadas estremeciam violentamente, os braços moviam-se descompostos, as pupilas mostravam-se dilatadas, os olhos esbugalhados afundavam-se no rosto lívido, da boca saíam-lhe golfadas de vomitado alternadas com fios de baba amarelada. Raquel procurava amparar-lhe as costas, mas a sua própria tremura não lhe permitia fazer a força suficiente para segurar o corpo do pai. Aimone abeirou-se e, sem se importar com o odor fétido dos humores com que Isaac manchava a sua veste, ajudou Raquel; enquanto segurava com os seus braços fortes o dorso do velho, a rapariga pôs-lhe os dedos na boca tentando baixar-lhe a língua, que, virada para trás, quase o sufocava. A sua respiração ofegante misturava-se com os gemidos roucos de Isaac, que, sem consciência do que estava a acontecer-lhe, continuava a sacudir-se sobre a cama. Depois, de repente, como começara, a crise terminou.

Com um longuíssimo suspiro final, o velho caiu inerte sobre o enxergão. Raquel imobilizou-se; o seu olhar febril perscrutou-lhe o rosto. Desconfiada, tocou ao de leve nos seus lábios azulados, mas um leve sopro aqueceu-lhe os dedos. Só então, confortada com a certeza de que, de momento, o seu pai estava ainda vivo, olhou para Aimone. O aspecto do castelão deixou-a estupefacta: sobre a veste de lã fina, grandes manchas rosadas espalhavam-se como flores murchas, descrevendo grandes círculos húmidos até à bainha. Envergonhada por aquela situação que ela própria provocara com o seu impensado pedido de ajuda, procurava as palavras adaptadas para *se* desculpar, quando os seus olhos encontraram os de Aimone.

O homem fixava-a. Poucas vezes em todos aqueles anos Raquel havia apercebido no olhar de alguém tão compadecido entendimento. Perturbada, perguntou-se quem seria objeto daquela piedade, se ela própria, se o seu pai ou se a miséria palpável que impregnava aquela casa - As lágrimas assomaram de repente aos seus olhos; humilhada, procurou contê-las, mas não conseguiu. Em silêncio, Aimone aproximou-se e com grande delicadeza pegou-lhe nas mãos.

-Não choreis, Raquel - disse o castelão num tom firme. O vosso pai necessita dos vossos cuidados, não das vossas lágrimas.

Esquecei, peço-vos, as tolices que vos disse há pouco, não são próprias do homem maduro que deveria ser. Perdoai a minha arrogante estupidez e

deixai-me antes que vos ajude: este homem tem de ser visto por um outro médico, não pode ficar a sofrer assim...

Raquel abanou a cabeça desanimada: tentando dominar os soluços, sussurrou baixinho para não acordar Isaac.

-Quem achais que alguma vez se vai incomodar a tratar de um judeu? Conheceis bem as mentiras que os médicos cristãos põem a correr sobre os seus colegas judeus! Dizem que são magos temíveis, que envenenam a água dos poços para matar os cristãos... Não, senhor, ninguém deverá saber, ninguém virá a esta casa; a minha família, como a de muitos outros judeus, foi amaldiçoada por Agrat, a maléfica rainha dos demónios. Nenhum amuleto, nenhuma *mezuzah*, conseguirá alguma vez trazer de volta a minha mãe nem curar o meu pai.

Os olhos de Raquel, agora, estavam secos. A amarga resignação que expressara com o que acabara de dizer havia-a trazido, sem querer, à realidade. Sem retirar as mãos das suas, Aimone olhou-a.

- Não, Raquel, nenhum demónio vos perseguirá até que o meu Deus, que também é o vosso, me conserve as forças e a razão. Conheço um médico ótimo e posso garantir a sua discrição; vou falar-lhe e, com a vossa permissão, procurarei trazê-lo aqui.

Esperando que a sua confiança quanto à discrição de Enrico da Bergognone fosse bem recebida, o castelão esperou por uma resposta de Raquel. A rapariga fixou-o, intensamente e, depois de se ter virado mais uma vez para observar a respiração de Isaac, anuiu em silêncio.

Aimone despediu-se prometendo que, dali a uns dois dias voltaria com notícias. Já sozinha, Raquel deixou-se cair sobre a cama; enquanto *Nisan* a observava curioso, *fechou* os olhos e procurou refletir. Aquela última crise do pai fora na verdade muito grave e, se não fosse a ajuda daquele homem, Isaac teria provavelmente sufocado. Quem era Aimone de Graines? Que golpe do destino o teria feito aparecer na sua vida? Poderia confiar nele? E ela, como havia de continuar a trabalhar para o alfaiate Amizone, respeitando prazos e encomendas, agora que a doença de Isaac piorara a olhos vistos? O pai iria ter necessidade de assistência constante e ninguém conseguiria substituí-la à sua cabeceira...

Assim como as ondas do oceano que se quebram, alterosas sobre os areais e de repente defluem para depois voltarem, mais ameaçadoras ainda, a corroer a areia, assim a mente de Raquel corria obsessiva de um pensamento para outro. Aos poucos, o cansaço acumulado nas últimas

noites de vigília e a tensão das últimas horas levaram vantagem: as mãos, até então apertadas de encontro ao peito, desuniram-se e deslizaram, cada uma para seu lado do corpo. A cabeça inclinou-se para o lado e permaneceu inerte sobre o enxergão; o sono chegara, restaurador. Sem compreender o motivo daquele repouso fora de horas, *Nisan* fixou, por um instante, a dona e depois, desiludido, foi agachar-se no chão, debaixo da mesa, e adormeceu, por sua vez, numa espera vigilante.

Os seus pés moviam-se velozes, mal tocando o chão. Sem se importar com o olhar dos passantes que observavam com curiosidade a sua veste manchada, Aimone apressava-se em direção a casa.

Sentia-se leve, como há muito não lhe acontecia. Apesar de os últimos acontecimentos não o justificarem, experimentava uma espécie de eufórica excitação. Procuraria o médico Enrico e iria falar-lhe do velho judeu; embora o conhecesse há pouco tempo, a sua intuição dizia-lhe que poderia contar com ele. E talvez, se Deus quisesse, juntos conseguiriam salvar o pai de Raquel... Perdido nos seus pensamentos, não deu por uma senhora que, vestida com um fato pardo, o observava de longe, parada junto de uma loja da Via Porticata. Quando desapareceu da sua vista, a mulher sorriu: as pedrinhas já estavam em cima do tabuleiro, refletiu, e talvez, com a benevolência do Onnipotente, todos os nós se soltassem. Grata pelo dom que lhe fora concedido, a senhora apressou-se na direção da sua casa.

## Capítulo 26

Na hospedaria, sufocava-se. Apesar de as portas de entrada e de saída estarem abertas, uma mistura de odores pairava no ar: o perfume apetitoso da carne assada sobrepunha-se ao odor ácido do peixe, enquanto ambos eram dominados pelo eflúvio pesado e húmido de uma sopa demasiado apurada. Enrico fixava a mesa; ao contrário do costume, ainda não terminara o prato, em cuja superfície, de barro, nadavam os restos untuosos. Depois de ter levado distraidamente o copo aos lábios, uma careta de desgosto estampara-se no rosto do médico.

-O vinho desta taberna mais parece mijó de gato! E pensar que há uns dois anos se comia bem aqui; lagostins do rio, perdizes, verduras da horta muito bem estufadas e um vinho... Nem fazem ideia de como era bom o vinho! O estalajadeiro tinha-me confidenciado que era fruto das vinhas de San Colombano, uma colina que se ergue próximo do Lambro, quase na confluência do Pó; ora, o mais certo é esses campos terem sido devastados pelas contínuas incursões dos soldados do imperador e não terem sido de novo cultivados, porque, isso eu estou certo, o vinho já não é o mesmo...

Aimone ouvia, perguntando-se intimamente qual a razão que levaria Enrico a enrolar a conversa com aqueles discursos inúteis, em vez de responder prontamente à sua pergunta. Durante a refeição falara-lhe calmamente, procurando não deixar transparecer a ansiedade e a emoção; explicara-lhe o que se passava com Raquel e com o pai, Pedira-lhe que, ignorando por uma vez a habitual rivalidade entre Médicos cristãos e judeus, fizesse qualquer coisa pelo velho Isaac.

Lisonjeara-o, alimentando-lhe a vaidade e, sobretudo, pedira-lhe insistentemente que não cometesse qualquer traição contra os dois judeus, denunciando a sua presença na cidade. Enrico ouvira primeiramente surpreendido, depois, ao que parecia, aborrecido. Não fizera comentários; continuava a debicar o que lhe tinham servido sem apetite. Aimone não ousara solicitar-lhe uma resposta pronta, temendo que a sua pressa produzisse qualquer efeito negativo. Agora, porém, perante aquela conversa fútil, a sua ansiedade começara a crescer; às tantas, não fora uma boa ideia interpelar aquele homem quem sabe se a tentativa que fizera para ajudar Raquel, em vez de vantajosa, não iria causar-lhe mais problemas ainda.

- Dizei-me - retorquiu de repente Enrico, desviando subitamente o olhar do

copo e fixando intensamente Aimone -, deveis certamente pensar que sou estúpido, não? O castelão, surpreendido com aquela pergunta repentina e aparentemente insensata, olhou-o de boca aberta.

- Não - prosseguiu o médico em voz baixa -, não, não é nada disso, de contrário não iríeis pôr-me ao corrente de um segredo que poderia revelar-se arriscado para ambos. Se foi a mim próprio que pedistes um parecer e um pouco de ajuda, a vossa escolha só pode ter duas motivações: ou sou o único médico que conheceis aqui na cidade, ou então confiais no meu profissionalismo. Ora, se quanto à primeira motivação estou absolutamente seguro, sobre a segunda, tenho as minhas dúvidas. Em qualquer dos casos, expusestes-vos a um belo risco; como podeis estar tão certo de que, depois de sair daqui, não me dirija ao Broletto para denunciar aqueles dois judeus? Sou demasiado velho para não saber reconhecer as lisonjas e as adulações que me são feitas tendo como finalidade a obtenção de qualquer favor...

Aimone fixava-o estarecido; que raça de resposta aquele homem lhe iria dar? E por que razão estaria a repreendê-lo como se se tratasse de um menino atrevido? Uma ponta de cólera apertou-lhe a garganta: vendo bem, Enrico estava a falar com um castelão, não propriamente com o mais miserável dos campónios! Como se permitia, então, pôr em dúvida as suas palavras, que, além do mais, haviam sido serenas e razoáveis? Depois de um momento de silêncio que aproveitou para perscrutar a sua expressão tensa, o médico voltou-se novamente para Aimone, ao mesmo tempo que um sorriso trocista lhe atravessava o rosto.

- Irritei-vos, não é verdade, castelão? Fostes ofendido na vossa dignidade aristocrática pelas palavras de um médico? O que são os médicos, no fundo, estais a pensar, senão uns magos, uns alquimistas? Como podem eles competir com o valor militar dos cavaleiros ou a habilidade política dos regentes? Oh, certamente, nós estamos ao serviço de quem nos paga melhor, como fazem as prostitutas desta taberna, mas é a única afinidade que temos em comum com elas; tudo o resto é estudo, é arte, é aplicação. Tendes alguma ideia de quantos anos passamos debruçados sobre os livros e a fazer prática não remunerada antes de podermos examinar e avaliar de modo correto o pote das urinas, ou antes de podermos praticar uma sangria? Hipócrates, o pai de todos os médicos, chamou a nossa profissão de «arte longa», exatamente por estas razões, porque levamos toda a vida a investigar, a avaliar, a sopesar, a refletir, a confrontar...

Se bem que pronunciadas num sussurro, as palavras de Enrico iam-se



carregando de raiva: o rosto corara, os olhos chispavam. Aimone, perturbado, por sua vez, olhava-o sem ousar interromper-lhe o discurso.

Perguntando-se quantas humilhações aquele homem não teria suportado ao longo da sua vida para se mostrar tão suscetível face a uma pessoa que mal conhecia, esperou que Enrico terminasse.

- E no entanto - prosseguiu o médico, baixando mais ainda o tom da voz -, no que respeita aos vossos judeus, ficai a saber que não faz parte dos meus hábitos denunciar quem quer que seja. Nunca, na minha profissão, reneguei o juramento que nos impõe o segredo e a discrição no que respeita à vida dos nossos pacientes, e não é agora que tenciono fazê-lo. Além disso, e embora não faça alarde desta minha opinião, nunca considere os médicos judeus nem perigosos nem dignos de desprezo. Em Lucca, a minha cidade natal, existe uma enorme comunidade judia e, entre ela, são inúmeros os físicos e os cirurgiões; mesmo que até agora nunca me tenha acontecido ter de consultar nenhum deles, sempre lhes ouvi fazer as melhores referências. Nunca pensei que uma crença religiosa diferente pudesse influenciar um diagnóstico ou um tratamento: os humores do corpo são sempre quatro, quer se trate de um cristão ou de um judeu, assim como igual permanece o número dos ossos, dos dentes e das veias. Em Montpellier, donde regressei há pouco, existe, há quase um século, uma florescente escola de medicina cujos mestres são considerados, por todos, como a máxima fonte do saber: ora, naquela universidade não se fazem distinções, existem estudiosos árabes, judeus, cristãos e todos se ocupam apenas da transmissão da arte médica, do confronto de experiências, da descoberta de novos tratamentos e de novos remédios...

As últimas frases pronunciadas por Enrico haviam-lhe mudado o tom de voz: a raiva de há pouco desaparecera. Agora, que descrevia a sua profissão, a forma era a de uma dissertação apaixonada. Dando-se conta de ter falado demasiado tempo sozinho sem deixar espaço às intervenções do seu interlocutor, o médico afagou o queixo com uma das mãos e calou-se.

Ainda incerto sobre a resposta que iria ouvir, se bem que a conclusão do discurso lhe parecesse reconfortante, Aimone não ousava interromper-lhe o curso dos pensamentos, achando que Enrico talvez tivesse ainda algo a acrescentar.

Depois de ter suspirado profunda e ruidosamente, o médico fixou o seu comensal e continuou: - Ide ter com essa jovem judia eizei-lhe que amanhã, à hora das completas, irei a sua casa para visitar o pai; na verdade,

para o examinar em profundidade, seria preferível a luz do dia, mas por uma questão de segurança de ambos, minha e dela, será melhor aproveitar as trevas, quando a gente desta cidade mesquinha já tiver mergulhado na sua própria cama... Recomendai-lhe que arranje velas e que tranque bem as portas e as janelas; ninguém deverá ver-me. Não que eu tenha alguma coisa a temer pela minha pessoa: a minha fama está bastante consolidada mesmo aqui e a *podestà* ainda precisa dos meus cuidados...

É por eles, pelos dois judeus que me preocupo e por vós. Dizei-me, Aimone, o que vos liga àquelas pessoas, e mais, tendes realmente a certeza de querer correr semelhante risco por eles? Apanhado de surpresa pela pergunta, Aimone hesitou; depois, sem satisfazer a curiosidade do médico, limitou-se a anuir em silêncio.

Não seria necessário, pensava, que uma outra pessoa ficasse a conhecer os seus sentimentos relativamente a Raquel; ele próprio os achava ridículos e sem qualquer fundamento. Que imagem iria alguma vez dar de si próprio se revelasse o seu segredo? Depois de o ter observado por um momento com uma expressão de perplexidade, Enrico pousou umas moedas sobre a mesa e levantou-se.

Aimone imitou-o e seguiu-o para fora da taberna.

- Então estamos combinados, à hora das completas... Esperai-me perto da Basílica dos Apóstolos, na Via Porticata: daí guiar-me-eis até à casa dos judeus. Adeus, Aimone, até amanhã.

A despedida apressada do médico não surpreendeu o castelão.

Havia-lhe dito que, naquela mesma tarde, teria de ir novamente visitar *podestà*; na cidade constava que a sua saúde estava a melhorar claramente desde que Enrico começara a tratá-lo.

Hesitando entre ir a sua própria casa ter com Bartolomeo ou a casa de Raquel avisá-la, decidiu-se pela segunda hipótese; o seu filho podia esperar, até porque devia estar ocupado numa das habituais visitas à cidade. Naquele dia, um dos seus criados mais fiéis ia acompanhá-lo numa visita à Basílica de San Simpliciano, que, como já lhe fora explicado pela monja porteira, se podia incluir entre as igrejas mais antigas da cidade. Aimone esperava que o sacrário riquíssimo e o livro litúrgico cheio de iluminuras belíssimas de que tanto ouvira falar estivessem expostos sobre o altar, de modo a que pudesse admirá-los.

O interesse crescente que o filho demonstrava pelas artes e pelas letras enchia-o de orgulho e era mais um motivo para lhe dar a conhecer esta

cidade, que, dentro de poucas semanas, abandonariam.

Este último pensamento apertou-lhe o peito de tal forma que, por instantes, a sua respiração ficou suspensa; iriam embora assim que a sua missão diplomática terminasse e Raquel sairia então da sua vida. Para sempre. Parou; não, não era possível, não, se o destino lha pusera no caminho, não poderia renunciar a ela. Não fora Séneca, recordou estupefacto com aquele inopinado clarão da memória, que escrevera «Ducunt fata volentem, nolentem trahunt»? E agora, que o destino lhe guiava os passos, por que razão opor-se-lhe, por que razão ignorar os seus sinais? Estava apatetado, talvez que a paixão, há longo tempo adormecida, estivesse a sobrepor-se à razão... Não tinha respostas para as suas dúvidas; à falta de certezas, havia seguido por uma vez o instinto. Se as suas ações viessem depois a revelar-se imprudentes, iria humildemente suportar as suas consequências.

Com passo decidido, dirigiu-se à Porta Romana. Relativamente perto, o sino da Basílica dos Apóstolos bateu a hora nona.

## Capítulo 27

O cavalo estava nervoso. A paragem forçada nas margens daquele pântano cheio de moscas também aborrecia o seu cavaleiro, que, no entanto, a achara necessária. O homem mandara os seus dois impedidos em missão de reconhecimento para verificarem se seria possível transpor o Muzza, atravessando os campos, em vez de continuar pela estrada de Melegnano, onde sabia que os Milanese estavam a fortificar fossos e canais para impedir o avanço das tropas imperiais. Demasiada tropa ao longo das estradas poderia significar que iria ter maior dificuldade em manter-se incógnito; claro que não pensava que todos os soldados da liga reconheceriam as suas feições, mas era preferível manter a prudência. O cavalo agitou-se de novo.

O homem suspirou: se ao menos os seus joelhos pudessem cingir os flancos poderosos do seu murzelo *Dragão* em vez de apertarem os flancos atrofiados deste mísero animal de carga! Por outro lado, e caso montasse um cavalo de raça, como iria conseguir passar por peregrino? Ninguém, alguma vez, acreditaria na sua falsa identidade, e o certo é que, para o bom sucesso do seu projeto, era-lhe fundamental passar completamente despercebido.

Um dos sacos presos aos flancos do cavalo movimentou-se irrequieto, como que subitamente dotado de vida. Sentindo aquele frémito por detrás das coxas, o homem virou-se e fez como que uma Carícia no tecido rugoso.

-Vá lá, vê se te manténs quieto por mais um pouco! Em breve iremos parar e então poderás caçar o que quiseres...

Tranquilizado por aquela voz que conhecia tão bem, o falcão imobilizou-se. Enquanto acomodava melhor o saco, para que ao longo da caminhada, não batesse de encontro ao flanco do cavalo o homem avistou Tarik, que regressava seguido por outros dois servos: - Há soldados por todo o lado, senhor - disse ofegante enquanto descia da sua cavalgadura -, mas são todos imperiais. Vêm de Lodi e dirigem-se para Salerano, sobre o rio Lambro, onde, ao que consta têm a intenção de dar luta. Até lá não devemos ter problemas: os camponeses fugiram, ficaram apenas vacas, cabras e galinhas e algum velho que vagueie apalermado pelos campos... Depois de termos atravessado o rio, poderemos seguir pela estrada de Vidigulfo e depois de Landriano, que é relativamente próximo, teremos o caminho livre para

Milão, onde entraremos pelo campo...

-Ao longo da estrada que vem de Pavia, é isso que dizes? interveio o cavaleiro. -Aquela por onde se estendem os casebres dos humilhados? - Essa mesma - respondeu Tarik. - Penso que, uma vez que o grosso dos milaneses e dos seus aliados se está a movimentar ao longo da estrada para Lodi, a zona de Pavia estará mais desguarnecida...

- E, portanto, mais segura... - concluiu, por sua vez, o seu interlocutor. - Tarik, estou realmente satisfeito contigo, és um perfeito informador, poderei até eleger-te meu conselheiro militar! Mas agora vamos, temos de sair deste pântano mefítico: quero chegar a Vidigulfo antes de escurecer...

Sem mais demoras, o homem esporeou o cavalo e, enterrando o capuz até aos olhos, precedeu os seus companheiros na direção do coração do bosque que ladeava o pântano de Selvagreca; atrás dele, Aisha seguia a passo miúdo montando a sua cavalgadura. Também o seu rosto, como o do seu senhor, se escondia por detrás do capuz: ao vê-la, ninguém alguma vez conseguiria perceber que se tratava de uma sarracena.

## Capítulo 28

Pela segunda vez, nesse dia, Bella bebe a sua poção; era muito amarga e queimava-lhe as vísceras, mas a verdade é que, em pouco mais de uma semana, a libertara da febre. A própria decocção de capsela, o remédio com o qual todos os dias limpava as feridas, mostrara-se muito eficaz; já conseguia sentar-se e caminhar normalmente, sem sentir aquela dor pungente no meio das pernas. Estava a caminho da cura, disso tinha a certeza, e mesmo as forças, aos poucos, estavam a voltar. Seria sempre grata àquela jovem judia que a tratara com tanto jeito; sem a sua ajuda, provavelmente teria morrido, devorada pelas febres e consumida pela hemorragia. Remigio queria pagar, de qualquer maneira, os serviços que a judia lhes havia prestado, mas Raquel recusara.

- Não sou médica - respondera-lhe - e não posso aceitar nada pela visita que fiz a Raquel.

Apenas ficara com as duas moedas que Remigio lhe metera na mão como pagamento pelas ervas medicinais que lhes fornecera, recomendando, mais uma vez, que as utilizassem corretamente: - Dizei à vossa senhora - repetira ela - que reparta a quantidade de acordo com as instruções que lhe dei, porque se se enganar na dose, o remédio pode converter-se num veneno.

Depois de lhe ter dado conta da conversa, Remigio descrevera a Bella as condições de miséria em que a judia vivia, acrescentando que, pelo que vira e ouvira, o pai estava gravemente doente, talvez mesmo moribundo.

- O que vai ser dela se ficar órfã? - perguntara-se. - como é que uma rapariga judia, sozinha neste mundo, vai poder continuar a viver nesta cidade? A quem poderia recorrer, senão aos seus pouquíssimos correligionários, donos das casas de penhores aqui de Milão? E achas por acaso que, interessados como estão nos negócios com os cristãos, sejam eles aristocratas ou simples lambe-botas da *podestà* lhe iriam dar apoio só pelo facto de ser judia? Fariam dela uma serva nada mais do que uma serva deles!... Mesmo tomada pelo delírio da febre, Bella compreendera bem a situação da rapariga e, ao imaginar a sua vida futura de vagabunda, revivera a sua amarga existência como lhe acontecera a si própria, aquela desgraçada teria de renunciar aos sonhos, iria confrontar-se com a indiferença, a crueldade, o desfrute.

Juntamente com Remigio, decidira que, assim que tivesse recuperado as

forças, iriam a casa dela oferecer a ajuda de que necessitasse: no fundo, pensavam, que diferença poderia alguma vez existir entre uma prostituta cristã e uma jovem judia, se ambas compartilhavam a mesma miséria? Ela, pelo seu lado, vivia no pavor de ouvir bater à porta.

Desde que sofrera aquela violência feroz, não voltara a sair de casa. Tinha feito constar na vizinhança que estava doente e acrescentara que durante um certo período não iria aceitar clientes. Esperava que a notícia chegasse também aos ouvidos de Lanfranco. Embora até ao momento ele não lhe tivesse aparecido, só a perspectiva de o ver de repente à sua frente aterrorizava-a. Remigio ouvira dizer que ele andava a urdir intrigas para obter um importante cargo público junto da comuna. E ela esperava que esse novo empenhamento o tornasse mais cauteloso, desviando-o dos seus hábitos violentos. Muitas vezes alimentara a ideia de o denunciar, acusando-o daquele longínquo e despropositado assassinio, mas desistira sempre; quem iria alguma vez acreditar nas palavras de uma prostituta? E depois, se as suas acusações não tivessem maneira de ser provadas e ele permanecesse em liberdade, o que seria dela? Lanfranco iria seguramente matá-la, como fizera com Caterina, com os dois pobres caseiros e, provavelmente, com o criado que o ajudara a levar a cabo os seus crimes, há tantos anos, já... E, além disso, existia Dorotea. Bella pensava muitas vezes na menina: via-a pequenina, a chorar envolta numa mantinha, a gritar toda a sua fome e todo o seu desespero ao longo da estrada para Milão. Quando a deixara à porta de San Celso, assustada de morte com a ação que ia cometer, chorara muito e depois, num último adeus, beijara-lhe a cabecinha e aqueles dois dedos unidos *por* um pedaço de pele... Para onde teria ido Dorotea? Ainda estaria viva? Teria alguma vez conseguido saber quem fora a sua verdadeira mãe? E se tivesse descoberto a sua identidade, como conseguiria suportar a dor de saber que ela fora tão barbaramente assassinada? Depois de ter bebericado a poção, Bella saiu para o quintal.

O calor era sufocante; o retângulo de céu que se abria por entre os telhados das casas vizinhas escondia-se por detrás de uma capa opaca que lhe apagara o azul estivo. A mulher içou o balde do poço e, com esforço, despejou a água sobre a terra árida onde cresciam uns nabos e alguns miseráveis tufos de hortaliça. A atenção do cão, que como sempre seguia cada gesto da dona, fora agora subitamente atraída pelo delicado voltejo de um pássaro que pousara sobre a erva; com um salto, ao mesmo tempo que ladrava sonoramente, tentou apanhá-lo, mas o pássaro, mais rápido,

levantou voo.

-Também já estás curado, ao que vejo...

Acariciando-o afetuosamente, Bella sorriu para o animal e, segurando-o pela trela, levou-o novamente para dentro de casa. Pela primeira vez, naquela tarde, ia sair de casa; tencionava ir até às poucas bancas daquele miserável mercado que era montado, uma vez por semana, nas ruelas do seu bairro. Na verdade, não se tratava de um mercado autorizado como os que diariamente se espalhavam pela cidade, dentro das muralhas; aqui, os vendedores eram poucos, uns camponeses pobres que carregavam os seus produtos vindos dos arredores na esperança de assim engordarem os magros proventos do seu trabalho no campo e nos estábulos. A atmosfera que se respirava entre estas bancas era de inquietação e circunspecção: por mais de uma vez, Bella assistira à chegada súbita dos enviados da *podestà*, que, ameaçando tanto os comerciantes como os clientes com a cadeia e as pesadas sanções pecuniárias, tentavam fazer cumprir as regras impostas pela comuna no respeitante a mercados e feiras. Nessas ocasiões, os camponeses, alterados, escondiam as suas mercadorias e dispersavam, rapidamente, na direção do campo, enquanto os compradores retomavam, a toda a pressa, o caminho de casa. No entanto, aquelas incursões da autoridade constituída não tinham conseguido, até agora, mudar as coisas. Bella sorriu amargamente para consigo mesma, pensando que, apesar de a comuna ter instituído as suas próprias normas administrativas, todos, naquela cidade, viviam como lhes parecia melhor. Ela própria não exercia a sua profissão num bordel organizado, mas, contra todas as regras, recebia os clientes na sua Própria casa: todos o sabiam, como todos sabiam também que, para lá do fosso, todas as semanas havia mercado. E depois? Que sentido tinham todas aquelas proibições, se, na realidade, ninguém estava à altura de as fazer respeitar? No fundo, o que significava uma autoridade que, passados vinte anos, ainda não se perguntara o que acontecera a uma jovem aristocrata, e nem sequer se deixara tocar pela dúvida de que o seu inexplicável desaparecimento pudesse ser atribuído a um assassinio? Como e por quem poderia ser desmascarado Lanfranco Calgario, que agora, além do mais, estava prestes a entrar e a fazer parte daquele círculo de poder? Uma súbita pontada na barriga interrompeu os seus pensamentos. Bella sentou-se; tinha de se acalmar, não podia permitir que a angústia que sempre sentira por causa da sua patroa se transformasse numa raiva generalizada. No fundo, era ainda jovem e tinha ainda muitos anos pela



frente: se ela e Remigio conseguissem juntar bastante dinheiro, dentro de pouco tempo sairiam da cidade, transferindo-se, possivelmente, para as encostas da montanha onde ele escavava à procura de prata. Ali iriam poder construir uma casinha e, criando galinhas e algumas ovelhas, seriam finalmente livres. De repente, sentiu vontade de rezar.

- *Ave Maria, gratia plena, benedicta tu in...*

Como era o resto daquela oração? Como eram as palavras que, em criança, a avó, aldrabando o latim, lhe ensinara e que, depois, viera a aprender corretamente com a mãe de Caterina? Há quanto tempo não rezava a ave-maria nem o pai-nosso? Há quantos anos não transpunha a porta de uma igreja? Num impulso, levantou-se e compôs a veste: às vésperas, decidiu, iria a San Calimero, o lugar de culto mais próximo da sua casa, mesmo a seguir às muralhas. Permanecendo ali na sombra da nave, de modo a que ninguém a visse, iria recordar as palavras, rezaria, deixando-se envolver pelos cânticos e pelas invocações, com os quais os outros, como ela, imploravam a proteção do Altíssimo.

## Capítulo 29

As quatro velas iluminavam o quarto. Sobre a mesa que Raquel e Aimone haviam colocado perto da cama de Isaac, o pote com as urinas esperava a análise de Enrico. O reflexo das chamas desenhava sombras inquietantes e fugazes no rosto do médico: os seus olhos atentos perscrutavam ainda o corpo de Isaac. Havia-lhe apalpado o abdómen, apoiado o ouvido nas costas e no peito, rodado as articulações dos braços e das pernas, observado demoradamente a língua e o branco dos olhos, cheirado o hálito. O velho judeu, perfeitamente consciente de estar a ser observado por um colega pelo menos tão hábil quanto ele, deixara-se examinar com resignação, escondendo o mal-estar que aqueles gestos experientes infringiam ao seu pudor. Isaac conhecia a fama de Enrico da Bergognone e, quando dois dias antes, Raquel lhe anunciara que seria exatamente esse o médico que viria observá-lo, mostrara-se perturbado e recusara a visita: dissera que não tinha necessidade de nenhuma consulta, que o diagnóstico da sua doença já fora feito por si próprio e que os tratamentos que a filha lhe fazia eram mais do que suficientes para o curar. Foram as lágrimas de Raquel que o demoveram: a rapariga, compreendendo muito bem que o pai já havia renunciado à vida, entregara-se a um longo e inconsolável pranto. Perturbado com o desespero da filha, Isaac aceitara então a visita, na condição de que Raquel não estivesse presente no quarto: havia alegado razões de Pudor, mas, na realidade, não queria que Raquel ouvisse dos lábios do médico cristão um diagnóstico que, estava certo disso, iria ser **funesto**.

Neste momento, e enquanto o colega se preparava para inspecionar as urinas, Isaac fechara os olhos, à espera. Depois de ter cheirado o líquido cor de âmbar contido no bacio, Enrico mergulhou a mão dentro dele e avaliou a sua consistência entre a polpa dos dedos. Depois, depondo uma gota na ponta da própria língua, provou-lhe o sabor; por fim, erguendo o vaso de encontro à luz trémula das velas, observou-lhe a cor e a transparência.

- Urina cor de açafão... - murmurou o médico para consigo mesmo -, estranho...

Perplexo, ergueu novamente o bacio sem deixar que o líquido se agitasse e observou-o novamente.

-A urina parece mais turva na parte central do que no fundo ou à

superfície...

Isaac reabriu os olhos e, levantando-se com esforço do enxergão, ousou finalmente dirigir-se a Enrico.

- Peço-vos - sussurrou - que não informeis do diagnóstico mais ninguém além de mim e, sobretudo, que não digais nem uma palavra à minha filha. Penso conhecer já a conclusão a que chegastes e estou certo de que é igual à minha...

Em silêncio, Enrico colocou o bacio sobre a mesa e, sentando-se no banquinho em frente da cama, fixou Isaac, que, com determinação, lhe retribuiu o olhar.

- Segundo me parece - começou o médico -, a doença deve ter sido desencadeada pela bília amarela. O problema é que... pelo que vejo, já deve ter invadido muitas vísceras e a *epidosis* <sup>{3}</sup> da doença já deve ter atingido a *akmè* <sup>{4}</sup>... não sei se haverá *chàlasis* <sup>{5}</sup> nesta altura...

- Por outras palavras - continuou Isaac dirigindo-se a ele -, não tendes a certeza de a doença ser curável. Pois bem, deixai que por uma vez seja o paciente a confirmar o diagnóstico: a doença não se vai curar. Não é curioso - prosseguiu o velho, esticando os lábios numa careta trocista - que, depois de eu ter curado tantas pessoas com a febre dos pântanos, seja exatamente esta doença a provocar-me a morte? Foram inúmeros os charcos que atravessámos ao longo da nossa viagem de Salerno e, como deveis saber, a estada perto desses lugares malsãos provoca frequentes vômitos, disenteria e febres.

Aí está, perguntei-me frequentemente qual será a causa destas febres e, embora tenha há muito estudado e feito testes, ainda não consegui compreender: aquilo que observei nos meus pacientes e que agora verifico em mim mesmo é que, se a doença febril não se cura no decurso das primeiras semanas, as vísceras sofrem uma espécie de progressiva consumação. O baço incha, o fígado, os pulmões, o próprio sangue deixam de cumprir as suas funções, os humores intoxicam todo o organismo e o doente morre. Quase se poderia pensar que o corpo hospeda e faz prosperar, para seu próprio dano, um qualquer maléfico e voraz demónio dos pântanos... Dizei-me, sabeis seguramente mais do que eu sobre este aspecto particular da matéria médica? A falta de ar voltara: a lucidez mental com a qual Isaac exprimira o seu pensamento não tinha correspondente na força física. À espera de uma resposta de Enrico, abriu os braços espetando os cotovelos e dobrou-se sobre si próprio para respirar melhor.

Estupefacto com aquele raciocínio tão bem articulado que nunca antes suspeitara pudesse ser expresso por uma pessoa em tão grande sofrimento, o médico fixou o velho com grande respeito e abanou a cabeça em sinal de negação.

-Vede, então - prosseguiu, rouca, a voz de Isaac -, neste momento, qualquer tratamento é inútil. Todos os emplastros, as cataplasmas, os pessários de que tenho conhecimento já foram aplicados; Raquel até já me administrou triaga e mesmo um remédio tão forte como esse não surtiu efeito. Já nada pode servir. Sei que a morte está próxima; não a desejo, é certo, mas também não a temo. Vivi já muito tempo e exerci com consciência a minha profissão; a única coisa de que me lamento foi ter perdido a minha mulher demasiado cedo e agora ter de deixar a minha filha. Ela queria ter seguido a nossa mesma arte, sabeis? Esperava que a aceitassem na escola de Montpellier, para onde nos dirigíamos, mas agora não sei, não creio... Não lhe digais, peço-vos, quão próximo está o meu fim, deixai-lhe algumas esperanças...

A boca de Isaac permaneceu aberta como se quisesse continuar a falar, mas dos seus lábios não saiu nem mais um som: os olhos fecharam-se e o corpo, sacudido por um violento arrepio, abateu-se sobre o enxergão. Enrico observou-o por um instante, depois, após ter dobrado o cobertor, colocou-lhe a mão sobre a testa e mediu-lhe o pulso. A febre regressara e o batimento do coração, embora quase imperceptível debaixo da sua pele delicada, estava muito acelerado.

O médico levantou-se e, depois de ter apagado três das quatro velas, abriu a portinha que levava ao outro quarto. Pálida e hirta Raquel estava de pé, mesmo por detrás da porta. Observando o seu rosto aterrorizado, Enrico suspeitou que ela teria ouvido tudo; certamente o hábito muito exercido de espiar a mais ligeira alteração da respiração do pai ter-lhe-ia apurado o ouvido ou, então, estivera, simplesmente à escuta, sabendo bem que Isaac iria querer mantê-la na ignorância do diagnóstico.

Aimone, que o acompanhara, permanecera, por discrição encostado à porta de entrada: enquanto no outro quarto se desenrolava a visita, não ousara abrir a boca. Embora o impulso o mandasse aproximar-se de Raquel para a confortar, a prudência e o respeito tinham-no induzido a manter-se no seu canto.

Depois de ter estudado por um tempo a sua expressão, Raquel dirigiu-se ao médico. A voz tremia-lhe.

- Senhor, sei que o vosso juramento vos impede de comunicar a quem quer que seja o diagnóstico, mas, uma vez que serei eu a tratar o meu pai, gostaria pelo menos de conhecer a vossa opinião acerca dele, saber se os simplices utilizados até aqui estão adequados e se serão úteis neste caso...

Enrico fixou a rapariga: os seus olhos, lúcidos de ansiedade febril, estudaram-no à espera de resposta. Uma expressão de piedade, que nele não era nada habitual, apertou-lhe a garganta; pigarreando e escolhendo as palavras com todo o cuidado, respondeu-lhe.

- A doença do vosso pai, como vós mesma já percebestes, é deveras grave. Os tratamentos que até agora lhe haveis aplicado são dos mais apropriados e, seguramente, aliviaram o sofrimento e diminuíram as crises. O que podereis juntar aos outros remédios já adotados é a raiz de uva-espim, que, de acordo com a minha experiência, se revelou muito eficaz contra as febres de bÍlis amarela. A cor de açafão das urinas que acabei de examinar é bem semelhante à das flores da uva-espim: como seguramente sabeis, a aparência do remédio deve ser a mesma do mal, ou seja, que o semelhante cure o seu semelhante... Porém, não deveis utilizar as flores da planta, mas a casca da raiz, que, uma vez colocada em infusão, produzirá um denso suco amarelo. Devereis dar-lhe a beber esta poção de manhãzinha, na hora nona e nas completas, ao todo, três vezes ao dia: vereis que a nova terapia, juntamente com as outras, mostrar-se-á eficaz para melhorar, afrouxar o... a...

Faltaram-lhe as palavras para concluir aquela dissertação profissional; perturbado pelo olhar agudo de Raquel, que o fixava muda, não conseguiu pronunciar a última, a palavra definitiva. Irritado consigo próprio por aquela demonstração de pouca competência oratória, ia retomar o fio ao discurso quando a jovem o ajudou.

- A agonia, quereis dizer? - sussurrou Raquel com uma voz firme.

Os seus olhos, inchados de choro contido, olhavam-no pungentes.

- Senhor - continuou decidida -, a vossa compaixão para connosco foi grande e ficar-vos-ei grata para sempre. - Sois um bom médico, como o era o meu pai, e a vossa competência profissional ficou demonstrada também pela vossa indulgente piedade para com dois judeus: ninguém vos obrigava a vir a esta casa e no entanto viestes, arriscando mesmo a vossa segurança e a vossa reputação.

Conforta-me saber que entre os médicos cristãos existe pelo menos um que coloca a sua arte antes da inveja e da superstição, preferindo estudar as

doenças, seja qual for o corpo, cristão ou judeu, de que provenham. O meu pai ensinou-me muito e em todos estes anos pude observar e experimentar juntamente com ele. Embora seja ainda jovem, aprendi a distinguir uma doença curável de uma fatal; neste caso, o doente não se curará, o miasma dos pântanos penetrou nele e já chegou ao fígado, aos intestinos, ao coração... Não me enganeis, portanto, com um diagnóstico piedoso mas mentiroso; disse-me antes quanto tempo, segundo vós...

Raquel calou-se, baixando finalmente os olhos, como que à espera de uma condenação há muito prevista. Enrico, incrédulo com aquele discurso calmo e sapiente que ouvira dos lábios de uma rapariga tão nova e aparentemente indefesa, observou Raquel com uma consideração nova. Antes de responder, lançou um olhar a Aimone, lendo nos seus olhos a mesma enorme surpresa: o castelão, do seu canto, ao fundo do quarto, havia ouvido tudo e agora fixava-o à vontade.

-Ouvi, Raquel - começou Enrico, indicando com um gesto da mão uma direção imaginária fora da casa. - Os sinos de um mosteiro qualquer aqui próximo estão a anunciar a noite e amanhã tocarão as laudes e as vésperas e depois ainda o noturno... Quantos dias passarão ainda, nos quais contareis as horas, sem saberdes qual será a que vos separará do vosso pai? Não o sabeis, assim como eu não o posso saber: não creio que ciência alguma, incluindo a minha, nos permita prever o instante da nossa morte. Deixemos que seja o nosso Deus ou o vosso, cujo nome não se pode pronunciar, a decidir; não temos a pretensão de conhecer tudo. Mantende-vos perto do vosso pai e procurai aliviar-lhe o sofrimento do coração, mais do que o do corpo. Outra coisa, por agora, não posso dizer-vos...

Raquel anuiu. Voltando-se, abriu o cofre, dele retirou uma pequena bolsa de couro e dela algumas moedas; depois, insegura estendeu-as a Enrico. Admirado por aquela proposta de pagamento que não pretendia, o médico ia recusá-la com enfado quando Aimone o preveniu. Avançando a passos rápidos, atravessou o quarto, colocou-se ao lado de Raquel e exortou-a a guardar o dinheiro.

-O médico não pediu nada - disse apressado -, a sua vinda aqui não passou de uma visita de cortesia. Guardai essas moedas, Raquel, poderão ser-vos úteis numa outra ocasião...

A rapariga corou violentamente e, balbuciando umas desculpas, repôs o saquito no seu lugar. Depois, procurando não deixar ranger as dobradiças enferrujadas, abriu lentamente a porta que dividia os dois quartos e ficou à

espera de ouvir a respiração do pai.

- Dormi, Raquel, não vos preocupeis... - recomendou Enrico, lendo, no rosto da jovem, a sua ansiedade. - Por algumas horas, o seu sono será tranquilo; quando acordar, dai-lhe a primeira poção de crespino. É isto - acrescentou, procurando na sua bolsa de médico bem fornecida -, aqui está a raiz da planta; só tenho esta de momento, mas será o suficiente para uns dois ou três dias. Vou procurar outra na farmácia do Brolo e quando voltar a ver o doente, vou trazê-la comigo...

Raquel recolheu na palma da mão o grande bolbo nodoso e, com as pontas dos dedos, acariciou a sua casca rugosa. Depois, ergueu o olhar para Enrico, esboçando um sorriso de enorme gratidão. Perturbado com aqueles olhos penetrantes e pela singular beleza da jovem, que nem a fadiga conseguira apagar, o médico virou-se rapidamente e dirigiu-se para a porta.

- Vou ficar em Milão ainda por umas semanas - informou, austero, sem voltar a olhar para a rapariga. - Dentro de alguns dias voltarei aqui uma vez mais para me certificar da eficácia do tratamento.

- Fez um rápido aceno de despedida e saiu para a ruela. Voltando-se então para Raquel, Aimone pronunciou uma frase única e breve.

- Se me permitis, voltarei amanhã ou depois de amanhã; podereis ainda precisar da minha ajuda...

O olhar suplicante do castelão fora muito mais eloquente do que as suas palavras; Raquel compreendeu. Depois de ter anuído com um aceno tímido da cabeça, murmurou um agradecimento e acompanhou-o até à porta. Lá fora, a escuridão era apenas interrompida, ao longe, pelo foco deslumbrante das tochas dos soldados de ronda às muralhas. O médico, enquanto esperava, impaciente, o seu companheiro, esforçava os olhos na direção do fosso para verificar se, apesar da hora tardia, seria ainda possível entrar na cidade.

Os sinos tinham há pouco deixado de tocar o noturno. Os dois homens estugaram o passo; no espaço de poucos minutos, a Porta Romana seria fechada e ninguém, mesmo que munido de um salvo-conduto, conseguiria transpô-la.

*Nisan*, que voltara finalmente a entrar em casa vindo do quintal, onde fora deixado durante a visita de Enrico, correu a cheirar, fremente, a cama de Isaac; tranquilizado pela sensação que tivera, voltou para junto de Raquel abanando o rabo e pôs-se a lambe-lhe as mãos. Perplexo, farejou o cheiro inusual da sua pele e espirrou ruidosamente.

Sorrindo, a rapariga pegou-lhe e colocou-o sobre o enxergão, onde, por sua vez, se deixou cair sem sequer se despir. Estava exausta. Aos poucos, a sua consciência perdia-se no meio do sono: a noite que agora começara seria breve.



## Capítulo 30

As orelhas do cavalo pendiam-lhe para a frente sobre a parte superior do focinho, onde, mesmo debaixo da crina negra, se desenhava uma grande mancha branca que se ia perdendo por entre os grandes olhos amendoados. A pele do animal era de um belo castanho ambreado, luzidio pelo suor da galopada há pouco concluída: poderosas, sobre os jarretes bem lançados, as coxas mostravam uma retícula de veias que se prolongava sob a barriga. De tempos a tempos, a longa cauda negra chicoteava o ar, rasando as moitas.

Damiano estava agachado entre os arbustos debaixo de um grande choupo, distraído a esmigalhar com as mãos uma grande fogaça de centeio. Em frente dele, rindo despreocupada, Allegranza esperava ser servida: a mão enfaixada descansava no colo, enquanto, com a outra, recebia os pedacinhos que o namorado lhe entregava. Em torno deles saltitavam uns passarinhos à procura das migalhas escondidas entre a erva.

- Agora só me faltava que fosse preciso dar-te de comer como uma criança recém-desmamada! - sussurrou Damiano. Da sua boca, que ao mesmo tempo ria, mastigava e falava, uma migalha saltou e foi depositar-se sobre a veste de Allegranza. À vista do pedacinho de fogaça preso no seu corpete, a rapariga irrompeu numa gargalhada irreprimível, que em breve *venceu* a expressão mortificada que se desenhara no rosto de Damiano. O jovem riu com ela e as suas vozes felizes ressoaram pela clareira.

Subitamente, distraído do seu paciente remoer, o cavalo ergueu a cabeça e, arrebitando as orelhas, sacudiu a crina: um relincho nervoso fez-se ouvir, alto, no silêncio do bosque, até então apenas interrompido pelo piar dos pássaros.

-Quietos, Raio! - ralhou Damiano, parando de rir. - Está sossegado ou somos descobertos! O animal fixou, inquieto, o seu dono e, depois de um instante de incerteza, baixou o focinho sobre a erva.

- Não podemos ficar aqui por muito mais tempo - disse Allegranza, levantando-se e sacudindo as migalhas do vestido. -A minha mãe não sabe que vim encontrar-me contigo hoje e, mesmo que o suspeite, nunca iria imaginar que viríamos até aqui, ao Quadronno! É melhor ir andando, Damiano: antes de regressar a casa preciso ainda de um tempo para que o cheiro a cavalo se desvaneça ou Angiolina irá dar por isso...

O rapaz olhou-a: depois de ter depositado na palma da sua mão ligada um

beijo suave, prendeu-a pela cintura e puxou-a para si. Os seus olhos encontraram-se, brilhantes de desejo.

- Não, pára... - pediu Allegranza num sussurro ofegante -, não podemos, bem sabes... Temos tempo, eu não...

As palavras morreram na garganta da rapariga, apagadas pelos lábios de Damiano, que pousaram nos seus. Enlaçado nela, o companheiro arrastou-a de encontro ao tronco do choupo: as suas mãos exploravam o vestido, apalpando timidamente os seios e as ancas, voltando ao pescoço delicado e aos longos cabelos sedosos.

- Basta, peço-te, basta... Temos de ir andando! - repetiu Allegranza, libertando-se, com algum esforço, dos braços do seu namorado.

Damiano, com o rosto corado e as pernas vacilantes, fixou-a por um longo instante, em silêncio: depois, apanhando o bernal do chão, dirigiu-se para o cavalo. Allegranza seguiu-o. Já perto do animal, esperou que o rapaz a ajudasse a subir. Damiano protelou os gestos como se quisesse adiar o momento da partida. Finalmente e ao mesmo tempo que a expressão de Allegranza se ia descompondo, as palavras há muito sufocadas na garganta saíram exasperadas dos lábios do rapaz.

-Amo-te, sabes? Amo-te e desejo-te mais do que tudo... deves compreender... o meu corpo não me obedece... como posso esperar mais tempo ainda?... Porque não me queres?...

Os olhos de Allegranza arregalaram-se: no espaço de um instante, à surpresa seguiu-se uma consciência antiga, maturada por gerações de mulheres que viveram antes dela. A sua boca abriu-se num sorriso, cúmplice e simultaneamente maternal.

-Também eu te amo, mais do que alguma vez amei a minha mãe ou o meu pai ou até o meu próprio irmão. O sentimento que sinto é qualquer coisa de novo para mim e não sei defini-lo: sabes que Angiolina e Graziolo são apenas meus pais adotivos e que Hamid foi, também ele, como eu, adotado. Pois bem, eu respeito-os e preocupo-me com eles, em suma, acho que os amo. No entanto...

como poderei saber de que modo teria amado a minha mãe verdadeira ou o meu pai verdadeiro? Como poderei distinguir os diversos graus do amor, se não pude experimentar o daqueles que me deram a vida? Como posso estar segura de que o arrebatamento que sinto relativamente a ti não é apenas causado por uma perturbação irrefletida dos sentidos? Esperemos, pois, Damiano. Esperemos mais um pouco, pelo menos até teres a certeza de que

a tua família aceita este casamento: no fundo, os teus pais nem sequer ainda me viram, não sabem que a minha família não passa de uma família de camponeses... E depois, esta mão... Será que esta ferida vai ficar completamente curada, conseguirei eu esconder de quem quer que seja que, quando nasci, o Diabo tocou nos meus dedos? Os olhos de Allegranza, que até então se tinham mantido secos, começaram, aos poucos, a encher-se de lágrimas. Damiano estreitou-a nos braços e, tentando desatar o nó que lhe apertara a garganta, beijou-a de novo delicadamente. Depois, sem comentar o que acabara de ouvir, ajudou-a a subir para o cavalo e montou por sua vez. O animal, incitado pelos joelhos do seu cavaleiro, virou-se e, enterrando as ferraduras na erva alta, dirigiu-se até ao limite do bosque, na direção da cidade.

Juditha esperou que o último pardal abandonasse o terreiro coberto de erva, por debaixo da árvore. Depois, olhando à sua volta, cuidadosa, e escutando cada respiração da floresta, saiu da moita fofa de avelaneiras atrás da qual se escondera e dirigiu-se ao choupo. Ali permaneceu imóvel, debaixo da densa folhagem que distribuía a sua sombra sobre a clareira subjacente: fechou os olhos e, mal respirando, voltou as palmas das mãos abertas para a terra. Depois de um longo momento, foi sacudida por um violento arrepio: os olhos escancararam-se-lhe revelando as pupilas dilatadas e a boca estendeu-se-lhe num esgar de horror. Um grito soltou-se-lhe da garganta e, para o sufocar, Juditha cobriu os lábios com os braços. Em seguida, procurando dominar a tremura das mãos, retirou do fundo do bolso do avental um ramo de gengibre e, mantendo-o erguido à sua frente, deu três voltas em torno da área onde até há pouco tinham estado sentados os dois jovens.

- *Hemen Aquerra hetan! Hemen Aquerra hetan!* - pronunciou violenta, contendo, no entanto, o som da voz para não se fazer ouvir: - Satanás, anjo celerado, não irás conseguir privar esta virgem da vida! Eu, Juditha do Quadronno, expulsarei dela e deste lugar o teu espírito maléfico! Vai-te, bode maldito, volta para aquele que já possuíste e que nasceu para espalhar a morte! Vai e que os teus cornos trespassem o coração de quem é teu filho!  
*Har goteh damall...*

A última maldição saiu-lhe áspera da garganta; Juditha humedeceu os lábios secos e ajoelhou-se. Depois de ter arrancado alguns tufo de erva, rasgou profundamente a terra que ficara com a extremidade pontiaguda do ramo de zimbro, desenhando uma espiral estritamente fechada sobre si

própria. Escavando o seu centro, abriu um buraco onde espetou nove agulhas e sete bagas de zimbro. Em seguida, recolhido o humo que havia retirado, tapou a pequena cavidade e espalhou em seu redor mais terra, nivelando-a cuidadosamente.

A espiral desaparecera. Depois de ter coberto tudo com erva e folhas, Juditha levantou-se. O suor que lhe escorria pelo rosto colava-lhe os longos cabelos arruivados à testa e ao pescoço, tornando-a semelhante a uma meada de cânhamo emaranhada tingida de carmim.

De repente, um sopro de vento, vindo sabe-se lá donde, despenteou-a.

Grata pelo surpreendente sinal do qual só ela conhecia o significado, Juditha, finalmente, sorriu. Ajeitou então o vestido, virou-se e, com largas passadas decididas, dirigiu-se para o seu casebre.

Dois passarinhos, que à chegada da mulher haviam pousado nos ramos, planaram novamente por cima do choupo procurando as últimas migalhas, mas, de repente, desapareceram. O vento, rápido, como chegara, assim desapareceu, restituindo ao bosque a humidade pesada da canícula estiva.

-Ora vamos lá ver estes dedos...

Enquanto retirava com todo o cuidado as ligaduras que envolviam a mão de Allegranza, Angiolina sorria. O cheiro astro do cavalo ainda se entranhava nos fatos da sua filha: embora a tivesse visto sacudir vigorosamente o vestido pouco antes de entrar em casa, algumas hastes de erva seca permaneciam presas à bainha. A rapariga não conseguira ocultar, do seu olfato apurado e dos seus olhos perspicazes, o lugar onde se encontrara com Damiano. Angiolina não tinha dado a perceber que havia notado o que quer que fosse: apesar de se admirar consigo própria pela recente indulgência que mostrava para com os seus próprios filhos, preferira calar-se. Talvez, pensava ela, a forma resoluta que Allegranza demonstrara ao interpelar o médico judeu a tivesse feito mudar de opinião sobre a própria função de mãe. Se bem que, como qualquer outra, tivesse sofrido toda a espécie de ansiedades pelos próprios filhos adotivos, a sua missão já podia dar-se quase por concluída, pelo menos no que tocava a Allegranza. A rapariga que criara estava já uma senhora, determinada e consciente, decidida a viver a sua própria vida de forma autónoma e Deus sabia como naquela cidade se precisava de gente forte! Angiolina andara a informar-se, com muita discrição, sobre o jovem Damiano e a sua família, e as informações que recebera eram tranquilizadoras.

Apesar de se tratar de um comerciante abastado, o pai era conhecido por

não manifestar a habitual bazófia dos outros membros das corporações mercantis. Talvez isto se devesse ao facto de a sua fama de armeiro, que crescera com o tempo, derivar apenas das suas capacidades intrínsecas: Gerardo Martinengo, nascido do povo, nunca alinhara, no decurso dos anos, com nenhuma facção política dentro da comuna, e isso tornava-o diferente dos outros comerciantes que, assim que podiam, se ligavam a este ou àquele partido para aumentar a sua reputação e a sua fortuna. Angiolina mostrava-se, no entanto, um tanto desconfiada quanto à forma como Allegranza iria ser acolhida por aquela família: no fundo, tanto ela como Graziolo eram pessoas dignas, que sempre haviam trabalhado duramente para garantir a si próprios e aos filhos o respeito da comunidade.

Agora, ao mesmo tempo que libertava os dedos da filha das ligaduras que a protegiam, sonhava que, com aquele casamento, Allegranza iria talvez poder gozar de uma vida mais tranquila do que a sua.

-Oh, mãe, veja só como a ferida cicatrizou tão bem! Allegranza, com o rosto iluminado por um sorriso, observava a mão, erguendo-a de encontro à luz, virando a palma da mão para a direita e para a esquerda, afastando os dedos.

-Tem cuidado, Allegranza, tem cuidado com esses dedos e deixa-me ver melhor...

As primeiras duas falanges dos últimos dedos estavam livres: da pele que outrora os unira apenas restava uma minúscula aba, que se enrugava, já quase completamente seca, ao longo da parte inferior da articulação. A pele, em toda a volta, mostrava-se diáfana mas compacta e elástica.

-Tens uma mão digna de uma marquesa, minha filha! exclamou Angiolina, admirando aquele incrível trabalho de precisão -, penso que já deves poder tirar a ligadura: a Raquel disse-me para manteres os dedos cobertos apenas uns vinte dias, não mais, e depois, assim que os restos de pele começassem a sair, recomendou que deixasses a mão ao ar e à luz. Basta teres um pouco de atenção - acrescentou, piscando o olho, divertida para a filha - e não te metas a mexer nas silvas nem a escovar o pelo dos cavalos...

Allegranza ergueu de seguida os olhos para a mãe: a surpresa havia-lhe dilatado as pupilas numa expressão atemorizada que, no entanto, apenas durara um instante. A benévola condescendência que leu no rosto de Angiolina apagou imediatamente todos os seus temores.

Sorriu, tímida e, num ímpeto de afeto que não precisava de palavras, abraçou-a fortemente. Ao mesmo tempo que um nó de comoção começava a apertar-lhe a garganta, Angiolina acolheu-a entre os braços e acariciou-lhe

os cabelos, apertando-lhe o rosto de encontro ao peito.

- Mãe... mãe... O que aconteceu, mãe? - gritou Hamid.

O rapaz, que subira há pouco a ruela, ficara imobilizado à porta. A sua voz, ofegante pela corrida que acabava de fazer, ficara comprometida ao ver a mãe e a irmã naquela atitude de recíproca consolação.

- Vem cá, Hamid, vem cá tu também - disse Angiolina, libertando-se do abraço e enxugando as pálpebras húmidas -, vem tu também admirar a mão da tua irmã!...

Mesmo sem perceber o motivo daqueles olhos inchados, Hamid obedeceu.

-Está tão bonita como a minha! - exclamou o rapazinho, colocando a sua própria mão ao lado da de Allegranza.

A gargalhada que aquela frase provocou tranquilizou-o: mesmo sem compreender o motivo da hilaridade que suscitara, pensou que realmente não acontecera nada de mal. Tranquilizado, foi remexer debaixo da cama, para onde entrara a bola de trapos: depois de a ter examinado atentamente, veio mostrá-la a Angiolina.

- Mãe, a bola tem um buraco. Para já, só passa um fio de palha mas se o buraco cresce, a palha vai sair toda... como hei-de jogar depois com os meus amigos com uma bola toda rota? - Deixa-a aqui - respondeu a mulher -, logo ta arranjo. Para já, tu e os teus amigos terão de arranjar outro passatempo, ou então - - acrescentou austera - poderás ajudar-me a juntar as cinzas para a barrela...

A estas últimas palavras, o miúdo virou-se numa pressa e, veloz como um rato, desatou a correr porta fora. As duas mulheres desataram a rir.

- A vontade do teu irmão para trabalhar é realmente pouca! exclamou, divertida, Angiolina. - A propósito de trabalho, o que te disse o ecônomo Aicardo sobre as tuas funções no hospital? Poderás continuar a ajudar as monjas da farmácia, como fizeste nas últimas semanas, ou terás de voltar ao trabalho? - Não, mãe, dão-me licença para continuar a envasar as ervas juntamente com a irmã Giuliana. Ela está muito contente com o meu trabalho e acho que convenceu o ecônomo a deixar-me ficar com ela: estou convencida de que, a este propósito, deve ter havido uma altercação com a rabugenta daquela freira que passava a vida a ralhar-me! Se antipatizava tanto comigo, não percebo por que razão queria que eu continuasse a trabalhar com ela! - Devia querer alguém com quem implicar, é claro! Não há nada pior, para se ficar intratável e duro de coração, do que cuidar dos doentes e dos moribundos; se ainda por cima se juntar a isso a velhice e a solidão... Pois é, minha filha, poucos são os santos que andam por aí e, acredita, passar toda uma vida ao serviço de quem se suja com os próprios vômitos, as próprias fezes ou te enche os ouvidos com lamentos que nada têm de humano não é seguramente coisa que adoce um feitio! Sabes lá tu o que aquela pobre velha monja esperava da vida antes de entrar no mosteiro? Também ela já foi uma jovem cheia de esperanças exatamente como tu, e agora que elas se converteram todas em desilusões e que a vida está a caminhar para o fim, como queres que ela exercite a benevolência para com os outros, se não a tem nem para consigo própria? Nunca te deixes tomar pelo ressentimento, Allegranza; mesmo que aquela mulher te tenha feito a vida negra, procura encará-la com compaixão. Reza, antes, por ela e por todos nós...

Angiolina levantou-se e dirigiu-se à porta da rua. Fora, na ruela, com as costas apoiadas à parede, o filho cantarolava uma lengalenga com os olhos fechados, enquanto dois rapazes andavam em volta dele furtivos, procurando um lugar onde esconder-se. Estava a levantar-se um vento forte e húmido: daí a pouco chegaria um temporal.

## Capítulo 31

- **Pai, tem de acreditar** em mim! Porque não quer acreditar em **mim?**... : A voz de Bartolomeo tornara-se mais estridente e a boca adquirira um trejeito que era prenúncio de choro. No seu rosto corado pela excitação, os olhos enchiam-se de lágrimas de raiva. A incredulidade que o rapaz mais uma vez lera no olhar severo do pai indignava-o.

Como poderia ele pensar que lhe contava a mesma mentira há três dias? E com que finalidade, por que razão? Quando, assim que regressara de San Simpliciano, se precipitara para ele para lhe contar quem havia visto no claustro da basílica, julgara que Aimone iria compartilhar da sua surpresa e da sua alegria. Em vez disso, no entanto, depois de ter ouvido com desconfiança as suas palavras, o pai havia-o duramente repreendido pelo descaramento com que, segundo ele, inventara toda a história. Prevenira-o de que não construísse fantasias, que, acrescentara, não iriam servir, obviamente, para abreviar a sua estada em Milão.

- Não é seguramente por minha culpa - esclarecera - que o arcebispo a quem devo pedir audiência ainda não regressou ao seu palácio! Eu próprio julgava que esta viagem seria mais breve e, embora me desagrade o facto de já estares aborrecido com esta cidade, ficas a saber que não poderemos sair daqui sem ter cumprido a minha missão.

À imediata desilusão por o pai não ter acreditado nele substituíra-se a indignação quando, no dia seguinte, repetira toda a história: ora, depois de pela terceira vez ter lembrado ao pai o seu malogrado encontro em San Simpliciano e uma vez mais ele não ter acreditado, a cólera transparecia, furibunda, no seu olhar embaciado pelas lágrimas.

Aimone, admirado pela ineficácia das suas severas e reiteradas palavras de reprovação, observava o filho. Estava perplexo. Nunca acontecera Bartolomeo continuar pertinazmente a sustentar as suas razões depois de uma repreensão; além disso, as tolices gratuitas, tão frequentes nas outras crianças, não faziam parte do carácter esquivo do filho, que, desde sempre, se mostrara muito consciencioso para a sua idade. Perguntando-se se, por um acaso fortuito e completamente incrível, Bartolomeo não teria realmente visto a pessoa de que falava sentou-se num banquinho e, aproximando-se do rapaz, pediu-lhe para lhe contar de novo tudo o que se passara.

-O vosso servo acompanhou-me até à basílica - começou Bartolomeo, com



os olhos pregados no chão - para me mostrar o sacramentário, mas não pudemos ver nada porque a igreja está cheia de andaimes e de carpinteiros e operários que estão a fazer umas obras nas abóbadas. O altar estava despojado de toda a ornamentação e, ao longo das paredes das naves, um pintor e os seus ajudantes pintavam uns frescos. O criado queria ir perguntar aos monges se podíamos ir ver o sacramentário à capela, mas os operários disseram-nos que naquele preciso momento estava a ser rezada a liturgia da hora terça. Então o criado decidiu que voltaríamos numa outra altura.

Saímos da basílica e demorámos um instante no pórtico para nos reabituarmos à luz. Lá dentro estava muito escuro e o sol da manhã cegara-nos por um instante. Enquanto piscávamos os olhos, vi....

Bartolomeo engoliu com esforço e respirou fundo. Em seguida, depois de dar um grande suspiro, recomeçou a falar.

- Vi uma figura que me parecia conhecida: caminhava depressa, acabara de dobrar a esquina da igreja e dirigia-se para o claustro do mosteiro. Tinha os cabelos curtos, alourados, a barba um pouco mais cinzenta e o habitual hábito negro esvoaçava-lhe em torno do corpo.

Era...

- Era?... - perguntou calmamente Aimone.

-Era o Frade Matthew, pai! Estou certo do que digo, Reconhecê-lo-ia onde quer que fosse, era o Frade Matthew! Nos olhos do rapaz, que agora se tinham erguido e fixavam o pai, misturavam-se o medo e a desconfiança. A sua voz, monocórdica até então, elevava-se agora aguda e vibrante.

- E ele, o frade, não te viu? - perguntou o castelão.

- Não, pai, acho que não. Ia com muita pressa e nós estávamos na penumbra, debaixo das colunas do pórtico. Tenho a certeza de que não me viu. Se tivesse dado por mim, certamente teria vindo cumprimentar-me, ficaria surpreendido por me encontrar em Milão, ter-me-ia abraçado...

Bartolomeo calou-se, inseguro. A pergunta do pai perturbara-o.

E se se tivesse enganado? Se tivesse visto apenas um monge parecido com Matthew? Quem lhe assegurava, por outro lado, que o frade se iria ainda recordar dele depois de todos aqueles meses e que, ao vê-lo de novo, o teria realmente abraçado? Talvez a saudade que sentia por aquele homem o tivesse levado a ver a sua imagem onde não estava... Mortificado, baixou de novo os olhos e fixou o chão.

Aimone observou o filho. A dor e a dúvida que via estampadas no seu rosto

havam-no convencido definitivamente: o rapaz não mentia. Talvez tivesse apenas imaginado que vira Matthew, mas, em qualquer dos casos, não inventara aquela história de propósito.

Arrependendo-se intimamente pela excessiva severidade que mostrara nas conversas com Bartolomeo, pensou na forma de se redimir.

Os acontecimentos daqueles dias, mas, sobretudo, o pensamento em Raquel, haviam-no distraído dos seus deveres de pai, privando-o da justa sensibilidade para com o filho. Mordiscando um dos lábios, dirigiu-se ao rapaz.

-Sabes o que vamos fazer? Vamos juntos a San Simpliciano e perguntamos aos monges se, por acaso, têm como hóspede um frade beneditino inglês...

- E quando iremos? - perguntou subitamente Bartolomeo, reencorajado pela credibilidade que o seu pai lhe demonstrava e pela perspectiva de encontrar Matthew.

Refletindo no pouco que lhe era necessário para reaver a confiança do filho, Aimone envergonhou-se mais ainda: pegando-lhe nas mãos, finalmente sorriu.

-Vamos hoje mesmo, se quiseres, à hora nona. O temporal de ontem refrescou um pouco o ar, não deve estar muito calor...

Os olhos de Bartolomeo arregalaram-se numa expressão de Pura alegria. Não conseguindo conter a excitação, deu um salto, seguido de uma pirueta, sobre si próprio. Seguidamente, depois de ter balbuciado um agradecimento precipitado, saiu da sala.

Aimone permaneceu sentado fixando a porta escancarada.

Afagando o queixo com a mão, numa atitude que há já muitos anos lhe era habitual, refletia sobre a própria solidão. Quanto não teria pago para que aquela fugaz visão que o filho tivera fosse real! A presença de Frei Matthew, em Milão, tê-lo-ia enchido de consolação; a ele poderia seguramente confiar todas as suas incertezas sobre o seu papel de educador e, se conseguisse superar o embaraço iria deveras poder pedir-lhe conselho sobre a perturbação que o encontro com Raquel lhe provocara. Com esta atitude, seguramente abdicaria da sua imagem pública de personalidade com poder, revelando-se pelo contrário, aquele homem solitário e duvidoso que era. Por outro lado, não iria certamente temer abrir o seu próprio coração a Frei Matthew, que, meses antes, no seu castelo de Graines, se revelara um companheiro respeitoso, fiel e de quem, apesar de tudo, se sentia próximo.

Suspirando, levantou-se e saiu para a galeria. Das cozinhas onde as monjas preparavam o almoço para os seus pensionistas, vinha um delicado perfume a sopa de legumes, tinha quase a certeza: devia ter hortelã, cujo aroma inconfundível se expandia pelo ar. Aimone sorriu, voltando a prometer que mandaria Teodoro, o frade esmoler de Graines, semeá-las na horta da hospedaria.

Em frente do lavadouro, um jovem noviço varria o chão de pedra. À medida que se avizinhava da entrada do refeitório, a poucos braços da fonte, os seus gestos tornavam-se cada vez rápidos. Aimone, ligeiramente intimidado, mantinha-se próximo da entrada do claustro: atrás dele, Bartolomeo espiava cada esquina, na esperança de ver aparecer por detrás da coluna o objeto da sua procura. O noviço aproximou-se - Estais à espera de alguém? - perguntou com delicadeza.

- Não, quer dizer, talvez... - respondeu o castelão, embaraçado.

- Bem, se fosse possível, queríamos falar com o abade, mas ele não está informado da nossa presença aqui: procuramos uma pessoa que poderia estar aqui no mosteiro...

O jovem monge deixou que o olhar lhe voasse pelas vestes de Aimone; devia tratar-se de um aristocrata, pensou, e mesmo o rapaz que o acompanhava não estava propriamente vestido como um rapaz do povo. Devia tratar-se de gente importante, com certeza, e, se não atendesse o seu pedido, iria arriscar-se a uma repreensão do abade.

Apesar de o frade despenseiro lhe ter recomendado que se despachasse nas suas incumbências quotidianas, impunha-se, na realidade, abandoná-las por um momento.

-Se quiserdes, posso perguntar ao meu superior; se o abade estiver aqui tenho a certeza de que vos receberá.

Aimone agradeceu-lhe. Depois de ter encostado à parede a grande vassoura de sorgo, o noviço desapareceu por uma das portas baixas que conduziam ao corredor lateral. O sol, ainda alto, no céu, iluminava os tijolos rosados de toda a construção, conferindo à abside e à torre sineira uma solene e pacata imponência.

Presa a um dos lados do poço que surgia no meio do claustro, uma planta de clematite alongava as suas viçosas hastes trepadoras, floridas de corolas brancas e verdes. Moitas ordenadas de rosas selvagens faziam uma coroa a toda a volta, criando, com o vermelho pálido dos seus botões, um agradável contraste com o verde ainda incrivelmente vivo da erva. De um lado, uma

jovem cerejeira, já despojada dos frutos, oferecia a sua sombra à terra.

Subitamente e ao mesmo tempo que os olhos de Aimone seguiam fascinados o voo de duas pombas que, dos contrafortes externos da basílica, planavam graciosamente sobre o bocal do poço, um velho frade saiu da passagem que conduzia ao parlatório e dirigiu-se a ele.

- Bom dia, senhor. O noviço informou-me de que estais aqui para pedir audiência ao abade. Eu sou o Frade Giustino, o camareiro de San Simpliciano. Posso saber com quem tenho a honra de falar? - Bom dia, irmão. Sou Aimone de Graines e este é o meu filho Bartolomeo. Viemos do vale Augusta e estamos de passagem por Milão. Na verdade, além de querermos prestar as nossas homenagens ao abade, queríamos pedir notícias de um monge da vossa ordem que deve estar aqui hospedado no vosso mosteiro. É um estrangeiro e...

- Neste momento, só existe um frade estrangeiro aqui no mosteiro - interrompeu-o o camareiro -, podeis compreender, com todo este vaivém de delegações entre o papa, o arcebispo, o imperador...

Hospedamos sobretudo confrades franceses mas há também um alemão e até um inglês...

O coração de Aimone parou por momentos. A seu lado, Bartolomeo deixou, por momentos, de respirar. Os seus olhos arregalados fixavam o frade camareiro. Sem se dar conta da perturbação que as suas últimas palavras haviam provocado nos seus interlocutores, Frei Giustino continuou o seu discurso.

-Este é um dos maiores mosteiros da cidade e acontece frequentemente virem aqui de visita confrades de outras regiões que se encontrem de passagem por Milão. O nosso abade, Arnolfo da Sala, nunca recusa ninguém, quer seja proveniente de um pequeno mosteiro ou o representante do arcebispo... De qualquer modo, neste preciso momento o abade está na sala do capítulo em reunião com o notário do mosteiro. Assim que a conversa tiver terminado, dir-lhe- -ei da vossa visita. Será que podereis esperar um pouco? Aimone acenou afirmativamente, ainda incapaz de responder à letra. O frade, orgulhoso pelo bom acolhimento que as suas palavras haviam tido por parte de um aristocrata de modos tão requintados acrescentou um conselho.

- Enquanto esperais, podereis ocupar-vos prestando homenagem aos nossos mártires Sisínio, Martírio e Alessandro, cujas relíquias estão conservadas há séculos no sacelo por detrás do transepto da basílica.

Se quiserdes, posso acompanhar-vos até lá. Assim que o abade estiver disponível, virei chamar-vos...

Aimone agradeceu-lhe e, apoiando fortemente a sua mão nas costas de Bartolomeo, apressou-se a segui-lo.

-Mas, pai - murmurou Bartolomeo, caminhando hesitante ao seu lado -, não é melhor ficarmos no claustro, para o caso de passar...

-Calado! - sussurrou Aimone, apertando agora o braço do filho. - O camareiro foi muito simpático connosco, não podemos mostrar-lhe que desprezamos os tesouros da basílica. Por agora vamos com ele, depois, assim que falarmos com o abade, logo veremos.

Desiludido, o rapaz baixou a cabeça e prosseguiu. Depois de terem contornado o transepto, por fora, encontraram-se em frente de uma pequena construção de adobe. A entrada, dominada por uma abóbada baixa em semicírculo, conduzia a um espaço em cruz grega, fechado, ao fundo, por uma minúscula abside. Ao centro, sobre o chão de barro amassado, um soco de pedra carregava um sarcófago ricamente esculpido. Pelas estreitas aberturas da abside entrava uma luz fraca.

- Aqui estamos - disse Frei Giustino em voz baixa -, deixo-vos aqui. Estou certo de que a sacralidade deste lugar vos suavizará o tempo da espera.

Satisfeito por ter levado habilmente a cabo a sua tarefa, o camareiro voltou para trás, apressado.

Bartolomeo, vagamente inquieto pela atmosfera espectral do sacelo, continuava agarrado às vestes do pai, sem ousar mexer um músculo sequer.

-Vem, meu filho - exortou-o Aimone -, vamos para junto das relíquias para fazermos uma oração. Quem sabe se estes mártires não intercederão por nós, possibilitando-nos o encontro com o teu frade...

Ajoelharam-se em frente do sarcófago e, com as mãos postas e a cabeça baixa, começaram a rezar. Mas *no* fervor da invocação, o latim repetido mecanicamente permitiu-lhes libertar o pensamento das palavras que iam pronunciando. Os pensamentos de Aimone corriam para Raquel, enquanto os de Bartolomeo regressavam às longas tardes passadas com o Frei Matthew, que, um ano antes, lhe ensinara a língua dos latinos e a sua história.

Perdidos numa espécie de estado hipnótico em que a sacralidade daquele lugar imerso em silêncio os havia mergulhado, continuaram a rezar. Foi a progressiva falta de luz que os despertou. De repente, sem conseguir imaginar há quanto tempo estavam ali, encontraram-se no escuro. Uma

penumbra espessa e inquietante inundava o sacelo.

Bartolomeo foi sacudido por um longo arrepio e olhou para o pai.

Aimone, compreendendo bem o temor irracional do filho, que, aliás, ele próprio sentia, levantou-se e pegou-lhe pela mão.

- Vamos, Bartolomeo, já rezámos bastante. Se Frei Giustino ainda não veio chamar-nos, acho que isso significa que, por hoje, a audiência não nos será concedida. Vamos, por isso, procurá-lo e pedir-lhe para marcar um encontro para estes próximos dias: verás que, mais tarde ou mais cedo, iremos conseguir...

As suas palavras foram interrompidas por duas vozes entusiasmadas que, do exterior, se iam progressivamente aproximando e, portanto, se tornavam cada vez mais perceptíveis. Admirados com aquele barulho repentino, Aimone e o filho estavam prestes a transpor a porta do sacelo quando duas figuras pararam junto do arco de tijolos.

Embora o Sol estivesse já muito baixo por detrás das paredes do mosteiro, o restinho de luz do dia feriu-lhes as pupilas dilatadas até então pela escuridão do sacrário. Foi Bartolomeo quem primeiro saiu daquele torpor. E esquecendo, por um instante, todas as maneiras senhoriais que sempre lhe tinham ensinado, deu um pulo para a frente e parou de olhos arregalados.

-Frei Matthew!!! Os três homens permaneceram imóveis. Aimone, pálido pela surpresa, estava parado sobre o degrau de pedra. Os braços Pendiam-lhe, rígidos, como os de uma estátua. Frei Giustino, com a oca aberta e os poucos cabelos em pé, girava os olhos de um lado Para o outro sem compreender o motivo daquela confusão. Matthew, encarnado, tinha as mãos contraídas sobre a pequena cruz de prata que lhe pendia do peito. Bartolomeo, que, após aquelas duas palavras que lhe saíram de jato, estancara em frente do frade, deu duas passadas cautelosas na sua direção. Matthew tentou falar mas teve de engolir por várias vezes primeiro que a voz lhe saísse.

- Bartolomeo! O que fazes tu por aqui?! Senhor - acrescentou voltando-se estupefacto para o castelão -, senhor, mas sois mesmo vós? Aqui?... Em Milão?!...

Aimone conseguiu finalmente respirar, já que, até então, o ar lhe ficara entalado no peito. Enquanto um sorriso aberto lhe inundava o rosto, avançou para Matthew e, sem falar, apertou-o num abraço comovido.

-Sim, Frei Matthew, somos nós, e viemos aqui ao mosteiro de propósito para vos encontrar! Foi Bartolomeo, sabeis, que me disse que vos tinha

visto aqui. Eu nem acreditava, mas ele insistia tanto para me convencer, que comecei a questionar-me se ele não estaria realmente a dizer-me a verdade...

As palavras de Aimone sobrepunham-se, apressadas, sem desta forma conseguir esclarecer ninguém, nem o seu interlocutor nem o frade camareiro, que, cada vez mais confuso, observava os dois homens.

- Mas o que vos trouxe a Milão? - perguntou, finalmente, Matthew, ignorando a expressão perplexa de Frei Giustino.

- É um problema complicado que vos explicarei no caminho.

Mas vós não deveríeis, também, ter continuado para...? Aimone conseguiu calar-se a tempo. As palavras que, levado pelo entusiasmo, ia proferir podiam revelar-se indiscretas na presença do camareiro; não conhecendo as razões que Matthew apresentara aos seus hospedeiros para justificar a sua presença na cidade, preferiu calar-se. O frade fixou-o, grato pela prudência demonstrada e, em vez de responder, sorriu para Bartolomeo e afagou-lhe afetuosamente os cabelos.

- E tu? Como vão os teus estudos? E o xadrez? Já conseguiste vencer o teu pai? - Já, algumas vezes - respondeu o rapaz, baixando os olhos, tímido -, mas a maior parte das vezes é ele que ganha e depois...

não temos muitas oportunidades para jogar os dois...

- Pois bem - interveio Aimone, alegremente -, que melhor oportunidade do que este inesperado encontro com Frei Matthew para disputar uma boa partida? Além disso, podes pedir-lhe que te aconselhe sobre algumas jogadas; quem sabe se não vais conseguir descobrir as minhas estratégias de jogo? E a propósito - acrescentou dirigindo-se ao frade - espero que os vossos afazeres aqui na cidade vos permitam dispor de algum tempo para aceitardes um convite e nos fazerdes companhia à mesa! Frei Giustino, que, num silêncio espantado seguia os dois homens, apenas compreendera, de todo aquele discurso, que, provavelmente, o aristocrata já não tinha necessidade de se encontrar com o abade, uma vez que seria aquele o dito frade estrangeiro que procurava no mosteiro. Satisfeito por, de qualquer maneira, ter resolvido o problema, ia já despedir-se quando, da porta do capítulo, Arnolfo apareceu.

Curioso por ter reparado que o frade inglês se encontrava na alegre companhia de um homem e de um menino que nunca vira antes, o abade dirigiu-se para eles.

Da sombra da aduela lateral da basílica, um desconhecido seguia cada um

dos seus movimentos. Encostado à base do arco de acesso ao transepto, o homem tinha o rosto coberto por um pesado capuz de peregrino. Mantinha-se imóvel; só as mãos, escondidas entre as pregas da veste, revelavam uma ligeira tremura. Mantendo-se sempre encostado à parede de tijolos e sem fazer o menor ruído, foi-se deslocando na direção da extremidade aberta da galeria, relativamente próxima do sacelo. A luz já fraca da tarde dilatava as sombras criadas pela estrutura da basílica alongando-as pelo chão.

-Vem aí o abade! - exclamou Frei Giustino, dirigindo-se a Aimone. - Mesmo pensando que já não precisais da sua ajuda acrescentou num tom prático -, acho que seria uma descortesia para com ele não o cumprimentardes, tanto mais tratando-se de um amigo de Frei Matthew...

Vagamente divertido com a ocasional lição de boa educação que recebera do frade, Aimone anuiu, indulgente e, dando a mão a Bartolomeo, foi ao encontro de Arnolfo.

O desconhecido que se deslocara para fora da sombra da aduela moveu-se agora na mesma direção, precedendo de uma vintena de passos o castelão: as costas arqueadas e o capuz enterrado tornavam-no em tudo igual a tantos outros penitentes que habitualmente encontravam abrigo na hospedaria do mosteiro. Arnolfo, cujo rosto mostrava uma expressão de benevolência para com os novos hóspedes, não reparara sequer no peregrino que se preparava para lhe interromper o percurso.

Só no momento em que o desconhecido lhe apareceu à frente se deu conta da sua presença. Estava prestes a saudar os visitantes quando o homem, tirando o capuz e erguendo-se em toda a sua estatura, levantou subitamente o braço por entre as pregas da veste. A sua mão segurava um estilete.

À vista da arma, os olhos de Arnolfo dilataram-se de horror. Sem lhe dar tempo de pronunciar uma única sílaba, o desconhecido adiantou-se e feriu-o. Com um gemido destrocado, o abade caiu no chão apertando o peito.

- Oh, Virgem Santa, o que está a acontecer? - gritou Frei Giustino. Quase em simultâneo com o seu grito, ouviu-se o de Bartolomeo.

- Mas o que é que... - balbuciou Matthew, tropeçando na relva.

O homem, dobrado por cima do abade, preparava-se para o atingir de novo quando sentiu um violento golpe nas costas.

- Que estás tu a fazer, bastardo?! - gritou Aimone, ao mesmo tempo que com os seus braços fortes imobilizava o falso peregrino.

Com o silvo digno de uma cobra venenosa, o homem desprendeuse das mãos do castelão e virou a arma contra ele.



Mas Aimone foi mais rápido. Na sua mão apareceu, subitamente, um curto punhal e, num segundo, a lâmina penetrou nas costas do adversário, que caiu descomposto no chão. O castelão, inclinado sobre ele, fixava-o.

-Pai, oh, meu Deus, pai, o que fizestes, pai?!...

O terror que percebera na voz do filho sacudiu Aimone.

De pé, atrás dele, fixava com os olhos esbugalhados a grande poça de sangue que, por debaixo das vestes do homem, se alargava sobre a relva.

- Oh, Virgem Santa, abade... Respondei-me, abade...

Agachado ao lado de Arnolfo, Frei Giustino levantou-lhe a cabeça sobre os seus próprios joelhos: o abade abriu muito os olhos e fez menção de falar, mas dos seus lábios apenas saiu um estertor rouco.

- Por misericórdia, chamai alguém! - gritou o camareiro sem se dirigir a ninguém em particular. - Correi a chamar o frade enfermeiro, depressa! Matthew, que o segurava de encontro ao seu próprio hábito, largou-o e precipitou-se para a hospedaria. O menino, privado do conforto piedoso do monge, deixou-se cair no chão como um saco vazio. Aimone, que continuava a observar o seu agressor já inerte, virou-se para o filho.

-Vai correr tudo bem - disse, desmentindo, pelo tom da sua voz as palavras que acabara de pronunciar. - Vai correr tudo bem.

Tratou-se de uma agressão cujos motivos desconheço, mas nenhum destes dois feridos corre perigo de vida; daqui a pouco vem alguém que tratará de ambos.

Quase a confirmar o que acabara de dizer, da porta lateral do claustro saíram, correndo, duas monjas, seguidas de Matthew. Enquanto os dois frades levantavam o abade para o transportarem para o seu quarto, Giustino virava o falso peregrino, examinando a ferida nas costas.

-Vais-te curar, filho de um cão... - murmurou, lívido. Depois, dando-se conta de que Matthew teria ouvido o seu impropério, colocou-se a seu lado e acrescentou: - Perdoai, irmão, a minha raiva, mas, sabeis, o abade é, para todos nós, como um pai e vê-lo objeto de uma tal agressão tão brutal... Não consigo compreender...Mas qual terá sido a razão que o levou a atingir um santo homem como Arnolfo? Por sorte a ferida não é grave: sangra muito, é certo, mas a verdade é que o punhal não lhe atingiu nenhum órgão vital. Como vedes, a respiração deste desgraçado está apenas um pouco acelerada e, embora tenha perdido a consciência, não irá morrer. Dai-me uma ajuda para o levarmos para a enfermaria: aí poderemos retirar-lhe as vestes, limpar a ferida e colocarmos-lhe umas ligaduras apertadas de forma a

estancar o sangue. Este homem tem de recuperar e depressa para nos dar as suas explicações e esperemos que sejam bem convincentes...

Aimone, branco como a cal, sentou-se na relva puxando o filho para si. Batia o dente e as suas mãozinhas, trémulas, apertaram-se nas costas do pai. Mergulhando o rosto na sua veste, conseguiu finalmente libertar o choro, convulsivo e incontrolável. Aimone apertou-o de encontro a si, sem falar, enquanto um cansaço profundo tomava conta de si. A enormidade do que acabara de fazer aniquilava-o. Não fora seguramente a primeira vez que, para defender alguém, desembainhara o punhal; além dos dotes políticos, a sua autoridade de castelão pressupunha também uma certa aptidão para a luta. No entanto, nunca imaginara ter de recorrer à arma durante a sua passagem por Milão.

Estava amargamente arrependido de ter levado Bartolomeo para aquela cidade desumana; o rapaz, completamente impreparado para conhecer o lado guerreiro do pai, ainda era muito novinho para poder compreender. Agora teria de explicar, justificar, começar a fazer com que o filho compreendesse que os acontecimentos da vida eram bem mais complexos do que o que até agora pudera experimentar no calmo dia-a-dia do castelo. Com um aperto doloroso no peito, questionava-se sobre o que, a partir deste momento, lhe iria acontecer: como conseguiria levar a bom termo a sua missão diplomática depois de ter ferido um homem, mesmo em legítima defesa? Alguém o iria certamente denunciar às autoridades, teria de dar contas das suas ações perante um juiz... Ao mesmo tempo que lágrimas de raiva se preparavam para lhe saltar dos olhos, o seu pensamento correu para Raquel. Depois do que lhe sucedera ali em San Simpliciano, estava certo de que não conseguiria sequer olhá-la, aproximar-se dela. O médico Enrico! Eis com quem deveria ainda falar! Iria implorar-lhe que tomasse conta da rapariga e do pai: afinal, aquele homem, que se revelara generoso e equilibrado, havia de poder fazer qualquer coisa...

Enquanto as sombras da noite envolviam com uma cor cinzenta uniforme as paredes do mosteiro, o sino da capela tocou as vésperas.

## Capítulo 32

A cela estava na penumbra. O batente da janela estava encostado para proteger o repouso de Arnolfo. Em cima da pequena secretária encostada à parede nua, uma taça de estanho cheia até meio de um líquido escuro largava no ar um cheiro amargo. Sobre o banquinho, uma pilha de ligaduras alvas de neve formava uma pequena torre.

Os olhos do abade, sublinhados por duas olheiras ainda mais escuras do que de costume, fixavam Matthew; o frade, sentado no bordo do escabelo, ao lado da cama, ouvia, deixando vaguear o olhar ao longo das fissuras do chão de pedra.

- Compreendeis, Frei Matthew? - prosseguiu Arnolfo, alisando as pregas da cobertura fina que lhe cobria as pernas. - Compreendeis agora ao que me refiro? Compreendeis finalmente as razões da prudência que eu próprio vos recomendei durante todas as nossas conversas? Vedes, portanto, até que ponto pode chegar o arrogante poder dos inquisidores? - Mas, abade... - Matthew ousou interromper -, parece-me de tal forma incrível que os menores tenham projetado atentar contra a vossa pessoa... Os menores, os herdeiros daquele Francesco que pregava o amor para com todas as criaturas! Não posso acreditar que...

- Santo Francesco revoltar-se-ia na tumba - interrompeu Arnolfo violento - se soubesse o que fizeram dos seus ensinamentos! Quereis convencer-vos, ou não?!, de que os frades menores, juntamente com os dominicanos, se tornaram o braço armado da Igreja de Roma contra a heresia? Que para acabar com todos os indícios de heterodoxia presentes nos comportamentos dos franciscanos o último papa os incluiu na hierarquia, encarregando-os, logo a eles, de perseguir quem quer que se afaste, nem que só um pouco, do dogma de Roma?! Não só perseguem os hereges como tentam eliminar também quem, segundo o seu ponto de vista, *não* denunciar a sua presença! O que confesso aquele Antonino da Lurate, aquele maldito que ousou erguer a sua arma contra mim? Disse que tinha sido encarregado por um frade mendicante, que não precisou melhor, do meu assassinio e que esse prometera pagar-lhe, assim que levasse a cabo o seu trabalho assegurando-lhe uma receita segura no condado mais afastado! Segundo vós, quem mais poderá ter sido esse presumível frade senão um emissário dos menores? Antonino nunca o tinha visto antes e não vos parece curioso que, logo a

seguir ao dia do atentado, Frei Gaudenzio ignorando ainda tudo, se tenha precipitado para aqui para me dizer que devia ficar alerta? Oh, o pobre homem, recordo-me ainda da sua expressão preocupada *ao* descobrir que a desgraça já fora feita! Frei Gaudenzio é um amigo querido; embora não pertençamos à mesma ordem, compartilhamos o amor pelas letras e pelas artes.

É um maravilhoso miniaturista. Quando decora as páginas dos salmos com o carmim e o anil, a sua mão voa, delicada, pelos pergaminhos...

- Mas - interveio Matthew, perplexo - o vosso arcebispo, aquele Leone da Perego, que voltou recentemente para a cidade, não pertence também à ordem dos frades menores? E então, como é possível? Não ides dizer-me que foi o próprio arcebispo a ordenar...

-Calai-vos, Frei Matthew! - vociferou o abade, estendendo uma mão na direção do frade. - Não digamos idiotices! Não é certamente ao arcebispo que é imputada a responsabilidade pela procura de sicários a contratar contra quem quer que seja! Embora a sua família seja de origem aristocrática, Leone soube conquistar a estima de todos os Milanenses, mesmo da gente do povo e dos deserdados, e sabeis porquê? Por ser um pregador excepcional: as suas palavras de fé, juntamente com a clarividência política, além de o terem convertido no candidato natural ao trono arqui episcopal, espalharam, e de que forma, a consideração pela ordem dos menores.- - Mas então... - murmurou Matthew cada vez mais confuso.

- Então, se, por um lado, Leone é um homem de indubitável valor pessoal, por outro, a cruzada que está a conduzir contra a heresia pode convir a muita gente. Sabei, Frei Matthew, que as palavras podem mudar de significado de acordo com as pessoas que as ouvem.

Admitamos que nas estâncias do poder civil ou eclesiástico eu não sou bem-visto por causa do meu feitio ou do modo como giro o mosteiro; que melhor ocasião teriam para, alegando a minha presumível incúria na denúncia dos heréticos de que tenha conhecimento, se desembaraçarem de mim e me substituïrem por um abade mais adaptável, mais condescendente? Não foi, certamente, o arcebispo que armou a mão de Antonino, até porque, como sabeis, há muito tempo que está ausente da cidade. Poderia ter sido, pelo contrário, alguém próximo dele que, depois de ter ouvido a sua vibrante pregação, tenha pensado em cavalgar a onda da indignação para eliminar um obstáculo aos seus próprios planos. No caso, esse obstáculo sou eu; vós

talvez o ignoreis, frade, mas este mosteiro goza, há já muitíssimos anos, de privilégios concedidos pelo poder civil e de indulgências e proteções concebidas pelo poder religioso. Há mais de dois séculos que San Simpliciano recebe continuamente doações úteis para manter pobres e doentes; muitos benfeitores deixaram-nos como herança somas substanciais e terras do condado: numa palavra, somos ricos.

E, como acho que bem sabeis, a riqueza dos outros faz inveja a quem não a possui, desencadeando os piores instintos, mesmo em pessoas insuspeitas... Nós, homens da Igreja, deveríamos ser imunes a estas misérias, bem sei, mas frequentemente não é assim; se não é o dinheiro, é a sede de poder que conduz às ações mais nefandas e, neste caso, penso que dentro da própria ordem dos menores alguém terá perdido a justa percepção das coisas...

O longo e angustiado discurso esgotara o abade. Embora no seu rosto os olhos afundados brilhassem de indignação, o seu corpo jazia enrolado sobre si próprio devorado por uma ligeira tremura.

Debaixo da camisa larga que vestia adivinhava-se o volume da espessa ligadura que atravessava o seu peito de um lado ao outro. O frade enfermeiro, depois de o ter medicado, aconselhara-o a não vestir o hábito porque, com o peso, poderia fazer abrir novamente a ferida: assim, há cinco dias que ele estava pendurado num cabide colocado ao lado da porta da cela, donde o abade não voltara a sair. As refeições eram-lhe trazidas por um noviço encarregado desta missão pelo frade despenseiro. Se bem que ainda se sentisse muito fraco, Arnolfo havia comunicado ao frade enfermeiro que dentro de uns dois dias voltaria a exercer as suas funções habituais, pondo termo àquele isolamento; O mosteiro precisava dele, dissera, e os confrades também.

De momento, vencido pelo cansaço, o abade fechou os olhos Por um largo tempo. Pensando que a conversa para a qual fora convocado tivesse chegado ao fim, Matthew, em silêncio, *fez menção* de se levantar e deixar a cela.

- Devo dizer-vos ainda outra coisa... - retomou Arnolfo, travando o frade com um gesto da mão. - Diga àquele corajoso Aimone de Graines que lhe serei eternamente grato por me ter salvo a vida. Dizei- -lhe também que ninguém irá denunciar o seu gesto; fiz de molde que a notícia da agressão de que fui vítima não ultrapasse as paredes deste mosteiro. Falei demoradamente com os monges que assistiram ao jantar e com os outros que me socorreram; posso assegurar-vos de que nenhum deles abrirá a boca.

Explicastes-me que o castelão está a desenvolver uma delicada missão diplomática por conta do visconde Gotofredo; motivo de sobra para que o seu trabalho não venha a ser perturbado por ditos e calúnias inúteis. Quanto a vós... Tendes encontrado a Boema? - Não, abade - respondeu Matthew, que esperava aquela pergunta a todo o momento -, nunca mais a vi...

A incerteza que acompanhou as palavras do frade alarmou Arnolfo. O abade fixou-o intensamente como que a tentar perceber nos seus olhos qualquer sombra de mentira.

- Tomai cuidado, Frei Matthew - prosseguiu, severo -, para não me esconderdes nada. Como penso que já haveis intuído, o inquérito que está a ser instruído pelos inquisidores é exatamente sobre Guglielma e os seus acólitos. A própria agressão de que fui alvo poderá ter tido origem na convicção, maturada na cabeça de alguém, de que não colaborei devidamente na investigação das suas pregações; se, para cúmulo do infortúnio, alguém vos tivesse visto a conversar com ela, então seria ainda mais compreensível... De qualquer maneira - continuou, passando lentamente uma das mãos pelos olhos -, se durante as vossas pesquisas sobre a jovem Gisalbertini tiverdes de esbarrar novamente com a Boema, peço-vos que lhe digais que o abade de San Simpliciano quer falar com ela; como e quando, se à luz do Sol ou às escondidas de todos, isso combinaremos depois.

E agora ide, frade. Tenho de repousar...

Arnolfo deixou-se cair sobre a cama. Apesar de as suas costas se acomodarem num fofo enxergão de plumas, um trejeito de dor assomou ao seu rosto.

Matthew levantou-se em silêncio e dirigiu-se para a porta.

Depois de a ter fechado atrás de si, encaminhou-se para a sua cela.

Estava estarecido. Se, por um lado, compreendera o significado do longo discurso do abade, por outro, não conseguia capacitar-se da enormidade do que acabara de ouvir: seria realmente possível que uma minoria fugida ao controlo de uma ordem religiosa tivesse ordenado o assassinio de Arnolfo? E se fosse verdade, quantas outras vezes e de que outras formas essas pessoas não teriam tentado atingir os seus próprios fins recorrendo à violência? E ele próprio, seu legado contra a vontade do abade, o que teria arriscado? Repensando no único dado que escondera de Arnolfo, questionou-se se, não o informando da mensagem que recebera de Guglielma através do pequeno «embaixador» sarraceno, teria agido da

melhor forma. Havia decidido manter aquele segredo para si próprio, em parte por ter a certeza de que o abade se iria zangar com ele pela sua ingenuidade, mas sobretudo porque o encontro com aquela mulher o havia de certa forma marcado. Quisera voltar a vê-la, ouvir mais uma vez da sua boca aquelas palavras que testemunhavam uma crença profunda e inabalável; mas gostaria de poder fazer tudo isto sozinho, sem ninguém a quem prestar contas da sua perturbação. Talvez se tivesse enganado, talvez isso se devesse à arrogante soberba de um homem cansado e confuso... Fazendo girar entre os dedos os seixos afundados no bolso do hábito, Matthew fez uma oração silenciosa ao Onnipotente pedindo-Lhe que iluminasse a sua mente e lhe concedesse a graça de uma fé sólida.

Antonino estava estendido no enxergão. As costelas doíam-lhe sempre que respirava; embora o frade enfermeiro lhe tivesse suturado a ferida e ligado o tronco com uma faixa apertada, a dor não passava.

Quando, quase uma semana antes e segundo o parecer do capítulo, fora condenado à reclusão forçada no mosteiro, pensara que, ao fim e ao cabo, iria ser fácil. Apesar de o abade ter ordenado que, assim que estivesse curado, deveria ingressar num mosteiro, onde passaria o resto dos seus dias em penitência, trabalho e oração, tinha a certeza de que mais tarde ou mais cedo iria conseguir evitar um futuro tão pouco risonho. Assim que estivesse restabelecido tentaria fugir dali; o que mais o aborrecia era não ter conseguido receber o dinheiro que lhe fora prometido. Que estupidez a sua, que nem sequer pedira uma parte do dinheiro por conta antes de aceitar aquele trabalho sujo? Não que isso fosse assim tão importante para ele: estava sempre disponível, bastava que lhe pagassem... Da próxima vez, esperava ser mais esperto e ver o dinheiro antes de agir. E depois, de uma outra vez também escolheria melhor o lugar: a estrada, quem sabe, uma ruela populosa onde a multidão pudesse encobrir-lhe a fuga, não um ambiente circunscrito como o de um mosteiro! Se ao menos aquele frade mendicante não tivesse tanta pressa, teria podido estudar com calma a forma e o momento para eliminar o abade... Por outro lado quem iria alguma vez imaginar que um aristocrata com uma expressão tão bonacheirona se revelaria um tal obstáculo?! Mostrara uma enorme coragem, refletiu, ao defender o abade e, ainda por cima, em frente de outros monges e de uma criança! Massajando os dedos das mãos entorpecidos pela ligadura tão apertada que lhe cingia as costas fechou os olhos procurando dormir.

Da porta da enfermaria, um jovem oblato esperou que a respiração de Antonino se tornasse sonora. Quando teve a certeza de que o homem já estava a dormir profundamente, dirigiu-se à sua cama, ao lado da qual colocou uma tigela de sopa já fria. Olhando cauteloso em redor e escondendo com o corpo os próprios gestos, espalhou no líquido uma mancha de um pó escuro. Depois, ignorando os lamentos do outro monge doente, no meio de um sono agitado, *voou* silencioso para *fora* da enfermaria.

: - Está morto! Corram, corram! Antonino está morto! A voz estridente do frade enfermeiro ressoava pelo corredor que conduzia ao refeitório. Arnolfo, que, segurando-se com uma das mãos, se sentava com dificuldade num dos bancos da biblioteca na tentativa de controlar os registos do mosteiro, ouviu-o, como aliás aconteceu com todos os outros monges, levantou-se com dificuldade e dirigiu-se à porta. O frade enfermeiro, pálido como um círio, transpunha a porta do refeitório.

- Dizei, Frei Andrea, o que aconteceu? - perguntou ao confrade.

- Morreu, abade, Antonino morreu! Encontrei-o há pouco estendido no enxergão. Tinha os olhos fora das órbitas e a língua inchada fora da boca escancarada; os braços e as pernas estavam descompostos, como se tivesse lutado com uma fera...

- Mas - interrompeu-o o abade - não me havíeis dito que o homem estava a caminho da cura? - Sim, disse-o e nada fazia pensar que iria ter uma crise de uma tal gravidade! E depois não consigo entender, até parece que terá morrido com convulsões e, acreditai-me, os cuidados que lhe prestei foram mais do que adequados... acho que não me enganei.  
até lhe...

Balbuciando *confuso*, temendo uma reprimenda por parte do abade, o velho monge arregalava os olhos e gesticulava com os braços, ao mesmo tempo que o rosto se mostrava cada vez mais lívido.

-Acalmai-vos, irmão, e levai-me até à sua cama; quero vê-lo.

Apoiando-se ao braço trémulo de Frei Andrea, Arnolfo dirigiu-se a passos lentos e esforçados até à enfermaria.

O eflúvio adocicado da morte, misturado com o cheiro a urina e a excrementos, impregnava a sala. O único outro doente que ocupava uma cama relativamente próxima cobria o rosto com um pedaço da veste, de modo a proteger o olfato daquele fedor. Quando viu o abade aparecer à porta, pôs-se a gritar.



- Levai-me daqui, por misericórdia, levai-me daqui! Não quero ficar aqui a compartilhar o espaço com um cadáver! Se soubésseis o que esse pobre sofreu antes de entregar a alma a Deus!... Agitava-se muito e gritava e sentia como se as vísceras quisessem sair-lhe para fora do ventre! E depois, no final, não tinha ar para respirar; escancarava a boca, arregalava os olhos, mexia os braços para um lado e para o outro... Oh, Virgem Santíssima, nunca vi nada assim em toda a minha vida! Arnolfo escutou o desabafo deste velho monge doente sem responder. Aproximou-se da cama de Antonino e, procurando evitar aqueles olhos cegos que o fixavam, observou o cadáver. Nos espasmos da agonia, aquele homem arrancara a ligadura e a ferida nas costas mostrava-se bem visível, já seca de todos os seus humores.

- Não compreendo... - murmurou Frei Andrea, torcendo nervosamente as mãos -, não compreendo... O que poderá ter causado...

- O que estava ali dentro? - perguntou o abade, apontando para a tigela cheia até meio e que se mantinha ainda em equilíbrio instável ao fundo do enxergão.

O enfermeiro pegou-lhe e, girando-a entre as suas mãos, respondeu com segurança.

- Sopa, abade, era sopa. Mas esperai... - acrescentou, agitando cautelosamente o líquido que ficara no fundo do recipiente -, mas o que é esta papa preta? Inquieto, aproximou a tigela dos olhos: o seu olfato, muito apurado por tantos anos passados a utilizar símplices e remédios, identificou imediatamente um fedor bem conhecido.

- Oh, meu Deus! Santíssima Virgem!... Mas isto é... não é possível!... isto é... é... é acónito!

Frei Andrea ficara estupefacto. O seu olhar corria do fundo da tigela para o rosto térreo do abade.

- É um veneno, não é? - perguntou Arnolfo, com uma voz estranhamente calma.

- É, abade, é um veneno potentíssimo. Se forem comidas raízes desta planta provocam uma morte atroz... Não compreendo não existe acónito na nossa horta, exatamente para evitar confusões perigosas com outros arbustos de aspecto semelhante, temos muito cuidado para a arrancar sempre que nasce, espontânea, no meio de outras ervas... Oh, meu Deus, abade, não terá sido...

-Certamente, irmão - respondeu Arnolfo -, certamente foi assassinado. Alguém queria que este homem se calasse para sempre.

Dizei-me - prosseguiu, calmo -, quem pode ter tido acesso às cozinhas? Frei

Andrea, emudecido, fixou o abade com os olhos arregalados.

Depois de um instante de pânico, respondeu que qualquer noviço podia ter sido encarregado pelo despenseiro de trazer as refeições aos doentes da enfermaria e que, naqueles dias, havendo somente dois enfermos, era apenas um o jovem monge encarregado dessa missão.

- Bem, trouxe-o já à minha presença. Avisai o despenseiro: dentro de meia hora encontrar-me-ão no capítulo.

Depois de ter lançado um último e piedoso olhar ao cadáver, Arnolfo virou-se e, caminhando lentamente, desapareceu pela porta da enfermaria.

Enquanto o abade conferenciava, na sala do capítulo, com o despenseiro e com o noviço aterrorizado, um dos criados do moinho que ficava ali, à beira do mosteiro, observava, perplexo, aquele hábito ensopado. Acabara de o encontrar, depositado sobre as ervas da margem pela corrente do canal. Parecia o hábito de um dos monges, mas, remirando-o entre as mãos, sem compreender por que razão fora parar ali, o rapaz perguntava-se o que havia de fazer com ele. Depois de ter refletido longamente, achando que poderia aproveitar o tecido para um fato de trabalho, decidiu que seria melhor entregá-lo aos monges. Vendo bem, trabalhava há pouco tempo para o mosteiro e o furto de um hábito religioso não iria constituir, seguramente, uma boa recomendação para o seu futuro. Assobiando uma cantiga que aprendera em miúdo, encaminhou-se para a porta de entrada do mosteiro.

## Capítulo 33

A raiva do dia anterior já acalmara. Lanfranco passara metade da noite a congeminar. O calor sufocante que havia uns dias se fazia sentir na cidade não o impedia de se passear, inquieto, pelo quarto; embora tivesse escancarado a porta que dava para a galeria, a canícula não diminuía. Em cima da mesa, ao lado do jarro de vinho, estava o escrínio com a relíquia, envolvida, de forma pouco cuidada, num pano de cânhamo.

Quando, na tarde anterior, um criado do palácio arquiiepiscopal lhe trouxera o pequeno escrínio acompanhado por uma carta escrita pela própria mão de Ugone, a sua primeira reação fora de incredulidade, à qual, progressivamente, se foi somando a ira. Levava meia hora a ler. Embora as palavras escritas fossem claras, o estilo empolado do secretário do arcebispo alongava-se em complicados fraseados que, definitivamente, mais não significavam que uma decidida recusa.

Ugone dizia que Leone da Perego, embora apreciando a sua generosa oferta, se via constrangido a recusá-la: naquele período, explicava, outras e bem mais urgentes eram as questões que o arcebispo se via obrigado a solucionar, a fazer face, estando envolvido, juntamente com o legado pontifício Montelongo e com todos os aliados, no estabelecimento de uma estratégia adequada a contrariar os projetos do imperador. Em tempos tão difíceis, acrescentava, era bom que a vontade dos cidadãos se centrasse apenas na luta contra Federico, sem desvios de outro género. A aceitação de uma nova relíquia por parte da Igreja metropolitana iria, pelo contrário, requerer um importante cerimonial, a cuja organização ninguém iria poder, de momento, dedicar os devidos cuidados. A carta concluía dizendo que, quando os tempos fossem mais calmos e tranquilos, o arcebispo ficaria honrado por voltar a ter entre as mãos a relíquia, mesmo para poder submetê-la a exame por parte dos representantes da Igreja de Roma, certamente mais entendidos na avaliação da sua autenticidade do que ele.

Depois de ter lido e relido a folha de pergaminho já gasta, Lanfranco compreendera tudo: nem Leone nem o seu secretário haviam alguma vez acreditado, nem por um instante sequer, que se tratava realmente do véu de Sant'Ágata. Nunca iriam aceitar a relíquia, como nunca iriam concordar que ele exercesse as funções de *capitano di giustizia!* Furibundo consigo próprio por se ter mostrado um ingénuo e por ter escolhido os interlocutores

errados, começara imediatamente a congeminar novos planos de ação: se não queria arriscar-se a que os seus planos se vissem novamente frustrados, teria de procurar um outro protetor, talvez de nível inferior na escala hierárquica citadina, mas igualmente poderoso.

Depois de horas a afastar os mosquitos que, da galeria, entravam em nuvens pelo quarto adentro, chegara finalmente a uma decisão.

Iria encontrar-se com Aicardo da Alzate, o ecônomo do Hospital do Brolo, um velho amigo com quem, na juventude, partilhara caçadas e borgas. Aicardo, nascido de uma família de linhagem bem mais consolidada do que a sua, havia, seguidamente, iniciado o estudo das leis, facto que lhe possibilitara, poucos anos depois, dirimir controvérsias e prestar trabalhos de consultoria para os serviços administrativos de igrejas e conventos. A partir de 1240, assumira o cargo de ecônomo do hospital e Lanfranco ouvira dizer que, graças aos seus contactos com o poder religioso e civil da cidade, se convertera num homem muito influente. Que melhor interlocutor poderia encontrar para advogar a sua causa? No fundo, a capela do Hospital do Brolo, embora esquálida e frequentada apenas por desprotegidos que enchiam os corredores, iria necessitar de novas alfaias litúrgicas e de qualquer coisa que atraísse um maior número de pessoas às funções. A notícia de uma relíquia rara seria a ideal para dar brilho àquele lugar de oração. Juntamente com os fiéis e com um significativo aumento da devoção, entraria dinheiro fresco para a caixa do hospital. Aicardo iria ficar-lhe eternamente grato e, sem dúvida, aquela magnânima doação não procurada iria induzi-lo a mover todos os cordelinhos necessários que o ajudassem a conseguir o referido cargo.

Depois de ter decidido as suas próximas jogadas, Lanfranco saiu para a galeria. A cidade, cá em baixo, estava escura. Só as tochas nas trincheiras das muralhas espalhavam a sua luz, que, no entanto, não iluminava mais de duas braçadas para além delas. Voltara para o quarto e deitara-se mesmo vestido sobre o enxergão, tendo adormecido quase de imediato.

Pouco depois, um pequeno morcego, ainda muito jovem para possuir uma orientação perfeita, entrara pela janela escancarada e, esvoaçando à toa, chegara até à mesa; aqui, escondendo-se cauteloso, no canto de dentro, debaixo das velhas ripas do tampo, ficara imóvel apostado em passar ali a noite.

-Não sei, Lanfranco, tenho de pensar. Esta relíquia poderia realmente ajudar não só a capela mas, certamente também, todo o hospital; no fundo, a

proteção de uma santa mártir pode resultar sempre de grande utilidade! O único problema são os decanos e o arcebispo; sabes muito bem como são delicadas as relações com estes benditos frades, que, aqui dentro, fazem o que muito bem lhes apetece! Mesmo sendo nós, laicos, a administrar o património do hospital, eles mantêm-se atentíssimos, querem meter sempre o nariz... Imagina que até com a regulação das esmolas se preocupam: não devem ser demasiadas, apenas as suficientes para as necessidades dos doentes! Estás a ver bem o problema? E as doações em dinheiro? Sabes que com estes soldos não podemos comprar nada que não seja para o hospital? Assim, não podemos comprar casas, por exemplo, e não só: se um benfeitor nos deixar como herança o seu palácio, temos de ver se vale a pena ficar com ele ou se será melhor vendê-lo e, acredita-me, até agora quase sempre me vi constrangido a optar pela segunda solução... E o resultado da venda, perguntarás tu? Em campos, em casebres, em tudo o que garanta uma renda mais segura. Vede bem, portanto, como me é difícil aceitar qualquer doação, mesmo que se trate de uma santa relíquia. Nestes tempos, realmente, enquanto o arcebispo se transforma de homem da Igreja em guerreiro, enquanto as hierarquias eclesiásticas estão empenhadas em fazer uma frente compacta contra Federico, quem julgas que irá interessar-se pela relíquia de um mártir, sobretudo com origem na longínqua Sicília, exatamente no cu do poder do imperador? Por Deus, mas tu também, não seria possível teres encontrado um santo destes lados, não sei, quem sabe, talvez lombardo *ou* genovês?...

-Aicardo - Lanfranco interrompeu-o duramente -, por acaso estais a dizer-me que não quereis a relíquia? Que este precioso véu de Sant'Ágata não vos interessa? A ira ia tingindo o rosto de Lanfranco: os seus olhos, reduzidos a duas frestas, fixavam Aicardo enquanto esperavam a resposta.

Num segundo, o ecônomo compreendeu o perigo iminente que aquele olhar dava a entender. Recordava bem os violentos assomos de raiva do seu antigo companheiro de juventude e não tencionava experimentar um outro, logo agora; estava mudado, a vida ensinara-o a valorizar, sopesar, tolerar, enquanto, com toda a evidência, os anos não haviam operado a mesma transformação em Lanfranco. Esforçando-se por transmitir uma expressão benévola sorriu.

-Não, caríssimo, não disse isso. Deixa aqui a tua relíquia.

Prometo-te que a mostrarei ao decano o mais depressa possível e farei tudo para o convencer. Quanto ao teu posto... falarei diretamente com a *podestà*.

Agora, que parece já estar de plena saúde, estará seguramente disposta a atender qualquer pedido: devo encontrar-me com ela exatamente nestes dias e, vou fazer-te uma confidência, Catelano tem uma dívida para comigo... Não posso revelar-te de que se trata, mas acredita-me se te disser que é bem grande o favor que ele me deve: que melhor ocasião, portanto, para perorar pela tua causa? Os músculos do rosto de Lanfranco relaxaram. Se bem que a suspeição não tivesse abandonado o seu olhar, Aicardo compreendeu que, de momento, conseguiria desembaraçar-se dele.

-Mandarei chamar-te - concluiu, acompanhando-o à porta -, assim que tiver notícias sobre ambas as questões, mando-te chamar...

Fingindo um afeto que não experimentava de facto, abraçou Lanfranco e despediu-se dele.

Depois de ter fechado a porta, apoiou-se a ela com todo o seu peso e, fechando os olhos, suspirou profundamente. Quando os reabriu, o seu olhar caiu sobre o escrínio da relíquia, que se mantinha ainda no meio do escritório. Refletindo sobre quão singulares e bizarros podiam ser os meios utilizados por Satanás para difundir o mal entre os homens, pegou nele e, apressado, como se lhe queimasse os dedos, colocou-o na parte de baixo do contador, bem lá para trás.

Em seguida, depois de o ter escondido da vista, cobrindo-o com o pano de cânhamo, fechou as portas com uma chave comprida, que imediatamente a seguir deixou cair dentro do bolso da sua veste.

Esperava-o uma tarde de trabalho, só iria pensar naquele fastidioso problema no dia seguinte.

Aborrecido por mais uma vez não ter recebido uma resposta definitiva, Lanfranco percorria a passos rápidos o pórtico do hospital: ia direto à taberna que surgia um pouco adiante, no largo que era denominado de «do pântano». Ali afogaria, nuns copos de vinho, a inquietação que o atormentava; o tempo para a apresentação das candidaturas ao cargo de *capitano di giustizia* ia encurtando e até àquele momento todos os esforços para conquistar uma garantia segura não iriam valer de nada.

Ia transpor o pequeno arco da entrada quando, precedida pelo rumor de uns passos apressados, uma jovem lhe caiu em cima.

Proveniente da horta dos símplies, situada ao fundo da casa, a rapariga corria na direção dos aposentos da farmácia, adjacentes ao gabinete do ecônomo. Empurrada pela pressa e concentrada no enorme cesto que segurava entre os braços e do qual despontavam algumas folhas, flores e

raízes desordenadas, a jovem não tomara conta no degrau subjacente ao arco e tropeçara de forma desastrosa. Teria ido ao chão se, mesmo a seguir à esquina, a presença providencial daquele aristocrata não lhe tivesse travado a queda com o seu próprio corpo.

-Oh, senhor, por favor perdoai-me! - balbuciou Allegranza, confusa, enquanto se dobrava para apanhar as ervas que haviam voado do cesto. - Perdoai-me, senhor, eu não queria...

A cólera que, violenta como sempre, ia já fazer-lhe saltar da boca um arrazoado de impropérios cessou subitamente, assim que Lanfranco viu o rosto que tinha à sua frente. Uma tontura fê-lo balançar.

Apoiando a mão à parede de tijolos, observou melhor a jovem, que, corada de vergonha, se levantava sem ousar erguer os olhos para ele.

A semelhança era impressionante: a mesma forma oval do rosto, o mesmo nariz, a mesma covinha num dos cantos da boca. Quando Allegranza conseguiu finalmente controlar o embaraço e levantar os olhos para ele, Lanfranco perdeu o fôlego. As pestanas espessas que sombreavam os seus olhos deixavam apenas entrever, não sem alguma dificuldade, duas íris castanhas salpicadas de palhetas claras.

Os olhos de Caterina.

A vertigem voltou mais violenta do que antes. Vendo-o empalidecer, Allegranza dirigiu-se-lhe uma vez mais.

-Senhor... sentis-vos bem, senhor?... Quereis que chame o médico?... Oh, meu Deus, espero não ter sido a causa de... certamente bati-vos com a borda do cesto, fiz-vos mal?...

Até a voz, límpida, ligeiramente cantante, era idêntica à de Caterina.

Lanfranco respirou fundo. Aos poucos, o chão debaixo dos pés readquiriu estabilidade e as paredes deixaram de ondular. A rapariga de pé em frente dele, fixava-o, preocupada, à espera de uma resposta.

- Não - conseguiu articular, por fim -, não tenho nada, é apenas cansaço, apenas... Mas vós, certamente...

- Allegranza! Ainda vou ter de esperar muito tempo por ti?! A reprovação era claríssima no tom de voz da irmã Giuliana. Com as mãos nas ancas, a monja observava-a desde que saíra da farmácia: a sua expressão severa não prometia nada de bom.

- Já vou, irmã, já vou!... Perdoai, senhor, mas tenho de ir...

Com um movimento ágil das ancas, Allegranza contornou a figura imponente de Lanfranco e correu para a farmácia, onde desapareceu,

escortada pela madre.

Ainda profundamente perturbado, Lanfranco seguiu-a com os olhos. Allegranza... Não era o nome que Caterina tinha dado à sua filha! Se a memória não o atraçoava, antes de partir para Génova havia-lhe anunciado que, caso se tratasse de uma menina, iria chamar-lhe Dorotea... Depois, o seu criado confirmara-lhe que nascera uma menina e, embora não tivesse voltado a vê-la, não tinha motivos para acreditar que Caterina tivesse mudado de intenções a respeito do nome da filha. E então? Como é que Allegranza poderia ser sua filha? E, por outro lado, como era possível que aquele rosto se assemelhasse tanto às feições da sua antiga amante? Aqueles olhos, aquele nariz, aquela boca... aquela boca, na qual havia apercebido uma tremura de medo, era a sua! Os lábios grossos, túrgidos, não eram seguramente os dos Gisalbertini, mas os dos Calgario! Um frémito súbito remexeu-lhe as vísceras: aquela rapariga era sua filha! Sim não podia deixar de ser, Allegranza devia ser sua filha! Pensando, febril, concluiu que a própria idade coincidia: aquela jovem saíra há pouco da adolescência e os dezassete anos passados depois do assassinio confirmavam as suas suspeitas.

Um suor frio começou a escorrer-lhe pelas costas. Naquela noite, a recém-nascida não fora encontrada na casa dos caseiros e, embora durante um certo período ele próprio tivesse mandado fazer umas investigações discretas, parecia que a menina tinha desaparecido sem deixar rasto. Depois de algum tempo de preocupação, desistira.

Afinal, pensara, a pequena já poderia ter morrido com as febres ou sido exposta em qualquer convento... Em qualquer mosteiro... mas, por Deus, aqui estava a resposta! A menina devia ter sido deixada na roda de qualquer mosteiro e entregue a alguém... quem sabe a quem.

Que estúpido! Como fora organizar o homicídio de Caterina sem o levar até ao fim? Como pudera deixar a menina e a serva que seguia a sua patroa como uma sombra? A serva... Onde diabo teria acabado a serva? Seria possível que não estivessem ali ambas, naquela noite desgraçada? Como pudera ser tão estúpido para não ter revistado toda a casa? A menina era demasiado pequena para compreender, mas a criada... Bem escondida em qualquer lado, teria podido ver, poderia testemunhar...

Procurando acalmar-se, refletiu que, depois de todo aquele tempo, nenhum crime podia ser levado a julgamento, mas o certo é que a mais pequena dúvida, a mais pequena notícia sobre este assunto iria prejudicar o acesso ao



cargo por que aspirava. Tinha de fazer qualquer coisa. A rapariga fora encontrada e, se necessário, teria de desaparecer. Ninguém devia interferir na realização dos seus planos, isso era certo; se já matara uma vez, porque não fazê-lo uma outra? Aturdido pela enormidade destas reflexões, permaneceu imóvel, sem se dar conta do contínuo vaivém de frades, criados, monges que, passando debaixo do arco, observavam, estupefactos, aquele aristocrata perdido nos seus pensamentos. Foi um converso que o sacudiu.

Vestido com os seus hábitos laicais, o homem interpelou-o, perguntando-lhe se estava à espera de alguém. Murmurando uma resposta sem sentido, Lanfranco saiu a correr do hospital. O converso, estupefacto com a expressão alterada que viu no seu rosto, seguiu-o com o olhar até lhe desaparecer da vista. Depois, abanando a cabeça, apressou-se pelos corredores.

## Capítulo 34

A Praça do Broletto estava ainda apinhada de gente. A liteira do arcebispo, que acabara de passar por entre a multidão, dirigia-se agora para a Basílica Maior. De vez em quando, Leone da Perego assomava às largas seteiras abertas nas paredes de madeira do veículo; aquele rosto austero abria-se num sorriso benévolo, enquanto a sua mão direita, adornada pelo *charbuculum*, o anel de rubi distintivo do poder arquiépiscopal, emergia benzendo os cidadãos que se acotovelavam em seu redor. Um pano de seda vermelha brilhante envolvia quase por completo o teto e os lados da liteira, terminando em ricos panejamentos prateados, tão compridos que chegavam ao chão.

A liteira era precedida e seguida por um compacto cortejo: frades, padres, freiras, a *podestà* com os seus notáveis, cavaleiros, soldados a cavalo, servos e criados formavam uma longa procissão que dificilmente progredia por entre a multidão. A festa daquela manhã fora anunciada apenas dois dias antes pelos pregoeiros da comuna, que haviam batido toda a cidade, parando em cada beco, em cada caminho, em cada largo, chamando, assim, todos os Milanese a render a sua homenagem a Leone da Perego pelo seu regresso triunfal de Vercelli, onde, juntamente com Montelongo, havia obtido um importante tratado de concórdia com Milão.

À medida que o cortejo prosseguia, o espaço que ficava para trás ia-se enchendo de gente, que, tendo até então aberto alas para deixar passar o desfile oficial, enxameava agora a rua, desordenada, formando grupos, numa vozearia confusa e alegre.

Numa esquina da praça, quase em frente da Porta Curnaria acompanhadas pelas notas de um alaúde e pelo batimento cadenciado de um tambor, um homem e uma mulher exibiam-se numa dança singular: a mulher, em equilíbrio nas costas do companheiro, movia o corpo ao ritmo da música, girando com graça a cabeça e os braços. Ali mais à frente, um rapaz instalado sobre duas andas avançava sobressaindo por entre a multidão, enquanto um outro, vestido de bispo, segurava na mão um arco, dentro do qual fazia saltar uma raposa amestrada. Do outro lado, relativamente perto da Porta Férrea um jogral, rodeado de um grupo de pessoas que o ouviam em silêncio encantadas com a sua voz inspirada, cantava uma canção antiga que todos os Milanese bem conheciam.

*Come diruto Mediolano de Barbarossa com la mano li militi se botano a Maria ke laudata sai. Questi erano li militi humiliati quali in epsa civitati ... - solvono li boti sinderi ... , dicete un'ave, o passeggeri. {6}*

- O que significam estas palavras, pai? - perguntou Bartolomeo, que, de pé em frente do jogral, o observava com atenção para compreender o sentido daquelas estrofes numa linguagem já em desuso.

- Não sei, Bartolomeo, mas, a julgar pela tristeza que as envolve e pelo nome de Barba-Ruiva, suponho que se trata de uma canção já muito antiga do tempo em que o imperador Federico arrasou o chão de Milão...

- Mas, pai, como pode ser isso? O imperador Federico não está, justamente agora, a combater contra a cidade? -Mas, meu filho - Aimone sorriu afagando afetuosamente os cabelos de Bartolomeo -, não é a mesma pessoa! Aquele Federico denominado de Barba-Ruiva era o avô deste e odiava Milão, talvez mais ainda do que o neto! Sabes, quando um soberano decide apropriar-se de toda a Itália, uma cidade poderosa como esta que recuse submeter-se constitui um perigo, um verdadeiro espinho. Milão é uma cidade rica e os seus governantes estão determinados a conservar as suas próprias liberdades. Isto é uma comuna: aqui não há feudatários, como entre nós, mas representantes das populações guiados por uma *podestà* e depois existe a Igreja, que participa ativamente na gestão do poder civil...

-Mas, a propósito - interveio Bartolomeo -, o arcebispo não deveria limitar-se a ser o chefe da Igreja? Os teus servos disseram-me que foi a Vercelli com soldados e embaixadores e que o chamam de «frade guerreiro». Porquê, pai? As perguntas de Bartolomeo, embora sussurradas a meia voz, não passaram despercebidas aos ouvidos atentos de dois comerciantes que, ao lado de Aimone, acabavam de ouvir o menestrel. Os seus olhos curiosos fixavam o aristocrata e o seu filho sem compreenderem, de forma alguma, as palavras que proferiam numa língua muito semelhante à da França. Aimone, a quem não escapara uma sombra de suspeição que vira nos seus olhares, puxou o filho por uma manga e afastou-se.

- Bartolomeo, quando se está no meio de muita gente, devemos tomar atenção à forma como falamos! Na época presente, os aristocratas não são lá muito considerados nesta cidade e não gostaria que as minhas explicações, quando respondo às tuas perguntas, fossem mal interpretadas... Não julgues que lá por falarem uma linguagem diferente da nossa os Milanese não compreendem o que dizemos: aqui há um grande número de comerciantes que andam por essa Europa toda e que, por isso, conhecem

perfeitamente também o nosso idioma! Devemos ter cautela, meu filho. Como já pudeste experimentar na Basílica de San Simpliciano, pouco falta para mandar pelos ares a minha missão, que, como sabes, ainda não está concluída. Devo apenas agradecer àquele bendito abade o facto de ninguém saber nada do que sucedeu e poder ainda caminhar livre por aí... Depois explico-te, Bartolomeo, dir-te-ei quais são as diferenças entre a gestão do nosso feudo e a de uma grande cidade como Milão, mas só o farei entre as paredes seguras da nossa casa. E agora vamos, já passa da hora sexta: o nosso jantar já está pronto para ser servido. Não tens fome? Intimidado com as palavras do pai, Bartolomeo anuiu sem ousar perguntar mais nada.

Difícilmente abriram caminho entre a multidão e, passando ao lado das oficinas dos ourives, tomaram a estrada para o seu bairro.

Enquanto o criado o ajudava a enfiar a veste, Aimone passou a mão pela seda. Sentiu arrepios como se os seus dedos, em vez do tecido, tivessem tocado a pele de quem o bordara. Quantos dias haviam passado desde a última vez que vira Raquel? Em todo aquele tempo esforçara-se por afastar aquele pensamento da cabeça, mas apesar dos acontecimentos dramáticos de que fora protagonista, só por momentos o conseguira. O médico Enrico, que a seu pedido voltara para saber como estava Isaac, avisara-o de que o seu estado se mantinha estável, mas, que, de acordo com a sua experiência, de um momento para o outro poderia piorar. Enrico também lhe dissera que a sua permanência em Milão estava no fim e que, assim que partisse, ninguém iria querer tomar conta do velho judeu.

- Ide vós, de vez em quando, visitar aquela rapariga - acrescentara.

- O que poderá fazer sozinha, caso ele piore? Como poderá ela prestar as honras fúnebres que a sua religião impõe ao seu pai? Não irá seguramente enterrá-lo numa vala comum com os cristãos, não achais? Precisar-se-á de assistência, os rituais fúnebres da sua religião terão de ser feitos longe dos olhos indiscretos... Aquela rapariga está só no mundo. Se vos preocupais com a sua vida e a sua segurança, tendes o dever de a ajudar. No fundo, sois estrangeiro, dentro em pouco voltareis para o vosso feudo, o que vos importa se algum milanês mais bisbilhoteiro souber que vos empenhastes na causa de dois judeus? O olhar penetrante com que Enrico o fixara enquanto pronunciava as últimas frases dera a entender a Aimone que o médico compreendera muito mais do que aquilo que lhe havia dito. A sua perturbação no que tocava a Raquel seria assim tão evidente? O que teria feito de toda a sua sabedoria, de todo o domínio que durante anos exercitara

sobre si próprio antes de o fazer sobre todos os outros? Ainda que se sentisse de certa forma confortado com o apoio e compreensão de Enrico, a dúvida sobre o seu próprio comportamento no último mês continuava a atormentá-lo.

Esforçando-se por libertar a mente da imagem de Raquel, concentrou-se no encontro que daí a pouco iria ter com o secretário do arcebispo. Finalmente, o seu pedido fora aceite e, depois desta conversa, a missão em Milão poderia considerar-se terminada.

Bartolomeo, sentado no canto mais afastado do quarto, observava, em silêncio, os gestos do pai. Estava cansado. Sentia vontade de regressar ao castelo, de respirar o ar leve de Graines, em vez de continuar nesta cidade caótica, onde o calor sufocante lhe colava as vestes ao corpo... O susto que experimentara na basílica, quando, perante os seus olhos, se perpetrava um assassinio, deixara-o prostrado, retirara-lhe todo o entusiasmo. Até a esperança, alimentada durante dias, de poder brincar uma vez mais com o cãozinho da jovem bordadora se gorara. Raquel não voltara e o pai parecia ter-se esquecido da sua promessa. A única verdadeira alegria que tivera naqueles dias fora o encontro com Frei Matthew. Bartolomeo, embora ainda não tivesse ousado pedir a confirmação a Aimone, esperava que o frade inglês voltasse com ele para o vale Augusta.

Enquanto o pai, depois de uma despedida apressada, desaparecera na porta, o rapaz colocou as peças de xadrez em ordem sobre o tabuleiro. Ia começar uma partida solitária, fingindo ter pela frente um adversário aguerrido que testasse duramente as suas capacidades.

Deste modo evitaria pensar noutra coisa e o resto do dia passaria mais depressa.

Como sempre, a sala das audiências estava repleta. Aimone mantinha-se de pé ao lado de Arnolfo. O castelão, levado pela ansiedade devida a um encontro que se anunciava delicado, chegara muito antes e, vagamente embaraçado, colocara-se por detrás de um robusto pilar de tijolos, disposto a uma grande espera. A sua surpresa foi grande quando, pouco tempo depois, viu entrar o abade de San Simpliciano.

Como ele, também Arnolfo devia ser recebido pelo secretário do arcebispo. Como é evidente, Ugone tudo fizera para concentrar a maior parte das audiências exatamente naquela tarde. O abade havia-o cumprimentado sem um calor particular, apenas com a cortesia devida à circunstância; na realidade, a expressão intensa dos seus olhos e o aperto forte da mão

havam dado a entender a Aimone muito mais do que Arnolfo quisera fazer transparecer. Ninguém, ali dentro, tinha motivos para pensar que o seu conhecimento era mais do que casual e a atitude propositadamente distante do abade tranquilizara o castelão, dando-lhe a entender que o segredo sobre o atentado fora cuidadosamente guardado.

Arnolfo foi dos primeiros a ser chamado e a sua conversa com o secretário prolongara-se por uma boa meia hora. Depois de ter saído do gabinete, aproximara-se de Aimone e, não dando azo a que ouvidos indiscretos o ouvissem, convidara-o para o mosteiro. Também lá iria estar Frei Matthew, acrescentara, e, juntos, poderiam falar das muitas coisas que continuavam em suspenso. Depois saíra apressado. Enquanto aguardava a sua vez, Aimone reparara num frade dominicano que pela atitude imperiosa e pelo número de confrades que o circundavam, obsequiosos, dava a impressão de ser uma pessoa poderosa. Enquanto se questionava de quem se trataria, o porteiro chamou-o. Fazendo apelo a toda a sua coragem, Aimone seguiu-o até ao gabinete do secretário.

- E, portanto, vós sois Aimone de Graines... - disse-lhe Ugone dando alguns passos na sua direção. - Já ouvi falar de vós. Por acaso não sois sobrinho de Nantelmo, o abade de Saint Maurice, no Vallese e o vosso castelo não se situa no vale Augusta? - É verdade, secretário...

- E vindes aqui com uma embaixada da parte do vosso tio Nantelmo, é isso?

- Não, secretário, vim aqui da parte do visconde Gotofredo da família Challant...

- E o que pretende Challant saber de Leone da Perego? Estupefacto com aquela forma direta com que se lhe dirigiu e que já experimentara de uma outra vez, por ocasião do seu encontro com o secretário da *podestà*, Aimone procurou as palavras com todo o cuidado.

- Bem... o visconde encarregou-me de ser portador dos seus cumprimentos para o arcebispo e a *podestà* de Milão... Sabendo como é difícil, neste período, governar a cidade devido à guerra em curso entre o imperador Federico e as comunas da liga, Gotofredo deseja dar a conhecer às autoridades máximas de Milão que Amedeo de Savoia, por conta de quem governa o vale Augusta, embora não tencionando opor-se às necessárias operações de guerra, que, aliás, não o envolvem, está, no entanto, preocupado com o arrastar da situação de conflito, que, como podeis imaginar, além de causar perdas humanas, é motivo de inquietação, mesmo nos territórios do vale Augusta, vizinhos das zonas de batalha e percurso de

passagem obrigatória dos comerciantes para o Norte da Europa...

Calado por um instante para retomar o fôlego, Aimone preparava-se para continuar o discurso, quando Ugone, mais rápido, retorquiu.

- Mas disse-me, não foi porventura o conde Amedeo que há oito anos prometeu fidelidade ao imperador? Não foi ele que, falando em nome de Federico, subscreveu um pacto de tolerância com Turim, empenhando-se no fornecimento àquela cidade de sessenta cavaleiros duas vezes ao ano? Os Savoia nunca alinharam contra Milão, é certo, mas pelo que sei, até hoje nunca hostilizaram abertamente o imperador...

Aquilo que para mim não é claro é a que partido são favoráveis, se ao do suevo se ao do papa. Sei que, em Janeiro deste ano, Amedeo concedeu um diploma aos cónegos da catedral de Augusta, tomando-os sob a sua proteção e ordenando a todos os feudatários do vale que salvaguardassem os seus bens e as suas pessoas. Desta disposição poder-se-ia deduzir que a atenção do conde para com a Igreja se terá tornado mais participante. Mas agora? De que lado estão estes Savoia: do lado do papa ou do lado do imperador, várias vezes excomungado? Aimone hesitou. Era claro que aquele disparo do secretário constituía uma provocação: se tivesse caído na sua armadilha verbal, teria de admitir aquilo que devia absolutamente calar, isto é, que Gotofredo, e até mesmo o conde Amedeo, não tinha intenções de alinhar ao lado de nenhum dos contendores, tendo ambos como objetivo único a soberania dos seus territórios e a salvaguarda do comércio do vale. Se era verdade que, uns anos antes, os Savoia haviam apoiado o imperador, também era igualmente certo que agora, depois de terem compreendido que a liga estava a tornar-se cada vez mais forte e que o papa estava determinado em criar obstáculos aos projetos de Federico, não achavam certo deixar-se envolver numa guerra que se anunciava longa e desgastante. Pensou rapidamente e, por fim, respondeu.

- Acho que vós próprios sabeis que não está sequer em discussão a fidelidade do conde à Igreja e ao pontífice. Tendes seguramente conhecimento das suas relações com o papa recém-eleito Innocenzo IV, marcadas pela máxima devoção; Amedeo já mostrou a sua disponibilidade ao acolhê-lo com todas as honras devidas por ocasião de qualquer futura deslocação sua em terras de França. Vede, portanto, que o conde não tenciona contrapor a política do papado à do imperador...

-Em suma - Ugone interrompeu-o subitamente -, estais a dizer-me que Gotofredo gostaria de ter uma espécie de garantia, por parte das comunas da

liga, de que as suas possessões não voltariam a ser perturbadas pelas invasões, incursões, devastações... É um belo pedido, isso é um facto! Mas disse-me, por que razão não terá feito essa mesma solicitação a Federico? Possivelmente acha demasiado perigoso mandar-lhe umas embaixadas? Sabeis que o nosso arcebispo, nos últimos meses, atravessou campos de batalha, afrontou acesas negociações, pôs, em suma, a sua vida e a sua reputação em perigo para garantir a salvação de Milão e da Lombardia? E o vosso visconde do seguro refúgio dos seus castelos, enriquecido pelo dinheiro das portagens que os mercadores milaneses são obrigados a pagar para poder prosseguir as suas viagens, manda-vos pedir garantias, de forma a assegurar a continuação dos seus tráficos?! Não podemos dar-vos certezas, Aimone de Graines, disse isto mesmo a Challant: somos nós que as esperamos de vós, somos nós que esperamos um sinal concreto da vossa fidelidade. As comunas não são feudos: quem decide é a vontade popular e não aquela mais ou menos sabedora do reinante de turno! Levai convosco esta mensagem: Milão prosseguirá, indômita, na sua luta contra o imperador, apoiada pelo papa e por todos quantos tomam a liberdade a peito. Competir-vos-á decidir com quem alinhar, não seremos certamente nós a dar garantias ao conde do que quer que seja; se nos derdes o vosso apoio, a liga das comunas ficar-vos-á grata. Neste momento em que se tenta, por todos os meios, minar pela base os fundamentos da Igreja, o papa, o arcebispo, as comunas não podem fazer outra coisa senão manter uma unidade sólida e irremovível. Combateremos o imperador, exatamente da mesma forma que combateremos as heresias, sem tréguas. Se Gotofredo quiser alinhar nesta luta, saberemos como defendê-lo também a ele e aos seus feudos; se, pelo contrário, decidir ficar de fora, à espera de ver a qual dos dois contendores cabe a vitória final, é livre de o fazer. Mas nós, pela nossa parte, nada garantiremos.

Aimone, que ouvira num silêncio atônito o apaixonado discurso de Ugone, não encontrou palavras para contrapor. Aquele homem, como já acontecera com o secretário da *podestà*, havia compreendido rapidamente qual era a finalidade da sua visita e o facto de usar vestes religiosas em vez de civis não mudava minimamente a clareza das ideias e o ardor com que se exprimia. Refletindo uma segunda vez sobre a sua inabilidade, até oratória para o bom desenvolvimento daquela missão, decidiu que iria transmitir a Gotofredo as palavras exatas dos seus dois interlocutores, sem as enobrecer com expressões mais pomposas. O visconde teria de compreender que, mais



tarde ou mais cedo, uma opção política se impunha.

-Agradeço-vos, secretário, pelo tempo que me haveis dedicado.

Gotofredo di Challant ficará seguramente satisfeito com a vossa resposta: por agora, peço-vos que aceiteis da sua parte este pequeno donativo para a basílica. Nas mãos de Aimone surgiu, envolta num finíssimo pano de linho bordado, uma patena de prata. Finamente trabalhada no bordo exterior com motivos de folhas, o objeto litúrgico apresentava, ao centro, uma saliência arredondada com oito lóbulos.

Maravilhado por aquela homenagem inesperada, Ugone pegou nela e, virando-a entre as mãos, admirou aquele trabalho raro. Depois, mostrando o sorriso que até então não assomara ao seu rosto, agradeceu ao seu hóspede.

- Não imaginava que os ourives do vale Augusta trabalhavam com tanta perfeição e finura! É uma patena lindíssima e estou certo de que Leone a querará expor na basílica durante uma das próximas cerimónias solenes. Agradecei por mim ao visconde e dissei-lhe que, se um dia passar por Milão, será seguramente muito bem recebido.

Cumprimentos, Aimone de Graines, ide em paz.

Depois de o ter abençoado apressadamente, Ugone chamou o contínuo, que se apresentou imediatamente à porta e acompanhou Aimone. Outros postulantes, cada vez mais numerosos, esperavam na sala. Caminhando, veloz, entre eles, o castelão saiu do palácio arquiepiscopal sem olhar em volta; sentia-se leve como se lhe tivessem retirado um peso de cima. Fizera o seu dever, a sua missão chegara praticamente ao fim. Agora, finalmente, podia pensar em si próprio, no filho, no seu regresso a Graines... Não, refletiu, sentindo, ao mesmo tempo, um aperto doloroso no peito, havia a Raquel... Enrico tinha razão, não podia abandonar nem aquela rapariga nem o pai ao seu destino, tinha de os ajudar de qualquer maneira antes de deixar a cidade... Enquanto tentava convencer-se a si próprio de que a preocupação que sentia por Raquel se devia apenas à piedade e não ao forte sentimento que nutria por ela, encaminhou-se a passos ligeiros na direção do Broletto. Na praça, os aprendizes das oficinas varriam vigorosamente o chão, onde ainda eram evidentes os vestígios da festa do dia anterior. Os excrementos dos cavalos tinham sido juntos aos cantos dos becos, onde, antes das vésperas, seriam cuidadosamente recolhidos para estrumar as quintas da cidade.

## Capítulo 35

O peregrino estava sentado no canto mais escuro da hospedaria. Os seus olhos claros, sombreados pela borda do capuz que lhe cobria quase todo o rosto, percorriam o local, fixando-se nos rostos dos outros fregueses. Estava sozinho e ninguém se lhe dirigia. Enquanto, com os dedos, ia apalpando as cartilagens de um pedaço de lebre coriácea na tentativa de conseguir retirar-lhe toda a carne, a sua atenção foi atraída por dois homens que, relativamente perto da sua mesa, jantavam exatamente o mesmo prato. Pelos trajes que vestiam, dir-se-ia tratar-se de dois aristocratas. Enfronhavam-se numa conversa que parecia ser de grande importância; o mais velho dos dois falava à pressa, sublinhando frequentemente com amplos gestos as suas palavras.

Curioso, o peregrino pôs-se à escuta, tentando ouvir um pouco do que diziam, mas o barulho da taberna, apinhada de gente, não lhe permitia compreender nada. Uma jovem criada que servia o vinho avizinhou-se dele com a intenção de lhe encher de novo o copo: surpreendida por encontrá-lo ainda cheio, fixou o homem, que, depois de ter puxado ainda mais o capuz sobre o rosto, desviou o olhar.

-O que se passa, não te agrada o nosso vinho? Não é suficientemente fino para o teu paladar de penitente? - perguntou a rapariga, petulante.

- Não bebo vinho! - respondeu o peregrino, num tom que não admitia réplicas. Traz-me água.

Admirada com a dureza daquela voz, a criada hesitou um instante, sem saber se havia de responder com igual aspereza; depois, resmungando para si mesma, afastou-se para a cozinha.

Enjoado com o sabor demasiado gorduroso da caça de má qualidade que era forçado a comer, o homem afastou de si o prato.

Havia já uns dias que o atormentava um mal-estar que conhecia de outras vezes: uma dor que o queimava debaixo das costelas e que irradiava para as costas e que, de vez em quando, lhe arrancava um lamento de dor. Sentia-se febril; se bem que estivesse habituado a longas deslocações, aquela viagem parecia tê-lo esgotado. Talvez refletiu, se tratasse da juventude que já passara ou mesmo do ar sufocante daquela cidade, que não ajudava as suas pernas, acostumadas a outros lugares onde o clima era mais propício.

A criada voltou; depois de ter pousado, impaciente, o jarro da água, tentou

uma vez mais espiar as feições do homem que tinha pela frente, mas não o conseguiu. Suspirando, desiludida, virou-se e dirigiu-se para uma das outras mesas. Tendo o cuidado de segurar o capuz, com uma das mãos, mantendo-o bem enterrado, o peregrino bebeu avidamente e, depois de ter deixado umas moedas ao lado do prato, levantou-se e saiu. Assim que desapareceu para além da porta, um sarraceno que até então permanecera sentado do outro lado da sala em frente de um prato de sopa fria levantou-se por sua vez e seguiu-o.

- Haveis notado quantos sarracenos frequentam esta cidade? perguntou Enrico, fazendo sinal para o homem da pele escura que acabara de sair da taberna. - É curioso, da última vez que passei em Milão não me dei conta de que eram em tão grande número... São quase todos servos e dizem que muitos deles fugiram da corte de Federico para procurar fortuna noutra lugar. Sabeis, dizem também que o imperador é muito cruel com os servos; parece que, se um dos seus criados não obedece prontamente às ordens recebidas, é conduzido à sua presença e, se for reconhecido como culpado por negligência, é submetido a um julgamento sumário e incontestável, que geralmente termina numa condenação à morte. Bom, não falemos dos servos! Sabereis certamente que o imperador tem fama de ser um homem lascivo e alegre; pois bem, parece que todas as sarracenas que trabalham nas suas inúmeras residências, mais tarde ou mais cedo, são convocadas para aquecer a sua cama!...

-Devem ser ditos sem fundamento, muito exagerados pelo ódio que sentem por ele... - retorquiu Aimone, duvidoso. -Vendo bem, se considerarmos a sua frenética atividade e as suas permanentes deslocações através do reino ora lutando em batalhas ora procurando aliados, que tempo terá o imperador para dedicar à luxúria? - Não sei, Aimone, não sei. Não é fácil saber o que vai na alma humana... de qualquer maneira, que Federico é uma personalidade complexa, isso é coisa sabida: ao amor pelas letras e pelas artes, que deveria fazer dele uma pessoa doce e delicada, junta-se uma rara crueldade no confronto com os seus próprios semelhantes. Mostra talvez mais consideração pelos animais: dizem que tem uma grande estima pela sua coleção de animais, que inclui muitas feras, e que cria cães e cavalos e sobretudo falcões. Certamente já tereis ouvido dizer que está a redigir um tratado sobre a falcoaria, em que classifica as diversas espécies de rapaces e explica os seus hábitos, ilustrando as técnicas para a sua domesticação. A facilidade com que o homem se dispõe à convivência com os animais

sempre me surpreendeu. No fundo, são porcos, sempre esfomeados, largam os seus excrementos onde quer que seja... Uma coisa são cavalos, mulas, bois, quero dizer, os animais de trabalho; outra são os porcos que andam em liberdade pelos caminhos das cidades ou todos aqueles cães sarnentos que coabitam com os cristãos, que os têm por perto como se fossem membros da família! Aimone ia responder às suas últimas palavras: lembrava-se ainda da alegria que vira no rosto do filho durante a brincadeira com *Nisan*, o cachorrinho de Raquel, e compreendia perfeitamente que a companhia de um animal podia aliviar muitas situações de solidão. No entanto, não respondeu, pensando que um homem de ciência como um médico possuiria, certamente, argumentos mais válidos do que os seus. Procurando afastar do pensamento Raquel, que teimosamente voltara a ocupar-lhe a mente, Aimone desviou rapidamente a conversa.

- E então, partis amanhã? - perguntou a Enrico.

- É verdade - respondeu o médico -, ou, o mais tardar, depois de amanhã. Já prestei à *podestà* todos os cuidados necessários à sua doença e, segundo parece, estão a produzir os efeitos desejados; como vedes, a minha presença aqui já não é necessária. E os meus assistentes de Lucca fizeram-me chegar uma mensagem na qual se diz que os clientes estão a fazer fila fora da porta e que, além disso, um colega da escola de Bolonha me convocou para uma consulta. Tenho de ir-me embora, portanto, não posso ficar por mais tempo... Além disso, a atmosfera desta cidade começa a aborrecer-me: o ar húmido cansa-me o corpo, enquanto toda esta agitação de padres guerreiros, de frades à caça de hereges, de populares em guerra com os aristocratas me perturba a mente. Preciso de paz de espírito, Aimone, para desenvolver o melhor possível a minha profissão e aqui em Milão estou a perdê-la aos poucos... vós mesmo, suponho, habituado ao vosso castelo, deveis sentir a mesma sensação; disse-me, quando pensais regressar a Graines? - Brevemente, muito brevemente. A minha missão diplomática pode dar-se por concluída. Devo apenas definir umas questões e, logo a seguir, partirei.

Enrico fixou-o. Era demasiado evidente quais eram as questões a que se referia e que ainda estavam por definir: gostaria de confrontar o castelão, incitando-o a deixar cair todos os escrúpulos e a declarar a Raquel os seus próprios sentimentos. Aquela jovem tinha necessidade de um homem a seu lado e Aimone seria o mais conveniente: maduro, respeitado, sabedor e poderoso, o que bastava para garantir um futuro entre as paredes protetoras

de um castelo. Para o pequeno Bartolomeo, por outro lado, iria ser vantajoso viver a sua adolescência com o conforto da presença de uma figura feminina.

Apesar de tão nova, Raquel já sofrera muito e a dor sofrida, como se sabe, pode ajudar a compartilhar a dos outros: estaria seguramente apta a dispensar ao rapaz a compreensão e a tolerância exigidas a uma segunda mãe. Apesar de estar convencido de que Aimone acolheria bem os seus argumentos no caso de lhos ter expresso, resolveu nada dizer. No fundo, quem era ele para poder dar conselhos a quem quer que fosse? Na sua arte, sim, poderia discutir sem grande temor de ser contestado, mas na vida...

Os dois homens levantaram-se e depois de terem pago a conta daquela miserável refeição saíram para a ruela, combinando um encontro para o outro dia, de manhã, para se despedirem definitivamente um do outro.

Aisha envolveu a cabeça no capuz e transpôs a porta daquele pardieiro decadente no qual se haviam alojado. Já estava escuro: a luz da Lua, velada por algumas nuvens esfarrapadas, mal iluminava os telhados das casas da ruela. O seu patrão ordenara-lhe que procurasse alguém que o pudesse aliviar, fosse de que maneira fosse, do sofrimento dos últimos dois dias. A dor nas costas acentuara-se e, debaixo da pele, ao longo do dorso, tinha aparecido uma esteira de manchas vermelhas que, uma após outra, se iam transformando em crostas serosas. Há já muitos anos sofrera desta mesma doença e, não imaginando que ela o iria atacar exatamente durante a viagem para Milão, nem ele nem Tarik haviam pensado em trazer consigo o unguento adequado para fazer reabsorver aquele fogo doloroso. Sabendo bem que não devia pedir ajuda a nenhum dos muitos médicos da cidade, porque qualquer deles poderia reconhecer nas feições do doente uma identidade que mantinha secreta, Aisha informou-se discretamente junto da criada da estalagem da eventual presença, no bairro, de uma mulher que soubesse curar com ervas. Havia-lhe mentido oportunamente sobre a pessoa a quem se destinavam, explicando-lhe que o remédio era para ela, pois que, depois de uma longa viagem, sentia as vísceras em contínuo alvoroço. Foi-lhe sugerido, com o insistente pedido de segredo, que solicitasse conselho a uma jovem judia que morava relativamente perto dali, junto do hospital dos leprosos. Antes de se decidir a consultar a rapariga, fora falar com o patrão, que, sofrendo de dores cada vez mais violentas, a exortara a consultá-la naquela mesma noite.

- Se a judia precisar de observar as minhas bolhas para prescrever o

tratamento - acrescentara -, diz-lhe que irei a casa dela de noite. As pessoas são curiosas e aqui na estalagem não se deve saber nada, nem de mim nem da minha doença. Diz-lhe também que será bem paga.

A sarracena meteu pelas ruelas e becos que se desenhavam para lá do fosso. Esforçando os olhos no escuro, atenta de modo a evitar os montes de lixo que se amontoavam aqui e ali, pelo caminho, chegou, finalmente, à casa que lhe fora indicada. Pela fresta que se abria junto da dobradiça inferior da porta, saía uma luz fraca. Aisha bateu. Precedida do ladrar nervoso de um cão, a judia apenas entreabriu o batente: os seus olhos inquietos espiavam, na obscuridade da ruela, enquanto a mão que segurava uma vela de sebo se esticava de modo a iluminar o rosto da visita que não esperava.

-Sois vós a judia? - sussurrou, apressada, a sarracena, levantando o capuz para poder mostrar a cara.

-Sou... - respondeu, prudente, Raquel -, mas vós, quem sois? -Chamo-me Aisha e preciso da vossa ajuda...

Raquel olhou-a. Os olhos febris da sarracena exprimiam uma súplica muda. Aquela mulher tinha medo. O seu rosto escuro, finamente talhado, contrastava, de modo singular, com a evidente pobreza das suas vestes. Pensando quão desesperada deveria ser a coragem que a havia conduzido até ali, noite adentro e num bairro tão mal-afamado, Raquel pôs de parte o temor e, renunciando à prudência, mandou-a entrar. Do seu canto, *Nisan* observava as duas mulheres numa rosnaria surda. - Não é de mim que se trata - começou Aisha -, mas do meu patrão. Está a cumprir uma longa peregrinação até França e de há um tempo para cá sofre muito de uma doença de pele que lhe dá dores atrozes e lhe faz feridas e bolhas...

- E por que razão vindes ter comigo em vez de irdes procurar um médico? - perguntou-lhe Raquel, interrompendo-a.

- Bem... o meu senhor é um mercador rico e muito conhecido na cidade e, como deseja manter segredo sobre a sua peregrinação não quer que ninguém saiba da sua presença em Milão. Por isso não quis chamar médicos ou boticários, mas mandou-me procurar-vos Oh, eu sei - continuou Aisha, interrompendo, com um gesto da mão o protesto que Raquel estava prestes a fazer -, os judeus não podem tratar os cristãos, mas o meu senhor não se importa com isso; não faz distinção de religiões entre aqueles que o servem e, de qualquer maneira, vós não exerceis a arte médica, apenas aconselhais os tratamentos, não é verdade? Portanto, não há qualquer obstáculo que impeça que o meu patrão usufrua da vossa ajuda. Pediu-me para vos dizer

também que os vossos serviços serão bem pagos.

Raquel refletia. Aquela história não a convencia completamente.

Porque é que um mercador tão rico, que tinha uma criada com uma tal propriedade de linguagem, se teria dirigido exatamente a ela? E depois, donde viria aquele homem que tinha sarracenos ao seu serviço, senão do reino da Sicília? Recordava-se de ter visto muitos mouros em Salerno, no séquito de aristocratas e de mercadores, enquanto poucos eram os que havia encontrado andando por Itália durante a sua viagem para norte. Quem seria realmente aquele mercador, tão indiferente à sua fé religiosa e tão poderoso, que podia permitir-se correr o risco de se relacionar com uma judia? E ela? Que perigos iria correr, exercendo uma vez mais a arte médica, embora não tendo qualquer preparação para tal e, mais ainda, tratando-se de um outro doente cristão? Poderia ser acusada de bruxaria e, quem sabe, condenada à fogueira. Não, não podia pôr em risco a sua vida, Isaac necessitava demasiado dela; mesmo dando-se conta de que o dinheiro prometido pela sarracena lhe faria muito arranjo, decidiu recusar.

- Não posso fazê-lo - disse, apressada. - Dizei ao vosso amo que o informaram mal, que não estou habilitada a tratar com ervas.

Sou uma simples bordadora e os únicos tratamentos que conheço são os que presto ao meu pai, que está muito doente. Quem quer que me tenha atribuído conhecimentos que não possuo, mentiu ou enganou-se.

Não posso fazer nada por vós.

Aisha, a quem os anos de serventia haviam ensinado a ler os pensamentos do seu patrão, mesmo aqueles que os seus lábios não confessavam, compreendeu que a rapariga mentia. Percebeu também que, como acontecia consigo, também ela vivia no medo. Os olhos dilatados que a fixaram à luz trémula da vela e as mãos inseguras que seguravam o coto da vela de sebo traduziam uma grande angústia.

Maldizendo em silêncio a doença do seu amo, que, estava certa disso, iria causar posteriores dificuldades a ambos, fez um sorriso cansado e disse a Raquel: - Não acredito que digais a verdade, mas sou levada a pensar que tendes bons motivos para me mentir. Pela minha parte, não tenciono insistir, mas não vos asseguro que o meu senhor seja assim tão respeitador da vossa vontade. Está habituado a ser obedecido sem condições. Dir-lhe-ei que não vos encontrei, mas não sei se irá acreditar em mim. De qualquer maneira, se tiver de se apresentar ele próprio aqui em vossa casa, peço-vos, mostrai-vos colaborante: acreditai-me, uma recusa demasiado decisiva a um pedido dele

poria em risco a vossa vida.

Depois de ter enfiado novamente o capuz, a sarracena fez um cumprimento respeitoso e dirigiu-se para a porta. Raquel ficou a olhá-la, imóvel. No silêncio da casa, só a respiração ofegante de Isaac se ouvia.



## Capítulo 36

A lenha da fogueira não ardia quase nada, mas a panela suspensa sobre as brasas fervilhava ainda: a sopa, já cozida, espalhava um aroma convidativo a ervas aromáticas em que ninguém reparava.

O silêncio na sala era total, apenas interrompido pelo murmúrio do caldo e pelo zumbido de uma mosca solitária que, de vez em quando, pousava no bordo da panela.

Os olhos esbugalhados de Angiolina e de Graziolo fixavam Giacomo da Forno, que, sentado à sua frente, alisava mecanicamente o tampo da mesa procurando outras palavras, que, todavia, não vinham.

O médico, que eles conheciam há anos e que fora o primeiro a trazer àquela casa a doutrina de Guglielma, não conseguia continuar o discurso. O terror que lia nos olhos dos seus hóspedes era também o seu e, embora tivesse longamente refletido sobre a forma como havia de dar aos seus companheiros de fé a má notícia, agora, no momento em que as frases deveriam fluir da sua boca, com toda a facilidade, cada tentativa para dar sequência lógica do raciocínio, parecia-lhe forçada. Aqui não se tratava de encetar uma discussão filosófica que, como único método de pesquisa aprovado, investigasse as causas e os tratamentos de uma doença, como os mestres da medicina faziam...

Aqui estavam em jogo a vida ou a morte, sua e de todos aqueles que seguiam os ensinamentos de Guglielma! Procurando controlar a sua própria agitação para não aumentar a de Angiolina e de Graziolo, fez um esforço sobre si próprio e retomou a fala.

-A situação é grave, disso não há dúvida, mas procuremos compreender o risco que corremos. Seremos chamados a testemunhar, é certo, mas achais realmente que isto será o suficiente para que sejamos acusados de heresia? De que poderão culpar-nos? De ter ouvido as palavras de uma mulher sábia e compartilhar com ela as suas orações? De que modo, gostaria de saber, nos afastámos da via reta se, como pregava Cristo e como faz a Igreja, apenas ajudámos pessoas em sofrimento e com necessidades, sentindo-nos todos parte de um projeto de amor? Será possível, pergunto-me, que grandes pregadores como Pietro da Verona ou como os frades menores não compreendam esta simples verdade e nos acusem de heresia? Não o creio: estou certo de que as nossas respostas serão interpretadas de forma justa.

Assim, irmãos, arranjemos coragem e enfrentemos mais esta prova: quando formos interrogados, cada um de nós deve responder sinceramente. Não temos nada a esconder, a nossa vida é límpida como a da Boema.

Angiolina olhava para o médico. A tremura das suas mãos inchadas e vermelhas fazia vibrar o tecido áspero da veste sobre as quais estavam pousadas. Graziolo, que fixava a parede em frente de si sem a ver, continuava a engolir, procurando restaurar, na sua garganta seca, todos os humores. Giacomo, sem forças devido àquele penoso discurso feito sem convicção, torturava nervosamente uma asa do nariz. As coisas iriam processar-se exatamente assim, como ele acabara de profetizar, ou acabariam todos na fogueira da Vetra? E Guglielma? O que seria dela? As suas reflexões foram interrompidas pela voz de Angiolina, que, trémula e alquebrada, lhe chegou aos ouvidos como provinda de muito longe.

- Faremos como dizeis, Giacomo, mas é absolutamente necessário que os meus filhos se mantenham fora desta história. Se for necessário, irei escondê-los, pedirei ajuda ao pároco de San Calimero; ele saberá encontrar uma maneira, poderá mandá-los para o campo, para um outro mosteiro que fique longe...

Os olhos, até então dilatados pelo medo, arregalaram-se subitamente: as lágrimas desceram copiosas enquanto profundos soluços sacudiam o peito de Angiolina. Em silêncio, Graziolo rodeou-lhe as costas com os braços fortes e, passado um momento de comoção em breve dominada, falou pela primeira vez.

-Quando seremos chamados a testemunhar? - perguntou ao médico.

- Dentro de uns dias, julgo. Disseram-me que os menores e os dominicanos estão a preparar uma lista dos fiéis de Guglielma e que, em grupos, serão convocados ao capítulo da Basílica de Sant'Eustorgio: aí serão interrogados pelos inquisidores. Quando alguém vos mandar chamar, apresentai-vos imediatamente.

Sem acrescentar mais nada, Giacomo levantou-se e, depois de ter feito um aceno de despedida, saiu. Angiolina e Graziolo permaneceram imóveis. Completamente esgotados, davam-se as mãos sem nada ver nem ouvir.

- É para amanhã. O secretário de Leone da Perego convocou-me para Sant'Eustorgio como observador: embora as palavras que pronunciou durante o encontro realizado há uma semana tenham sido muito cautelosas, intuí que a minha presença no capítulo não terá apenas um valor testemunhal, constituirá um velado aviso relativamente à minha pessoa e

aos meus atos. Assim que eu tiver ouvido as confissões dos sequazes da Boema, pensam os inquisidores, não poderei continuar a fingir ignorar a existência desta nova heresia; deste modo serei obrigado a colaborar, a apontar, a denunciar, sob pena da prossecução da minha missão aqui em San Simpliciano.

E assim conseguiram aquilo que queriam, até de mim...

A expressão de Arnolfo era cansada e resignada. Os olhos olheirentos revelavam uma noite de insónias passada em reflexão e oração. Matthew, perdido e amargurado, observava-o, sem ousar responder; sentia pena por aquele homem, que, na sua grande inteligência, compreendera rapidamente o significado do vil atentado que sofrera.

Os últimos factos e a convocação por parte dos inquisidores demonstravam agora, sem sombra de dúvida, quem armara a mão de Antonino da Lurate e seguidamente o eliminara. Arnolfo descobrira que o noviço encarregado das cozinhas do mosteiro não tinha tido qualquer culpa no envenenamento do autor do atentado, enquanto o hábito encontrado pelo criado do moinho havia confirmado as suas suspeitas: alguém entrara na enfermaria disfarçado de frade e, sem se fazer notar, havia servido aquela sopa venenosa.

Matthew continuava surpreendido com a consideração que Arnolfo lhe devotava: não compreendia, realmente, por que motivo o abade, tão poderoso e respeitado, o havia posto ao corrente dos seus problemas e das suas convicções mais profundas, logo a ele, um humilde frade, para mais estrangeiro. De qualquer modo, o seu respeito por Arnolfo crescia de dia para dia e aquela última pesada incumbência de que o haviam investido contra a sua vontade não fizera senão aumentá-la. Enquanto hesitava, sem saber se havia de comentar de qualquer modo as últimas palavras do abade, Arnolfo prosseguiu.

-Vereis amanhã, vós também, Frei Matthew. Foi-me dada a possibilidade de levar comigo dois confrades e um deles sereis vós O frade ficou sem respiração. Por um instante, um lampejo de rebelião atravessou-lhe os olhos, mas rapidamente se extinguiu O voto de obediência e a consciência da honra de que fora objeto impunham a aceitação incondicional deste último fardo. Inclinando a cabeça, concordou, sem, no entanto, conseguir dizer uma palavra; a perspectiva de assistir a um processo inquisitorial aniquilara qualquer reação da sua parte que não fosse puramente física. Com os ouvidos a latejar, Matthew levantou-se e esperou um cumprimento

de despedida.

- Iremos logo ao amanhecer, Frei Matthew. Ninguém deverá saber; encontraremos os nossos cavalos já albardados fora da cavalaria.

Até amanhã, então...

Enquanto Matthew saía da cela, o abade deu alguns passos pesados na direção do genuflexório e aí se deixou cair: levantando os olhos para o crucifixo suspenso da parede, começou, lentamente, a rezar.

A sala do capítulo estava escura. As janelas, pequenas e estreitas que interrompiam as paredes de tijolos há pouco erguidas, deixavam penetrar uma luz que só dava para reconhecer as feições das pessoas.

As tochas colocadas nos quatro cantos da sala espalhavam um cheiro resinoso acídulo e desagradável que, de vez em quando, provocava acessos de tosse nos presentes. Pietro da Verona estava sentado em cima de um banco de madeira de castanho, alto, rodeado de inúmeros confrades da sua ordem. Os seus hábitos cândidos contrastavam com os escuros dos frades menores que, em duas longas filas ordenadas, se sentavam nas cadeiras laterais. Ao lado dos sete inquisidores, que, ao centro da sala, pareciam comprimir-se entre si, Arnolfo, Matthew e Frei Giustino sentavam-se num banco comprido encostado à parede.

Aquela colocação fora-lhes imposta pelos menores, quase como se a escolha do lugar servisse já para conotar uma qualquer conivência com os inquiridos.

- São chamados a testemunhar Angiolina e Graziolo de Compagnoni! A voz do frade pregador que fazia as funções de secretário de Pietro da Verona elevou-se, estentórea, na sala. De rostos térreos, Angiolina e Graziolo avançaram até à presença do seu inquisidor.

Pietro fixava-os, severo, com as costas apoiadas, rígidas, no longo espaldar da cadeira de couro, enquanto as mãos se contraíam no colo.

- Sois os primeiros a ser interrogados e por isso - começou Pietro, levantando o indicador direito para as duas testemunhas - vou explicar-vos, de modo a que também fique claro para todos os outros que vão seguir-se, qual é o objetivo desta convocação inquisitória!

Antes de qualquer outra investigação, ser-vos-ão perguntadas informações sobre a vossa vida; não sobre a atual, da qual já sabemos tudo, não sobre a vossa participação nas reuniões daquela mulher a que chamam Guglielma, a Boema, da qual também temos conhecimento, mas sobre acontecimentos precedentes da vossa vida. À medida que falava, a voz do inquisidor subia

de tom, adquirindo evidentes acentos de aspereza; o seu olhar duro tornava-se febril e varria todos os rostos presentes na sala. - Queremos saber - continuou - quem sois, donde vindes, quem são os vossos amigos e se pretendeis conformar-vos, de agora em diante, com os *mandata ecclesiae*, sem voltar a ceder aos aliciamentos da heresia. Porque na verdade suspeitamos que Guglielma, a Boema, deverá, para todos os efeitos, ser considerada uma herética e que na sua loucura terá feito de forma a rodear-se de adeptos e fiéis, quase como se a sua fosse uma outra igreja! Sabemos que todos vós aqui presentes frequentastes a casa dela, ouvistes os seus desatinos, rezastes com ela... Pois bem, sereis julgados por isso. No entanto, se responderdes às minhas perguntas com verdade e sem esconder nada, se sobretudo reconhecerdes publicamente o vosso erro quando vos for ordenado fazê-lo, a vossa vida será poupada.

Pietro calou-se. A sua grande experiência de pregador ensinara-lhe a intervalar as perorações com longas pausas, que tinham o mérito de produzir, em quem o ouvia, uma espera eivada de medo. Exatamente o efeito que desejava obter.

Depois de ter suspirado demorada e ruidosamente, retomou o discurso, fixando Graziolo diretamente nos olhos.

-Tu, Graziolo de Compagnoni, há quantos anos estás nesta cidade? Os meus informadores referiram-me que viestes do campo, é verdade? Procurando manter uma atitude digna, Graziolo apelou a toda a sua coragem e, com voz firme, começou a contar tudo desde as suas origens, do seu velho moinho e do seu atual emprego como criado. Estava para acrescentar pormenores mais precisos sobre a importância do seu cargo junto do palácio da *podestà* quando o inquisidor o interrompeu *conferindo* às suas palavras a violência de uma chicotada.

-E diz-me, quem te levou ao conhecimento de Guglielma Boema? Graziolo ficou para morrer. Os seus olhos apavorados dardejaram em redor à procura do rosto de Giacomo da Forno: o médico mantinha uma expressão impenetrável. Quando o seu olhar encontrou o do seu involuntário acusador, um sorriso cansado assomou aos seus lábios. Graziolo, dando-se conta de já ter fornecido uma resposta com aquele olhar descuidado, não pôde fazer mais nada senão dizer a verdade.

- Foi o médico Giacomo da Forno, excelência, também ele aqui presente a testemunhar...

- E quem mais, juntamente contigo, frequentava a herética? A segurança

que, com tanta determinação, decidira manifestar começava, aos poucos, a dar lugar ao terror. Face às perguntas prementes do dominicano, deu-se conta, horrorizado, de que o objetivo primário do inquisidor fora o de obter os nomes de todos os sequazes de Guglielma. Pretendiam fazer dele um delator, se quisessem salvar a vida, todos eles deveriam transformar-se em espias! Desesperado, olhou para a mulher. Angiolina tremia. O seu rosto ainda belo de camponesa estava reduzido a uma máscara de medo, os nós dos dedos, completamente entrelaçados sobre a barriga, estavam brancos de cera.

- Então, não me respondeis? - perguntou Pietro, bruscamente.

Graziolo ergueu os olhos húmidos para o frade e, gaguejando com esforço, disse o nome de todos os outros que encontrara na casa de San Pietro all'Orto, omitindo apenas os dos seus dois filhos.

-E a tua mulher - prosseguiu o pregador, fazendo sinal a Angiolina para avançar na sua direção -, o que tem a tua mulher para confessar? - Sou de Parabiago, como o meu marido - respondeu a mulher com voz tremente mas clara -, e, depois da inundação que destruiu o nosso moinho há dezoito anos, segui-o até Milão. No início fiz de ama, mas depois, pela caridosa intervenção do pároco da Basílica de San Calimero, consegui encontrar uma ocupação para sobreviver: lavo a sua roupa e a de todos os deserdados que frequentam a igreja...

Assim como um raio inesperado que, rebentando nas proximidades de qualquer árvore, faz sobressaltar o pastor incauto que guarda o rebanho, também as palavras de Angiolina fizeram sobressaltar, simultaneamente, Matthew e Arnolfo. Até então, ambos tinham permanecido no seu canto, imóveis; aquela sessão inquisitória era uma experiência perturbadora e, embora com esforço, procuravam manter um certo afastamento, tentando acalmar a sua própria inquietação.

Com a certeza de que as perguntas de Pietro da Verona preludiavam dolorosos desenvolvimentos na vida futura de todos os inquiridos presentes na sala, ouviam com atenção cada uma das suas palavras.

Foi assim que ouviram da boca de Angiolina o nome do seu burgo de proveniência e as explicações sobre o seu velho emprego como ama. Por um instante Arnolfo susteve a respiração. Matthew, pálido, procurou o olhar do abade como que para confirmar uma incrível suspeita. As pupilas de Arnolfo, dilatadas, fixaram-no por instantes, devolvendo-lhe a sua própria dúvida: seria realmente aquela mulher a mãe adotiva da jovem Gisalbertini?

Os anos decorridos desde a sua chegada à cidade e o lugar de proveniência coincidiam com as informações que possuíam. Se realmente era mesmo ela, que incrível casualidade a conduzira até ali, àquela sala, à presença das duas pessoas que, mais do que quaisquer outras, estavam apostadas em descobrir a identidade da sua filha? Uma muda e idêntica troca de pensamentos ocorreu entre os dois homens. O primeiro a retomar o controlo das próprias emoções foi o abade, que, desviando subitamente o seu olhar do frade, recompôs o rosto numa expressão impassível.

Compreendendo perfeitamente que os pregadores controlavam as atitudes de Arnolfo e que, portanto, qualquer manifestação de perturbação se tornava arriscada, evitou olhar para ele, concentrando toda a sua atenção nas perguntas que o inquisidor continuava a fazer a Angiolina.

- E os vossos filhos? Dizem-me que tendes uma rapariga e um rapaz adotados... Nunca foram com vocês às reuniões de Guglielma? - perguntou, severo, o pregador.

O sangue desapareceu completamente do rosto da mulher, um suor frio correu-lhe ao longo do corpo e, por um instante, julgou que ia cair. Depois, disfarçando com um ataque de tosse forçado o nó que lhe apertara a garganta, respondeu.

! - Não, excelência, os meus filhos não conhecem a Boema.

- E disse-me, por que motivo irei eu fazer fé nesta vossa afirmação? Acho que também eles deveriam ser convocados a esta sala...

Angiolina, tomada pelo desespero ousou interromper -, o meu filho ainda é um menino e a minha filha...

- E a vossa filha trabalha no Brolo como fâmula! - acrescentou Pietro, irritado. - Se a sua idade lhe permite cuidar dos doentes e dos moribundos, também deve estar apta a responder às minhas perguntas não credes? Eu decidirei se e quando a ouvirei; por agora, afastai-vos um pouco, convosco, já terminei.

O pregador fez um sinal ao secretário, que, aproximando-se e segurando um pergaminho numa das mãos, lho mostrou sussurrando qualquer coisa. Enquanto Angiolina e Graziolo retrocederam até ao fundo da sala, o secretário chamou o médico Giacomo da Forno.

Era quase a hora sexta quando os inquisidores terminaram os interrogatórios. Os convocados foram libertos, podendo regressar às suas casas, mas com a ordem expressa de não abandonarem a cidade; se houvesse qualquer transgressão a esta ordem, o caso seria remetido de

imediatamente para o poder civil. Num silêncio carregado de tensão, as testemunhas afastaram-se em pequenos grupos: Angiolina e Graziolo, apoiados um no outro como se carregassem um fardo enorme às costas, seguiram na direção das muralhas. Arnolfo sugeriu a Frei Giustino que fosse andando para San Simpliciano; ele e Frei Matthew iriam encontrar-se com ele daí a pouco. Interpretando aquela ordem como um desejo do abade de poder falar com o frade inglês longe de ouvidos indiscretos, Giustino obedeceu. Embora se interrogasse frequentemente sobre os motivos daquela recente mas sólida ligação entre o seu abade e aquele monge estrangeiro, nesse momento estava tão perturbado que não conseguia pensar noutra coisa que não fosse num rápido regresso à calma do seu mosteiro. A sessão inquisitorial dessa manhã pregara-lhe um susto de morte e por agora sentia a necessidade premente de fazer uma longa e solitária oração na capela.



## Capítulo 37

-Vede bem, Angiolina, esta é a única solução possível...

Os olhos compreensivos do padre observavam a mulher que se sentava à sua frente. Dobrada sobre si mesma, Angiolina tinha os olhos fixos numa fenda do chão de pedra da sacristia. A seu lado, Allegranza mal respirava; o seu olhar, aterrorizado, corria do padre para o abade, que, de pé ao lado do contador, seguia atento a conversa do padre Giovanni.

-Acreditai-me - continuou o padre -, é a coisa melhor que podemos fazer. O Mosteiro de Lentasio é um lugar seguro e a abadessa Eufrasia, como já ouvistes da boca do abade, é uma pessoa de confiança e muito experiente. Lá, ninguém irá procurar-vos - acrescentou, dirigindo-se a Allegranza - porque os pregadores pensarão que a vossa mãe vos terá escondido no campo. Vejamos, qual será o melhor esconderijo senão aquele que é menos previsível? Ficareis por lá por algum tempo até as águas acalmarem e os vossos pais serem chamados a testemunhar mais uma vez o seu arrependimento. Depois disso, logo se verá; se o vosso pai conseguir encontrar outra ocupação, podereis sair todos de Milão...

As lágrimas começaram a rolar pelo rosto pálido de Allegranza.

Estava prestes a perder tudo, o amor, o trabalho, as amizades. A sua vida, aceitável, apesar das dificuldades, vivida teimosamente até esse dia, estava prestes a acabar. Alguma vez conseguiria voltar a juntar-se a Damiano? Como iria ele conseguir explicar à sua família que a rapariga que pretendia desposar fora acusada de heresia? E o que seria dos seus pais e, sobretudo, do seu irmão, ainda tão pequeno para poder compreender a enormidade de tudo o que estava acontecer-lhes? Tomado por uma profunda inquietação devido às ações que iria cumprir, Arnolfo observava as duas mulheres. Tinham-se enganado todos, incluindo ele próprio, tinham-se enganado ao subavaliar a ira da Igreja para com os heréticos. Mesmo havendo razões fundamentadas para duvidar do efetivo perigo que as palavras da Boema constituíam, dava-se conta de que, na verdade, a sua pregação não passava de uma pedra última lançada no charco da heresia. Pela sua parte pensava que os círculos produzidos por aquele seixo minúsculo teriam sido mínimos se comparados com os redemoinhos firmes formados por outras heterodoxias bem mais pesadas.

O padre Giovanni olhava-o procurando ajuda; a pena que sentia daquelas

duas mulheres impotentes impedia-o de continuar o discurso que preparara tão meticulosamente. Arnolfo, intuindo o seu embaraço, falou por sua vez.

-Quanto ao rapaz - disse -, virá para o meu mosteiro. Ficará escondido na cela de um monge em cuja discrição deposito toda a confiança. Não desesperéis, Angiolina; vereis que tudo se arranjará e que dentro de pouco tempo vos podereis juntar aos vossos filhos.

E agora, preparai a bagagem - sugeriu, dirigindo-se a Allegranza -, eu próprio vos acompanharei a Lentasio. Já falei com a madre Eufrasia, que, asseguro-vos, está ansiosa por vos conhecer.

Não lhe disse quanto a notícia do encontro de Allegranza tinha perturbado a velha freira: ao alívio por sabê-la viva juntara-se uma enorme amargura por ver confirmadas as antigas suspeições sobre a sorte de Caterina. Em frente do abade, Eufrasia fora tomada por uma comoção da qual rapidamente se envergonhara. Fora ela, assim que secara as lágrimas, a sugerir a Arnolfo esconder a rapariga em Lentasio e o abade, grato pela sua generosidade, aceitara de bom grado uma tal solução.

Agora, enquanto mãe e filha, abraçadas uma à outra, davam largas a todas as suas lágrimas, Arnolfo refletia, rápido. Ele próprio deveria ter muito cuidado. Iria apresentar-se aos inquisidores fazendo de conta que estava a colaborar com eles; quando, como e quem iria depois ajudar a denunciar, isso era uma outra questão. A obediência à Igreja e às suas hierarquias não se discutia, disso estava certo, mas a obediência maior, a Cristo, tinha a ver com a sua consciência; só a Ele teria de prestar contas. Todos os erros, todas as incertezas seriam examinados, por fim, pelo único Juiz de que nunca havia duvidado.

Os olhos de Hamid, até então intimidados por aquele ambiente austero para onde fora conduzido, arregalaram-se de surpresa ao ver o rosto do frade que o acolhera na cela.

- Mas tu és o Matiú! - exclamou de uma penada.

O próprio Matthew admirou-se ao reconhecer naquele pequeno fugitivo que lhe fora confiado o mensageiro de Guglielma. Nunca imaginara que os seus caminhos iriam cruzar-se de novo e, sobretudo, nunca suspeitara sequer de que aquele rapaz era o irmão de Allegranza. Agradecendo como sempre ao Altíssimo pelas maravilhas que fazia aos Seus filhos, sorriu, tranquilizando desta forma a criança.

-Sim, sou eu... Estás contente por voltar a ver-me? Hamid anuiu incerto, sem responder, enquanto os seus olhos corriam por aquela cela estreita onde

iria passar os próximos dias.

Uma caixa tosca de madeira, sobre a qual estavam pousados um enxergão e uma cobertura grosseira, era a cama do frade; encostada à parede da frente, diretamente sobre o chão de pedra, dispunha-se uma outra cama, mesmo ao lado de uma mesa e de um banco sobre o qual estava colocado um saco de couro.

- É teu? - perguntou o rapaz desapertando os atilhos.

- É - respondeu o frade - e dentro dele estão os meus poucos haveres; queres vê-los? Aliviado por ter encontrado um assunto de conversa mais fútil do que os motivos que haviam conduzido até ali o infeliz miúdo, Matthew abriu o saco e começou a retirar os objetos. Alinhados em cima da mesa, viam-se duas camisas e dois pares de cuecas de linho grosseiro, uma faca, um pequeníssimo cofre, uma cruz de madeira toscamente trabalhada, um ramo de zimbro já seco, uma pena e uns seixos brancos.

- É tudo o que possuis? - perguntou Hamid espantado.

- Os frades fazem voto de pobreza e não podem ter nada mais do que o necessário para sobreviver, o Altíssimo pensa em tudo o resto - respondeu-lhe o frade sorrindo.

- E isto o que é? - perguntou o miúdo, cheio de curiosidade, pegando no cofre.

- Isso contém uma cruz preciosa - respondeu Matthew, abrindo a caixa. - Foi-me oferecida, há quase um ano, pela mulher de um comerciante; era uma mulher sábia e muito generosa...

- Porque dizes «era»? - perguntou Hamid, maravilhado com a pequena jóia de rubis.

- Porque já morreu, juntamente com muitas outras pessoas que não tinham culpa...

- E porquê? - perguntou o miúdo, tocado pelo tom de lamento que percebera na voz do frade.

-É uma história muito longa, um dia hei-de contar-ta: vamos ter tanto tempo para falar, não achas? Hamid concordou. As suas mãos pegaram no ramo de zimbro e logo de seguida nos seixos e na pena. Não ousando perguntar qual a razão daqueles objetos tão insólitos na bagagem de um frade olhou-o, esperando uma explicação, que, no entanto, não veio. Depois de ter voltado a arrumar cuidadosamente as coisas dentro do saco Matthew sentou-se na cama e, com um sorriso benévolo, convidou Hamid a fazer o mesmo.

- Uma vez que teremos de estar juntos por algum tempo disse-lhe -, é bom

que nos conheçamos bem um ao outro, por isso, se quiseres, vou falar-te do sítio onde nasci e dos lugares por onde andei até chegar aqui. Em contrapartida, tu irás contar-me tudo sobre ti, sobre os teus pais, a tua irmã...

O rapaz olhava-o, sem saber, ainda, se havia de confiar naquele frade bizarro que guardava umas pedras e uns ramos secos como se fossem um tesouro. Já uma vez, na casa em ruínas onde lhe levara o recado de Guglielma, o seu olhar alucinado fizera-lhe medo e agora, depois de o abade do mosteiro ter decidido pô-lo sob a tutela daquele monge estrangeiro, perguntava-se se faria bem em pô-lo ao corrente dos seus segredos. Por outro lado, o facto de a Boema o conhecer era, só por si, uma boa garantia. Se Guglielma o havia encarregado daquela missão, pensava, isso significava que ela conhecia aquele homem e que ele devia ser digno da sua consideração; conseqüentemente, não deveria ter medo nenhum dele. O que, pelo contrário, o perturbava, e lhe era completamente incompreensível, era o facto de o terem segregado a ele e a Allegranza em dois lugares diferentes, separando-os dos pais. Angiolina dera-lhe umas explicações confusas, invocando o motivo de uma viagem pelo campo; ela e Graziolo iriam estar fora por um tempo e enquanto a irmã ia ser hospedada num mosteiro feminino, ele teria de ficar em San Simpliciano.

Hamid não compreendia: por que razão naquele mosteiro e não na Basílica de San Calimero, cujo pároco conhecia tão bem? Devia haver outra coisa qualquer e as razões do seu afastamento talvez tivessem a ver com a Boema.

- Que não te saia da boca nem por uma só vez o nome de Guglielma enquanto estiveres longe de nós! - dissera-lhe a mãe ao ouvido enquanto com os olhos muito brilhantes se despedia dele, à porta da hospedaria do mosteiro. E agora, aquele frade pedia-lhe para lhe contar, para lhe falar dele e de Allegranza: o que poderia dizer e o que deveria calar? Com o peito apertado como nunca experimentara antes na sua vida breve, decidiu que iria dosear as suas confidências.

Depois de ter ouvido as do frade e de ter concluído se eram ou não sinceras e credíveis, então, talvez se resolvesse a falar.

Observando o rapaz, Matthew leu no seu olhar medo e desconfiança. Compreendendo que, se quisesse conquistar a sua confiança, teria de ser ele a começar a conversa, sorriu-lhe uma vez mais e começou a falar.

## Capítulo 38

A dor que sentia era cada vez mais aguda. Sempre que inspirava e que os músculos das costas se estendiam, era obrigado a suspender a respiração a meio: tinha a sensação de que, juntamente com o ar, lhe entravam no seu corpo dezenas de lâminas que, enterradas na carne, giravam e voltavam a girar até lhe rebentarem os pulmões.

As bolhas da pele tinham tomado uma cor púrpura e algumas delas sangravam. Não conseguia esperar mais; daí a uma hora, já noite fechada, iria a casa da judia e obrigá-la-ia a tratá-lo. Ficara furioso quando, dois dias antes, ouvira, da boca de Aisha, a recusa de Raquel e, se a serva não o dissuadisse, teria ido imediatamente descarregar a sua cólera sobre ela. A sarracena esperara pacientemente pelo fim da sua resposta enraivecida para depois, temerosa e prudente como sempre, lhe explicar que as míseras casas que se erguiam na ruela onde a judia morava se amontoavam de tal forma umas contra as outras que qualquer troca de inventivas, no calor da discussão, chegaria aos ouvidos de toda a gente.

- Não quereis certamente, meu senhor, que alguém, *ao* ouvir a vossa voz enraivecida, se assome à porta para ver o que se passa em casa da judia e vos reconheça, não é verdade? - acrescentara.

Tivera de admitir que Aisha tinha razão. Aquela mulher, que o servia fielmente e que durante aquela viagem se mostrara também capaz de aliviar a solidão da sua cama, ia ser uma companheira sábia para quem quer que fosse. Quando voltassem para o castelo, pensava, iria ainda a tempo de lhe restituir a liberdade e permitir-lhe, assim, regressar a Lucera; com um par de bois e algumas cabras poderia cultivar um pedaço de terra e matar a fome da mãe e dos muitos irmãos que haviam ficado naquela cidade.

Agora, porém, passados estes últimos dois dias, durante os quais a dor não prometera diminuir, decidira-se a ir a casa da judia e se necessário, obrigá-la, pela força, a arranjar-lhe um unguento. A sua permanência em Milão estava a terminar e, como é evidente, não podia meter-se a caminho carregado de tamanho sofrimento: um tratamento, um qualquer tratamento que fosse adequado à doença iria ajudá-lo a suportar o esforço da viagem a cavalo.

Tarik, que se informara, discretamente, da situação na cidade, confirmara as suas suspeitas e as suas intuições; Milão, pelo menos de momento, era uma

cidade inexpugnável. Misturado entre a multidão durante a parada em honra do arcebispo, ele próprio pudera verificar quão respeitadores os cidadãos se mostravam face às hierarquias eclesiásticas, que, por seu lado, mesmo conservando uma certa independência de Roma, obedeciam sempre aos desejos do papa.

Os Milanese nutriam ódio pelo imperador há já tantos anos, que não era possível apanhá-los desprevenidos; além disso, o legado pontifício e o arcebispo acabavam de sancionar alianças posteriores que tinham aumentado perigosamente o número dos sócios da liga. Mesmo que a sua vinda até aqui se tivesse, na verdade, revelado frustrante, feitas as contas, ela acabara por se mostrar útil, já que mais não fosse porque as suas ideias eram agora bem mais claras. Ali ficara, temporizando, naquela frente, à espera da ocasião propícia, que, estava certo, iria, finalmente, apresentar-se. Precedido por Aisha, que o esperava à porta da estalagem, saiu para o escuro e, com o capuz bem enterrado na cabeça, meteu pelas ruelas na direção do bairro de San Lazzaro.

Raquel foi acordada de sobressalto com alguém a bater-lhe à porta. Naquela noite, o sono que habitualmente a tomava sob a forma de uma inquieta sonolência, havia-a envolvido com uma pesada capa e sem sonhos; as horas do dia recém-terminado haviam-se sucedido, frenéticas, entre os cuidados a prestar a Isaac e um bordado que tinha de entregar no dia seguinte. O cansaço surpreendera-a de repente. Não conseguira sequer despir-se; atirara-se para cima da cama e, sem se aperceber, adormecera.

Embora as pancadas na madeira ecoassem imperiosas pelo quarto, foi com esforço que saiu daquele inusitado estado de inconsciência; na verdade, foram os latidos de *Nisan* que acabaram por a despertar completamente. Enquanto o cão, renunciando ao seu habitual comportamento impetuoso, se escondia atemorizado debaixo da mesa, Raquel levantou-se à pressa e enfiou a coifa na cabeça, sobre o cabelo desgrenhado. Seguidamente, depois de, com um gesto das mãos, ter alisado a veste amarrotada, acendeu um coto de vela e abriu a porta.

Um homem encapuçado entrou de rompante pela sala, seguido pela sarracena que ali estivera dias antes. Sem dar tempo a que alguém falasse, pediu um remédio para o seu mal, afirmando ter absoluta certeza de que ela sabia curar doenças com ervas. Raquel tentou responder, mas, subitamente, viu-se atingida por um rol de palavras ásperas e ameaçadoras.

- Compreendestes-me bem? Não tenciono abandonar esta casa enquanto

não me derdes o unguento de que necessito! E não me venhais com essas vossas patranhas, podeis ter enganado a minha serva, mas não penseis que ireis fazê-lo comigo! No bairro, todos sabem que conheceis os remédios para tratar doenças, como todos sabem que sois judia... Porque julgais que toleram a vossa presença aqui, senão por terem na vizinhança alguém que pode curar-lhes as febres, as tosses, as diarreias sem terem de desembolsar uma moeda que seja com um médico?! Sois muito ingénuas se pensais que foi por bondade que ninguém até hoje vos denunciou; nesta cidade, os judeus não são aceites, são outros os lugares em que as suas capacidades são apreciadas....

Depois destas últimas palavras, o homem calou-se de repente, como que arrependido por tê-las deixado escapar. Os seus olhos, que mal se viam debaixo do capuz tão enterrado, fixavam-na; enquanto o reflexo da vela criava lampejos naquelas íris claras, a boca subtil fechou-se numa expressão amarga.

- Cuidado, mulher! - retomou, depois de um instante de incerteza -, se não fizerdes o que vos peço, poderei denunciar esta atividade ilícita, poderei mesmo mandar expulsar-vos daqui! Raquel não se atreveu a responder-lhe. Sem que ela lho pedisse, o homem tirou o capuz e com um gesto rápido descobriu também as costas. Surpreendida por aquela forma impúdica de exhibir o corpo, hesitou em olhar.

- Então, não quereis observar as minhas bolhas para poderdes tratar-me? - perguntou-lhe, aborrecido com a indecisão.

Mas foram os seus cabelos, e não as manchas que se espalhavam pelo peito, que primeiramente atraíram a atenção de Raquel.

Apesar da penumbra que envolvia a sala, conseguiu distinguir uma cabeleira arruivada que, aos caracóis meio desfeitos, lhe descia pelo pescoço e pelas costas; apesar de alguns fios cinzentos perturbarem a sua tonalidade uniforme, aquela mancha de cor, insólita num homem surpreendeu-a. Onde vira já aquela cabeleira? Vagas recordações da infância mais longínqua afloravam-lhe a mente, sem, todavia, lhe fornecerem uma resposta.

O olhar do homem que a fixava, profundo, libertou-a destes pensamentos. Aproximando a vela para examinar melhor a parte doente, arrepiou-se; a pele das costas estava infestada de bolhas algumas púrpuras e inchadas, outras amareladas e abertas; longas esteiras de soro já seco haviam-lhe escorrido pelos flancos e pelo abdómen.

- Então? Tendes algum remédio para esta doença? - perguntou-lhe o homem, impaciente, enquanto se cobria, apressado.

Raquel anuiu. Sem falar, dirigiu-se à burra onde o pai conservava as ervas e os medicamentos e retirou um frasquinho de estanho cheio, até à borda, de um unguento oleoso e uma pequeno sacola de linho.

- Aqui está o remédio - disse, estendendo-lhe ambas as coisas.

- O unguento é extraído da gordura que se forma debaixo da pele dos porcos e é preparado pelos frades da Igreja de Sant'Antonio, que fica relativamente perto do Brolo. Dizem que espalhado sobre as bolhas as faz reabsorver em pouco tempo. A erva que o saquinho contém é alho de urso, que, misturado com o unguento, deverá tornar mais eficaz a ação curativa...

Uma expressão de grande desgosto desenha-se então no rosto do homem. Mantendo suspensos na palma da mão o frasquinho e a sacola de linho, cheirou-os várias vezes para depois, levantando os olhos febris para Raquel, a fixar com crueldade: - E vós acháveis que eu me ia embora, engordurado que nem um veado pronto a assar e a cheirar mal como um saco de sementes bolorento? - gritou-lhe, enraivecido. A jovem, apanhada de surpresa por aquela reação inesperada, retrocedeu cheia de medo até se encostar à parede. Apesar de Aisha, num gesto pacificador, ter tocado no braço do seu patrão, o homem continuou a invetivar, embora agora em voz baixa, numa lamúria destroçada. - Sois uma idiota! Mas quem alguma vez ouviu falar de gordura de porco e de alho para tratar este mal?! Outras, muito menos malcheirosas, foram as ervas que das outras vezes que esta doença me atacou me foram prescritas! Hissopo, se bem me recordo, e manjerona... mas já - prosseguiu, cada vez mais alterado - que estamos em Milão, a grande cidade da Lombardia, onde todos sabem tudo, onde ninguém necessita de guia, de comando...

Ao ouvir aquelas palavras iradas, um medo incontável invadiu a mente das duas mulheres presentes na sala. Enquanto Raquel temia que àquele discurso raivoso se seguisse uma qualquer ação violenta dirigida contra ela, Aisha tremia só de pensar que o seu patrão, tomado pela raiva, revelasse involuntariamente a sua própria identidade.

No silêncio carregado de tensões que se seguiu às últimas frases excitadas daquele homem, um lamento forte e prolongado, como o de um animal ferido, ergueu-se do quarto contíguo e, sem cessar, foi-se tornando cada vez mais próximo. Todos os olhos fixaram a pequeníssima porta da divisória: Raquel, que compreendera subitamente o que estava a passar-se,



arrancou o seu corpo rígido da parede e deu dois ou três passos cautelosos na direção da outra sala.

Isaac, ofegante, apareceu à porta. Os olhos febris perscrutavam a penumbra do local, a mão direita agarrava o bastão, que, agitando-se com a tremura do corpo, vibrava, violento, de encontro ao chão.

Raquel permaneceu imóvel. O homem, estupefacto com aquela presença inesperada, permaneceu de boca aberta. Aisha, temendo novos desenvolvimentos violentos, agachou-se de encontro à porta de entrada.

O velho judeu avançou mais um pouco até ao meio da sala: apenas se ouvia o som áspero da sua respiração. Com um aceno da cabeça, pediu a Raquel a vela e, com a mão livre, ergueu-a na direção do rosto do hóspede. Depois de o ter observado longamente, os olhos dilataram-se-lhe; abriu a boca para falar, mas não lhe saiu qualquer som. Então engoliu por várias vezes e, ao mesmo tempo que uma tremura mais forte lhe sacudia todo o corpo esquelético, conseguiu finalmente fazer com que a voz se lhe soltasse da garganta contraída.

-Como ousais repreender a minha filha?! Quem és tu para poderdes avaliar de remédios, de ervas? Oh, eu sei que, na tua corte, os médicos são respeitados e bem pagos, mas não estamos em Melfi, onde todos dependem dos teus lábios! Tu... - prosseguiu, respirando com muita dificuldade -... ninguém conseguiria esquecer o teu rosto, depois de o ter visto uma vez, por acaso, nem os teus cabelos, nem os teus olhos... Era muito novo quando vieste visitar a escola de Salerno, onde, na época, ensinava e nós todos, médicos e praticantes, seguimos a parada, ouvimos com admiração as palavras de sapiência que saíam da tua boca... Diz-me, o que foi feito de toda aquela tua sapiência, se agora estás aqui, em casa de dois judeus, disfarçado de peregrino a mendigar uns remédios, um tratamento? Como diminuiu o teu poder se, para caminhares pelas ruelas desta cidade, tens de esconder as tuas feições?...

- Pai... voltai para a cama, pai...

A voz ansiosa de Raquel chegou como um sopro aos ouvidos de Isaac. Olhou-a: os seus olhos, embaciados pelas lágrimas, corriam dela para o homem que tinha à sua frente. Sem deixar de os olhar apontou contra ele um dedo ossudo e, contendo um soluço rouco lavrou a sua sentença.

- Tu és Federico, o imperador! Sai desta casa, já foram muitas até agora as nossas desgraças! Ide embora, Federico - implorou por piedade, ide embora! Depois destas últimas palavras, que lhe custaram um esforço

supremo, Isaac ficou inconsciente. A mão abriu-se inerte e o bastão rolou para longe: enfraquecido como um saco vazio, o velho caiu redondo no chão. Com um grito destrocado, Raquel correu para ele, levantou-lhe a cabeça, que encostou no seu colo, verificou a respiração e fechou-lhe as pálpebras. Assegurando-se da vida que, embora fraca, ainda ardia nele, amparou-lhe as costas e tentou levantá-lo para o deitar na cama. Aisha, levada pela piedade do desespero que observava nos gestos da jovem, quis ajudá-la, mas o medo bloqueou-a.

Federico permanecera imóvel. Incapaz de proferir uma palavra, fixava o velho e a filha sem os ver, enquanto uma miríade de pensamentos desordenados se amontoava na sua mente. Como aquele judeu, outros poderiam reconhecê-lo. Tinha de ir embora o mais breve possível, se não quisesse que, mais tarde ou mais cedo, a sua presença na cidade fosse descoberta. E depois, quem era na verdade aquele médico de Salerno e por que razão viera para Milão? Como fora possível que ele próprio, habitualmente tão cauteloso, se tivesse deixado levar de uma forma tão imprudente? A doença e a dor intensa e ardente deviam ter-lhe toldado a mente...

Federico virou-se e, sem responder, depôs em cima da mesa uma moeda. À luz trémula da vela colocada um pouco mais além, o pequeno trevo impresso no metal cintilou por um instante. A sarracena abriu a porta em silêncio. Uma baforada húmida e quente como o bafo de um dragão entrou pela sala. O imperador saiu. As suas mãos contraídas seguravam ainda o frasquinho de estanho e o saquinho com as ervas. Atrás dele, Aisha fechou cuidadosamente a porta e **segiu-o.**

## Capítulo 39

A luz da aurora iminente entrava, lívida, pela porta do quintal.

Raquel deixara-a toda a noite aberta de par em par de modo a fazer circular o máximo de ar possível junto da cama de Isaac. Agora que, com o corpo ainda retesado pela tensão, vigiava cada um dos movimentos da respiração, não se dera conta da suave luminosidade que anunciava o dia.

O pai não voltara a acordar. O seu peito levantava e baixava com um ritmo irregular, a boca, afundada na barba branca, permanecia escancarada, contornada pela espuma da saliva que inchava a cada estertor. Acima dos olhos fechados, a pele das têmporas e da testa brilhava com um suor gelado, que Raquel, de vez em quando, limpava com um pedacinho de linho. A noite fora interminável. Sozinha perante a agonia de Isaac, chorara longamente: estava ali, prestes a assistir à morte do pai, quando subitamente se dera conta de que ainda não estava preparada para uma tal prova. A perspectiva de perder o apoio da pessoa que mais amara, o receio que sentia por um futuro de solidão, a renúncia a todas as aspirações que com tanta determinação havia cultivado desde a infância haviam-na mergulhado num desespero ao qual só as lágrimas por momentos haviam podido dar largas.

De repente sentiu uma sede terrível; depois de ter observado mais uma vez o rosto de Isaac, levantou-se e dirigiu-se ao outro quarto.

Pegara no copo que estava em cima da mesa e ia enchê-lo com a água do jarro quando ouviu umas pancadas na porta. Surpreendida, entreabriu-a; veloz como um raio, *Nisan* enfiou-se pela estreita abertura e, ladrando de alegria, começou a dar saltos frenéticos em volta dela. Parado, à porta, esperando que aquela calorosa demonstração de afeto terminasse, Aimone observava-a.

-Entrai - sussurrou Raquel - entrai...

Mesmo à fraquíssima luz da aurora, a expressão que o castelão observou no rosto da jovem foi mais eloquente do que um longo e claro discurso. Sem falar, transpôs em passadas longas o estreito local e dirigiu-se à cama de Isaac.

-O vosso pai... - começou, observando o rosto devastado do velho. - Mas o que aconteceu? Desde quando?...

-O meu pai está a morrer - sussurrou Raquel -, como podeis ver... Já há dois

dias, pouco depois de terdes ido embora, as suas crises tornaram-se cada vez mais frequentes; esta noite, então, aconteceu uma coisa incrível...

Ao mesmo tempo que a sua voz se tornava cada vez mais alquebrada devido aos soluços teimosamente contidos, a jovem contou a visita do imperador Federico e a reação irada de Isaac, a que se seguira aquele último e irreversível ataque da doença.

Aimone sentia-se aturdido. Os seus olhos corriam do rosto de Raquel para o do pai, como que a procurar uma impossível confirmação das inverosímeis notícias que ouvia.

-Federico, aqui, em Milão? E em vossa casa?!... Mas como é que isso pode ter acontecido? - balbuciou, confuso.

Raquel preparava-se para dar uma resposta irritada àquela pergunta inútil quando um estertor mais forte do que os outros lhe fez gelar o sangue. Isaac abriu os olhos e fixava-a.

- Pai...

O velho fechou a boca e humedeceu os lábios ressequidos.

Depois, voltando a abri-la à procura de ar, fez uma tentativa para falar. A voz, que saiu ofegante e enrouquecida, mal se ouvia.

-Eu vou morrer, Raquel... Vós... - prosseguiu, virando com esforço a cabeça para Aimone. -Vós... a minha filha... cuidai dela...  
levai-a para fora daqui... peço-vos...

As pupilas de Isaac apagaram-se. Os seus olhos líquidos permaneceram escancarados, já sem vida.

Raquel gritou.

*Nisan*, com o pelo hirto e o rabo caído, olhou com grande surpresa para a sua dona e, inclinando a cabeça para o lado, permaneceu imóvel. O grito de Raquel foi enfraquecendo aos poucos e transformando-se num interminável e doloroso lamento. Aimone deu um passo na sua direção e, não fazendo caso da discrição, tomou-a nos seus braços. A rapariga acalmou-se, lentamente, de encontro a ele, abandonando-se por fim a um choro desesperado. *Nisan*, avizinhando-se cauteloso da cama de Isaac, farejou em volta e, levantando-se sobre as patas posteriores, apoiou-se ao bordo do enxergão: os seus olhos castanhos revistavam a penumbra que envolvia o corpo do velho. Após um momento de incerteza, desceu e foi esconder-se por detrás da burra.

Ao mesmo tempo que a luz que penetrava por debaixo da porta que dava para a horta ia progressivamente clareando, Aimone e Raquel

permaneceram abraçados em silêncio. Juntamente com uma dor aguda e inesperada, o castelão sentiu que era invadido por uma espécie de maravilhada gratidão para com aquele velho, que, mesmo no seu sofrimento, soubera intuir a força do sentimento que o ligava a Raquel.

As últimas palavras de Isaac haviam-no de qualquer forma perdoado; aquele pedido, feito com o último sopro de vida, iria dar-lhe coragem para declarar o seu próprio amor. Sem esconder as dificuldades que iria defrontar, Aimone experimentou os primeiros gérmes de uma força inesperada. Apertando de encontro a si o corpo de Raquel, trémulo, procurou não pensar em mais nada.

O *tallit* destacava-se, escuro, em cima do chão de pedra. Como a tradição mandava, Raquel cortara as franjas de um dos cantos do manto de oração: depois do banho, envolvera o corpo do pai nas tiras de linho e, com a ajuda de Aimone, depusera-o no centro do grande xaile. Agora, à medida que o rosto e os membros de Isaac desapareciam debaixo das faixas do pesado pano de lã, Raquel parecia readquirir lucidez. Após ter levantado do chão a lamparina que iluminava os cabelos brancos do pai, e que agora apagava, dirigiu-se, com passos rápidos, até à parede, onde, com um espesso pano de cânhamo, cobriu o único espelho da sua mísera habitação. Depois, pegando no jarro da água e na tigela de *Nisan*, saiu para o quintal e verteu o líquido entre as silvas. Aimone, que não conhecia nada dos rituais fúnebres da religião de Raquel, observava-a em silêncio. Como se tivesse intuído a sua perplexidade face a estes gestos estranhos para ele, a jovem olhou-o e disse: - Toda a água deve ser deitada fora, de modo a que o anjo da morte não vá molhar a ponta da sua espada ensanguentada... Só conseguirei respeitar, em honra do meu pai, este e poucos outros costumes. Dizei-me, Aimone, como hei-de sepultá-lo e, sobretudo, 315 onde haverá terra para o acolher? Quem me autorizará, alguma vez a fazer a inumação de um judeu nesta cidade, que não possui cemitérios hebraicos? Compreendendo perfeitamente quão justificada era a angústia de Raquel, Aimone procurava refletir rapidamente. Aquele homem tinha de ser sepultado às escondidas; ninguém, na cidade, ia tolerar que um judeu repousasse para sempre ao lado de um cristão. Enquanto procurava pôr ordem nos seus pensamentos, alguém bateu à porta fazendo-o sobressaltar. Olhou para Raquel, que o fixou apavorada. Em silêncio, Aimone fez-lhe sinal para se deixar estar e, em passadas largas e furtivas, dirigiu-se para a porta de entrada, da qual apenas abriu uma fresta estreita.

- Bom dia, senhor... bem... procuramos a Raquel... já não mora aqui? Com um olhar perplexo, Remigio fixava o homem que tinha à sua frente e que nunca vira antes naquela casa. A sua voz indecisa chegou aos ouvidos de Raquel, que a reconheceu rapidamente; vinda até à porta, viu também Bella, que, imóvel por detrás do companheiro, mostrava a mesma expressão hesitante.

-O meu pai... - balbuciou a jovem -, o meu pai fa...

As palavras morreram-lhe na garganta, sufocadas por um soluço.

Fazendo-lhes sinal para entrarem, eles deram alguns passos para a sala; os seus olhares, incrédulos, caíram sobre o grande caixão escuro que ocupava o chão.

-Oh, meu Deus! - exclamou Bella, escondendo o rosto entre as mãos. - Oh, Virgem Santa!...

Não conseguiu dizer mais nada. Atrás dela, Remigio juntou as mãos e baixou a cabeça. Enquanto as lágrimas começavam a fazer-lhe inchar as pálpebras, Bella dirigiu-se a Raquel e apertou-a num abraço silencioso.

Mesmo não conhecendo a identidade das duas pessoas que tinha à sua frente, Aimone intuiu, pelo seu comportamento participante relativamente a Raquel, que poderia contar com a sua descrição.

- Quem sois? - sussurrou benévolo para Remigio.

O mineiro hesitou; quem seria aquele indivíduo, aristocrata nos modos e nas vestes, e que coisa fazia em casa dos dois judeus? Confuso, olhou para Raquel, sem, todavia, obter uma resposta. Lendo nos seus olhos a perturbação e justificando a sua desconfiança relativamente a uma pessoa desconhecida, Aimone não ouviu a sua resposta e, tomando-o de parte, em poucas frases precisas explicou-lhe quem era juntando os motivos das circunstâncias que o haviam conduzido até ali. Tranquilizado com os sinais sinceros que percebera nas palavras do castelão, o mineiro fixou-o e disse: - Eu sou Remigio e esta é Bella, a minha mulher. Temos uma dívida de gratidão para com Raquel porque ela salvou-lhe a vida com os seus tratamentos de ervas. Viemos só para a cumprimentar e nunca pensámos encontrá-la a chorar o pai! Sabíamos que estava muito doente, é verdade, mas daí a imaginarmos que... Senhor - acrescentou embaraçado -, sabeis que... em suma... que são judeus? Aimone acenou afirmativa e gravemente sem ousar interromper o amargo discurso do homem.

-Pois é... - continuou o mineiro mais tranquilizado. - Então deveis saber que aqui nesta cidade não é permitido fazer funerais judeus. Dizei-me, como

havemos de fazer para sepultar este pobre velho? Grato por ter sido Remigio a pôr a questão, que já o atormentava há uma hora e que não tivera a coragem de discutir com Raquel, Aimone respondeu: - Eu sou forasteiro e conheço pouco Milão... Pelos caminhos que percorri para chegar aqui à Lombardia, reparei que cada hospício, cada acolhimento de peregrinos possui um pequeno campo santo, mas certamente, tendes razão, são todos locais de sepultura cristã...

Como conseguiremos enterrar um judeu? Fixando os olhos nas duas mulheres, atento para que não ouvissem aquelas palavras, Remigio baixou mais ainda o tom da voz e, num sussurro rouco, acrescentou umas palavras quase imperceptíveis ao ouvido de Aimone.

- Aqui atrás, como certamente sabeis - disse -, existe uma leprosaria, que, como é óbvio, tem um cemitério; aqueles pobres mortos nunca têm uma flor nas sepulturas senão as que os frades que os assistiram na doença semeiam... Sabeis, todos têm medo da lepra e pensam que só o facto de entrarem numa zona que deve estar contaminada com os seus miasmas poderá contagiá-los. Era um lugar onde nunca ninguém iria procurar o cadáver de um judeu! Claro que tinha de ser sepultado de noite, quando a escuridão protege os passos e as pessoas... e ninguém devia saber de nada, nem mesmo os frades do hospício. Se conseguíssemos encontrar a passagem entre os quintais que ligam estes casebres com o pequeno espaço do cemitério, talvez...

Enquanto cofiava a barba com uma expressão pensativa, Remigio observava de soslaio as reações que o aristocrata manifestava perante a proposta de uma sepultura ilegal. Sem deixar transparecer qualquer emoção, Aimone pediu-lhe que se ocupasse, ele mesmo da investigação sobre essa passagem por entre as ruelas; no caso de a descobrir e de ser suficientemente larga para dar passagem ao corpo de Isaac, iriam proceder à inumação nessa mesma noite.

Admirado com a coragem daquele homem, que se mostrava audaz ao ponto de se propor desafiar as leis da comuna e da Igreja Remigio acedeu e, depois de ter murmurado qualquer coisa ao ouvido de Bella, saiu.

-Viemos... - começou a rapariga -, viemos cumprimentar Raquel porque dentro de dois dias deixaremos a cidade. Mesmo não podendo nunca pagar o que fizestes por mim, desejava dizer-vos que bem... mesmo não sendo digna da vossa consideração por causa do trabalho que faço, eu... se pudesse ajudar-vos de qualquer maneira se a minha vida tivesse sido outra...

Não conseguiu continuar; as lágrimas voltaram a inundar-lhe os olhos enquanto continha, com esforço, os soluços. Raquel aproximou-se dela e, com ambas as mãos, acariciou-lhe o rosto.

- Não digais mais nada, peço-vos. Não tendes necessidade de justificar nada, muito menos a mim, que, como vós, tive esperança numa vida diferente... Dizei-me antes, para onde ides? - Vamos transferir-nos para Gromo - respondeu Bella, procurando disfarçar o nó que lhe apertava a garganta -, no vale do rio Serio.

Entre aquelas montanhas existe uma grande mina de prata onde Remigio poderá trabalhar; eu penso criar umas cabras e algumas galinhas e, quem sabe, se algum dos proprietários da mina tiver necessidade de uma criada... Não sei, de qualquer maneira lá nos arranjam...

O que Bella não disse foi que o seu desejo de fugir de Milão, que já há muito sentia, se tornara muito mais urgente desde que Lanfranco voltara a visitá-la, uns dias antes. Em vez de pretender os habituais serviços, havia-a perscrutado, com olhos febris, pedindo-lhe notícias sobre a sua origem e o seu passado. Sob a ameaça daquele olhar maléfico, Bella ficara com a certeza de que, por razões incompreensíveis e inesperadas, Lanfranco estava pronto a reconhecer, pelas suas feições, a criada de Caterina. Mentira dizendo que era uma enjeitada e que nunca conhecera a mãe.

- Como hei-de saber em que lugar nasci se a mais longínqua recordação da minha infância está ligada a uma ruela poeirenta de Milão? - respondera, fingindo uma atrevida arrogância. Lanfranco havia-lhe mirado e remirado o rosto sem dizer uma palavra. Quando se fora embora, Bella enrolara-se no enxergão, tremendo de medo.

Naquela mesma noite, quando Remigio voltou, haviam decidido: sairiam da cidade. O mineiro já combinara com um dos seus companheiros de trabalho a sua transferência para Gromo: constava que, lá em baixo, tinham sido descobertos muitos filões de prata e que a propriedade da própria mina iria ser dividida por vários patrões. Seguramente iriam precisar de mais mineiros e se Remigio chegasse entre os primeiros, facilmente arranjará trabalho.

Raquel ouvia as palavras de Bella enquanto os seus olhos não largavam o *tallit* onde jazia o cadáver do pai. Também ela, como a prostituta, teria de sair da cidade: mas para onde havia de ir? E como havia de abandonar o corpo de Isaac numa sepultura desconhecida, sem voltar a poder pôr uma flor sobre a terra que a cobrisse? Já perdera a mãe, mas essa, pelo menos,



tinha a consolação de a saber sepultada num cemitério judeu, onde outros correligionários teriam recitado em seu lugar o *kaddish*... Como se lhe tivesse adivinhado os pensamentos, Aimone aproximou-se dela, e pousando-lhe uma mão nas costas, falou-lhe com doçura.

-Não estais só, Raquel. Até terminarem os rituais fúnebres devidos ao vosso pai não sairei daqui. O meu filho é um bom menino e está habituado a que eu passe a maior parte do dia fora. Depois de tudo isto acabar, vireis comigo; não posso deixar-vos aqui, abandonada por todos. Até o vosso pai me suplicou que tomasse conta de vós...

Se o quiserdes...

Aimone hesitou. Se bem que há muito estas palavras quisessem saltar-lhe da boca, compreendeu que aquele não era o momento adequado para manifestar abertamente os seus sentimentos. Teria tempo: refletindo na enormidade do passo que pretendia dar, perguntou-se qual o grau de desaprovação social a que iria conduzir a sua decisão de desposar uma judia. Nem a Igreja nem o poder civil tolerariam semelhante matrimónio. Raquel alguma vez iria converter-se? Duvidava. Poderia de alguma forma esconder a sua fé religiosa? Talvez fosse possível mas, a que preço, para ambos? E Bartolomeo, como iria reagir Bartolomeo? Uma súbita vertigem envolveu-o: o que estava a fazer? Em cima de que incrível tabuleiro de xadrez o Altíssimo estava a dispor as suas peças e ele, o castelão de Graines, que papel iria ter nesse jogo? - Encontrei-a! Encontrei a passagem! A voz ofegante de Remigio afastou-o dos seus pensamentos.

Depois de ter fechado a porta atrás de si, o homem explicou que um pedaço do muro do quintal, ao lado da última casa antes do hospital, estava derrubado. Dali poderia facilmente introduzir-se no cemitério. Acrescentou que ele próprio providenciara para arranjar duas pás e que, no escuro, a sua experiência de mineiro iria ser útil na escolha da porção de terra mais fofa. Todos concordaram em silêncio. Por um instante, o reflexo das brasas moribundas iluminou as paredes do quarto; depois também o último lampejo de fogo se extinguiu.

Durante o furtivo cortejo fúnebre não encontraram ninguém. A única companhia fora a voz rouca de um soldado embriagado que numa ruela mais abaixo, alternava as estrofes de uma marcha militar com gargalhadas estridentes e solitárias.

Remigio conseguira localizar, à pressa, a zona mais adequada à sepultura: testando o terreno com mãos experientes, escolhera um retângulo de *erva*

quase encostado ao muro que cercava o pequeno cemitério. Ali ao lado, um grande monte de ramos partidos e de folhas já secas pelo calor estava fora junto pelos frades do hospício à espera de serem utilizados como cama. Com a ajuda de Aimone, o homem havia escavado uma cova bastante profunda e nela depositara o corpo de Isaac. Raquel permanecera imóvel, fixando intensamente o *tallit* que albergava o pai; não mexera um músculo nem quando a terra lançada para a cova começara a cobrir o xaile de oração, confundindo-se com ele. A luz da Lua iluminava suavemente os lados da cova e as toscas cruces de madeira que, em fila ordenada, ocupavam quase todo o campo. Bella, que permanecera um pouco atrás, continuava a olhar em volta: ao medo pela atmosfera macabra daquele lugar juntava-se agora o temor de que aquele maldito clarão lunar revelasse a alguém a sua presença. Depois de ter nivelado o terreno com a pá, Remigio cobrira-o de ramos e folhas, escondendo, habilmente, o perímetro da sepultura.

Agora, depois de Raquel lhes ter pedido para se afastarem por um momento e a deixarem sozinha junto da sepultura de Isaac, Aimone arrancou do chão dois torrões de terra que conservavam presos alguns tufo de erva. Era o único costume fúnebre hebraico de que tinha conhecimento: quando era ainda rapaz, o seu preceptor havia-lhe contado, explicando-lhe que, embora diferente no conteúdo simbólico, aquele costume não era tão distante, assim, do rito cristão de lançar mancheias de terra para a cova. Aimone sabia que no fim da inumação os parentes costumavam deixar cair aqueles torrões atrás de si. Com aquele comportamento, exprimiam a sua fé numa nova vida que, da planta arrancada, voltaria a medrar em breve. Como a erva do torrão chegaria à terra, assim o espírito do defunto iria em breve juntar-se ao dos pais.

Quando Raquel se voltou e veio ter com eles, Aimone entregou-lhe um dos torrões. Admirada por aquele gesto de participada partilha, a jovem pegou nele e, seguida pelos outros, dirigiu-se para o muro do cemitério em ruínas. Atrás deles um após outro, os dois torrões caíram sobre a erva. A Lua, coberta por umas nuvens isoladas, já não emitia luz; no escuro, guiados pelo barulho da água do pequeno canal que corria ao lado do campo santo, chegaram ao caminho perto da ruela. Um rato, alarmado pelo barulho dos seus passos, imobilizou-se por um instante entre os arbustos do dique para depois, com um salto ágil, voar para dentro da água.

## Capítulo 40

Uma neblina translúcida erguia-se da água do fosso; os raios de sol no zénite atravessavam-na, criando clarões coloridos que, após um instante de fulgor, morriam no ar. Lanfranco, de pé, no dique, observava o contínuo fluir das ondas enquanto gotas de suor lhe escorriam, pegajosas, pelo pescoço. Detestava o Verão; o calor sufocante de Milão debilitava os corpos e embotava as mentes. Naquele preciso momento e depois das notícias que tivera, devia manter a lucidez que precisava para tomar a decisão certa; mas, bem pelo contrário, esta onda de calor, que o envolvia como um sudário, abrandava-lhe o ritmo dos pensamentos, que progrediam, aos atropelos, como as algas que a corrente depunha na margem do rio.

Tinha já a certeza de que Allegranza era sua filha.

Quando voltara a encontrar-se com Aicardo para lhe falar da relíquia, perguntara-lhe notícias da jovem que por acaso tinha encontrado ali no Brolo. O ecônomo, completamente surpreendido por Lanfranco mostrar interesse por uma criada do hospital, dissera-lhe que Allegranza vivia no bairro que ficava logo a seguir às muralhas, perto de San Calimero. Acrescentara ainda que, segundo constava por lá, a rapariga fora enjeitada e recolhida posteriormente por uma família que a adotara.

- Parece ainda que - sussurrara-lhe Aicardo numa atitude conspiratória - até há pouco tempo a jovem tinha um defeito físico qualquer numa das mãos e que um cirurgião, não se sabe quem, lho terá corrigido. Podia ter investigado e descoberto facilmente quem lhe fez a intervenção, mas pensara que, quem quer que tenha sido, agiu às escondidas... Sabeis, a rapariga não é propriamente rica e se um cirurgião aceitou operá-la, fê-lo certamente ou por caridade cristã ou então para experimentar alguma nova técnica sobre quem, na fase seguinte, não iria poder lamentar-se do resultado. De qualquer modo o defeito agora já não se nota e Allegranza é uma bela rapariga. Trabalha com boa vontade, demonstra acuidade na aprendizagem e tem um sorriso para toda a gente. Só espero que volte em breve para ajudar a irmã Giuliana na farmácia...

- Mas porquê? - perguntara Lanfranco, agitado. - Ela não está aqui, agora? Aicardo fixara-o demoradamente, perplexo. Depois, agitando uma das mãos em frente da cara como que para afastar uma mosca, assoprara e respondera em voz baixa: - Dizem, mas são apenas mexericos, que a terão escondido

num mosteiro qualquer. Sabeis, os seus pai são acusados de heresia.

Parece que são uns dos muitos seguidores da Boema e que, exatamente nestas semanas, os frades inquisidores estão a conduzir uma discreta investigação para identificar todos os adeptos. É possível que alguma abadessa complacente a tenha acolhido no seu mosteiro para evitar que seja encontrada e levada a prestar declarações em frente dos dominicanos. Não sei onde estará, mas, fazendo um apelo à minha inteligência, em que convento poderia estar senão exatamente naquele em que foi abandonada? Que outras monjas iriam querer saber dela, senão alguma que ainda se lembre da «sua» recém-nascida com os dedos palmados? Face ao olhar alucinado de Lanfranco, Aicardo arrependeu-se logo de se ter entregue a tais confidências. Mordendo os lábios pela imprudência que demonstrara, não pôde fazer outra coisa senão mudar rapidamente de assunto e despedir-se da sua visita.

Lanfranco, por sua vez, no meio de uma agitação incontável, abandonara, de imediato, o pequeno gabinete do ecônomo e, olhando obsessivamente para o chão de pedra que tantas vezes pisara, seguira, num passo apressado, na direção das muralhas. Transposta a Poterna do Bottonuto, atravessara a ponte de madeira e, depois de ter descido ao longo do dique exterior, apoiara-se num dos seus pilares de sustentação, quase a tocar a água. Aqui tentara recuperar o fôlego e reorganizar as ideias.

De que Allegranza era sua filha já não tinha quaisquer dúvidas.

Se é verdade que a semelhança inquietante com Caterina poderia não passar de uma coincidência, tudo o resto, desde o abandono perto da roda de um convento até ao defeito das mãos, constituía a certeza. Curiosamente, Lanfranco varrera este dado da memória, mas assim que Aicardo lho referira, na sua mente fizera-se luz: muitos anos antes, o seu servo havia-lhe falado nisso. Quando fora ter com ele a Génova, juntamente com a notícia do nascimento da sua filha, levava também a da sua deformação.

- Disseram-me - relatara - que o Diabo velava sobre a vossa cama quando...

- Lanfranco tinha rido com ele.

Agora, ao mesmo tempo que se desculpava pela ingenuidade de vinte anos antes, justificando-a com uma certa excessiva irreflexão juvenil, pensava, freneticamente. Onde poderia estar Allegranza? Em qual dos inúmeros mosteiros da cidade? E se, pelo contrário, estivesse num mosteiro fora das muralhas? Como poderia descobri-lo, ele que não tinha a menor familiaridade com frades e freiras? O único contacto que tivera até agora

com a autoridade religiosa de Milão, excluindo as aborrecidas visitas ao tio-avô arcebispo, fora aquele encontro falhado com Ugone por ocasião da oferta da relíquia... A relíquia! Quem pensava nisso agora? Outras e bem mais urgentes eram as prioridades a dar às suas atitudes: de momento devia encontrar a filha... Um sorriso trocista estirou-lhe os lábios: a filha era uma herética! Mas então, escarneceu, é realmente verdade que o bom sangue não mente! A sua própria audácia e a coragem que se orgulhava de ter cultivado com obstinação durante toda a vida tinham fluído, sem qualquer dificuldade, nos humores e nas vísceras da sua progenitura! Para além daquela frágil e ingénua Caterina... Nada dela devia ter passado para Allegranza, se não o simulacro falacioso da semelhança física... Que pena não a ter conhecido antes, que pena ter de a matar; por outro lado, refletiu, não iria correr o risco de que alguém, mais tarde ou mais cedo, a identificasse como a última dos Gisalbertini e que de seguida, relembrando antigas suspeitas, chegasse até ele. Apesar de o servo que o ajudara a levar a bom termo o homicídio de Caterina já ter sido eliminado há tempo, apesar de os seus familiares terem morrido todos, havia sempre a possibilidade de um desconhecido saber qualquer coisa do seu passado...

Com uma expressão feroz no rosto, Lanfranco endireitou as costas e, depois de um último olhar para a corrente, subiu para o dique. A sua decisão estava tomada. Iria começar pelos mosteiros mais próximos; caso não descobrisse a sua presa na cidade, bateria o campo palmo a palmo. Estava seguro de que mais tarde ou mais cedo iria encontrá-la.

A abadessa fechou os olhos. Durante aquele longo e difícil discurso, a sua voz soara ora monocórdica ora angustiada. Enquanto falava, o seu olhar nunca abandonara os rostos das duas mulheres que tinha à sua frente: embora nos seus olhos tivesse percebido perturbação, horror, desespero e medo, não havia omitido nada, preferindo contar com sinceridade todos os pormenores. A sua vida, por motivos diversos, corria perigo: onde iriam encontrar coragem para o enfrentar se não fossem postas ao corrente dos acontecimentos que as haviam conduzido até ali? Agora, ao mesmo tempo que em frente das suas pálpebras fechadas voavam repentinos filamentos luminosos, Eufrasia tentava restituir o ritmo justo à sua respiração. Doíam-lhe as mãos, até agora contraídas sobre os braços da cadeira; o formigueiro que lhe tornava as pontas dos dedos insensíveis subia-lhe pelos braços até às costas entorpecidas.

Num silêncio denso de perguntas não expressas, Angiolina e Allegranza

fixavam-na. Nenhuma das duas ousara interrompê-la durante aquela interminável crônica de horrores. Intimidadas pela atitude autoritária da velha freira, tinham ouvido, atônitas, ao mesmo tempo que uma palidez cada vez mais evidente lhes embranquecia os rostos.

Eufrasia reabriu os olhos.

- Penso - disse, dirigindo-se a Allegranza - que se o Altíssimo quis que a tua vida fosse poupada no momento em que ela foi retirada a Caterina, essa foi realmente a Sua vontade. Penso também que foi a Sua infinita misericórdia que te conduziu exatamente até mim. Sou a única pessoa, juntamente com o abade e com um outro monge digno da maior confiança, a conhecer as tuas origens. É nosso estrito dever proteger-te. Como te disse, Lanfranco Calgario ainda vive em Milão e, embora eu suponha que ele não sabe da tua existência, poderia sempre acontecer um imprevisto, poderia... Por um instante, Eufrasia susteve a respiração. - Não - continuou, esforçando os lábios num sorriso tranquilizador -, não vai acontecer-te nada de mal, mas temos de encontrar uma solução. Quanto a vós - disse olhando severamente para Angiolina -, o vosso erro já foi descoberto. Todavia, exorto-vos a não temer: mesmo que volteis a ser chamada a prestar declarações no que respeita às vossas relações com a Boema, penso que os dominicanos e os menores se mostrarão indulgentes... Dizei-me, Angiolina - continuou com uma ponta de irritação na voz -, porque tomastes a decisão de oferecer a vossa devoção àquela mulher.

Como foi grande a vossa imprudência! Nunca vos assaltou a dúvida de que a sua pregação pudesse ser o prelúdio de uma nova e maléfica heresia? Angiolina chorava. Os seus olhos inchados e vermelhos fixavam o chão: à vergonha por ter sido tão asperamente repreendida misturava-se a profunda revolta que sentia em relação àquela monja. O que, fechada na concha protetora do seu mosteiro, podia ela saber de Guglielma? Como poderia ela, abadessa de origem aristocrata, imaginar sequer o amor que a Boema mostrava pelos mais desgraçados, pelos mais fracos, enfim, por todas as criaturas? Que mal fizera alguma vez aquela mulher, senão compreender as misérias humanas, exortando os seus sequazes a confiar no Pai e a seguir os ensinamentos do Filho? De que enorme arrogância se alimentavam aquela velha monja e todas as hierarquias eclesiásticas para falarem de «erro»?!... Não, não se havia enganado, estava certa disso: apesar de, nesta altura, a sua vida correr perigo pela devoção que votava a Guglielma, se tivesse de recomeçar tudo do início, ter-se-ia comportado exatamente da mesma

forma. Diziam que a Boema *era* uma santa, mas *não* sabia se isso era verdade. De qualquer maneira, pensava, quando Cristo veio à terra trazer a boa nova, foi acolhido por todos como o verdadeiro Messias? Não, até pelo contrário, crucificaram-no e perseguiram os seus seguidores, exatamente como agora lhes estava a acontecer a eles! Nesse tempo também terão falado de «erro»?!... Apesar de a sua revolta se ir transformando em raiva, Angiolina estava bem consciente de que nunca iria poder explicar as suas razões perante Eufrasia.

A abadessa era uma autoridade e, para além disso, agora tinha de proteger a sua filha. «Sua» filha... Sim, era sua, aquela filha, mesmo que tivesse sido outra a dá-la à luz, porque fora ela a dar-lhe o peito, porque fora ela a embalar-lhe, a consolá-la das suas humilhações e do choro de menina de cada vez que os outros gaiatos do bairro troçavam dela por causa dos dedos palmados! E agora, depois de tantos anos de trabalho duro para lhe garantir um futuro aceitável, a ela e a Hamid, tudo começara a desmoronar-se à sua volta: a verdadeira mãe fora morta... morta pelo seu amante, pelo seu pai! Sentia que a enormidade daqueles acontecimentos a destruía. Como uma avalanche que, nascida de um pequeno farrapo de neve, cresce e se avoluma ceifando a vida a qualquer criatura que se achesse no seu caminho, assim Angiolina se sentia mergulhada num abismo escuro e sufocante do qual não conseguia sair. Ou talvez não: havia de poder fazer qualquer coisa. Mesmo que o seu futuro e o de Graziolo terminassem entre as chamas de uma fogueira, Allegranza tinha de se salvar. Aquele belo rapaz, o filho do armeiro, amava-a e poderia assegurar-lhe vida melhor do que a que tivera. Ia falar com a família dele confessar que pertencia ao círculo de Guglielma, mas sobretudo sublinhar a ascendência da sua filha, explicando que a sua verdadeira mãe era uma aristocrata. Deste modo, esperava, tornaria mais aceita a presença de Allegranza na família do armeiro. Que importância poderia alguma vez ter uma eventual acusação de heresia levantada contra a sua mãe adotiva, se a natural pertencia a uma das mais respeitáveis e prestigiadas linhagens do condado? No fundo, pensava o palácio, as terras e as casas dos Gisalbertini ainda existiam e, à falta de outros herdeiros, todas as propriedades seriam herdadas por Allegranza...

Enquanto uma nova determinação ia tomando forma entre os seus pensamentos, Angiolina ergueu os olhos. Eufrasia observava-a atentamente. Como se lhe tivesse lido o coração, a abadessa disse ainda.

- Não me respondestes, Angiolina; talvez não saibais, talvez não tenhais

dado conta... De qualquer maneira, quaisquer que sejam as vossas intenções atuais, agi com prudência. Se deixardes que a prudência guie os vossos passos, estou certa de que a misericórdia do Altíssimo não deixará de reconduzir ao rebanho uma ovelha tresmalhada...

A abadessa levantou-se.

-Poderei voltar a ver a minha filha? - perguntou Angiolina, fazendo uma respeitosa vénia na direção de Eufrasia.

-Por agora será melhor evitá-lo. Os inquisidores poderiam mandar-vos seguir e o refúgio de Allegranza seria descoberto. Temos de ser prudentes, tereis de compreender; tende paciência, Angiolina, tende paciência...

Allegranza, no centro da cela, hirta, viu a mãe a afastar-se.

Os seus olhos seguiram aquelas costas encurvadas até desaparecer para lá da porta: sentia vontade de fugir com ela, sentia desejo de voltar a ser criança e de refugiar-se entre os seus braços acolhedores e compreensivos. Os lábios tremeram-lhe, no esforço de conter o choro: esse tempo já passara, daquele dia em diante teria de se desembaraçar sozinha.

Eufrasia virou-se e, depois de ter longamente perscrutado o rosto da jovem, aproximou-se dela e, pegando-lhe nas mãos num gesto de aproximação, disse-lhe: -Vem, Allegranza, tenho ainda muitas coisas para te dizer...

Damiano esperava do lado de fora da porta. Os seus pés arrastavam-se inquietos à beira da parede que dividia a entrada da sala onde a mãe costumava receber as visitas. A grossa porta de carvalho fora fechada e, embora tivesse tentado por mais de uma vez pôr-se à escuta, aos seus ouvidos não chegava qualquer som. Há mais de uma hora que a mãe conversava com Angiolina e, apesar de lhe ter insistentemente pedido para participar naquele encontro, Fiordebellina mostrara-se irremovível. Este nome acriançado que usava, embora já há um tempo tivesse passado dos quarenta anos, correspondia, só em parte, ao seu carácter: a sua natural gentileza, acrescida, com o passar dos anos, pela obstinada vontade de, aos olhos do mundo, fazer parecer menos ameaçador o ofício do marido, escondia uma férrea determinação na forma como geria, o melhor possível, a sua atividade de mulher e de mãe.

O rapaz não conhecia o motivo deste encontro que Angiolina marcara no dia anterior e só o facto de a sua mãe se encontrar com ela provocava-lhe já um profundo mal-estar. Além das diferenças sociais dos Compagnoni, que poderiam não satisfazer as expectativas de Fiordebellina relativamente à futura nora, a preocupação de Damiano prendia-se mais ainda com a



acusação de heresia. Ele não dissera nada aos pais, nem sobre o processo, nem sobre a subsequente segregação de Allegranza, mas, sabendo que em Milão tudo ia passando de boca em boca com a velocidade do raio, suspeitava que pelo menos o pai já soubesse de qualquer coisa. Há um tempo apanhara-o a observá-lo de soslaio, na loja, como que à espera de qualquer confidência do filho. O rapaz podia contar com uma certa condescendência do seu pai em relação a Allegranza. Por mais de uma vez havia-a visto na ruela dos armeiros a falar com ele e os seus olhos benévolos haviam-no tranquilizado sobre a sua tácita aprovação. Além disso, umas semanas antes e sem dar ares de muita importância, havia puxado uma conversa sobre o seu futuro, recomendando-lhe que fizesse bom uso de tudo o que lhe fora ensinado na família sem esquecer o respeito devido a quem quer que fosse. Damiano compreendera que as suas palavras se referiam a Allegranza e que o pai temia, de certo modo, o seu exuberante ímpeto juvenil. Inclinar a cabeça, corando, mas, ao mesmo tempo, sentira-se orgulhoso por ser finalmente encarado como adulto. Agora, no entanto, temia que toda aquela consideração inesperada sobre as suas escolhas se tivesse perdido: o que iria fazer se os seus pais recusassem Allegranza? Como poderia continuar a viver sem ela?, Pôs-se de novo à escuta, mas o único ruído que ouviu foi o som abafado de uma cadeira arrastada no chão. Pensando que Angiolina estivesse de saída, precipitou-se para a escada que conduzia à loja em baixo.

A porta abriu-se. As duas mulheres apareceram à porta: um sorriso tímido iluminava o rosto de Angiolina, enquanto a mãe, com uma expressão indulgente, lhe estendia a mão, num cumprimento. Quando Angiolina passou a seu lado à saída da casa, Damiano deu-se conta de que os seus olhos se mostravam vermelhos: a mulher não teve coragem de olhar para ele e desceu à pressa.

Fiordebellina fixava-o, imóvel, na moldura da porta. O seu olhar era impenetrável. Emudecido, o rapaz fixou-a por sua vez: nos seus olhos lia-se o medo.

-Vem cá, meu filho - disse Fiordebellina com uma ponta de ternura na voz. - Vem cá, preciso de te falar...

Embora as pernas subitamente bambas o suportassem com dificuldade, Damiano obedeceu. Quando chegou ao pé dela, a mãe ergueu os olhos para ele e, segurando-lhe o rosto entre as mãos, finalmente sorriu-lhe.

- Ninguém te vai tirar a tua Allegranza, podes estar tranquilo.

No entanto, há algumas coisas que preciso de saber e outras de que deves ser posto ao corrente... Angiolina e Graziolo são pessoas corajosas e não tenho qualquer motivo para pensar que a sua filha seja diferente.

A sinceridade é apanágio de poucos, lembra-te disso, e Angiolina, ao pedir-me este encontro, demonstrou possuir esta riqueza, além de uma enorme coragem: eu e o teu pai sempre apreciámos esta virtude, mais ainda quando aquilo que tem para se confessar aos outros pode pôr em perigo a nossa própria honorabilidade. Vem, Damiano, vem sentar-te ao pé de mim; são tantas as coisas de que temos de falar que o trabalho pode esperar. Quando souber o motivo do teu atraso na loja, o teu pai vai entender...

Mãe e filho sentaram-se dos dois lados de uma mesa assente em cavaletes e coberta por uma toalha de linho branco. Ao centro, sobressaía um prato de ameixas que exalavam no ar parado de uma tarde estival um vago perfume ligeiramente acídulo.

Fiordebellina pegou numa, saboreou-a lentamente e, num gesto brincalhão, lançou o caroço para o filho, que, tomado de surpresa, não conseguiu apanhá-lo; o caroço deslizou pela mesa e depois de ter deixado uma risca violácea pela toalha branca caiu no chão.

## Capítulo 41

Matthew observava o miúdo, que, semi-nu, adormecera em cima da cama: a sua pequena mão escura segurava ainda os seixos de Guglielma. Depois de jantarem, juntamente com os outros peregrinos, na hospedaria, Hamid havia dito ao frade que naquela noite ficaria acordado à sua espera depois das funções das completas: -Vou fazer-te uma surpresa! - exclamara entusiasmado.

No seu regresso, o rapazinho acolhera-o tendo na mão os cinco seixos e, antes de poder perguntar-lhe qualquer coisa, começara a fazê-los girar um após outro entre as mãos, deitando-os ao ar como fazem os malabaristas. Depois de algumas voltas, os seus gestos um pouco desajeitados deixaram escapar um deles. Sem se desencorajar e apertando a língua entre os lábios numa expressão concentrada, começara de novo, conseguindo, desta vez, completar pelo menos oito círculos. Matthew dera-lhe os parabéns, perguntando-lhe onde tinha aprendido aquele jogo tão difícil: - Foi Allegranza que me ensinou - respondera, sério. - Sabes, quando éramos os dois mais pequenos e os outros miúdos da ruela troçavam dela por causa dos dedos palmados, ela meteu-se de tal forma em brios e começou a exercitar-se às escondidas e de tal maneira que, no fim, apesar do defeito da mão, era a única a conseguir não deixar cair as pedras no chão... Lembrome bem das caras despeitadas dos outros! No entanto, desde então, ninguém mais ousou fazer pouco dela... Agora também eu quis aprender: sou bom, não sou, Frei Matiu? Depois daquela orgulhosa demonstração de valor, Hamid deitara-se, satisfeito. Em pouco tempo adormecera, segurando ainda entre as mãos os seixos. Enternecido com a força interior que o miúdo demonstrava naquela situação delicada e difícil, Matthew ainda o observava, quando o seu pensamento correu para Guglielma e as palavras que pronunciara ao entregar-lhe os seus seixos. O que lhe havia dito a Boema? «...Que os lavara e os tornara tão compactos que resistiriam a qualquer tempestade?...» Fora assim que dissera parecia-lhe recordar. E agora, como era possível que até aqueles seixos vestígios ignorantes de uma natureza selvagem e milenar, servissem para oferecer qualquer momento de felicidade a uma criatura inocente como um rapazinho? Fora realmente um acaso aqueles seixos terem passado das mãos de Guglielma para as suas e depois para as daquele pequeno sarraceno, ou tratar-se-ia, pelo contrário, de

um incompreensível sortilégio, pelo menos tão inquietante como o ramo de zimbro que o havia acompanhado ao longo de toda a sua peregrinação de Inglaterra até Milão? Enquanto, aos poucos, a sua consciência confusa mergulhava no conforto do sono, Hamid virou-se na cama. Uma das mãos balançou, fora dela, e foi-se abrindo progressivamente: dela caíram os cinco seixos brancos, que rolando sobre a pedra do chão, uns para aqui, outros para ali, formaram um círculo quase perfeito.

O céu estava lívido: o ar, pesado e húmido, anunciava chuva iminente. A água do fosso, que repentinamente ficara límpida e transparente, tomara uma cor lamacenta, sinal de que em qualquer parte do campo o temporal já fizera transbordar os diques.

Do tabuleiro da ponte, estranhamente deserto, Federico observava a corrente, que, de vez em quando, transportava consigo algum arbusto quebrado. Quando a dor diminuía, conseguia raciocinar mais lucidamente: as ervas da jovem judia estavam a fazer-lhe efeito e os próprios eflúvios nauseabundos que emanavam do seu corpo, vendo bem, até se haviam mostrado úteis. Ninguém ousava aproximar-se e, portanto, as probabilidades de ser reconhecido eram mínimas. Por este motivo e à espera de que o tratamento surtisse o esperado efeito, decidira adiar a partida por alguns dias. Além disso, Tarik comunicara-lhe que as tropas aliadas dos Milaneses estavam de novo a juntar-se ao longo da estrada para Lodi; seria por isso prudente, havia-o aconselhado, esperar um pouco mais ainda ou então, como alternativa, sair da cidade tomando a direção de Pavia.

Mantendo o capuz bem enterrado na cabeça, ergueu os olhos para as nuvens cor de chumbo: as mais baixas pareciam rasar as trincheiras das muralhas. Três ou quatro pingos grossos como moedas haviam-lhe caído no rosto.

-O temporal vai desabar... - murmurou para consigo.

- Não, esta não é a verdadeira tempestade... Este é apenas um prólogo...

Federico virou-se de repente. Por detrás dele, uma mulher com os cabelos cor de palha fixava-o; os seus olhos, claros como água de uma fonte e igualmente calmos, perscrutavam-no.

Com um gesto fulminante, o imperador enterrou ainda mais o capuz sobre o rosto.

- Não vos escondeis, Federico - disse a mulher com um sorriso trocista -, de mim não tendes nada a temer...

-Quem sois? - perguntou Federico com voz menos firme do que queria.

-O meu nome é Guglielma e...

-Sois a Boema?! - exclamou o imperador, arregalando os olhos.

-Pelos vistos, conheceis-me. Se a minha fama imerecida chegou até aos vossos ouvidos, sabeis também que o Onnipotente está a conduzir a minha vida terrena por lugares que só Ele conhece.

A minha vontade está em poder da Sua, as minhas ações são guiadas pela Sua graça...

Erguendo apenas um pouco o capuz, Federico estudou o rosto da mulher que tinha à sua frente; há já algum tempo que ouvira falar de uma vidente que, em odor de heresia, difundia a sua palavra por Milão. Haviam-lhe dito que se tratava de uma possessa que, fazendo apelo à credulidade das pessoas, tentava enriquecer à custa dos monges de uma abadia do condado. E, no entanto, os olhos calmos e serenos que o fixavam não mostravam traços de exaltação. Ligeiramente aborrecido pela total ausência de timidez que a mulher mostrava relativamente a ele, Federico interrompeu-a.

-O que quereis de mim? E como fizestes para saber quem sou? - sussurrou asperamente, olhando em seu redor para se certificar de que mais ninguém o ouvia.

Guglielma sorriu enigmática.

- Um morto reconheceu-vos, Federico, facto que não constitui qualquer risco para vós; o verdadeiro perigo será a porta de ferro, próximo da qual a morte vos colherá, num lugar cujo nome recorda o de uma flor. Não temeis, isso não irá acontecer em Milão. Sabei, no entanto, que esta cidade nunca será vossa, mas que a vossa presença aqui terá um objetivo, mesmo que não seja o que havíeis determinado com a vossa viagem. Dentro de dois dias, o fogo que vos queima a pele estará praticamente extinto e então, antes que um outro fogo bem mais inelutável vos prenda os passos, parti. Assim que tiverdes transposto as muralhas, segui o voo de uma pomba, que vos conduzirá na direção do bosque. Aí, libertai o vosso falcão e sem lhe indicardes a presa, esperai que o destino se cumpra. O falcão destruirá o rapace e a pomba será poupada...

Guglielma calou-se e virou-se. Os seus passos ressoaram sobre as tábuas da ponte e, antes que qualquer outra palavra pudesse ser pronunciada, a sua figura desapareceu para lá da poterna.

O rosto de Federico estava térreo. As suas mãos, agarrando com força as extremidades do capuz debaixo do queixo, tremiam ligeiramente. Depois de ter ouvido aquela sinistra profecia, a sua garganta, contraída, não conseguia emitir um som; agora, ao mesmo tempo que se interrogava sobre o sentido a

dar àquelas frases obscuras, uma raiva surda, mas envolta em inquietação, ia-lhe invadindo o peito. O que pretendia dizer-lhe aquela mulher danada? E por que razão, em vez de ser ela a temer o imperador, fora ele a sentir medo do seu olhar e das suas palavras? Por que motivo não a teria detido por mais tempo, feito outras perguntas, porque não ousara atemorizá-la com as ameaças que já eram habituais nos seus lábios? E de que pomba falava? E se realmente fosse verdade que Guglielma era uma vidente? O que saberia mais dele e da sua vida futura? Ao mesmo tempo que um arrepio gelado lhe percorria as pernas, Federico levantou os olhos para o céu: as nuvens estavam a dispersar; aqui e ali abriam-se brechas opacas de azul. Aquela mulher dissera a verdade: o temporal não chegaria. Envolvendo-se num manto leve, o imperador dirigiu-se para a estalagem; depois das vésperas iria falar com Tarik e pedir-lhe que organizasse a viagem de regresso.

Aquela cidade maldita enfraquecera-lhe o corpo e o espírito. Tinha de ir-se embora: o caminho seria longo e não privado de insídias, mas, no fim, o horizonte tranquilizador da Capitanata<sup>{7}</sup> iria consolar-lhe os olhos e o coração.

-Mas... mas olha só que tipo mais idiota!...

A serva, inclinada a apanhar o conteúdo do seu cesto espalhado pelo chão, lançava olhares furibundos ao noviço que, depois de lhe ter dado um valente empurrão, se afastava, apressado.

- Vejam só... - gritava ela, atrás dele. - Mas no teu mosteiro, não te dão educação? A orla do hábito do rapaz desapareceu por detrás da esquina da ruela. Aborrecida, a mulher acabou por voltar a meter no cesto as ameixas já amassadas, um molho de nabos e um embrulho de pano escuro do qual tinham voado para o chão alguns peixes do rio; e mais além apanhou uma grande forma de pão que tinha rebolado.

Assoprando, levantou-se e, continuando a resmungar para consigo, retomou o caminho para casa.

O noviço chegara à sua meta. O palácio de pedra clara erguia-se, alto e estreito, à sua frente. Remexendo o bolso para se certificar de que não tinha perdido nada de quanto daí a pouco iria precisar, escondeu-se no canto mais escuro do coberto que, a meio da via, cruzava uma ruela lateral. Daquele ponto de observação poderia espiar, sem ser visto, a casa da Boema e quando chegasse ao momento mais propício levar a cabo aquilo que lhe fora encomendado. As suas mãos, escondidas por debaixo do hábito roubado,

demasiado grande para ele, apertavam um trapo embebido em óleo de noz e uma pederneira. Proveniente da ruela, um súbito e violento sopro de vento fez um remoinho em seu redor. «O vento... vem mesmo a calhar!», pensou satisfeito, ao mesmo tempo que um sorriso trocista lhe transformava o rosto. Por um instante, as suas feições amargas deixaram transparecer um clarão de ávida crueldade.

## Capítulo 42

O vento, que soprava forte de leste, tinha varrido a cidade.

As ruas pareciam limpas da habitual imundície e o céu claro que se adivinhava por entre os telhados meios tombados das ruelas era de um azul intenso. A luz viva iluminava os tijolos da basílica, fazendo realçar o seu perfil severo. Ao longo da Via Porticata, os comerciantes abriam as suas lojas, enquanto um punhado de soldados, que se dirigia para Lodi, estava prestes a transpor a Porta Romana.

Lanfranco parou diante do mosteiro. Em frente da pesada porta de carvalho, apenas encostada, estava estacionado um carro carregado de madeira; o velho cavalo que o puxava virou o focinho para ele e, depois de o ter fixado por um longo instante, emitiu um relincho surdo e rouco.

- Que estás para aí a lamentar-te, bicho do diabo! Acalma-te que dentro em pouco estamos prontos! O carregador, que aparecera à porta do mosteiro, aproximou-se do carro para retirar uma grande trave de madeira. Lanfranco aproximou-se dele.

- Ei, tu aí, sabes dizer-me como se faz para entrar neste lugar? - perguntou, num tom grosseiro.

O carregador, aborrecido com o ar imperativo com que fora interpelado, ia responder de mau modo quando, à porta do mosteiro, surgiu a irmã porteira.

- Senhor?... - perguntou gentilmente, observando as vestes elegantes do homem que tinha à sua frente. - Precisais de alguma coisa, senhor?

- Na verdade, preciso, irmã - respondeu Lanfranco com uma expressão humilde e respeitadora, queria falar com a madre abadessa. A urgência do assunto que me traz aqui impediu-me de mandar um servo a anunciar-me, mas, se fosse possível, gostaria de poder falar com ela agora... Se puderdes pedir-lhe, enfim, caso não seja inoportuno...

- Entrai, senhor, entrai. Enquanto vou procurá-la, podereis esperar no claustro; devia mandar-vos esperar no parlatório, mas é exatamente aí que estão em curso umas obras de carpintaria e... vedes quanta lenha o nosso Eusebio descarregou da carroça? Será um trabalho demorado e que levará alguns dias, o parlatório não está disponível...

No claustro ninguém vos irá perturbar, os operários estão a trabalhar e as irmãs estão empenhadas nas suas tarefas habituais. Eu mesma devo afastar-me por uns minutos; nem imaginais de quanto trabalho um mosteiro



necessita!... Vinde, senhor, vinde comigo...

Lanfranco seguiu-a. O carregador, que no tom melífluo usado na conversa com a freira tinha dificuldade em reconhecer o mesmo homem que havia falado com ele, abanou a cabeça e, resmungando uma imprecisão, retomou o trabalho.

Os pombos estavam encostadinhos uns aos outros; no meio daquele montanha indistinta de asas, as caudas apontavam para o alto, enquanto as cabeças se afundavam na erva, desaparecendo da vista.

Morbidamente atraído por aquele espetáculo famélico, Lanfranco não deu pela chegada da abadessa.

-É costume, quando alguém pede audiência, dizer o nome...

O tom severo de Eufrasia colheu-o de surpresa. Virou-se e os seus olhos deram com uma velha curvada, cujo corpo depauperado não correspondia, de facto, à voz áspera e autoritária que acabara de ouvir. Inclinando a cabeça numa atitude pesarosa, a sua boca simulou um sorriso.

- Perdoai-me, madre, mas, sabeis, por vezes a pressa é má conselheira...

Chamo-me Lanfranco Calgario e estou aqui para vos pedir notícias de uma pessoa que possivelmente conhecestes...

O rosto de Eufrasia tornou-se cinzento. Os seus olhos dilataram-se e a boca abriu-se-lhe num grito mudo. O seu pensamento foi invadido por um ruído que, ressoando profundamente nos seus ouvidos, a privou, por um longo momento, de qualquer outra percepção do mundo. Apercebendo-se da sua expressão estupefacta, Lanfranco observou-a com mais atenção.

- Será que já nos encontrámos, madre? Eufrasia não respondeu. O seu olhar, que agora adquirira a dureza de uma pedra, fixava-o em silêncio. Uma tremura, primeiramente ligeira e depois cada vez mais violenta, sacudia-lhe as costas. Surpreendido com o comportamento inesperado da monja, Lanfranco ia falar de novo quando, entre as colunas do claustro, uma noviça apareceu. Embora as vestes lhe escondessem quase totalmente as formas do corpo, o rosto, mesmo emoldurado pelo véu, era bem reconhecível.

Sentindo o coração sobressaltar-se, Eufrasia seguiu a direção dos seus olhos e virou-se: Allegranza estava imóvel e observava-os.

-Vai-te embora! Volta já para a cela! O grito da abadessa ressoou, forte, no claustro. Os pombos, assustados com um som tão pouco habitual entre aquelas paredes silenciosas, voaram, confusos, para o telhado.

Allegranza hesitou. O terror que apercebera na voz de Eufrasia bloqueara-lhe os músculos e a respiração. Esforçando os olhos, procurou compreender

quem seria a visita da abadessa: aquele rosto não lhe era desconhecido, mas não conseguia lembrar-se de onde o teria já encontrado.

-Então, não me ouviste, ou ficaste surda? - rugiu Eufrasia enquanto se movia, em passos ameaçadores, na direção de Allegranza.

Lanfranco seguiu-a e, agarrando-a fortemente por um braço, deteve-a.

-Que necessidade tendes de ser tão severa com uma pobre noviça, madre? Eufrasia fixou-o: os seus olhos líquidos chispavam de desdém.

Agarrando com a sua própria mão a mão do homem que lhe agarrava o braço, arrancou-a e, com uma expressão de desgosto, afastou-a de si.

- Não ouseis tocar-me, Lanfranco! Nem ouseis voltar a falar-me! Saí já daqui! Isto é um mosteiro, Lanfranco, um lugar sagrado! Não é lugar para estupradores nem assassinos! Ide embora já! O sorriso falso que até então se esforçara por manter desvaneceu-se.

Em silêncio, Lanfranco fixou as duas mulheres; o seu olhar corria da abadessa para Allegranza e a raiva, até então habilmente contida, irrompeu como uma torrente fortíssima dos seus olhos. A tremura de Eufrasia aumentou. Esforçando-se por manter o equilíbrio, apoiou-se a uma coluna com ambas as mãos. Allegranza, à qual não escapara o nome que ouvira da boca da abadessa, começara, lentamente a compreender: um círculo gelado envolveu-lhe a cabeça e, descendo aos poucos, invadiu-lhe todo o corpo interrompendo o fluxo vital Um horror profundo e doloroso transformou-lhe o rosto, chupando todo o sangue. As suas pernas eram agora de chumbo e, se ainda tivesse vontade de se afastar dali, não teria conseguido.

Lanfranco avançou para ela. A mão direita afundara-se no bolso da veste. Eufrasia ergueu-se e, com um ímpeto feroz inimaginável numa mulher tão idosa, colocou-se à sua frente, impedindo-o de prosseguir.

Lanfranco apoiou rudemente a palma da mão sobre a sua veste e, com um gesto violento, empurrou-a para trás: o seu rosto, contraído pela ira, ia-se tornando cada vez mais desumano.

-Foge, Allegranza, foge... foge... foge!...

Aquela frase, que se iniciara como um sussurro amargurado na garganta de Eufrasia, converteu-se num grito forte e imperioso e, numa fração de segundos, sacudiu Allegranza do seu torpor. A rapariga virou-se e olhou à sua volta procurando ajuda: o claustro estava deserto. Então pôs-se a correr na direção da entrada do mosteiro.

Blasfemando, Lanfranco rodou sobre si próprio e ia no seu encalço quando Eufrasia, mais rápida do que ele, deu um salto desesperado que a fez cair no

chão e agarrou-lhe pela borda da veste, que segurou firmemente entre as mãos. Lanfranco, por sua vez, tropeçou e caiu. Erguendo-se nos joelhos e resmungando raivoso, fixou a monja: a mão que segurava a faca apareceu, saída do bolso, e atacou.

Num único e demoradíssimo instante, Eufrasia viu passar, em frente dos olhos, toda a sua vida. A sua consciência, preocupada em pedir o último e definitivo perdão a Deus pelos pecados cometidos, não se apercebeu da dor. Os últimos sons que ouviu chegavam, apagados, aos seus ouvidos, como que provindos de muito longe: os gritos de horror das irmãs pareciam-lhe os pios fracos dos novos passarinhos no ninho. Depois, tudo se tornou escuro e a sua vida terminou.

## Capítulo 43

Matthew percorria, incerto, as ruelas, os largos e os cobertos que conduziam ao bairro da Boema. O caminho que dividia o mosteiro daquela zona da cidade não era curto e sobretudo estava cheio de oficinas, de igrejas e de outros conventos que o frade ainda não conseguia distinguir bem uns dos outros.

Nos últimos dias, o desejo de rever Guglielma tornara-se cada vez mais premente. Refletira longamente de noite, na escuridão da sua cela enquanto Hamid ressonava um pouco. Não deveria procurá-la, ainda, sabia-o bem. Seria um risco para si próprio e, indiretamente para Arnolfo, que, com tanto cuidado, procurava desenredar-se da trama escorregadia dos inquisidores. Por outro lado, o impulso que o impelia para aquela mulher era como a corrente de um daqueles largos rios, calmos mas imparáveis da sua terra longínqua.

Os cuidados que na última semana tivera de prestar a Hamid nesta sua reclusão forçada haviam-no, em parte, distraído daquele pensamento obsessivo. E, no entanto, fora o próprio miúdo, naquela manhã, que o levara finalmente a tomar a sua decisão. Após a refeição na hospedaria, Hamid regressara logo à cela e, depois de o ter chamado de parte, contara-lhe, num tom perturbado, que, na noite precedente, Guglielma lhe havia aparecido em sonhos ao mesmo tempo que o chamava da galeria da sua casa.

- Segurava na mão uma vela - explicara-lhe - e, enquanto falava, a chama aumentava aos poucos e envolvia-lhe o corpo... No final, o ar estava cheio de fogo, mas ela permanecia ali e sorria e eu via os seus lábios a mexer, mas já não conseguia ouvir nem uma palavra...

Ao mesmo tempo que procurava as frases certas para acalmar o miúdo, ainda amedrontado com aquele sonho angustiado, Matthew sentia nascer dentro de si a dúvida se a visão de Hamid não seria uma espécie de profecia, um apelo que lhe era dirigido exatamente a si próprio; quem sabe se o sarraceno não estaria, mais uma vez a servir de mensageiro, quem sabe se a Boema não queria encontrar-se com ele... Não era o que todos diziam, que aquela mulher era uma vidente? De qualquer maneira, pensara, um passeio pela cidade iria clarificar-lhe as ideias. Animado por um certo embora cauteloso entusiasmo, depois das funções saíra e dirigira-se ao Broletto.

À medida que se afastava do mosteiro, a sua determinação tornava-se menos firme. O que ia fazer? A que outros perigos o iria expor o seu temperamento imprudente e impulsivo? Se bem que estivesse consciente de estar prestes a entrar na aventura de um jogo cujo fim desconhecia, o que o inquietava agora era uma outra questão.

Na verdade, mais do que a própria temeridade, receava a ira de Arnolfo, que, disso estava certo, se iria abater sobre ele como um malho assim que soubesse do seu novo encontro com a Boema. Por outro lado, pensava com uma ponta de amargura, a generosidade que o abade lhe demonstrara em todos aqueles meses não fora, de maneira nenhuma, desinteressada: para todos os efeitos, Arnolfo havia-o utilizado para conseguir os seus próprios objetivos, que, embora louváveis, estavam de qualquer maneira ligados ao exercício do poder. Não seria naquela cidade que Matthew passaria os seus dias futuros e, em qualquer dos casos, dentro de pouco tempo ir-se-ia embora dali; neste momento a sua missão chegara ao fim e nada o prendia mais a Milão.

Talvez voltasse para o vale Augusta, seguindo a viagem de regresso de Aimone, ou talvez, se o Altíssimo lho concedesse, se dirigisse para a sua terra...

Perdido nos seus pensamentos, não viu o monte de lixo que, mole e putrefacto, ocupava a beira do caminho: os seus pés nus, enfiados nas sandálias, afundaram-se no meio dele e quase o fizeram escorregar. Fixando o hábito, descobriu que a bainha estava cheia de gordura e de lama. Segurando numa ponta com a mão, procurou sacudir toda aquela sujidade, sem, todavia, obter um resultado apreciável.

Desiludido, voltou a erguer os olhos e reparou que estava já à beira da saída da ruela que conduzia à larga Via de San Pietro all'Orto.

Estava ainda na dúvida se haveria ou não de prosseguir, quando, acompanhado por gritos e alarido, sentiu um ligeiro cheiro a fumo.

Curioso, avançou uns passos mas subitamente parou. Em volta do palácio de Guglielma juntava-se uma pequena multidão que, ondulando desordenada, olhava fixamente para cima. Das duas janelas da galeria saíam densas colunas de fumo escuro que, arrebatado por um vento forte, se espalhava, irritante, ao longo da via. Devorado pela angústia, Matthew tentou aproximar-se mais ainda, mas um violento acesso de tosse obrigou-o a parar.

-Água, água, ide buscar água! As vozes, estridentes de medo, sobrepunham-

se umas às outras, enquanto das ruelas laterais começavam a chegar homens, mulheres e crianças com baldes, panelas, barricas e bacias cheias de água.

- Vede! O incêndio está a propagar-se! - gritou uma serva apontando para o fumo que saía da porta de uma casa vizinha.

-Oh, Santo Deus, Santíssima Virgem! O que fazemos agora?! Alguém que vá ao Broletto, por Deus, a avisar, a pedir ajuda!...

As vozes aterrorizadas foram dominadas por um insistente repicar dos sinos: o sino de San Pietro all'Orto estava já a dobrar para dar o alarme, seguido, depois de alguns instantes, pelos de todas as igrejas da vizinhança. Matthew, incapaz de se mover, apoiara-se num muro.

Os seus olhos dilatados, vermelhos por causa do fumo, fixavam o portão semiaberto e enegrecido pelo fogo. Para lá da porta de entrada adivinhavam-se as chamas ainda altas: clarões avermelhados iluminavam as frestas das pequenas janelas escancaradas do rés-do-chão, enquanto estalidos surdos provenientes de cima faziam intuir que o fogo teria já lambido as tábuas do pavimento do andar de cima.

O vento tornou-se mais forte. Num ápice, que a Matthew pareceu um século, uma enorme e volumosa língua de fogo saiu rugindo do telhado e, impelida por uma rajada de vento mais violenta do que as outras, envolveu no seu abraço maléfico paredes, recantos, telhas e galerias de todas as construções que encontrou pelo caminho.

A multidão gritou. Os recipientes com água despejaram-se no chão e rolaram para longe, enquanto todos fugiam na direção das ruelas e dos largos mais afastados do local do incêndio. Matthew, inibido pelo horror daquele espetáculo, não conseguia mover-se. Foi o providencial empurrão de um homem em fuga que o despertou: caído no chão, desamparado, levantou-se um segundo antes de as tábuas da galeria de Guglielma explodirem em mil pedaços e se espalharem relativamente perto dos seus pés.

Enquanto fugia juntamente com os outros, transportado contra a sua vontade pela onda da multidão, o frade pensou na Boema: ter-se-ia salvo aquela mulher? E os outros, os seus sequazes? Estaria alguém naquela casa quando o fogo se declarara? Rezando a Deus para que tal não tivesse acontecido, questionava-se sobre o motivo de todo aquele fogo. Seria possível que de dia, em pleno Verão quando a lareira servia apenas para cozinhar e era, portanto, bem vigiada, uma faísca bastasse para criar todo

aquele desastre? E se, em vez de ser acidental, o fogo tivesse sido posto de propósito? Um arrepio gelado percorreu-lhe as costas suadas: se esta hipótese fosse verdadeira, quem poderia ser a vítima designada senão a Boema? De repente, sem se dar conta do caminho percorrido, Matthew encontrou-se em frente da fachada da Basílica Maggiore. Os sinos dobravam; do vizinho Broletto, um punhado de soldados corria na direção de San Pietro all'Orto. Embora fossem muitas as ruelas que separavam a zona do incêndio da basílica, o cheiro a fumo já chegara ali. Voltando-se para olhar para trás, o frade viu com horror que outras línguas de fogo se elevavam no telhado.

- Mas então, frade de um raio, o que estais a fazer aí parado como uma estátua?! Ajudai-me a levar este balde, por Deus! Não vedes que a cidade inteira está a arder?! Matthew fixou, com um olhar vago, o homem que tão rudemente se lhe dirigira: sem responder, virou-se e, tomado por um terror incontrolável, começou a correr na direção do Broletto. Sem ouvir os insultos que se seguiram à fuga, continuou sempre a correr até que o cansaço lhe bloqueou a respiração. Então, apoiando ambas as mãos nos joelhos, parou e retomou o fôlego. Depois, ao mesmo tempo que as lágrimas quentes de medo e de humilhação lhe banhavam as faces, retomou o caminho para San Simpliciano.

As mãos de Juditha seguravam a tigela cheia de água.

À superfície, os movimentos lentos do óleo misturado com a água formavam sombras evanescentes que só ela sabia ler.

Da porta encostada da casa entrava uma lâmina de luz que, percorrendo o chão de terra batida, desenhava uma longa linha branca: o raio vivo ia morrer na fresta aberta entre as duas tábuas danificadas da parede. A mulher rodou com grande delicadeza o recipiente de bronze escuro. A água encrespou-se por alguns instantes para depois se aquietar, imóvel.

Os olhos de Juditha fecharam-se e, enquanto as suas pupilas dilatadas fixavam a superfície líquida, o seu corpo entesou-se: a respiração tornou-se mais ofegante e os dedos que seguravam o fundo da tigela começaram a tremer imperceptivelmente. Uma após outra, duas gotas de suor caíram-lhe da testa inclinada precipitando-se na água, em baixo, onde produziram pequenos círculos concêntricos que, em contacto com o óleo flutuante, quebraram a sua circunferência perfeita, formando novas e engraçadas figuras.

Juditha baixou as pálpebras e da sua boca semiaberta saiu um lamento que,

iniciado em surdina, se foi aos poucos tornando mais sonoro até se converter num longo e interminável grito. Uma calhandra que ali estava poisada sobre o ramo de uma árvore vizinha voou assustada.

Tão subitamente como começara, esse som lúgubre terminou.

A mulher levantou a tigela e, deslocando com o cotovelo a porta da sua espelunca, saiu para a minúscula eira. Aqui, entre as ervas e as silvas que a infestavam, vazou toda a água, que, num segundo, foi absorvida pela terra.

Os seus olhos verdes ergueram-se para os ramos das árvores. O vento, que há horas se levantara imperioso, agitava-lhe os cabelos arruivados: entre os pedaços de céu limpo que se entreviam por entre as brechas da densa folhagem do bosque movia-se, veloz, uma longa e subtil esteira cinzenta.

Apertando de encontro ao peito o recipiente vazio, Juditha murmurou uma única e definitiva frase.

-Tudo está a cumprir-se.

Depois, colocada a tigela no chão do casebre, encostou a porta e, apertando os braços em volta da veste rasgada, apressou-se na direção da clareira.



## Capítulo 44

*Nisan* girava inquieto pela casa. De vez em quando baixava a cabeça e farejava, fremente; o rabo, alçado, denunciava a sua atenção face à existência de um cheiro qualquer não habitual. Um forte fedor a bafio erguia-se dos cantos do quarto. A burra fora mudada para junto da porta da casa. Um embrulho disforme de cânhamo, colocado no chão, continha todos os haveres de Raquel. Enfiada entre as correias de couro que o apertavam estava a bengala de Isaac. O espelho de prata, ainda envolvido num pano escuro, fora retirado da parede e jazia ao lado da burra.

Como que querendo prolongar ainda o seu tempo entre aquelas paredes, Raquel continuava a repetir os mesmos gestos. Reunia as louças esbeiçadas ao lado da lareira, alinhava as duas cadeiras ao longo das bordas da mesa, ajeitava uma vez mais as camas. O seu zambujeiro encarnado havia adquirido uma tonalidade acinzentada e a veste usada pendia-lhe pelo corpo emagrecido; só aqueles cabelos preto-azeviche, ainda não recolhidos dentro da coifa, mantinham o seu natural brilho, dançando, rebeldes, em volta do rosto a cada um dos seus movimentos.

Aimone, que há mais de uma hora a observava em paciente silêncio, não conseguiu esconder por mais tempo o seu mal-estar.

-Raquel, temos de ir embora... Não há mais nada que vos prenda aqui; o cavalo está à nossa espera, ali na ruela. Vinde, então, vamos...

A rapariga olhou-o. Os seus olhos inchados denunciavam o iminente regresso das lágrimas. Aimone aproximou-se e, sem falar, apertou-a num abraço delicado. Raquel abandonou-se nos seus braços e, libertando, finalmente da garganta contraída os soluços que há horas lhe comprimiam o peito, chorou como uma criança.

Sem pronunciar mais nada, por saber de antemão que seria inútil, Aimone acolheu, em si, as suas lágrimas. Ignorando o arrepio de excitação que o contacto com o corpo de Raquel lhe provocava o castelão esperou que aquele fogo desesperado terminasse. Os seus pensamentos voavam desordenados, para, logo a seguir, regressarem a lembrança da longa e difícil conversa que dois dias antes mantivera com a jovem ainda o perturbava. Raquel havia-o ouvido, sentada à sua frente, naquela sala impregnada de cheiro a morte. A sua expressão primeiramente de surpresa, fora deixando perceber, aos poucos, uma consciência nova; os seus olhos

havam estudado demoradamente o rosto do castelão. Aimone, que se sentira remexido até às profundezas da alma por aquele olhar penetrante, havia-lhe confessado o estranho e inesperado transporte que, desde o seu primeiro encontro, havia nutrido por ela. Pondo de lado pudores e reservas, falara-lhe ainda da sua vida e do seu castelo, do filho e da mulher que perdera tão cedo. Pedira-lhe, por fim, para ir com ele até Graines; poderia oferecer-lhe proteção e, se o tempo sarasse as feridas de ambos, talvez um dia pudesse fazer dela sua esposa. Raquel não respondera imediatamente; cobrira o rosto com as mãos e, dobrada sobre si própria, ficara por muito tempo calada. Depois, erguendo lentamente a cabeça, sussurrara algumas palavras: - Está bem, irei convosco....

Aimone, que naquele momento teria renunciado ao seu feudo e a todos os seus haveres só para ter o seu assentimento, fixara-a com uma expressão de gratidão tão infantil que a fez sorrir. Havia-se ajoelhado a seus pés e, depois de lhe ter pegado nas mãos, beijara-lhas.

Raquel, a quem ninguém nunca dedicara uma tão respeitosa consideração, permanecera imóvel, incapaz de falar. Não conseguia compreender; aquele homem, aquele desconhecido estava ali a propor-lhe partilhar a vida com ela. Porquê? Que motivos poderia alguma vez ter para desejar fazer-lhe uma dádiva tão grande e inesperada? A sua natural discrição levava-a a ser cuidadosa, apesar de uma curiosa e inexplicável sintonia de sentimentos lhe fazer sentir uma enorme atracção por Aimone. O que a fascinava naquele homem? A força de ânimo, juntamente com uma gentileza especial nos modos, ou a paixão que, embora severamente controlada, intuía no brilho do seu olhar e nos seus gestos contidos? E ela, que nunca conhecera o amor, o que sentia agora? Seria possível que aquela mistura de ternura e gratidão que sentia por ele, aquela insólita languidez que a tomava quando o fixava nos olhos fosse amor? E o que justificava aquele sentimento? Como podia ter-se enamorado, num tão curto espaço de tempo, por um homem tão diferente dela? Como poderia ter a certeza de que esta nova paixão não se esgotaria depois que esta inquietação que sentia sobre o seu futuro se suavizasse com a companhia tranquilizadora do castelão? E, no entanto, acolhendo o olhar aceso e implorante de Aimone, sentia-se cada vez mais atraída por ele: teria querido abraçá-lo, deixar-se prender pelos seus braços fortes e encontrar, finalmente, a serenidade que ninguém, até então, soubera dar-lhe. Repelindo aquele impulso absurdo, acompanhara as suas palavras de aceitação com um sorriso incerto, esforçando-se por dominar o nó de

ansiedade que lhe apertava a garganta; esconderia os seus sentimentos na esperança de que os dias e meses que se seguiam desvendassem uma verdade que ela própria não conhecia.

Haviam permanecido em silêncio enquanto os dedos de Aimone tocavam a palma das suas mãos numa delicada e prolongada carícia.

Antes de se despedir, dissera-lhe que iria saldar todas as suas dívidas em suspenso; ela só teria de arrumar as poucas coisas que tinha e de se aprontar. Daí a alguns dias, assim que tivesse tratado das suas últimas incumbências na cidade, partiriam para o vale Augusta.

*Nisan*, que finalmente se acalmara, dormitava em frente da porta de entrada. De repente ergueu o focinho e começou a farejar freneticamente o ar. Levantou-se, escapou pela porta e, depois de um instante de hesitação, começou a ganir. Quase em simultâneo com os latidos do animal, ressoaram, na ruela, uma vozearia confusa e o toque violento dos sinos.

Senhor!... Saiam, senhor! Deve ter deflagrado um incêndio no centro da cidade! A voz assustada do servo de Aimone, que batia convulsivamente na porta fechada, chegou, clara, aos ouvidos de Raquel. Soltando-se dos braços do castelão, precipitou-se para a porta e abriu-a de par em par: um inconfundível cheiro a queimado empestava o ar. Por cima dos telhados, transportada por um vento que nas últimas horas se fizera cada vez mais forte, uma longa nuvem negra de fumo deslocava-se, veloz, pelo céu.

-Depressa, Raquel, recolhei as vossas coisas! E tu, Joseph, ajudai-me a transportar a burra lá para fora, temos de sair daqui o mais depressa possível! Obedecendo prontamente às ordens alteradas do castelão o servo entrou em casa e pegou no grande escrínio. Raquel, que pegara na trouxa de cânhamo, saiu e colocou-a na garupa do cavalo. Em seguida, depois de ter pegado em *Nisan* ao colo, permaneceu imóvel ao lado de Aimone.

-Dizem que o incêndio deflagrou perto da Basílica Maggio- re... - informou Joseph, ofegante. - Não podemos, certamente, entrar pela Porta Romana para chegar ao vosso bairro, senhor, para não encontrarmos o fogo! Temos de procurar outra estrada, mas qual? Não conhecemos suficientemente Milão para...

- Eu indico-vos a estrada - interveio Raquel - e acho que é a única possível. Se, em vez de nos dirigirmos para as muralhas, contornarmos o fosso pelo lado de fora, chegaremos à Poterna dos Fabbri, onde poderemos entrar na cidade: daí chegaremos facilmente ao bairro onde habitais...

-Mas - perguntou Aimone - para seguir esse itinerário não temos de desviar

pelo campo? Ouvi dizer que a via para Lodi pulula de soldados e, já agora, não queria que tivéssemos de nos encontrar com eles! - Não, Aimone, não vamos encontrar mais soldados do que os que habitualmente encontramos fora das muralhas - respondeu Raquel. -Vamos atravessar ainda algumas ruelas, depois passaremos por alguns pequenos armazéns, casebres e moinhos que dão para os canais defluentes do fosso, sem, todavia, nos metermos pelo campo.

- Bem, sendo assim... Não percamos mais tempo! - exclamou o castelão, virando-se para Joseph.

O servo acabou de aprontar a albarda do cavalo; depois de ter apertado, debaixo da barriga do animal, as correias de couro que mantinham os trastes firmes sobre a garupa, puxou as rédeas e começou a avançar. O animal, enervado pelo repique incessante e pelos gritos das pessoas que, precipitando-se fora das casas, começavam a ocupar quase todo o estreito espaço da ruela, movia-se com relutância até fincar os socos das patas da frente e ficar totalmente parado; a burra oscilou perigosamente e só a prontidão de Aimone, que caminhava a seu lado, impediu que rebolesse pelo chão.

-Olha! - sussurrou esbaforida, falando com o marido, uma mulher que, como todas as outras, corria para o largo que conduzia ao fosso. - A judia vai-se embora! E o pai? Onde estará o pai? E aquele homem que vai com ela, quem será aquele homem? Já viste como está vestido? Deve ser um aristocrata! Que fará com uma pedinte como ela? -Mas, porventura, achas que este é o melhor momento para te preocupares com a judia? Por Deus, com este incêndio a propagar-se por toda a cidade! - respondeu-lhe irado o marido, arrastando-a por um braço. -Vamos é ver se alguém precisa de nós e esperamos que a água do fosso apague as chamas, se chegarem até ali! *Nisan*, apertado entre os braços da dona, tremia: o nariz continuava a farejar o ar e, de tanto em tanto tempo, das suas narinas molhadas escorria uma gota, que, caindo sobre a manga de Raquel, já formara uma mancha húmida. A jovem caminhava uns passos à frente de Aimone: desde que haviam partido, não voltara a olhar para trás.

Naquela noite, voltara, às escondidas, ao cemitério dos leprosos e despedira-se do pai. Havia acariciado as folhas secas que cobriam a cova e, enquanto os seus lábios silenciosos recitavam a oração dos mortos, jurara a Isaac e a si própria que a sua arte não se perderia; um dia, sem ainda saber quando nem onde, ela, Raquel, filha de Isaac ben David, iria tornar-se

médica.

A pequena caravana prosseguiu. Depois de terem passado com alguma dificuldade pelo meio de uma multidão cada vez mais numerosa, chegaram ao ponto donde já podiam ver a via para Lodi.

Ao fundo da estrada, um grupo de soldados a cavalo devidamente trajados avançava lentamente na sua direção.

-Vamos atravessar agora a via ou então teremos de esperar, quem sabe quanto tempo, antes de podermos passar! - exclamou Aimone, solicitando que Joseph segurasse o cavalo pela rédea.

O servo obedeceu e, depois de ter percorrido as seis toesas que o separavam do outro lado da estrada, chegaram a um outro bairro.

Aqui, entre os casebres que o enchiam, corria um pequeno riacho atravessado por uma velha ponte de madeira pequena e muito danificada. Para lá dela adivinhava-se a margem do fosso que, prolongando-se ao longo das muralhas da cidade, delimitava o seu perímetro e a separava do campo.

Erguendo os olhos para o alto, Aimone viu que a esteira negra que até há pouco sulcava o céu, ameaçadora, se ia aos poucos desmanchando em longas lâminas mais claras. O vento, um pouco menos impetuoso, arrastava-as lentamente para leste.

O último fogo apagou-se na casa de San Pietro all'Orto. Entre as traves desmoronadas e enegrecidas, o fragmento de tecido embebido em óleo de noz ardia lentamente e, depois de um último relampejar da chama, extinguiu-se formando um frágil montículo de cinzas.

## Capítulo 45

Depois daquela corrida a plenos pulmões até à Porta Romana, Allegranza, com a boca escancarada à procura de ar, virou-se para trás. A Via Porticata pululava de gente atemorizada que se dirigia, apressada, na direção das ruelas que conduziam à zona do Brolo: dos abrigos das muralhas provinham os gritos alterados dos guardas que davam ordens a um grupo de beligerantes reunidos em formação no largo subjacente. Um outro punhado de soldados transpunha exatamente naquele momento o arco da porta.

Os olhos de Allegranza, dilatados pelo medo, revistaram a via: mesmo em bicos de pés, tornava-se impossível distinguir o perseguidor no meio daquela multidão tão desordenada. O cheiro acre do fumo que empestava o ar anunciava, algures, a deflagração de um incêndio, provavelmente de grandes proporções, a avaliar pelo tumulto que reinava naquela zona da cidade. Enquanto se esforçava por afastar do pensamento o rosto de Eufrasia e o seu grito desesperado que a incitara à fuga, Allegranza procurou pensar rapidamente. Se Lanfranco sabia que ela estava escondida no Lentasio, era quase certo que também conhecia o local onde vivia e, portanto, seria um disparate ir a correr para se esconder logo em casa! Para onde poderia então fugir? Certamente não para o centro da cidade, onde, no meio de tamanha confusão, ninguém poderia protegê-la; o bosque! Aí estava o lugar para onde deveria correr, para o Bosque do Quadronno! Aí, entre as árvores e os arbustos, seria mais fácil esconder-se. Além disso e segundo diziam, relativamente perto da clareira, existia um casebre habitado por uma mulher solitária. Poderia suplicar-lhe, pedir-lhe ajuda...

Depois de se virar para trás e angustiada dar uma última olhadela, continuou, mais devagar; vendo bem, vestia um hábito de freira e uma noviça a correr como uma louca através da porta de entrada da cidade iria atrair a atenção dos guardas. Tinha de manter a calma era absolutamente necessário mantê-la. Com o véu que lhe cobria o cabelo apertado com ambas as mãos, avançou até à torre: os últimos soldados do grupo que marchava para Lodi iam já para lá do fosso Misturando-se *no* meio de um pequeno grupo de peregrinos, conseguiu transpor a ponte sem que ninguém se apercebesse dela.

Ignorando o trajeto habitual que a teria conduzido a San Calimero, desviou à esquerda e, chegada a uma ruela tortuosa que percorreu integralmente,

veio a desembocar, finalmente, nas traseiras do Hospital de San Lazzaro, relativamente perto da casa da judia.

Com o coração a saltar-lhe no peito, parou por momentos, apoiando-se à parede de uma casa em ruínas. Olhou à sua volta circunspecta: o único ser humano que viu foi um miúdo pequeno que, semi-nu, a fixava da soleira da porta da sua casa.

Retomou a corrida. Num instante atravessou a estrada grande e, arriscando-se a acabar entre as pernas de um cavalo pertencente a um peregrino que vinha exatamente na mesma direção, precipitou-se por entre as ruelas do outro lado. O bosque já estava perto.

Se não estivesse preocupado com mais nada, Federico teria seguramente explodido numa divertida gargalhada ao ver aquela jovem freira que, perturbada, como se tivesse o diabo nos calcanhares, se lançara para debaixo do seu cavalo.

Limitou-se a sorrir e, dirigindo-se a Tarik, que seguia a seu lado num outro cavalo, perguntou-lhe se a embocadura da estrada para Pavia ainda ficava longe; o grupo compacto de soldados que se dirigiam para Lodi e que há pouco tinham deixado passar havia-lhe confirmado a exatidão da escolha quanto à direção a tomar. Teria sido verdadeiramente arriscado escolher o caminho mais curto, era melhor fazer o que o servo lhe havia aconselhado: embora mais longa, a via que conduzia a Pavia seria mais segura.

-Não é longe, meu senhor - respondeu-lhe Tarík. -Vedes aquelas árvores além? Pois bem, aquele é o Bosque do Quadronno; a estrada que devemos percorrer começa um pouco mais adiante.

Um bosque... O coração de Federico sobressaltou-se ao mesmo tempo que sentia como que um torno gelado apertar-lhe a nuca. Já quase se tinha esquecido da conversa da Boema. Depois de ter passado uma noite em claro procurando o significado das suas palavras alarmantes, impusera-se ignorá-las. Outras e bem mais graves eram as preocupações que o agitavam e dar crédito aos delírios de uma possessa, só porque o havia reconhecido e mostrara saber da sua doença, seria certamente uma inútil perda de tempo. E, no entanto, agora que uma parte da cidade estava a arder, como aquela mulher possivelmente previra, e que, ao mesmo tempo, os cascos do seu cavalo começavam a afundar-se por entre a erva do bosque, Federico fora tomado por uma profunda inquietação. A sua mão deslizou pelo dorso do animal; atrás dele, bem preso e em perfeito equilíbrio sobre a garupa do cavalo, o saco que continha o falcão ondulava, leve, a cada movimento do

cavalo. Os olhos do imperador ergueram-se para o céu. Não longe, debaixo da nuvem de fumo já meio desvanecida mas que ainda ofuscava o céu, uma pomba voava, veloz, descrevendo amplos círculos mesmo por cima deles.

Federico parou. Em silêncio, sob os olhares atônitos de Tarik e Aisha, desatou o saco e, depois de ter calçado a luva de couro, retirou com todo o cuidado o falcão e colocou-o sobre o punho.

Depois, voltando a montar, deu ordens de prosseguirem na direção do bosque.

Apesar de afogueadíssimo, o rosto de Lanfranco estava cor de terra. O suor, dificilmente contido pelas espessas sobrancelhas franzidas, escorria-lhe sobre os olhos; a veste, suja com uma enorme mancha de sangue, colava-se-lhe aborrecidamente ao corpo.

Onde se teria metido aquela maldita cadela? Como conseguira fugir-lhe? Assim que ouvira os gritos das outras freiras, precipitara-se para o exterior do mosteiro e lançara-se na direção da Via Porticata, confundindo-se entre a multidão. Havia escarnecido, satisfeito, dando-se conta de que, exatamente nessa manhã, deflagrara um incêndio.

Ninguém, numa tal situação, teria tido tempo e vontade de o seguir.

Agora, depois de ter aberto com um ombro a porta de entrada trancada da casa de Angiolina e de ter revistado raivosamente aqueles miseráveis cantos sem encontrar ninguém, sentia que uma ira incontrolável tomava conta de si.

Furioso, saiu para a ruela e olhou em redor. A sufocação que o tomara quase o impedia de respirar. Comprimindo o peito com as mãos, impôs-se a calma e procurou raciocinar com frieza: se não voltara para casa, onde se teria metido Allegranza? Num outro lugar onde pudesse encontrar refúgio, claro, mas que lugar? Os seus olhos examinaram com atenção todas as portas que davam para a ruela: no fundo, precedida por um pequeno largo, a Igreja de San Calimero surgia a fechar a paisagem. Para além do telhado, adivinhavam-se ramos espessos e frondosos que, entrançando-se entre si, formavam uma vasta mancha verdejante. O bosque O Bosque de Quadronno! Aí está o lugar para onde Allegranza poderá ter ido! Como não pensara nisso antes?! Resmungando uma praga, a meia voz, encaminhou-se a passos velozes para o canal que, adjacente à basílica, dividia o bairro dos primeiros rebentos do matagal.

Enquanto atravessava a ponte de madeira erguida sobre o estreito curso de água, Lanfranco não pôde impedir-se de pensar que aquela danada rapariga



demonstrava a astúcia de uma raposa: como havia de a encontrar alguma vez num bosque tão denso, com todas aquelas árvores, aquelas moitas e aqueles afundamentos de terreno entre os quais até o seu cavalo tinha dificuldade em se orientar? Tinha de agir com muita calma. Em vez de se aventurar a descoberto, deveria movimentar-se com cautela, aproveitando a proteção de cada tronco e de cada arbusto, teria de deslizar como uma serpente entre a erva e, assim que a avistasse, lançar-se sobre ela e matá-la. Esta história tinha de acabar e rapidamente. Antes de anoitecer, o incêndio da cidade estaria dominado e, nessa altura, ele deveria estar seguro no seu palácio; se alguém viesse procurá-lo e pedir-lhe explicações sobre as suas movimentações durante o dia, o seu servo iria testemunhar tudo aquilo que ele lhe ordenasse. Com uma expressão ameaçadora no rosto, mergulhou a mão no bolso e agarrou firmemente o punhal: sim, no dia seguinte tudo teria acabado.

## Capítulo 46

Allegranza parou. A respiração, ofegante, apertava-lhe o peito e provocava-lhe dor. Procurando inspirar todo o ar que podia, voltou a olhar uma vez mais em seu redor. Para além do grande tronco atrás do qual se escondera, o matagal tornara-se ainda mais denso, e, apesar de o calor estivo ter secado as folhas mais altas dos arbustos, os ramos ainda lhe ofereciam abrigo suficiente. Um inesperado frufu sobressaltou-a: erguendo os olhos, viu, em cima, duas gralhas que tinham acabado de pousar no mesmo ramo e a fixavam, imóveis. Subitamente deu-se conta do silêncio que a cercava: nenhum dos habitantes do bosque fazia ouvir a sua voz. O único som, ampliado por toda aquela quietude, era o marulhar de um riacho que ficava próximo.

Agachando-se mais ainda por debaixo da árvore, Allegranza estudou o terreno: até ali, nenhuma pegada lhe dera a entender que alguém o tivesse pisado antes. Depois de ter lançado um último e ansioso olhar para trás de si, rastejou entre as silvas seguindo sempre o som da água. Se aquele casebre de que lhe haviam falado realmente existisse, estava certa de que se localizaria perto de um riacho ou de uma pequena torrente; quem quer que o habitasse não poderia sobreviver sem água.

Mas ao passar de gatas debaixo de um grande silvado de rosas-bravas, os longos espinhos prenderam-lhe o véu e rasgaram-no.

Devorada pela angústia, Allegranza tentou inutilmente puxá-lo, mas não conseguiu. O tecido fino enredara-se em torno dos espinhos, que o prendiam firmemente, formando como que uma flor nova, grotesca, que desabrochava da planta. Observando as mãos arranhadas e ensanguentadas, a rapariga foi assaltada pelo medo: aquele véu perdido iria servir de rasto ao seu perseguidor. Com o coração na boca arrastou-se até ao tronco de outra árvore e levantou-se com o maior cuidado; os seus olhos apavorados mediram o espaço circundante. Recuperando toda a sua coragem, decidiu arriscar. Enroscando a veste em torno da cintura e segurando-a com as mãos, desatou a correr perdidamente de uma árvore para a outra como uma lebre perseguida pelos cães.

Ali perto, Juditha, agachada entre a erva alta, via-a aproximar-se; por um instante, um sorriso a florara aos seus lábios.

Federico, de pé no bordo da clareira, acariciava distraidamente o dorso do

falcão que segurava no punho. Uns trinta passos atrás dele, Tarik e Aisha haviam prendido as cavalgadas ao tronco delicado de um choupo jovem e, como lhes fora ordenado, permaneciam em silêncio.

A pomba, que até então voara por cima das suas cabeças, desaparecera-lhes da vista. Procurando ignorar alguma pontada que de vez em quando ainda sentia trespassar-lhe as costas, Federico observava o matagal, esforçando-se de modo a que os seus olhos distinguissem qualquer sinal de vida encoberta pelas árvores e pelos arbustos. Os seus sentidos mantinham-se alerta. A estranha quietude que o circundava nunca poderia enganar o seu espírito de caçador; sentia que ali, no meio, qualquer coisa iria acontecer. O seu nervosismo foi igualmente sentido pelo falcão, que, transferindo o seu próprio peso de uma perna para a outra, oscilava sobre a luva do seu patrão. De repente, a pomba reapareceu. Esvoaçando na sua direção, pousou num ramo de avelaneira, mais baixo, que por momentos vibrou sob o seu peso. Federico aproximou-se lentamente. A pomba eriçou as penas e, instantes depois, retomou o voo e desapareceu por entre os cumes das árvores.

Lanfranco fixava o véu. Com um gesto irado, puxou-o violentamente do roseiral.

- Finalmente apanhei-te, cadela maldita, apanhei-te!... murmurou para consigo, enquanto com o olhar revistava o terreno a procura de rastos. Uns passos à sua frente a erva parecia-lhe recém-pisada.

O marulho que começara a ouvir há pouco tornara-se mais intenso; devia tratar-se de um dos muitos canais que atravessam o bosque e onde mais de uma vez levara o seu cavalo, sedento. Atento a qualquer outro ruído, avançou cauteloso até chegar à beira de um pequeno declive; aqui, agachado na erva, observou a clareira, em baixo.

E finalmente viu-a.

Com a veste levantada de ambos os lados, corria, aos poucos, para logo de seguida se voltar a agachar entre a erva, olhando em volta como um animal perseguido. Mesmo ao longe, Lanfranco conseguia aperceber o frémito violento que lhe sacudia os membros.

Um sorriso de satisfação aflorou-lhe aos lábios.

- Espera-me, Allegranza, espera-me aí... Estou quase a apanhar-te...

- sussurrou, num sopro, enquanto uma expressão de malvadez lhe retorcia as feições. Deslizou, então, silencioso entre os últimos arbustos do matagal e, assentando a barriga no chão, deixou-se arrastar pelo declive a baixo até à clareira.

Allegranza levantou-se do seu provisório esconderijo. Por um instante pareceu-lhe entrever, quase totalmente coberto pela folhagem, o telhado de um casebre que ainda mal surgira por detrás das primeiras árvores, do lado de lá daquele espaço aberto. Com um gemido desesperado e sem se voltar para trás, retomou a corrida naquela direção.

Mesmo no fim do declive, Lanfranco olhou em volta: o bosque estava deserto. Pondo-se de gatas e mantendo a cabeça ligeiramente mais alta do que o corpo, apenas o suficiente para poder seguir a sua presa, avançou mais ainda.

Federico metera-se, cauteloso, pela clareira: o movimento pouco natural do topo das hastes das ervas tornara-o ainda mais vigilante.

Dir-se-ia que alguém se movia por debaixo delas: o ondear da erva era demasiado pronunciado para ser apenas causado por um dos pequenos e discretos animais que povoam o matagal. Subitamente e como que a confirmar as suas suposições, uma figura feminina apareceu de uma pequena depressão do terreno e começou a correr. Se não lhe tivesse parecido absurdo, diria que se tratava da mesma noviça que há pouco encontrara ao longo da estrada, na direção do bosque.

Enquanto se questionava se o calor não lhe teria provocado nenhuma alucinação, olhou de soslaio e apercebeu-se de um movimento brusco à sua direita. Recuando uns passos, escondeu-se por detrás de uma sorveira e, segurando firmemente o falcão, observou melhor. A umas trinta toesas do ponto em que se encontrava viu uma cabeça de cabelos curtos, escuros e encaracolados que, a intervalos mais ou menos regulares, se levantava apenas acima do limite da vegetação para voltar de imediato a esconder-se por entre a erva densa. Erguendo os olhos, apercebeu-se de que a pomba, há pouco desaparecida, voltara a voar, calmamente por cima da clareira.

«...o falcão matará o rapace e a pomba será poupada...». Como se um eco impossível se erguesse entre as árvores e os arbustos daquela floresta de planície, as palavras da Boema ressoaram, sombrias, aos ouvidos de Federico. O indício de um frémito logo dominado sacudiu-o; já certo de que as palavras daquela mulher haviam profetizado a verdade, intuiu que qualquer coisa de horrível estava para acontecer.

Com toda a prudência, saiu do seu refúgio: favorecido pela sua fraca estatura, saltou, invisível de um tronco para outro até chegar à erva alta. Aí, tendo bem seguras as pios que prendiam o falcão, parou.

Allegranza subiu a última depressão da clareira. Embora o declive fosse

suave, quase não conseguia respirar. O cheiro acre do medo que o seu corpo exalava misturava-se com o perfume selvagem do matagal, o suor gelado que lhe escorria pelas costas entorpecia-lhe os músculos. Quando, pouco antes, prestes a escorregar por debaixo dos galhos, se segurara, no chão, as suas mãos tinham agarrado uma pedra pontiaguda e a cicatriz entre os dois dedos, ainda frágil, começara a sangrar; as pulsações que partiam das costas da mão subiam surdas ao longo do pulso e do braço, chegando, finalmente, ao cérebro.

Parou por um instante. Ao mesmo tempo que ouvia o rumor ofegante da própria respiração, apercebera-se do ruído de qualquer coisa a roçar. O terror bloqueou-lhe os músculos do pescoço; não podia ser, ele não podia tê-la encontrado... Lentamente, muito lentamente, virou a cabeça e olhou atrás de si.

Ele estava ali, a poucos passos dela.

O seu rosto inchado era uma máscara de ferocidade: os olhos alucinados estudavam-na, os lábios carnudos haviam-se tornado finos como uma fenda e, semiabertos, estendiam-se num sorriso demoníaco.

Pondo-se de pé, Lanfranco deu dois passos. A sua mão direita, ainda escondida entre as pregas da veste, já segurava o punhal.

-Desta não me escapas, cadela nojenta! Aqui não existem monjas caridosas para te salvar a vida... Vais morrer como aquela puta da tua mãe! .

A voz de Lanfranco ressoou estentórea pela clareira. Allegranza, incapaz de se mover, fixou o seu pai. Por um imenso instante, pareceu-lhe que o céu escurecera, como se sobre os seus olhos arregalados tivesse descido uma densa neblina.

Lanfranco avançou mais ainda. Lentamente levantou o braço: o sol brilhou por um instante na lâmina do punhal.

Um grito sacudiu o matagal: semelhante, no início, ao ganido de um animal ferido, foi-se ouvindo cada vez mais forte, até se tornar agudo e interminável. Sem se dar conta de que fora ela própria a lançar aquele grito gelado de terror, Allegranza olhou em redor atordoada, à procura da origem de um tal som. Viu apenas uma pomba que, planando, leve, acabara de pousar ao lado de Lanfranco. Este, agitando os braços e acompanhando o gesto com um pontapé, afugentou-a para longe e aproximou-se mais ainda. Federico continuava em silêncio. Quando chegou a meio da clareira, levantou o punho enluvado de couro e lançou o falcão. No repentino silêncio do bosque, quebrado apenas pelo lento marulhar da chuva, o único

som era o do batimento ritmado das poderosas asas do animal, que, tendo atingido em poucos segundos um perfeito equilíbrio de voo, começou a voltejar no céu. Subira tão alto que ninguém conseguiria distinguir a sua silhueta elegante. E continuou a subir evoluindo em círculos cada vez mais amplos, até não passar de um ponto escuro. De repente desapareceu: Federico, que seguira a subida com o olhar, semicerrou as pálpebras para distinguir melhor.

A luz, viva, até há momentos, havia-se subitamente apagado: os primeiros indícios acinzentados de uma pesada cortina de nuvens escurecera o Sol. Enquanto uma injustificada ponta de ansiedade lhe fazia gorgolejar as vísceras, Federico protegeu os olhos com a mão e olhou de novo. Os seus olhos percorreram o céu, pesquisando de norte a sul, até que, muito longe e ainda imperceptível, pareceu-lhe aperceber um minúsculo ponto negro num movimento lento. A sua boca abriu-se num sorriso: o seu falcão jamais havia perdido uma presa e esta não iria ser, seguramente, a primeira vez... Enquanto um suspiro de alívio lhe libertava o peito, o imperador acocorou-se entre a erva alta e, continuando a fixar para além das nuvens, manteve-se ali, à espera. Relativamente perto, um coelho aterrorizado, cujos sentidos alerta se haviam apercebido do perigo iminente, deu uns saltos atrapalhados entre os arbustos.

O falcão ignorou-o. Lentamente desceu na direção da clareira. Aos poucos, as suas asas desdobradas tornaram-se visíveis e cada vez mais majestosas. Pairando no ar, o rapace pareceu demorar-se por alguns instantes. Perfez grandes voltas sobre as copas das árvores mais altas e depois, subitamente, recolheu as asas de encontro ao corpo e lançou-se no ar.

Lanfranco nem deu pela morte. A mão levantada preparava-se já para enterrar o punhal no corpo de Allegranza, quando uma enorme sombra negra desceu em frente dos seus olhos. Não advertiu a dor.

A sua consciência apercebeu-se apenas do impacte de uma violenta chicotada e da sensação de um calor viscoso e repentino que, do pescoço, se espalhava ao longo das costas e do peito. No espaço de poucos instantes a sua respiração tornou-se gorgolhante e em seguida parou; enquanto os seus olhos atônitos fixavam Allegranza, caiu desamparado no chão e aí permaneceu, inerte. Do profundo rasgão da garganta esguichou uma violenta golfada de sangue; em poucos instantes uma enorme poça vermelha formou-se no chão.

O falcão, pousado um pouco mais além, arrufou as penas e ficou à espera.

Federico avançou veloz por entre a erva alta e, em poucos instantes, chegou perto dele. Depois de lhe ter oferecido um pedaço de carne, que o rapace devorou sem hesitar, colocou-o de novo sobre o punho. Antes de partir, observou Allegranza. A jovem permanecia imóvel. Os seus olhos arregalados fixavam-no. O grito desesperado que pouco antes ecoara pelo bosque extinguiu-se na sua garganta.

Mantendo o falcão bem seguro no punho, o imperador virou-se e a passos apressados e resolutos voltou para a sua cavalgada.

Juditha avançou firmemente entre os silvados, na direção de Allegranza. A jovem não se movia: os seus membros rígidos pareciam os de uma estátua. Depois de ter esperado que o peregrino e o seu séquito tivessem desaparecido para lá das últimas árvores, a dona do bosque levantou-se e, pondo ambas as mãos em concha em frente da boca, emitiu um demorado som modulado que, iniciado como um canto melodioso de uma calhandra, prosseguiu como o ulular de um vento longínquo.

Aquele som invulgar atingiu os sentidos de Allegranza, que se virou sobre si própria e observou em volta até os seus olhos encontrarem os verdes de Juditha. A mulher sorriu e estendeu as mãos para ela. Sem abandonar o seu olhar penetrante, Allegranza deu alguns passos incertos na direção do cimo da ladeira. A sua vontade estava como que enfeitiçada, unicamente guiada por aquelas íris claras que a chamavam para si.

Quando se aproximou, de frente, Juditha abriu os braços e acolheu-a de encontro ao seu corpo. Só então, estreitada naquele abraço maternal, Allegranza conseguiu libertar a tensão; um soluço, sepultado nas profundezas da garganta contraída, lutou um tempo para sair da sua boca. Enquanto os olhos fixavam, sem o ver, o rosto da mulher que tinha à sua frente, uma violenta e dolorosa convulsão nos músculos do pescoço permitiu-lhe a passagem do ar na traqueia e o soluço veio aos seus lábios, brotando, finalmente, livre.

-Vamos embora daqui... - murmurou Juditha, apoiando a mão nas costas de Allegranza e empurrando-a para fora da clareira.

-Vamos, depressa!...

As folhas dos arbustos e das árvores mais baixas taparam-lhe rapidamente a vista. Empurrada por um vento ainda alto no céu, uma massa compacta de nuvens escuras como chumbo escondeu o Sol.

As primeiras gotas de chuva caíram subitamente.

A pomba que se erguera em voo sobre a clareira bateu as asas, veloz, e

tomou a direção de um espinheiro, onde pousou, à espera.



## Capítulo 47

O barulho da chuva ensurdecia-o. Matthew escancarara totalmente o pequeno batente da janela: o vento, que continuava a soprar em rajadas descontínuas, lançava violentas bátegas para o interior da própria cela. Imóvel diante da janela, o frade deixava que a água lhe açoitasse o rosto e o hábito: sobre o pavimento, o regato que gotejava da fresta da janela formara uma enorme poça que, lentamente, se alargava para os seus pés. Respirando a plenos pulmões o ar húmido, Matthew procurava controlar a sua angústia. Pouco antes, e sob um pretexto qualquer, pedira a Hamid para ir ter com o frade esmoler. Desde que voltara a San Simpliciano, o miúdo assaltara-o com uma infinidade de perguntas: também estava presente quando o incêndio começou? O que fizeram as pessoas? Morreu alguém? Até onde chegaram as chamas? Matthew, que até agora sentia vergonha pela cobardia que mostrara com aquela fuga precipitada, respondia com parcimónia à curiosidade de Hamid.

Embora o miúdo insistisse para saber mais pormenores, o frade não acrescentara muito, exortando-o, pelo contrário, a refrear o seu interesse mórbido relativamente a um acontecimento tão dramático.

Depois, para se desembaraçar dele, havia-lhe dito que na hospedaria a sua ajuda seria certamente necessária, caso ali chegassem peregrinos fugidos do incêndio. Hamid nem precisou que lho repetissem duas vezes e, entusiasmado com a perspectiva de vir a saber novas notícias, saíra a correr da cela.

O frade precisava de refletir. O seu primeiro desejo, assim que transpusesse as paredes do mosteiro, era ver se conseguia ser recebido por Arnolfo, a quem queria pedir conselho; iria confessar-lhe a sua decisão irrefletida de se encontrar uma vez mais com a Boema e pedir perdão pela sua cobardia, aceitando expiar, da forma como ele decidisse, as suas próprias culpas. Não pudera, no entanto, satisfazer o seu desejo; o abade não estava no mosteiro. Frei Giustino dissera-lhe que fora chamado de urgência ao palácio arquiepiscopal, por causa do incêndio, talvez, ou por outra razão qualquer que ele ignorava.

Enquanto atravessava o claustro que levava à escada que conduzia às celas começara a chover. Matthew pensara, perante aquele temporal estivo tão violento, que se tratava de uma graça que Deus concedia à cidade: a obra

iniciada pelos habitantes com baldes e selhas iria ser levada a cabo com maior eficácia por aquela água abundante, que, em pouco tempo, teria apagado tudo, até os mais pequenos fogachos que ainda subsistissem.

Então, ao mesmo tempo que se mantinha imóvel deixando-se fustigar por aquela água, observara o retângulo de céu que se via através da janela; apoiando os cotovelos na ombreira, debruçara-se até onde a parede o permitia e observava as nuvens esbranquiçadas que, mais baixas do que a massa compacta escura que ocupava todo o horizonte, se perseguiam rápidas, sobrepondo-se umas às outras e misturando-se numa nova massa volumosa e indistinta.

Que havia de fazer? Quem mais poderia ajudá-lo a tomar uma decisão? Como e até onde iria a sua peregrinação? E a penitência? Poderia considerá-la concluída, ou iria acompanhá-lo, angustiante e pesada por toda a vida? Teria sido inútil pedir conselhos e absolvições a Arnolfo, refletiu; ninguém pode viver a vida do outro como se fosse a própria, ninguém se deve encarregar das suas responsabilidades e dos seus erros, confiando na misericórdia do Altíssimo. O Altíssimo...

«Há quanto tempo», pensou consternado, «não peço a Deus que me ilumine os passos? Há quanto tempo me limito a repetir mecanicamente orações e salmos, recitados na nave espaçosa de uma basílica imponente e belíssima mas estranha às minhas raízes de humilde frade beneditino?» - Também não é apenas culpa minha... - murmurou para consigo - retorcendo nervosamente as mãos molhadas. - Esta cidade não me pertence e a sua atmosfera ofusca-me a mente: aqui o dinheiro e o poder sobrepõem-se ao respeito pelos outros e pela contemplação das maravilhas do Pai...

De repente, Guglielma veio-lhe de novo ao pensamento; também ela exprimira ideias semelhantes às suas, também ela pregava o amor por todas as criaturas... Com um gesto irado, voltou a fechar o batente da janela. «Sou mesmo um idiota!», pensou furibundo. «Não devo ocupar-me mais com aquela mulher nem ruminar as suas palavras!» Sentou-se na cama e, passando a mão pelo cabelo mal cuidado, procurou acalmar-se. Dentro de uns dois dias, iria estar com Aimone; no início daquela semana, por ocasião de uma visita de despedidas ao abade, o castelão informara-o de que, em breve, voltaria para Graines. Quando por fim se haviam encontrado a sós, acrescentara que Bartolomeo desejava apresentar-lhe as suas despedidas e que, ele próprio, num futuro encontro, teria possivelmente novidades para lhe contar. Matthew não perguntara mais nada, mas a expressão

entusiasmada de Aimone havia-o enchido de curiosidade: o que teria para lhe dizer? Que coisa teria podido encontrar de tão estimulante em Milão, uma cidade em que a vida, sob a aparência de uma florescente riqueza, se processava entre a mesquinhez, as intrigas e as maquinações? A chuva continuava a bater, violenta de encontro à porta fechada da janela. Matthew levantou-se e dirigiu-se à porta da cela; ia descer à hospedaria e perguntar ao frade esmoler se tinha alguma incumbência a confiar-lhe. Ao mesmo tempo que os seus olhos perscrutavam com atenção os degraus escuros da escada íngreme que conduzia ao corredor, em baixo, a sua mão remexeu no bolso do hábito à procura dos seixos da Boema. Aquelas pedras já se tinham convertido, mesmo contra a sua vontade, numa espécie de talismã e, embora se envergonhasse daquela sua fraqueza, já não podia andar sem eles.

-Ora aí está o Frei Matiú! - exclamou Hamid, alegre, aparecendo ofegante à sua frente mesmo na base da escada. -Vinha mesmo procurar-te! Frei Giovanni encarregou-me agora mesmo de te perguntar se podes ir à Poterna da Chiusa para assistir à chegada de um carregamento de sementes para o mosteiro; sabes, ele disse-me que todos os monges estão ocupados com o acolhimento aos peregrinos, a procura de provisões e o arranjo das camas... Parece que o incêndio provocou uma bela confusão em toda a cidade, mesmo nos bairros mais afastados do primeiro fogo e que às caravanas provenientes do Norte não é permitida a entrada na cidade, pelo menos até que o incêndio não esteja completamente dominado. A gente vem parar aqui à Porta Comacina; imaginas o que não haverá para fazer aqui na hospedaria? Ah... queria perguntar-te... não posso ir contigo? Há tanto tempo que estou aqui fechado dentro que...

- No meio daquele turbilhão confuso de palavras, Matthew esperava, a todo o momento, o pedido atormentado do miúdo. Compreendia muito bem o desejo de liberdade de Hamid, mas Arnolfo fora categórico: o miúdo não deveria deixar os confins do mosteiro até uma sua nova ordem. Portanto, desgrenhando-lhe com ternura os cabelos encaracolados, agradeceu-lhe pelo seu oferecimento, acrescentando que não podia de forma alguma levá-lo consigo, sob pena de uma grave punição, por parte do abade, recair, com toda a certeza, sobre a cabeça de ambos.

Um véu de tristeza desceu sobre os olhos escuros de Hamid.

- Está bem, Frei Matiú, - respondeu desiludido -, então vou ter com o Frei Giovanni... Mas volta rápido; os outros monges falam-me como se eu fosse um estúpido, ninguém me conta nada, andam todos a ver se eu não roubo

nada da despensa e se eu não ando muito por aí...

Matthew sorriu e depois de lhe ter assegurado que seria rápido no cumprimento da sua nova incumbência, seguiu apressado na direção da hospedaria para receber ordens.

O cadáver jazia sobre a margem. Alguns homens e um soldado de guarda à poterna haviam-no arrastado até ali: mergulhando perigosamente até à cintura na água do Vettabbia, haviam-no arpoado com ganchos e bastões, de modo a evitar que a corrente o levasse para longe. Tudo acontecera num instante: o noviço ia a atravessar a ponte quando o cavalo que puxava um carrinho carregado de pedras se enraivecera subitamente e, escoiceando, à sua frente, atingira o jovem frade no peito. O golpe fora de tal forma violento que o lançara de encontro ao parapeito da ponte, que, demasiado baixo, não pudera travar a queda desastrosa: o noviço caíra ao rio, onde um emaranhado de ramos quebrados lhe prendera a veste, impedindo o corpo de ser arrastado pela corrente.

Enquanto o servo que o acompanhara contava o número dos sacos de semente, constatando, desapontado, que faltavam dois ao número dos que haviam sido encomendados, Matthew observava o cadáver. Embora o hábito fosse o de um monge, os cabelos demasiado compridos e a ausência da cruz ao pescoço ou de outro qualquer sinal que o identificasse como pertencendo a qualquer ordem deixaram-no perplexo.

O soldado puxou-o ainda mais para cima e do bolso revirado do hábito escorregou para a erva uma pederneira.

- E o que fará um objeto destes na algibeira de um noviço? - comentou em voz baixa o guarda, enquanto fazia girar a pedra entre as mãos. - Bah - respondeu - terá estado contratado na cozinha...

Hei, vós aí - continuou voltando-se para os outros homens -, algum de vocês *conhece* este rapaz, algum me sabe dizer de que mosteiro terá vindo? E vós, irmão? Todos, incluindo Matthew, abanaram a cabeça; nunca nenhum deles o tinha visto. Aborrecido com aquela nova preocupação, que, estava certo, lhe iria arruinar o dia, obrigando-o a dirigir-se ao Broletto para contar o sucedido, o soldado suspirou e levantou-se para se dirigir à poterna.

Entretanto, o servo, um jovem robusto e muito vivo que não se importara minimamente com a confusão causada pelo incidente, aproximou-se de Matthew e disse-lhe: - Estas contas estão embrulhadas, irmão, e alguém pretende intrujar o abade: ou o rendeiro, contando com a vossa desatenção,

forneceu menos semente do que a devida, ou o carregador fez desaparecer dois sacos ao longo do trajeto. Façamos assim: enquanto eu vou a correr a San Simpliciano dar conta deste caso, vós ficais aqui a guardar o carregamento. Estou certo de que Frei Giustino me dirá o que se há-de fazer.

Antes mesmo de Matthew conseguir responder-lhe, o servo já desaparecera para lá da poterna. O carregador, nada preocupado com as suspeitas manifestadas contra ele nem com a espera forçada a que fora obrigado, sentou-se em cima de uma grande pedra e, depois de ter retirado do bernal um pedaço de queijo seco, começou a debicar, indolente.

A chuva parara. A cortina de nuvens que até há pouco cobrira a cidade com uma capa escura e opressiva movia-se agora lentamente para sul. Salvo algumas rajadas que ainda se faziam sentir, o vento tinha acalmado; a terra molhada libertava uma humidade pesada.

Matthew estava cansadíssimo. Ao susto provocado, de manhã, pelo incêndio que vira nascer e progredir até atingir aquelas proporções monstruosas, somara-se o esforço da corrida, debaixo de uma grande chuvada, para chegar rapidamente à Poterna da Chiusa. Apoiando-se a uma das pedras maciças que constituíam o soco das muralhas, procurou relaxar os músculos entorpecidos das costas. Ao mesmo tempo que mantinha o carroceiro debaixo de olho e ignorando propositadamente as manobras que se desenvolviam em torno do corpo do noviço, o seu olhar foi atraído por uma figura ainda indistinta que, proveniente da outra margem do Vettabbia, se dirigia para a ponte. À medida que se aproximava, os seus traços tornavam-se reconhecíveis: a alta estatura, os cabelos cor de palha, os olhos claros.

Rodeada por duas mulheres e um homem, avançava lentamente para a cidade.

Com o coração tumultuado, o frade semicerrou os olhos esforçando-se por ver melhor. A certeza de se tratar da Boema pô-lo em estado de choque: tinha vontade de fugir, desaparecer, mas como poderia fazê-lo se fora incumbido de permanecer ali até ao regresso do servo? Tentou virar-se a três quartos, cingindo o hábito de encontro a si e enterrando mais o capuz. No meio de toda aquela confusão, tinha esperança de que Guglielma não tivesse dado pela sua presença, mas, ao olhar pelo canto do olho via-a surgir na sua direção. Virou-se mais ainda, arriscando-se a perder de vista o carroceiro. Depois de, a um gesto da mão, ter mandado parar os seus três

companheiros de caminhada, a mulher deu ainda alguns passos e parou mesmo à sua frente. O som modulado da sua língua comum remexeu-lhe as vísceras.

- Porque fingis que não me vedes, Frei Matthew? Será que tendes medo de mim? Matthew ergueu os olhos. Guglielma estudava-o com o olhar penetrante: os cabelos, despenteados pelas últimas rajadas de vento e formando cachos fugidos ao carrapito da nuca, dançavam, desordenados em volta do seu rosto. A expressão era serena.

- Eu... eu não... como podeis pensar que...? As palavras balbuciadas e hesitantes do frade fizeram-na sorrir.

- Não mintais, frade, não mintais e sobretudo não tendes medo da vossa própria perturbação: recordai que Cristo nos exortou a amar o nosso próximo na exata medida em que nos amamos a nós próprios.

Dizei-me, então, como poderemos suportar a imperfeição dos outros, se não tivermos piedade da nossa? Como poderemos compreender e justificar a indecisão, a malvadez a velhacaria, a crueldade, a avidez, a falsidade dos outros, se o nosso corpo mortal nunca experimentou um pedacinho sequer destas paixões? E todos nós somos imperfeitos, Frei Matthew, até os imbecis, que, qualquer que seja a ação que levem a cabo, se sentem sempre absolvidos, até mesmo aqueles que, pelo simples facto de vestirem o hábito, pensam ser detentores da única verdade. A verdade... quantas vezes, *no* decurso da história, foi ela subjugada à vontade falsa dos poderosos ou dos mal-intencionados? «No princípio era o Verbo», esta é a única verdade, não existe outra. Enquanto a ouvia sem ousar interrompê-la, Matthew sentia crescer, dentro de si, uma onda de revolta: embora se sentisse aliviado por vê-la sã e salva do incêndio de que fora, provavelmente, a vítima escolhida, aquele sermão severo aborrecia-o. O que julgaria aquela mulher, que ele era idiota ao ponto de nunca ter refletido sobre as palavras dos Evangelhos? Que não estudara a história e não se deixara surpreender, muitas vezes, pelo facto de os desejos do espírito terem sido descurados, arrastados na ânsia do poder e do lucro? E depois, o que sabia dele, de todo o seu tormento na procura de uma resposta adequada ao seu peregrinar, da obediência que sempre prestara, apesar do enorme esforço que fizera, na tentativa constante de apagar desejos e paixões? Matthew humedeceu os lábios ressequidos e apelou a toda a sua coragem; retirou da algibeira as pedrinhas e, mostrando-as a Guglielma, começou a falar.

- No dia em que me haveis dado estas pedrinhas, dissestes-me que deveria

levar a cabo uma missão e, embora com palavras obscuras, haveis-mo recordado tempos depois, quando o pequeno Hamid me levou o vosso recado. Ainda hoje não compreendo a quem se referiam as vossas palavras: quem são o «bispo», o «rei» e a «rainha»? De que inquietante partida de xadrez faláveis e, se de algo de semelhante se tratava, qual seria o meu papel? Vós, Guglielma, que dizem serdes uma vidente, sabeis indicar-me o caminho? Sabeis dizer-me por que razão fui envolvido, contra a minha própria vontade, num perigoso jogo de poder? É verdade, a jovem que eu procurava foi encontrada, mas para acabar onde? Num mosteiro, perseguida pelo inquisidor, rotulada de herege e tudo isto, por frequentar a vossa casa... Onde está então a sua culpa, ou não será antes a vossa responsabilidade? E eu? Como é que a minha pessoa entra em todo este grotesco emaranhado de acontecimentos de que não consigo ver o fim? Que missão terei alguma vez levado a cabo se a pessoa que deveria salvar arrisca ainda a própria vida? Os lábios de Matthew tremiam, as suas pálpebras mostravam-se inchadas de lágrimas de raiva contida. Guglielma observava-o em silêncio. O frade teria querido continuar, mas não conseguiu: a sua voz embargara-se num soluço rouco.

- Não podemos saber, Frei Matthew - respondeu a Boema com grande doçura -, nenhum de nós pode conhecer antecipadamente, aquilo que o Altíssimo decidiu por nós... Não fiquéis ressentido comigo: não passo de um instrumento nas Suas mãos. Não fui eu que decidi levar esta vida. Um Outro já o havia estabelecido por mim: eu apenas obedeci aos Seus desejos e, acreditai-me, não é seguramente fácil...

Não o sabeis ainda, mas a vossa intervenção anulou os obstáculos que impediam o natural fluir de muitas existências: como vos havia predito, todos os nós foram já desatados. Voltai para a vossa terra, Frei Matthew, e levai convosco a minha saudade. Aquela terra longínqua é também a minha. Guglielma calou-se. Matthew fixou-a; embora ainda fossem muitas as coisas que não compreendia, as palavras calmas daquela mulher tinham-no, de alguma forma, tranquilizado. Queria ter-lhe pedido, solicitado certezas, à procura de uma coragem que sabia não possuir, mas não ousou: ninguém poderia substituir-se a ele e carregar o fardo que lhe fora entregue, teria de o levar sozinho. Nos momentos de desespero que, disso estava certo, iriam sobrevir no futuro, iria tentar tomar como exemplo o comportamento de Guglielma, relembrando a força interior e a serenidade que ela possuía, fruto, provavelmente, de uma fé bem mais sólida do que a sua.

Como se lhe tivesse adivinhado os pensamentos, a Boema, que pacientemente estivera calada até àquele momento, sorriu: os seus olhos benévolos revelavam um grande cansaço.

- Daqui a muitos anos, quando já tiverdes regressado ao vosso campo e a velhice tornar os vossos passos mais difíceis, ainda ireis ouvir falar de mim, Frei Matthew. Então outras chamas se elevarão para envolver a minha pessoa, mas não serão as do inferno: será a estúpida incompreensão dos homens a destruir o meu corpo, mas nenhuma criatura desta terra conseguirá impedir que a minha alma se eleve para gozar da presença do Pai...

Como se, subitamente, o seu hábito pardo se tivesse convertido em gelo, Guglielma sentiu um arrepio; uma demorada e incontrolável tremura sacudiu-lhe as costas. Olhou por momentos para o chão, mas de seguida, voltando a erguer os seus olhos lúcidos e a fixar o frade, ajoelhou-se, inesperadamente, à sua frente.

- A vossa bênção, Frei Matthew - sussurrou -, peço-vos, dai-me a vossa bênção...

Matthew fixou-a, confuso. Por um instante permaneceu imóvel; depois, sobressaltado pela súplica muda que lia no seu olhar, obedeceu lentamente. Guglielma levantou-se. Sem pronunciar mais nada, virou-se e, num passo apressado, foi juntar-se aos seus companheiros.

Enquanto uma sensação muito semelhante à dor lhe tomava o peito, Matthew viu-a afastar-se. A sua mão afundou-se na algibeira do hábito: as pedras ainda lá estavam. Consciente de que elas seriam a única recordação tangível que podia conservar daquela mulher, afagou-as delicadamente com os dedos: depois, apertando na mão fechada o seu talismã, encaminhou-se lentamente na direção da poterna.



## Capítulo 48

-Já sabeis o que aconteceu? No Broletto consta que aquele homem, aquele Calgario, foi atacado por um falcão... Mas já alguma vez se viu uma ave rapace matar um cristão? É certo que nestes tempos muitas coisas estranhas têm acontecido... E logo no próprio dia do incêndio! Assim mesmo, contaram-me que o incidente ocorreu exatamente ao mesmo tempo que o incêndio deflagrou: mesmo que tenha sido um acidente... Sabeis que consta que o Calgario estava prestes a assassinar uma rapariga, lá no Bosque do Quadronno... Mas, e se tudo isto, o incêndio, o falcão, fosse um mau presságio para a cidade? Não será que o imperador vai atacar de novo Milão, não será ele o falcão que vai matar toda a gente? A voz da jovem serva ressoava angustiada na esquina do coberto, mesmo a seguir à loja do peixe. Cinco ou seis pessoas ouviam-na em silêncio, atentas, de modo a não perderem nem uma palavra sequer; todos sabiam que, trabalhando nas cozinhas do palácio da *podestà*, a rapariga constituía uma fonte credível. Por lá, através dos subterrâneos e dos corredores, assim que as notícias chegavam aos ouvidos dos criados, dos servos, dos guardas e dos moços de estrebaria, passavam de boca em boca, espalhando-se velozes por toda a cidade. Passando os olhos pelos seus interlocutores, a serva baixou a voz e, numa atitude cúmplice, continuou.

- E não é tudo. A rapariga foi chamada ao Broletto para testemunhar e parece que contou uma história incrível: que aquele Calgario era seu pai e que, há muitos anos, teria assassinado a sua amante, que na realidade era a sua verdadeira mãe, e que agora, para não ser denunciado por aquele seu tremendo crime, se decidira eliminá-la também a ela, prova viva daquele longínquo assassinio... E sendo assim - prosseguiu num sussurro -, parece que a jovem é filha de uma aristocrata, uma certa Gisalbertini di Calepio... Remigio, que juntamente com os outros ficara ali parado a ouvir, arregalou os olhos. As suas mãos, que seguravam um cesto com as provisões que acabara de comprar com vista à sua viagem iminente, contraíram-se a tal ponto na pega do cesto que fizeram estalar o junco.

-Chama-se Allegranza - respondeu a serva à pergunta curiosa de um dos assistentes - e, nem vão acreditar, é a filha adotiva do Graziolo, o criado pessoal da *podestà*! Pensem só como são as coisas nesta vida! Um criado que descobre que a filha é uma aristocrata! Talvez a tenha alguma vez visto

no palácio, mas não estou certa de quem se trata; a cozinheira disse-me que era uma bela jovem e também que já está prometida a alguém...

As pernas de Remigio começaram a tremer. Enquanto a rapariga continuava a contar a sua história, lisonjeada pelo interesse crescente que lia nos olhos do seu público, o mineiro afastou-se lenta e discretamente.

Já ouvira o suficiente. Lutando entre o desejo de comunicar aquela perturbadora notícia a Bella e o pensamento, talvez mais sábio, de a deixar na ignorância de tudo, apressou-se na direção da Via Porticata. Se viesse a saber por outras bocas que não a dele, Bella nunca iria perdoar-lhe ter escolhido o silêncio; há anos que vivia atormentada com o destino da menina e agora, que os acontecimentos tinham revelado a existência e a identidade dela, iria certamente querer encontrá-la, já que mais não fosse para poder confessar-lhe e pedir-lhe perdão por a ter abandonado havia tantos anos.

Perdido no meio dos seus pensamentos, nem dera conta de já ter chegado a casa. Do fundo da ruela onde ia farejando o rasto cheiroso de um dos seus semelhantes, o cachorro de Bella viu-o, correu, coxeando, na sua direção e parou à sua frente. Remigio, que habitualmente não perdia tempo a fazer-lhe as festas que ele esperava, desta vez, hesitou. O cão sentou-se nas patas posteriores à espera.

Tomado, contra a sua vontade, por uma ternura nova, Remigio parou e, pousando o cesto no chão, fez-lhe uma festa. Dando freneticamente ao rabo e, alternando uivos com latidos, o cachorro começou a rodar à sua volta, todo contente.

- O que está a suceder aqui? A voz de Bella ressoou na ruela. Da soleira da porta, a mulher observava, perplexa, aquele espetáculo nada habitual; um sorriso de surpresa iluminava-lhe o rosto. Remigio ergueu os olhos, sem deixar de acariciar o cão. Já decidira: iria contar-lhe tudo.

-Acontece que hoje é um dia especial e que devo contar-te uma coisa boa... Vamos - ordenou, carrancudo, dirigindo-se ao cão -, vamos ter com a tua patroa! Abatida, Bella observava o medalhão que Allegranza lhe depusera na palma da mão. Os seus olhos imóveis, secos de qualquer humor, não conseguiam deixar de olhar a pequena rodela esmaltada que, tantos anos antes, colocara, ela própria, à volta do pescoço da recém-nascida.

Com um enorme esforço que resultou num cansaço imenso, ergueu os olhos para Allegranza.

- É mesmo o vosso... - balbuciou, corando. - Quando... bem, enfim...

naquela manhã... com a pressa de fugir... esqueci-me de o pôr... Se o usásseis sobre o vestido, quem sabe se as monjas de San Celso não teriam compreendido rapidamente e não tivessem podido...

Bella baixou os olhos humedecidos sem conseguir concluir a frase. Allegranza, de pé em frente dela, esforçava-se por dominar a sua própria perturbação: depois de um longo instante de silêncio, finalmente falou.

- Não deveis culpabilizar-vos por nada, Bella, nem sequer pedir desculpa. Se não me tivésseis escondido, pondo em risco a vossa própria vida, eu não estaria hoje aqui. Acho que ambas, pelo contrário, devemos agradecer ao Altíssimo por nos ter concedido a graça de nos encontrarmos. Estar aqui convosco é para mim uma grande consolação; finalmente alguém poderá falar-me da minha mãe... Nem imaginais quantas vezes me perguntei quem teria sido a mulher que me deu ao mundo e se o meu nascimento teria sido acolhido com alegria ou, pelo contrário, se não fora como que uma maldição! Mesmo conhecendo já as minhas origens, gostaria de saber mais algumas coisas sobre Caterina: vós e só vós, que a haveis conhecido bem, podereis falar-me dela. Peço-vos, Bella, dizei-me, dizei-me como era...

Bella restituiu a Allegranza o medalhão e, fazendo por aguentar o olhar daqueles olhos tão semelhantes aos da sua antiga patroa, começou a falar.

Noutro lugar para onde se retirara com grande discrição, Angiolina ouvia apenas parte das palavras, sem, todavia, captar todo o sentido da conversa. Quando, na noite anterior, Remigio se apresentara na sua casa pedindo para falar com ela e com Graziolo, temera por novos aborrecimentos. Depois, à medida que o homem ia explicando as razões da sua visita, o primeiro pensamento foi pô-lo fora da sua casa; para que outros sofrimentos Allegranza estaria ainda guardada? Qual não iria ser a angústia ao encontrar a única pessoa que conhecera a sua verdadeira mãe? Nos poucos anos de uma ainda tão curta vida, a filha já sofrera demasiado. Por momentos fora assaltada pela vontade irresistível de fugir de tudo e de todos e, perante o seu olhar irado, Remigio, perturbado e embaraçado, estivera a pontos de sair. A sua raiva, no entanto, durara pouco; dando-se subitamente conta de que para ele próprio não devia ser fácil arranjar coragem para falar, acabara por ouvi-lo, resignada. Mas, mesmo que tivesse decidido não pôr a filha ao corrente daquela visita, não teria conseguido; enquanto o homem se despedia, Allegranza chegava, regressada do Brolo, aonde fora chamada pelo ecônomo Aicardo. Assim que soubera que a criada de Caterina ainda era viva e que queria encontrá-la, um frenesim incontrolável tomara conta

dela: nem sequer a confissão que Remigio fizera, com grande pudor, de que Bella exercia a profissão de prostituta a dissuadira. Depois de ter pedido permissão a Angiolina, marcara um encontro para o dia seguinte: iria recebê-la ali em casa e ouviria da sua boca tudo aquilo que desejava saber sobre o passado da sua mãe.

Agora, enquanto dobrava a roupa lavada com a lentidão necessária para prolongar a sua permanência neste outro lugar, mais uma vez ainda se surpreendia com a sabedoria e a força de Allegranza.

Apesar de tudo o que já sofrera, a rapariga não hesitara um instante sequer, querendo saber, querendo conhecer. Se, por um lado, a maturidade da filha a envaidecia, por outro, temia os efeitos que aquela conversa poderiam produzir sobre ela. O que iria fazer a sua filha? Será que o seu comportamento para com eles mudaria? Agora, que sabia da sua ascendência aristocrata, continuaria a aceitar ser educada por uma camponesa? Iria ainda ouvir de boa vontade os seus conselhos e as suas reprimendas, ou repudiá-la-ia com arrogância? Uma pontada dolorosa nas costas parou-lhe a respiração. Estava a ficar velha: por quantos anos ainda iria conseguir lavar a roupa, por quanto tempo ainda conseguiria suportar tantas canseiras e preocupações? Enquanto pousava no banquinho o último pano dobrado, ouviu chamar.

- Mãe, peço-vos, mãe, vinde cá...

Com o coração tumultuado, Angiolina voltou à outra sala.

A sua filha esperava-a, de pé; os seus olhos vermelhos estavam já secos e brilhavam com uma excitação contida a custo. Bella parecia esgotada de todas as energias. Envolta no tecido barato do seu vestido demasiado decotado para aquela ocasião, de vez em quando sobressaltava-se, cedendo a um frémito descontínuo que lhe fazia vibrar o corpo.

-Mãe - murmurou Allegranza -, esta mulher precisa da nossa ajuda. Foram muitos até agora os seus sofrimentos e os seus medos, não podemos deixá-la só...

- Mas - interrompeu-a Angiolina perplexa - o mineiro Remigio...

- Remigio vive com ela, é verdade, mas eu compreendi um outro tipo de solidão, a do coração. Durante muitos anos, Bella levou uma vida solitária, marcada por lembranças angustiadas que ninguém pôde partilhar com ela. Porque é que agora, que nos encontramos, temos de nos perder uma vez mais? Se a minha vida foi salva, a ela se deve e, no fundo, que mais me resta da minha verdadeira mãe? Não - continuou aflita, vendo que os olhos

de Angiolina começavam a encher-se de lágrimas -, não choreis, peço-vos. O facto de eu desejar cultivar o afeto para com a única pessoa que conheceu Caterina não significa que eu me queira desembaraçar de vós; só vós fostes e sereis sempre a única e verdadeira mãe que alguma vez tive. Não choreis, portanto, mas procurai compreender o motivo pelo qual gostaria de ter esta mulher por perto...

Envergonhando-se do seu próprio desespero, Angiolina deixou-se cair no banquinho - os seus olhos, embaciados pelas lágrimas, fixavam a filha, tentando reconhecer na sua expressão consciente a menina que criara.

Perturbada, olhou para Bella como se ela pudesse mitigar a sua dor. Depois, compreendendo subitamente que aquela teria sido apenas a primeira de tantas futuras separações, enxugou as faces coradas com a manga da veste e, apelando a toda a sua coragem, fez um sorriso.

No rosto de Allegranza, que durante todo aquele tempo temera uma reação inconveniente às suas palavras, o alívio estampou-se; com três longos passos, foi ao encontro da mãe, do outro lado da sala e, ajoelhando-se em frente dela, abraçou-a. Angiolina manteve-a apertada de encontro a ela por um momento, depois, fixando o olhar em Bella e pigarreando ruidosamente, dirigiu-lhe a palavra.

- Remigio disse-me que estais para deixar a cidade, é verdade? Bem - continuou, perante a resposta afirmativa da mulher -, nós não poderemos certamente impedir-vos de irdes embora depois de tudo o que sucedeu. Sabei, de qualquer maneira, que a nossa porta permanecerá sempre aberta para vós e, se Deus quiser, depois de Allegranza se casar, podereis certamente voltar para junto dela. Vendo bem, poderíeis fazer para a minha filha o trabalho que fazíeis para Caterina...

Os olhos de Bella dilataram-se, a sua boca escancarou-se.

Sem conseguir emitir uma sílaba sequer, levantou-se e, cambaleando, aproximou-se das duas mulheres.

-Vós não sabeis... - murmurou -, não podeis imaginar... eu sou uma prostituta... as pessoas pensarão... oh meu Deus, como podeis acreditar sequer que...

-A gente deixa que falem - interrompeu, decidida, Angiolina.

- Como, aliás, tem sucedido em todas as ocasiões! Se no decurso da minha vida tivesse tido medo do que as pessoas dizem, não faria o que fiz! Julgais que as pessoas se mostraram satisfeitas com a presença de Hamid neste bairro? Achais que foi fácil fazer aceitar um menino sarraceno, fazer

compreender que debaixo da sua pele escura bate um coração igual ao dos outros? Não, Bella, a vossa profissão não me interessa, tanto mais que, estou certa disso, foi uma necessidade e não uma escolha: não creio que quisésseis continuar a exercê-la e assim... Trata-se de esperar mais um tempo, de deixar que as coisas se acalmem. Depois, tranquilamente e quando Deus quiser, a vossa e a nossa vida mudarão, finalmente...

Angiolina virou-se para esconder os olhos, que novamente haviam ficado brilhantes. Bella mantinha-se imóvel no centro da sala: já não conseguia falar mais. Teria querido agradecer, demonstrar a sua gratidão pelo acolhimento que lhe fora concedido e, sobretudo, teria querido gritar toda a sua alegria por ter encontrado aquela menina que, há tantos anos e mesmo que por um período breve, havia criado como se fosse sua. Allegranza, a quem o seu próprio sofrimento silencioso ensinara a ler nos olhos dos outros muitas palavras não ditas, aproximou-se dela e pegou-lhe nas mãos: depois de um segundo de incerteza, durante o qual o seu olhar se cruzou com aquele titubeante de Bella, o constrangimento de ambas desvaneceu-se e um longo abraço selou uma nova e inesperada intimidade.

Sentindo um nó na garganta, Angiolina saiu para o quintal. No céu de um azul-celeste opaco, nuvens altas, brancas e volumosas moveram-se lentas para o sul. Angiolina olhou-as demoradamente, depois, aproximando-se do poço, soltou o balde da roldana e deixou-o descer lentamente até à água.

## Capítulo 49

-Sente-se, Frei Matthew, sente-se...

A voz de Arnolfo ressoava cansada no *scriptorium* deserto.

Matthew dirigiu-se para o banco que lhe fora indicado; em vez do parlatório, lugar mais adequado a uma conversa de despedida, o abade convocara-o para ali, como se a companhia dos pergaminhos iluminados que tanto amava pudesse de alguma forma mitigar a dificuldade daquela separação.

Arnolfo estava perturbado: não existiam motivos plausíveis que justificassem a pena que experimentava com a partida do frade inglês.

É certo que a ajuda daquele homem lhe fora preciosa. Sem o seu empenho em levar a cabo as pesquisas necessárias nunca teria alguma vez podido encontrar a jovem Gisalbertini. Mas não era apenas esta a razão pela qual lhe desagradava tanto que Matthew se fosse embora.

Apesar de ter contado com a sua presença por apenas alguns meses, sentia que a aguda inteligência do frade lhe iria fazer falta. E além disso, aquele homem cultivava dentro de si qualquer coisa de misterioso, de inatingível, uma espécie de «marca», que, se por um lado, dava asas à sua lúcida racionalidade, por outro, atraía as zonas mais profundas e incontroláveis da sua mente.

Depois de um profundo suspiro, o abade começou a falar.

-Quando o pequeno Hamid foi levado para a casa do Frei Giustino, eu próprio dirigi-me aos Compagnoni, para lhes comunicar as recentes e mais confortantes notícias. Dado que, como deveis saber, os inquisidores suspenderam a pesquisa sobre os devotos de Guglielma, disse a Angiolina e a Graziolo que a partir de agora se podem considerar livres de qualquer pendência, mas ali também os exortei a que, por cautela, desistissem de frequentar a casa da Boema.

A sua felicidade e o seu alívio foram tais que nem sequer me perguntaram os motivos desta nova decisão maturada nas estâncias da autoridade eclesiástica. Mesmo que tenha preferido não ter de explicar nada, na realidade, penso que a intensa atividade dos menores e dos dominicanos tenha sido inopinadamente bloqueada por diretivas superiores. Provavelmente, os cistercienses de Claraval, que protegem Guglielma, encontraram maneira de intervir junto do arcebispo, fazendo-o reconsiderar

a conveniência de toda a operação. Num momento delicado como este, em que o imperador ameaça atacar novamente Milão, nenhum governante, seja ele civil ou religioso, se pode permitir desperdiçar energias numa empreitada que não seja absolutamente necessária. Pelo meu lado, penso que a forma herética da Boema é bastante suave, podendo, por isso, esperar por melhores tempos para ser retomada adequadamente. O próprio secretário do arcebispo, mesmo sem me fornecer esclarecimentos a respeito do inquérito, foi muito vago durante o último colóquio que tive com ele.

Exortou-me a ocupar-me do mosteiro e a desempenhar com o máximo cuidado a minha missão pastoral, mas não se referiu sequer aos inquisidores...

Arnolfo parou. No seu olhar lia-se uma grande prostração. Matthew, que, de repente havia intuído o à-vontade com que o abade o punha ao corrente de reflexões mais ligadas aos acontecimentos mundanos do que aos divinos, fixou-o por um instante, depois, embaraçado, baixou os olhos e *falou* por sua vez.

- Disseram-me que a jovem Allegranza vai desposar...

Aliviado com aquela benéfica mudança de tema, Arnolfo readquiriu a sua habitual calma e respondeu.

- Sim, e Graziolo confirmou-me que a família do Martinengo aceitou o dote proposto; embora seja modesto, os pais de Damiano não reclamaram nem pediram mais condições para darem o seu consentimento aos noivos. O Altíssimo deve ter iluminado as suas mentes ou, talvez, a perspectiva da herança de todo o património dos Gisalbertini os tenha tornado mais disponíveis... Graziolo também me disse que, estando já demonstrado pelos acontecimentos ocorridos que Allegranza é filha de Caterina, a rapariga irá herdar todos os bens da família. Apesar do longo período que decorreu depois daquele bárbaro homicídio, as propriedades, mesmo que negligenciadas, ainda existem: o palácio da família está vazio mas salvo da ruína e as terras continuam a ser lavradas pelos rendeiros. Compagnoni confidenciou-me que, servindo-se dos seus conhecimentos no interior da residência da *podestà*, levou a cabo investigações muito discretas descobrindo que o notário dos Gisalbertini, já velhíssimo, conserva ainda consigo toda a documentação relativa aos terrenos e às propriedades, que, apesar da sua idade avançada e da saúde débil, em todos estes anos fielmente administrou.

Como vedes, portanto, as coisas estão a resolver-se aos poucos e pelo



melhor; devemos dar graças ao Omnipotente por tudo isto...

Mas, disse-me, ainda, tendes a certeza de que não quereis encontrar-vos com Allegranza antes de vos irdes embora? No fundo, fostes vós que permitistes encontrá-la e ela nem sequer vos conhece...

- Não, abade, prefiro que isso não aconteça. Acho que, tanto para ela como para mim, já é tempo de pormos fim à inquietação; ambos temos necessidade de pensar no nosso futuro e para que se faça luz dentro de nós próprios devemos deixar que o passado possa sedimentar-se dentro de nós, sem estar a ser continuamente remexido.

Que Allegranza reconheça ou não o meu rosto entre os de outras pessoas, não tem a menor importância; eu, vós, a madre Eufrasia mais não fomos do que peões nas mãos do Omnipotente, sabei-lo muito bem, Arnolfo. Como sabeis, de resto, que Deus dispensa a sua graça a quem acha ser mais merecedor de a receber...

Uma sombra de ressentimento passou pelos olhos do abade.

Pareceu-lhe que as palavras de Matthew, pronunciadas com grande franqueza, continham uma ponta de reprovação. Como ousaria aquele frade pôr em dúvida a sua fé? Parecendo ter ouvido os seus pensamentos, Matthew fixou-o intensamente e, esfregando, num gesto que já lhe era habitual, a cruz que lhe pendia do peito, acrescentou.

- Perdoai, Arnolfo, a minha arrogância e a minha recusa. Sinto-me muito cansado e, sobretudo, muito confuso. O desejo de voltar à minha terra é cada vez mais forte e preciso de um período de reflexão que, no entanto, prefiro passar longe daqui. Fostes muito generoso comigo e ser-vos-ei sempre grato pela consideração que haveis demonstrado sempre para com a minha pessoa. Esta é uma cidade dura, que está a viver tempos difíceis, e eu sinto-me desadaptado; não tenho e nunca terei nem a vossa sabedoria nem as vossas capacidades. Compreendeis agora porque devo ir-me embora? Compreendeis agora por que razão as minhas palavras podem parecer as de um tolo? Perdoai, Arnolfo, perdoai...

O abade mantinha-se calado. A pergunta que há meses queria fazer a Matthew e à qual o frade seria constrangido a responder com sinceridade, permaneceu, uma vez mais ainda, confinada às profundezas da sua garganta. Por que razão aquele homem estaria ali? Quão grande fora na verdade a sua culpa para ter sido punido com aquela peregrinação expiatória? E ele próprio, por que razão não tinha encontrado até agora a coragem de perguntar, de exigir uma explicação? Irritado consigo mesmo e

sem oferecer o conforto de uma benévola absolvição, levantou-se. O frade, surpreendido com o seu silêncio, levantou-se, por sua vez, e ficou à espera.

- Cada um de nós deve seguir o seu próprio caminho, Frei Matthew, e, qualquer que seja aquilo que o Altíssimo vos destinou, Ele encontrará o modo de vo-lo indicar. Não posso certamente constranger-vos a ficar em San Simpliciano, mesmo que considere - prosseguiu fixando-o severamente - que a expiação de uma culpa seria levada até ao fim, sem considerar as dificuldades e os sofrimentos que inevitavelmente ela traz consigo. Se formos capazes de entregar a Deus os nossos padecimentos, frade, Ele saberá como recompensar-nos e não temos mais nada a temer. Vede bem como eu próprio tenho de suportar os trabalhos e as inúteis disputas produzidas pela erva ruim das heresias e devo fazer face a estas novas preocupações, quando o meu primeiro e único dever deveria ser o bom governo deste mosteiro... E agora? Não será talvez, também esta, uma peregrinação, uma penitência, mesmo se concluída entre as muralhas desta cidade? A diferença que existe entre nós consiste no facto de que enquanto vós sois livres de irdes embora, eu tenho obrigações para com os confrades e devo permanecer, sobrecarregado contra a minha vontade com o peso da responsabilidade e com esta valorosa luta contra a heresia...

Ao mesmo tempo que as palavras fluíam ressentidas da boca do abade, Matthew fixava-o aturdido. Depois de todos estes meses de pensamentos e projetos aparentemente compartilhados, nunca esperara uma semelhante reprimenda. Sentiu-se traído e uma raiva surda, anunciada por uma dolorosa agitação das vísceras, começava a subir dentro de si. Mesmo sabendo estar prestes a cometer um grave erro, não conseguiu conter-se.

-A heresia, abade? A palavra grega *airesis* não significa «escolha»? E então, se de escolha se trata, por que razão combatê-la com tanta aspereza, até acender fogueiras? Talvez, apenas, para estabelecer sem sombra de dúvida de que parte está o poder? O fedor a carne queimada constitui um terrível aviso para quem o tenha cheirado, mesmo só por uma vez, e é impossível esquecer... Não serão as fogueiras a engrandecer esta cidade, abade, nem as lutas intestinas entre uma e a outra facção, sejam elas da autoridade civil ou da religiosa.

Vós mesmos me havíeis dito que gostaríeis de vos encontrar com a Boema para falar, para compreender; que coisa vos fez mudar de ideia, as ameaças de outrem ou o medo de vos reconhecerdes nas suas palavras, abdicando das vossas certezas e dos vossos privilégios? Ide encontrar-vos com ela,

abade. Ireis concluir que a sua não é, como me haveis dado a entender, uma «forma herética suave», mas uma intensa profissão de amor a Deus e a todas as Suas criaturas.

A sua fé é inabalável, assim como a sua sabedoria, e não precisa de ser verificada pelos doutores. Não sei o que vai ser dela, mas estou certo de que, se alguma vez o fogo for atizado à volta do seu corpo, todas as águas desta cidade mudarão o seu curso e se precipitarão para o apagar...

Depois destas últimas frases, pronunciadas com veemência, Matthew baixou os olhos e calou-se.

Com o rosto empalidecido, Arnolfo fixava-o com os olhos arregalados. Estava imóvel; só um músculo, ao lado da boca, se agitava em impulsos involuntários. Depois de um imenso momento de silêncio, virou-se e em passos largos dirigiu-se para uma das janelas do *scriptorium*. Matthew, que já se arrependera do seu ímpeto temerário, não ousou levantar os olhos do chão; mais uma vez se havia enganado, mais uma vez se deixara levar pela paixão, sem compreender as razões da conveniência e sem atender à obrigação incondicional da obediência.

Tomado pela vergonha, estava para se justificar e pedir perdão pela sua loucura, quando Arnolfo, sem se virar para o olhar, lhe respondeu: a sua voz ressoava opaca e marcada por uma enorme fadiga.

-Agradeço-vos, Frei Matthew. Se conseguir levar avante o meu mandato, fico a devê-lo a vós; mesmo que a minha fé seja provavelmente menos sólida do que a da Boema e talvez mesmo do que a vossa, estou certo de que foi o Altíssimo a conduzir-vos ao meu caminho.

Sem as vossas palavras, nunca teria conseguido olhar para dentro de mim próprio; não é fácil, sabeis, na minha posição... Ninguém tem a coragem de intervir, todos temem até aconselhar; o resultado é uma dolorosa solidão que, privando do confronto, diminui a necessária lucidez. Tendes razão; devo encontrar-me com Guglielma, devo falar-lhe, devo compreender... Quanto a vós, é tempo de vos irdes embora.

Só vos peço que vos lembreis de mim nas vossas orações; quem sabe se, juntamente com as minhas, não nos ajudaremos ambos a prosseguirmos pela vida, sem perder a justa direção...

O abade virou-se e, aproximando-se de Matthew, apertou-lhe as mãos num gesto de despedida. Depois, sem pronunciar nem mais uma palavra, saiu do *scriptorium*. O frade seguiu-o com o olhar; um longo arrepio percorreu-lhe o corpo. Arrastando as pernas, que sentia pesadas como chumbo, dirigiu-se

para a sua cela.

## Capítulo 50

O saco estava quase pronto. As suas últimas coisas estavam alinhadas ordenadamente sobre a mesa da cela: o minúsculo cofre com a cruz de rubis, os ramos de zimbro já secos, a pena da pomba e um pequeno crucifixo de madeira grosseiramente trabalhado. Depois de ter disposto aqueles objetos frágeis sobre o pano de linho, Matthew embrulhou-os com cuidado, atando firmemente as pontas do tecido; depois, com grande cuidado, colocou a trouxa sobre as camisas e as cuecas, que, bem dobradas, ocupavam o fundo do saco. Partiria ao amanhecer. Embora não estivesse ainda bem certo do seu destino definitivo, decidira percorrer pelo menos uma parte do caminho juntamente com Aimone, que, exatamente nesse mesmo dia, fixara o seu regresso a Graines.

Os seus olhos percorreram o perímetro da cela. Agora que ia abandoná-la, parecia-lhe que o tempo que passara entre estas quatro paredes fora breve; talvez essa sensação se devesse aos gestos, reiterados, sempre iguais. Ou talvez a sobreposição dos acontecimentos ocorridos nestes seis meses passados em Milão tenha sido de tal forma frenética que alterara a sua percepção do tempo.

Embora a perspectiva de uma outra longa viagem não o entusiasmasse, desejava sair dali; esta cidade não iria deixar saudades no seu coração. Havia-o dito também a Aimone quando, alguns dias antes, fora a sua casa; o castelão havia anuído demonstrando-lhe compreender o seu desejo. Acrescentara, todavia, que, segundo lhe parecia, a complexidade da vida numa grande cidade, mesmo com todas as asperezas, as dificuldades, as perfídias que ambos tinham podido experimentar, constituía uma experiência profícua para uma mais completa compreensão do mundo.

- Eu, por exemplo - dissera -, que acreditava ser um hábil político e um bom negociador, descobri que é bem mais fácil exercer esta qualidade dentro do meu pequeno feudo; assim que cheguei aqui, em contacto com intrigas que nunca havia conhecido antes, tive de redimensionar a minha presunção. A arrogância já não resulta, irmão, e a descoberta dos próprios limites é sempre benéfica; estou certo de que uma atitude mais consciente da minha parte só irá melhorar a gestão do feudo.

Matthew tinha-o ouvido sem contrapor. Não seria ele, seguramente, a matar o entusiasmo que via crescer nos olhos do castelão.

Embora pensasse que aquele sentimento novo tinha origem noutros motivos bem diferentes, não queria de modo algum perturbar a felicidade daquele homem. O amor que Aimone nutria por Raquel, embora repentino e incompreensível, parecia de tal forma profundo que na verdade havia mudado o carácter do castelão. Uma curiosa mistura de exuberância e de ponderação transparecia das suas palavras, até das suas feições: a pele do rosto adquirira frescura, os seus olhos cinzentos haviam perdido a habitual gravidade e cada vez mais frequentemente deixavam transparecer brilhos de infantil excitação.

Quem quer que anteriormente tivesse já gozado da sua companhia, teria dificuldade em reconhecer neste homem o mesmo que, havia pouco mais de um mês, partira de Graines. Até Bartolomeo, apesar de tão jovem, se devia ter apercebido de que o pai mudara, intuindo, provavelmente, a verdadeira razão daquele comportamento insólito; de facto, subitamente, demonstrara uma enorme afabilidade para com Raquel, facilitada também pela alegria de ter encontrado em *Nisan* um extraordinário companheiro de brincadeiras. Enquanto lhe contava a sua conversa com o filho, Aimone acrescentara ter a certeza de que o rapazinho havia intuído mais do que lhe fora dito, mas que, conhecendo a sua grande sensibilidade, ele próprio não ousara fornecer-lhe mais explicações. Quando chegasse o momento, as coisas iriam esclarecer-se por si próprias. Respeitando a confiante expectativa do castelão e apesar de temer que aquela escolha não fosse isenta de riscos, sobretudo tendo em consideração a fé religiosa de Raquel, Matthew não respondera. Por outro lado, como iria poder desiludir Aimone e ferir os seus sentimentos? E depois, quem lhe poderia garantir que não estava enganado, que em Graines talvez ninguém fizesse caso da presença de Raquel, ou talvez a acolhessem com as honras devidas à nova castelã. Ele, que pela sua parte, se sentia há já algum tempo bem consciente dos próprios limites e das próprias imperfeições, achava-se cada vez mais desorientado. Apesar das palavras tranquilizadoras da Boema, ainda não tinha compreendido qual seria o seu destino mais próximo; para onde ia, alguma vez conseguiria voltar para o seu mosteiro? Que outras insidiosas provas lhe guardava o Altíssimo? Agora que a claridade fraca da aurora iluminava o interior da cela, Matthew apagou o toco da vela e, lançando um último olhar em volta, colocou o saco às costas. Depois, fechada a porta atrás de si, foi andando, cauteloso, pelo corredor escuro, direito à porta de saída do mosteiro. O caminho até à Porta Vercellina, onde iria esperar o seu companheiro de viagem, não era longo;

para não se arriscar a perder-se entre as ruelas, seguiu sempre ao lado das muralhas.

Cavalgavam há horas. A folhagem densa do bosque havia-os preservado, até então, do calor que, ainda pesado, se fazia sentir na charneca. Os ramos das bétulas alongavam-se quase a tocar o chão, misturando-se frequentemente com a extremidade espinhosa das silvas e com as moitas de espinheiro, que, aqui e ali, formavam um emaranhado difícil de transpor. Mais adiante, próximo do fim do caminho, a mancha ia-se desbastando, aos poucos, deixando filtrar uma luz mais intensa.

- Olhai - disse Aimone para Matthew, que cavalgava a seu lado -, ali é Ticino. Quando lá chegarmos, damos de beber aos cavalos e, se o corpo da guarda no-lo permitir, descansamos um pouco. Depois dessa paragem prosseguiremos sem voltarmos a parar, pelo menos até transpormos o Sesia. Sabeis que me disseram que, há pouco mais de um mês, o rei Enzo, filho do imperador, mandou abater a ponte na confluência entre o rio e a torrente Cervo, de modo a que os aliados de Milão não pudessem passar na zona de Vercelli? Parece, todavia, que os soldados da liga a reconstruíram e que finalmente já se pode passar. Espero que esteja bem guardada e que o caminho que ainda nos separa do vale Augusta esteja relativamente calmo. De resto, até agora apenas encontrámos alguns destacamentos de soldados e marchavam todos em sentido contrário ao nosso, o que pode significar que a situação nas margens do Sesia já está sob controlo...

Matthew calou-se. Atrás dele, Bartolomeo cavalgava ao lado de Raquel, que, num cesto bem amarrado à sua sela, acomodara *Nisan*. O cão arfava; ao mal-estar causado pelo calor juntava-se o provocado por aquela posição incómoda e instável. Quando, à partida, o vira em cima do cavalo de Raquel, o frade compreendera que o cãozinho iria fazer parte daquela pequena caravana. Sorrira pensando que, como já acontecera várias vezes durante a sua longa peregrinação, um daqueles animais serviçais e inteligentes iria ainda partilhar com ele o caminho. Como já acontecera nas terras de França e ao longo dos caminhos do vale Augusta, a presença muda e participante de um cão fê-lo sentir-se menos só.

O matagal ia rareando. Para lá das últimas árvores, adivinhavam-se os brilhos das águas. À medida que se avizinhavam do rio, os cascos dos cavalos ressoavam, surdos, sobre a terra, que, de dura e pedregosa como fora até ali, se convertera em arenosa. Aimone, em frente da caravana, avançou, cauteloso, por entre as últimas moitas; primeiro que os seus olhos

conseguissem distinguir o estreito caminho que conduzia à ponte, os seus ouvidos aperceberam-se do ruído agitado produzido pelo numeroso corpo de guarda. Aproximando-se mais ainda, ao som das vozes juntou-se o tilintar das cotas de malha e das armas.

- Parai aqui. Vou anunciar a nossa chegada ao chefe.

Escoltado por um dos seus servos, o castelão encaminhou-se lentamente ao longo da margem do rio. Matthew e Bartolomeo desceram do cavalo e, depois de terem conduzido os animais até à margem, deixaram-nos a beber. Raquel soltou *Nisan* e pousou-o delicadamente no chão; o cão sacudiu-se vigorosamente e, por momentos, olhou em volta, perdido. Depois, após uma frenética farejadela ao ar circundante, dirigiu-se em passos miúdos para a água.

- Que espécie de árvores são estas, Frei Matthew? - perguntou Bartolomeo, indicando um espesso monte de plantas cujos ramos se alargavam no terreno, quase a chegar à areia húmida da corrente.

- Esta é um salgueiro e gosta de zonas húmidas; também se dá na minha terra, onde quer que haja um curso de água. Vedes como os seus ramos se espalham para cima, quase como se cada folha quisesse, sozinha, receber a sua ração de humidade? O tronco que se entrevê dificilmente por entre os ramos está envolvido por uma casca que possui propriedades medicinais e dizem que...

-Ouvi, Frei Matthew - interrompeu-o Bartolomeo, manifestamente desinteressado daquela extemporânea lição de medicina -, tenho de vos dizer uma coisa. Esta manhã, quando partimos, estava uma mulher na ponte da Porta Vercellina, ali parada, imóvel e sozinha. Era alta e o seu rosto estava na sombra; à luz lívida da aurora, os seus cabelos claros pareciam quase brancos, mas o seu corpo não parecia o de uma velha. Olhou para vós durante muito tempo e quando virastes os olhos na sua direção, ela voltou-se bruscamente e foi-se embora. Depois, uns passos adiante, virou-se de novo e sorriu-me fazendo-me um adeus com a mão. Quem poderia ser aquela mulher, irmão, conheci-la, não? Matthew abriu a boca para falar, mas só conseguiu produzir um som inarticulado. O rapazinho fixava-o curioso. Não compreendia por que razão o frade entretanto empalidecera e porque mostrava dificuldade em respirar. Dando-se conta de que o seu pequeno interlocutor o observava com uma expressão admirada, Matthew procurou retomar o controlo de si mesmo e, profundamente envergonhado com a sua vileza, respondeu.



- Não, não a conheço, nem sei quem possa ser...

Bartolomeo olhou-o ainda por um instante, depois, distraído com o ladrar excitado de *Nisan*, virou-se e dedicou toda a atenção ao cão.

Renegara-a. Como o apóstolo Pietro tinha negado Cristo, assim ele tinha dito desconhecer Guglielma: como pudera ser tão covarde? Mas, por outro lado, como iria conseguir explicar ao rapazinho quem era e como vivia a Boema? Quem lhe daria o direito de o perturbar fornecendo-lhe uma explicação detalhada sobre as heresias, os processos inquisitoriais e as fogueiras acesas na praça pública? Não, não seria ele a contar-lhe, deveria ser o pai; se o achasse justo, deveria ser Aimone a contar-lhe, a explicar-lhe... Ele, pelo seu lado, não podia fazer mais do que perguntar-se o que queria a Boema comunicar-lhe com aquele último e silencioso adeus. Muito tempo antes havia-o exortado a voltar para a sua terra; era isso, talvez fosse mesmo essa a mensagem que confiara, como já de uma outra vez fizera, aos lábios inocentes de uma criança. Talvez que a viagem iniciada naquela manhã tivesse como meta final o seu mosteiro; quantos meses, quantos anos seriam necessários? Quantas outras dificuldades e incertezas e medos teria de passar antes de voltar às paredes tranquilizadoras de St. Albans? Sentou-se em cima de um rochedo perto do rio e com as mãos tocou na superfície da pedra. Era polida, lisa ao tato. O rio em frente dele alargava-se formando uma vasta enseada, cuja água corria tranquila; aqui e ali, emergiam dela pequenas ilhotas de areia das quais despontavam os ramos intrincados das moitas baixas de zimbro.

Uma baba de espuma mais longa banhou os pés de Matthew.

Baixando os olhos, o frade descobriu a extremidade de um ramo que despontava da terra: depois de lhe ter pegado, libertou-o da areia e observou-o, entre as mãos. Como se estivesse até agora a espiar-lhe os gestos, *Nisan* precipitou-se à sua frente e, abanando o rabo, impaciente, parou, à espera. O frade sorriu e arremessou o pedaço de madeira pela margem; o cão arrancou numa corrida e, voando, descomposto, entre a areia, encontrou-o e prendeu-o fortemente entre os dentes. Bartolomeo, envolvido como *Nisan* naquele novo divertimento, seguiu-o e, rindo, feliz, retirou-lho da boca e lançou-o de novo.

O Sol havia há pouco transposto o seu zénite. Esforçando-se por ver para além do cimo das árvores, apenas movidas por uma brisa ligeira, Matthew descobriu uma cadeia de montanhas. Os cumes mais altos pareciam cobertos de gelo, que, mesmo a uma tão grande distância, reluzia nítido de

encontro ao horizonte. O olhar do frade correu das montanhas à corrente que, incessante, se deslocava à sua frente; donde provinha aquela água, para onde iria, quantos outros seixos teria já carregado consigo e polido antes de chegar ao mar? Recolheu uma mancha de areia e deixou-a voar entre os dedos; num instante, o vento ligeiro espalhou-a. A areia caiu sobre outra areia, confundindo-se com ela.

Os olhos de Matthew ergueram-se para o céu. Longe, recortado de encontro ao azul-turquesa do céu, um falcão voava na direção das montanhas de gelo. Nota da autora Embora os acontecimentos narrados neste romance sejam fruto da minha fantasia, algumas personagens que se vão encontrando ao longo da narração correspondem à verdade histórica. Duas, em particular, são as figuras em que me inspirei e que, mesmo sob as vestes da invenção narrativa, fiz por incluir no desenvolvimento da trama: o imperador Federico II e Guglielma, a Boema. Enquanto da personalidade e dos acontecimentos vividos por Federico durante os anos do seu reinado conhecemos quase tudo graças às preciosas pesquisas levadas a cabo por historiadores, dos acontecimentos que caracterizaram a vida de Guglielma apenas conservamos o pouco que proveio das atas do processo inquisitorial ao qual os seguidores da sua doutrina foram submetidos. Personagem em odor de heresia, o pensamento de Guglielma teve uma particular influência sobre alguns dos expoentes da população milanês da segunda metade do século XIII; apesar de a condição social dos seus adeptos não ser homogênea, a sua pregação encontrou terreno fértil entre as pessoas. Comerciantes e pobres, aristocratas e populares fizeram dela a sua guia espiritual.

Protegida pelos cistercienses da abadia de Claraval, que depois da sua morte sugeriram a sua possível santidade, Guglielma foi sepultada com grandes honras na importante abadia, situada no imediato condado milanês. Apesar do relevante séquito devocional, que não abrandou nem com a sua morte, a Igreja milanês levantou um processo aos seus adeptos, que, investigados por heresia, foram reconhecidos culpados: depois da sentença, os restos da mulher foram exumados e queimados. Com mais este fogo, a advertência expressa pela Igreja milanês era clara: Guglielma fora uma herética e ninguém deveria considerá-la nada mais do que isso.

A partir do século XIII, como se sabe, muitas foram as formas heréticas que se difundiram na Europa e que a Igreja de Roma se empenhou, com todas as forças, mesmo militares, em reprimir. Em Milão e na Lombardia era mais

importante o movimento dos cátaros, cujas exigências, no entanto, pouco tinham a ver com as pregações de Guglielma, cuja tensão espiritual será possivelmente mais comparável à das grandes personalidades místicas femininas da Idade Média, como a alemã Ildegarda di Bingen ou a inglesa Giuliana di Norwich.

Embora não se conheça com precisão o período em que a Boema terá feito as suas pregações em Milão, sabe-se que a mulher morreu em 1280 e que os seus restos foram queimados em 1300. Achei, portanto, que seria possível a hipótese de ela viver em Milão por volta de meados do século, ainda que, provavelmente, a necessidade de a inserir na narração me tenha obrigado a antecipar uns anos os acontecimentos da sua vida.

O arcebispo Leone da Perego, o dominicano Pietro da Verona, o legado pontifício Gregorio da Montelongo, a *podestà* Catelano e algumas outras personagens menores, cujo nome aparece ao longo da narrativa, correspondem à realidade histórica de 1243, ano em que se desenrolou o acontecimento, enquanto ao ano precedente remonta o dito «milagre de San Sático», que tanta fama conquistou para a basílica homónima.

No que diz respeito a vias, bairros, igrejas e basílicas de Milão, penso que, salvo algumas mudanças toponomásticas, zonas e edificios religiosos são claramente reconhecíveis. O Broletto, a Praça Mercanti, a Via San Pietro all'Orto, as basílicas de San Simpliciano e de San Calimero estão ainda presentes no tecido urbano da cidade. O atual curso da Porta Romana, que corresponde à antiga «Via Porticata», era delimitado pela monumental porta homónima, uma das entradas mais frequentadas da cidade. Da porta não se conserva, infelizmente, *nenhum* fragmento arquitetónico. O único testemunho que permaneceu é constituído por um relevo iconográfico esculpido depois da destruição da cidade perpetrada por Barba-Ruiva. A escultura que remonta ao século XII está agora conservada no Castelo Sforzesco.

Logo a seguir às muralhas que delimitavam a «Via Porticata» sucedia-se o fosso que dividia a cidade do campo: precedido por bairros desordenados de casebres e de alguns hospícios (como o Hospital de San Lazzaro, localizado mais ou menos à altura do atual Largo Crocetta, o campo alternava extensões cultivadas e de matagal denso e ricas em caça. O «Bosque do Quadronno» que é por diversas vezes citado ao longo da narração, iniciava-se presumivelmente na zona da via homónima e estendia-se por uma área muito vasta, que devia compreender muitos dos atuais bairros edificados,

para estender as suas ramificações até ao campo. Segundo a tradição popular, este matagal especial era conhecido por ser «morada de bruxas».

O antigo Hospital do Brolo, fundado em 1150, situava-se mais ou menos na área da atual Praça Santo Stefano e era o maior e mais bem organizado da cidade; poucos anos depois daqueles em que a narrativa se desenvolve, por volta de 1262, virá a ser ampliado, renovado e rebatizado com o nome de Hospital Novo.

A canção *Come diruto Mediolano*, reproduzida na totalidade no texto, é a mais antiga canção popular milanesa de que há notícia.

As suas palavras, que remontam aos tempos de Federico, Barba-Ruiva, foram pintadas no claustro da Casa dos Humilhados de Brera a título de comentário a um ciclo de frescos; as pinturas murais haviam sido encomendadas por um grupo de cavaleiros que, depois dos desastres perpetrados por Barba-Ruiva, haviam estabelecido que fundariam uma congregação de humildade e penitência como voto religioso, a fim de que a cidade ressurgisse da ruína.

No que respeita aos judeus, permanece por explicar o facto de, ao contrário do que acontecia em muitas outras cidades italianas, não existir em Milão uma comunidade hebraica. Enquanto noutros lugares as peculiares capacidades dos hebreus eram apreciadas e desfrutadas com vantagem para a população cristã (artesãos, tintureiros, comerciantes, donos de bancos de penhores), Milão não os tolerava dentro do seu contexto urbano. Não podiam permanecer na cidade por mais de uma noite nem ter contactos prolongados com os residentes.

Por este motivo, as fontes históricas não reportavam qualquer notícia sobre lugares de culto, cemitérios ou bairros habitados por judeus, nem dentro nem fora das muralhas. No entanto, considerando que a tolerância humana, apurada pela experiência de séculos, sabe contornar cada regulamento e proibição, pensei poder imaginar uma espécie de furtiva convivência entre as personagens de fé hebraica e as de fé cristã. Explicações de costumes e denominações de objetos típicos da tradição judaica foram repescadas dos textos históricos à disposição dos estudiosos; qualquer eventual inexatidão deverá ser atribuída apenas à minha pouca familiaridade com esta cultura milenar.

Sobre a medicina antiga e medieval existem inúmeros e interessantes tratados que, além de ilustrarem conhecimentos específicos, diagnósticos e terapias, esclarecem o estudioso sobre os valores filosóficos particulares

que os contemporâneos atribuíam à figura do médico. Ao traçar as características dos dois médicos que aparecem no romance, preferi atribuir-lhes uma espécie de precoce modernidade, manifestada em palavras, atitudes e métodos, mais do que sublinhar o lado «mágico» que esta profissão revestia na sensibilidade comum.

A utilização das ervas, os remédios «símplices» ou «compósitos», que já há séculos constituíam o substrato da farmacopeia universal, foram posteriormente estudados, aperfeiçoados e experimentados no decurso do século XIII e do século XIV, assim como novos métodos, mesmo cirúrgicos, devem a sua difusão às trocas culturais entre as diversas escolas de medicina florescentes na própria Europa medieval.

Privilegiando este aspecto experimental nas figuras dos dois médicos, pensei fornecer um exemplo de como a profissão devia ser exercida pelos seus expoentes mais iluminados.

## Glossário

Aqui estão incluídos esclarecimentos ou traduções sobre alguns termos já em desuso ou decididamente técnicos, sem a explicação dos quais seria impossível compreender algumas passagens da narração.

*Cendal: tecido valioso cuja trama continha, por vezes, fios de ouro e que era utilizado apenas nos enxovais das cortes ou, mais raramente, nos das famílias muito ricas.*

*Pios: correias com cerca de 20 centímetros de comprimento colocadas em volta dos tarsos dos falcões.*

*Rol: faixa normalmente de couro, utilizada pelo caçador para chamar do alto o falcão depois da captura da presa.*

*Fâmulo: criado de hospital.*

*Símplices: remédios feitos com ervas medicinais cultivadas geralmente nas hortas dos mosteiros.*

*Físico: médico de clínica geral que habitualmente não exercia a cirurgia.*

*Triaga ou Teriaga: remédio antigo feito com carne de víbora e ao qual eram atribuídas propriedades mágicas e antivenenosas.*

*Tintinnabulum: instrumento formado por pequenos sinos que os jograis que acompanhavam as peregrinações aos lugares santos agitavam entre as mãos.*

*Kaddish: oração hebraica recitada na morte de um familiar ou por ocasião da celebração anual do luto.*

*Menorah: candelabro de sete braços, símbolo hebraico por excelência.*

*Mezuzah: rolo de pergaminho que contém passagens bíblicas; é guardado numa caixa e pendurado ritualmente na parte direita da porta de casa. Era considerado de grande utilidade para preservar a casa dos demónios e das forças maléficas.*

*Tallit: xaile de oração usado pelos homens judeus durante a oração ritual matutina; quando a pessoa morria, o corpo era envolvido no tallit, cujas franjas eram, em parte, cortadas.*

*Tefillin: faixas de pele negra que continham passagens bíblicas e que eram ligadas com uma correia ao braço esquerdo e à testa dos homens judeus*

*durante a oração ritual da manhã.*

*Torah: os primeiros cinco livros da Bíblia, ensinamento fundamental da doutrina hebraica.*

## Agradecimentos

Quanto às investigações históricas relativas a este período especial da história milanesa e lombarda, contei com a grande ajuda de dois estudiosos: Giuliana Albini, professora associada de História Medieval junto da Universidade dos Studi de Milão, que me forneceu informações preciosas sobre hospitais e assistência, e Marina Gazzini, investigadora junto da Universidade de Parma, que esclareceu muitas das minhas dúvidas sobre a vida social e política da Milão de 1200.

Ermanno A. Arslan, diretor do Museu Arqueológico de Milão e o maior perito italiano de numismática, além de me permitir a consulta do *Corpus Nummorum Italicorum*, insubstituível tratado sobre a antiga moedagem italiana, contribuiu para dissipar as minhas dúvidas sobre o valor de troca da moeda em uso no século XIII. Da biblioteca da Fondazione del Centro di Documentazione Ebraica Contemporânea foram-me sugeridos os textos mais adequados ao estudo da história dos judeus em Itália, enquanto Don Marco Re, sacerdote da Basílica de San Celso, enriqueceu com posteriores informações os meus conhecimentos sobre as características arquitetônicas da basílica.

Kadder Grandi ajudou-me generosamente na escolha dos nomes árabes a atribuir às personagens sarracenas do romance. Juntamente com Ruggero Dujany, que já uma vez me aconselhou sobre a temática da medicina, devo agradecer também a Giorgio Solda, que, com afetuosa solicitude, esclareceu as minhas incertezas sobre a cirurgia feita na Idade Média. A retidão e a profunda humanidade exercitadas por ambos no cumprimento das suas difíceis profissões inspiraram a minha fantasia quanto à composição das duas figuras de médicos presentes na narrativa.

Um agradecimento particular vai para o meu marido, Giulio, e para o seu vasto e profundo conhecimento do mundo dos livros: sem a sua ajuda, não teria muitas vezes conseguido encontrar os textos e os tratados úteis para retratar com suficiente verosimilhança um pedaço de vida cidadina do século XIII. A ele, que com amor seguiu passo a passo todo o desenvolvimento do romance, devo também uma ou outra sugestão que se revelou preciosa para a superação de alguns nós da trama.

À minha filha Elisabetta, que, com Mattia, desenvolveu mais uma vez a ingrata missão de «leitora», estou infinitamente grata: sem os seus



conselhos e as suas críticas, implacáveis mas justas, algumas passagens da narrativa teriam resultado menos eficazes.

Agradeço também a todos os leitores do meu primeiro romance que, diretamente ou por interposta pessoa, quiseram dar-me a conhecer a sua estima pelo meu trabalho: o entusiasmo que frequentemente colhi nas suas palavras contribuiu grandemente para multiplicar as minhas forças, permitindo-me conseguir levar a bom termo este segundo trabalho.



{1} Figura de grande prestígio da magistratura milanesa, escolhida entre os famosos doutores do Colégio dos Jurisconsultos. Tinha jurisdição prevalentemente criminal na cidade de Milão e no território limítrofe, até dez milhas. (N. da T.)

{2} carros especiais que foram utilizados pela Comuna de Milão contra o exército de Federico I. Feitos de madeira, tinham a forma de uma caixa triangular, que escondia os cavalos que os puxavam e os soldados, que manejavam duas fileiras de foices, que atuavam, no exterior, como remos cortantes, cuja simples aproximação espalhava o terror. (N. da T.)

{3} Palavra grega que significa incremento; desenvolvimento. (N. da T.)

{4} Palavra grega que significa vértice; cume. (N. da T.)

{5} Palavra grega que significa abrandamento; relaxamento. (N. da T.)

{6} Depois de Milão ter sido destruída por Barba-Ruiva, os soldados prometeram a Maria que seria sempre louvada. Os Humilhados fizeram a mesma promessa na mesma cidade. Peregrinos, rezai uma ave-maria. [N. da T.]

{7} Região histórica da Puglia. (N. da T.)

Formatação/Conversão ePub: Reliquia  
Tradução: Maria Irene Bigotte de Carvalho  
Digitalização: Aventino de Jesus Teixeira Gonçalves